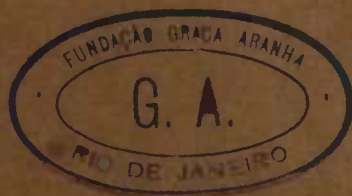


GRAÇA ARANHA

*da Academia Brasileira*



*Emendas para 2ª edição*

*(leitura do livro)*

# Chanaan



H. GARNIER  
LIVREIRO-EDITOR  
*Rio de Janeiro*



Fica na melhor intimidade com  
pedir-me que guardasse esse livro  
e que não deve para peças algumas

H. da Paçã, autor.

Chanaan

T.



GRAÇA ARANHA

*da Academia Brasileira*

# Chanaan



H. GARNIER  
LIVREIRO-EDITOR  
*Rio de Janeiro*



*A es trella dos magos  
 qu'iuvo a honra que caminhavam  
 no Dromedarios de  
 Moisés - vi um  
 hom. preto - 191.  
 e nos caminhos  
 Di a festa  
 Jinnada*

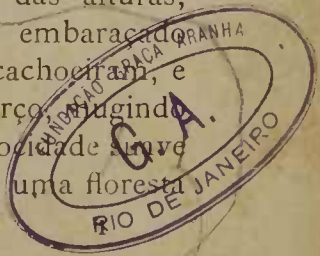
# CHANAAN

*Cuba mamoteica  
 e p. man gito  
 que cavalgava - caval  
 no seu algarim.  
 e com se escrevia  
 e com se escrevia  
 I  
 lator, um  
 um pra  
 de  
 que  
 murelles*

Milkau cavalgava mollemente o cançado cavallo que alugára para ir do Queimado á cidade do Porto do Cachoeiro, no Espirito-Santo.

Os seus olhos de immigrante pasciam na doce redondeza do panorama. N'essa região a terra exprime uma harmonia perfeita no conjuncto das coizas : nem o rio é largo e monstruoso precipitando-se como espantosa torrente, nem a serra se compõe de grandes montanhas, d'essas que enterram a cabeça nas nuvens e fascinam e attráem como inspiradoras de cultos tenebrosos, convidando á morte como a um tentador abrigo... O Santa Maria é um pequeno filho das alturas, ligeiro em seus ~~principios~~ depois embarcado longo trecho por pedras que o encachoeiram, e das quaes se livra n'um terrivel esforço, fugindo de dór, para alcançar afinal a sua velocidade leve e alegre. Escapa-se então por entre uma floresta

*Tham  
 das  
 parte  
 (indiv. ult.)*



*Começo*

*Nem ardeute, nem allegor são  
 epítetos proprios de esboço de d'artista.  
 ou de esboço*





luto, não viveu em si mesmo; no turbilhão ~~de~~ proferiu accentos que ~~ele~~ não percebia; hoje ~~que~~ sereno, elle mesmo se espanta do fluido perturbador que emanava ~~dos~~ seus nervos doloridos e máos. ~~Todas~~ as eternas, ~~as~~ boas, as santas creações do espirito e do coração são ~~geradas~~ nas forças mysteriosas e fecundas do silencio...

Na frente do immigrante vinha como guia um menino, filho de um alugador de animaes no Queimado. O pequeno, muito enfastiado d'aquella viagem e do companheiro, deixava-se conduzir pelo seu velho cavallo. Umas vezes, soltava uma palavra que ficava morta no ar / outras, para se expandir, resmungava com o animal, esporeava-o e o fazia galopar descompassado e arquejante. Milkau n'esses momentos attentava no menino e ~~se~~ compungia / deante da trefega e ossuda creança que era essa, rebento fanado de uma raça que se ia extinguindo na dôr surda e inconsciente das especies que nunca chegam a uma florescencia superior, a uma plena expansão da individualidade. E o viajante / sahia da contemplação, surgia ~~do~~ do fundo dos seus pensamentos, e chamando a si o pequeno:

— Então, vens sempre ao Cachoero?

— Ah!... disse o menino como que espantado de ouvir uma voz humana... / Venho sempre quando ha freguez; ainda ante-hontem vim, mas desde muito não chegava ninguem da Victoria. Tambem choveu tanto estes dias!...

— De que gostas <sup>2</sup> mais : da tua casa ou da cidade?

— Da cidade, nhor sim.

— Teu serviço em casa de teu pae é só acompanhar os passageiros para o Cachoeiro? ~~continuou Milkau no seu interrogatorio, que desportava e alegrava a creança.~~

~~Esta respondeu-lhe agora promptamente.~~

— Ah! nhor não!

— Que fazes então?

— A gente ajuda o pae... Às vezes, de madrugada vamos para a pescaria levantar a rêde. Hoje, antes do patrão chegar, estavam já de volta... 5/ 01 2/ também foi só cocoróca e um pinguinho... Só quatro... 3/ o rio está escasso. Seu Zé Francisco diz que é porque a agua está fria, mas tia Rita diz que agora é tempo de lua e a mãe d'agua não deixa o peixe sahir. O melhor é pescar com bombas; mas o subdelegado não consente | e a gente tem que se cançar por nada.

— Ah! no Queimado vocês não têm carne?

— Ah! nhor sim, carne secca na venda do pae, mas é para a freguezia. Nós comemos peixe, e quando falta, a gente bebe mingão...

> ~~Elles~~ continuavam a marchar pela estrada a dentro. A paizagem não variava no desenho, apenas o sol começava a incendiar o espaço. Milkau fitava com bondade o pequeno guia; este sorria agradecido, abrindo os labios descorados, mostrando os dentes verdes e pontegudos, como

afiada serra; ~~mas~~ o rosto macillento se <sup>che</sup> esclarecia com a grande doçura de uma longa resignação de raça.

— Quanto falta para chegarmos, meu filho? perguntou ainda o viajante.

— Mais da metade do caminho; ainda não se avista a fazenda da Samambaia, e de lá á cidade é o mesmo que para o Queimado.

— Tu voltas logo para casa, ou queres descançar um pouco? Fica até á tarde...

— Oh! patrão... O pae diz que eu volte já; hoje é dia de ir com a mãe fazer lenha, ~~após~~ <sup>depois</sup> tratar dos animaes, concertar a rêde que a canôa de seu Zé Francisco arrebentou esta madrugada; e nós vamos á noite, antes da lua apparecer, deitar a rêde, porque hoje, si a agua estiver quente, é noite de peixe... O pae disse.

O immigrante compadecido testemunhava n'aquelles nove annos do desgraçado á assombrosa precocidade dos filhos dos miseraveis. O pequenô, animado pela conversa, alinhava-se garboso no velho cavallo, empunhava as redeas com firmeza, fincava as pernas de esqueleto e punha o animal n'um trote esperto. Milkau acompanhava instinctivamente essa actividade. Os dois assim, fugitiva ligação da piedade e da miseria, avançavam pelo caminho afóra.

~~Pouco tempo depois~~, n'uma curva da estrada, o menino apontou para adiante e voltando-se disse ao companheiro:

*esta  
sua  
- mas  
me  
pens-  
mon-  
o que  
pouco  
na  
pouco  
hoje  
depois*

*17 6000  
salvamento  
de se com  
para o espir  
do periodo*

*- X'elha  
a pouco,*

*17*



*L*  
*o extra-*  
*do*

*exhalava*

*onde*  
*postavam*

*Deson-*  
*hava-u*

*m' a-*  
*qualbas*

*Ho*  
*chegar*

*Tribulhan*

*C'ff'ca-*  
*mento*  
*Ma qual*

*deriv*

surda cerrou a estrada. ~~Visto~~ logo ao penetrar nas terras da fazenda, descrevia uma curva que abraçava o valle e se approximava da barranca do rio. O caminho barrento, pegajoso e humido, cheio de sulcos de carro de boi, ~~desbotada~~ um cheiro de lama e estrume. Da estrada pelo morro acima o terreno era inculto, coberto de matapasto crescido, e ~~sobre elle se via~~ bois agitando com o movimento inquieto das cabeças a sineta que traziam ao pescoço, bufando e catando insoffridos a herva. ~~Via~~ sob a pelle dos pobres animaes a rija ossadura. Faziam-lhes companhia aves de máu agouro, anuns que trepavam ~~nas~~ costas de esqueletos, piando como passaros da morte.

Quando ~~Milham se~~ frente á casa, largou esquecidas as redeas do cavallo e poz-se a mirar em volta. O casarão, á vista agora, era grande e ~~apadado~~ com uma immensa varanda em ~~sem~~ janelas e para ~~onde~~ se abriam as portas desbotadas do interior. Fôra branco, mas estava ennegrecido, com uma côr parda e desigual; aqui e alli o bolôr sobre as paredes traçava extranhas e disformes visagens; da varanda descia uma escada de madeira já com falta de degrãos e com os corrimãos arrancados; na frente, crescia livre a herva com touceiras de matto rasteiro, apenas cortado pelas picadas que ~~levavam~~ da estrada e de outras direcções á casa de vivenda. Ao lado, uma capella, havia muitos annos fechada, guardando

no seu silencio a voz da devoção, que por allí passára, transformada em ignorado e mysterioso relicario de antigas imagens de santos, talvez bellezas ingenuas de uma arte primitiva ~~religiosa~~. ~~dentro~~ da egrejinha, velados pelas divindades enclausuradas, jaziam no chão sagrado os tumulos de senhores e de escravos, egualados pela morte e pelo esquecimento...

O cavallo de Milkau continuava a passo bocejava indifferente e, erguendo uma perna, alçava-a sobre a sella n'um gesto de resignação, voltando-se para a casa, um vulto que chegava á soleira da varanda, reconheceu-o e disse vagarosamente ao companheiro :

— Lá está seu coronel Affonso.

Milkau cumprimentou, tirando cortezmente o chapéu; o homem lá no alto respondeu, erguendo indolente o sombreiro de palha. O dono da fazenda, de pés nús, calça de zuarte, camisa de chita sem gomma, parecia, com a barba branca, muito velho, attestando na alvura da tez a pureza da geração. A physionomia triste, como si elle tivesse consciencia de que sobre si recahia o peso do descalabro da raça e da familia; o olhar, turvo, apagado para os aspectos da vida como o de um idiota; o esgotamento das suas faculdades, das emoções e sensações completo e reduzi-la a uma attitude miseranda de automato. Mas, ainda assim, elle representava a figura humana, a mesma vida superior envolta na quéda

dem...  
pelo...  
e...  
g...  
p...  
v...  
s...  
com...  
to...  
dent...  
mas...  
ten...  
1.0  
i...  
le ven

1.0  
11 P...  
7...  
11 P...  
A...  
11 d...  
2







camisa suja cahia ~~o~~ t<sup>o</sup>a ~~seca~~ e collo descarnado, e os peitos de muxiba pendiam molles sobre o ventre; em pé, ao seu lado, um negrinho vestido apenas de um cordão ao pescoço, donde se dependuravam uma figa de páo e um signo de Salomão, mirava embasbacado os cavalleiros que se achegavam ao tijupá.

Milkau cumprimentou o grupo, que sem o menor alvoroço o deixava approximar-se. Apenas o velho ~~disse~~, respondendo á saudação |

1, disse:

— Se apeie, moço.

— Não, obrigado. Quero chegar cedo...

— Eh! meu sinhô, d'áqui ao Cachoeiro é um instantinho. Olhe só... vencendo duas curvas do rio, está-se na cidade...

Depois o velho, como si reflectisse um momento e sentisse despertar em si uma ancia de communicabilidade, insistiu com Milkau para que se apeasse. O guia não esperou mais, pulou da sella, e, abandonando o seu cavallo segurou pelo freio do viajante, e ~~este puz~~ este puz o pé em terra e bocejava n'uma satisfação de repouso,

1, 2, 3  
11/12 1/2  
1/2

~~O estrangeiro~~ apertou a mão callosa e aspera do velho, que abriu os labios n'uma rude expressão de riso, mostrando as gengivas roxas e desdentadas. A cafuza não se mexeu; apenas mudando vagarosamente o olhar, descançou-o, cheio de preguiça e desalento, no rosto do viajante. A creança se acolheirá ella boquiaberta, com a baba a escorrer dos beiços tumidos.

1, 2  
1, 2

Da porta Milkau via claramente o interior da habitação. A cobertura era alta no centro e pendia em declive tão rapido para os lados que nas extremidades um homem não podia ficar em pé; o mobiliário miseravel e simples se compunha de uma rede cõr de urucú armada n'um canto, de outra dobrada em rolo e suspensa n'um gancho, uma esteira estendida no chão de soque, dois banquinhos rasteiros, um remo, mólhos de linha de pescar e alguns pobres instrumentos de lavoura. Uma pequena divisão de palha, como um biombo fixo, separava um dos cantos da peça, formando um quarto, onde se viam uma esteira e uma espingarda. No fundo, a porta abria para uma clareira do matto, na qual uma touça de bananeiras se multiplicava // junto a essa porta pedras negras, //; que se misturavam a restos de tições apagados, indicavam a cozinha.

— Mora aqui ha muito tempo? perguntou Milkau.

— Fui nascido e creado n'essas bandas, sinhô moço... Alli perto do Mangarahy. E, tacteando o espaço, estendia a mão para o outro lado do rio : Não vê um casarão lá no fundo? Foi alli que me fiz homem, na fazenda do capitão Mattos, defunto meu sinhô, que Deus haja !

O estrangeiro, acompanhando o gesto, apenas divisava ao longe um amontoado de ruínas que interrompia a verdura da matta.

E a conversa foi continuando por uma serie de

perguntas de Milkau sobre a vida passada d'aquella região, ás quaes o velho respondia gostoso, por ter occasião de relembrar os tempos de outr'ora, sentindo-se incapaz, como todos os humildes e primitivos, de tomar a iniciativa dos assumptos / ~~Elle~~ : contou por phrases gaguejadas a sua triste vida, toda ella um pobre drama sem movimento, sem lances, sem variedade, mas de quão intensa e profunda agonia! Contou a velha casa cheia de escravos, as festas simples, os trabalhos e os castigos... E na tosca linguagem balbuciava com a figura em extase a sua turva recordação /

— Ah! tudo isto, meu sinhô moço, se acabou...

a / ~~Ca~~ dê fazenda? Defunto meu sinhô morreu, filho d'elle foi vivendo até que governo tirou os escravos. Tudo debandou. Patrão se mudou com a familia para Victoria, onde tem seu emprego; meus parceiros furaram esse matto grande e cada um levantou casa aqui e acolá, onde bem quizeram. Eu com minha gente vim para cá, para essas terras de seu coronel. Tempo hoje anda triste. Governo acabou com as fazendas, e nos poz todos no olho do mundo, a caçar de comer, a comprar de vestir, a trabalhar como boi para viver. Ah! tempo bom de fazenda! A gente trabalhava junto, quem apanhava café apanhava, quem debulhava milho debulhava, tudo de parceria, bandão de gente, mulatas, cafuzas... Que importava feitor?... Nunca ninguem morreu de pancada. Comida sempre havia, e quando era sabbado, vespera de

domingo, ah! meu sinhò, tambor velho roncava até de madrugada...

E assim o antigo escravo ia misturando no tempero travoso da saudade a lembrança dos prazeres de hontem, da sua vida congregada, amparada na domesticidade da fazenda, com o desespero do isolamento de agora, com a melancolia de um mundo desmoronado.

*Handerou* — Mas, meu amigo, ~~esse~~ Milkau, você aqui ao menos está no que é seu, tem sua casa, sua terra, é dono de si mesmo.

— Qual terra, qual nada... Rancho é do marido de minha filha, que está ahí assentada, terra é de seu coronel, arrendada por dez mil reis por anno. Hoje em dia tudo aqui é de estrangeiro, governo não faz nada por brasileiro, só pune por allemão ..

*Eni* *M. em* N'um estremeamento, o preto velho, com o olhar perdido no vacuo, a mão estendida ~~gestos~~ gestos tardos e incertos, proseguia no seu monologo :

*Li* — Vosmecê vae ficar aqui? D'aqui a um anno está pôdre de rico. Todos seus patricios eu vi chegar sem nada, com as mãos abanando... E agora? Todos têm uma casa, têm cafesal, burrada... De brasileiro governo tirou tudo, fazenda, cavallo e negro... Não me tirando a graça de Deus...

*o L.* *7* E os seus olhos tristes se obscureceram. A nevoa que os cobria, tornou-se mais densa, como que sobrecarregada ~~da~~ da pesada visão da conquista da terra patria pelos bandos invasores.

Seguiu-se um oppressivo silencio. Milkau recolhia o echo d'aquelle queixume de eterno escravo, d'aquelle mal definida resignação dos esmagados. Havia alguma coisa de aleijão n'esse protesto, e a incapacidade de uma expressão livre e elevada fazia crescer a angustia. O velho continuava menejando a cabeça e resmungando um choro. A figura da filha, de uma indolencia sinistra, dava maior oppressão a tudo... Milkau sentia um estrangulamento, como si o peso de toda a responsabilidade da situação d'aquelle gente cahisse tambem sobre elle. Lá dentro de si mesmo ~~pa-~~ <sup>/deb</sup> tia-se em vão para encontrar a claridade de um sentimento, a limpidez de uma palavra consoladora. Nada achou. N'um gesto contrafeito despediu-se.

— Adeus, até á vista, meu velho.

O preto abandonou-lhe a mão. Os outros da familia ficaram quietos, apatetados.

<sup>2</sup> Milkau ~~caminhava~~ <sup>caminhava</sup> pela grande luz da manhã, agora de todo inflammada. Os ventos começavam a soprar mais esportos e como que agitavam as almas ~~das~~ <sup>das</sup> ~~almas~~, arrancando-as do torpor para a vida. O rio descia em direcção contraria á marcha dos viajantes, e esse ~~fracção de~~ <sup>fracção de</sup> movimentos oppostos dava a impressão de que toda a paizagem se animava e docemente ia desfilando aos olhos do cavalleiro. A fazenda, lá no alto, sumia-se no ~~fundo~~ <sup>fundo</sup> do longinquo horizonte, o immigrante notava o

*dos seres,*  
*HH*  
*/*  
*34*

manso desenrolar do panorama, como o de fitas mágicas : casas de moradores, homens, tudo ia passando, rolando devagar, mas arrastado por uma força incessante que nada deixava repousar.

A estrada ia se alargando, outras vinham apparecendo, desconhecidas, infinitas e incertas, como são os caminhos do homem sobre a terra. A brisa fresca encanava-se pelas duas ordens fronteiras de collinas paralelas ao rio e trazia ao encontro do viajante um mugido sonoro de cascata. O rolar do Santa Maria batendo sobre pedras amontoadas, despedaçando-se como um louco nas lages, augmentava; e as suas aguas revoltas, espumantes, recolhiam e reverberavam a luz do sol, como um espelho vacillante. Milkau ~~via~~ ao longe, na matta ainda fumegante de nevoas, uma larga mancha branca. Na frente o guia, estendendo o braço, gritou-lhe : — Porto do Cachoeiro.

Milkau, como ~~que~~ despertando, respirou soffego, o corpo se lhe agitou e estremeceu n'essa ancia de quem penetra na terra desejada; mas o sangue em alvoroço saudou a apparição do povoado; os nervos, a vontade transmittiam um fluido activo ao lerdo animal, que, ao sopro da viração, ao contacto dos logares proximos á cidade, fim das suas jornadas, tambem se transformou em vida, e agora, de narinas escancaradas, bufando, sacudia as crinas, relinchava asperamente. mordida o freio, curvava o pescoço e accelerava brioso o passo.

Augmen-  
tando

12

notou

Milkau

u/

12  
notou

Então, de uma pequena elevação que ia galgando, Milkau, o olhar espreado na paisagem, dominava a povoação apertada entre a montanha e o Santa Maria. Cheia de luz, com a sua casaria toda branca, em plena ~~gloriosa~~ da côr, da claridade é da musica feita dos sons da cachoeira, represa do fervido rio que se liberta em franjas de prata, a ~~cidade~~ n'aquelle delicioso e rapido instante ~~é~~ a filha do sol e das aguas.

// magu-  
tade

// 2  
/ era

Os viajantes continuavam apressados ; as primeiras casas iam chegando : eram pobres habitações, como soltas na estrada para saudarem alviçareiras os viandantes. Mirando-as attentamente, Milkau observou que essas casas eram moradas de gente preta, da raça dos antigos escravos, e adivinhou-os batidos pela invasão dos brancos, mas ainda assim procurando os derradeiros e longinquos raios do calor humano, e deitando-se á soleira das cidades, para elles estrangeiras e prohibidas.

// 2

Os viajantes desceram a rampa e foram ter a uma porteira, que o pequeno, ~~passando na~~ frente, escancarou para dar passagem á Milkau. Entravam agora mais devagar na cidade.

— Onde se apeia, patrão ? perguntou solícito o guia.

— Em casa do Sr. Roberto Schultz. Conhece ?

— Ah ! nhor sim, quem não sabe ?... O maior sobrado da cidade... Domingo passado levei tambem um moço para lá.

Os cavallos arfavam, dando á marcha fatigada

uma sensação de movimentos irregulares, como si descessem com medo montanhas pedregosas; uma espuma abundante os ensopava, e, abandonados de redeas, iam tropeçando nas pedras soltas da rua. Os olhos de Milkau tinham os estremecimentos das passagens ~~de~~ dos panoramas contrarios; não possuíam fixidez nem calma para precisar qualquer observação, apenas guardavam na retina inconsciente a vaga sensação de uma cidadesinha allemã no meio da selva tropical. Ao espirito do immigrante desceu uma confusa e tenue recordação de outros tempos, ao entrever essa população toda branca, e ao sentir a irradiação do sol batendo sobre as cabeças das creanças, como refulgentes chapas de ouro.

Hei lá!   
 Chegados a um grande sobrado, o guia pulou lesto do cavallo e ajudou Milkau a se apear; despediram-se como bons amigos, e, ~~depois~~   
 ao mesmo tempo que o viajante penetrava na loja, o menino voltava com os animaes. O armazem de Roberto Schultz era vasto. Tinha quatro portas de frente, e as mercadorias innumeradas davam-lhe uma feição de grandeza e opulencia. Alli se negociava em tudo, em fazendas, em vinhos, em instrumentos de lavoura, em café; era um d'esses typos de armazem de colonia, que são uma abreviação de todo o commercio e conservam na profusão e multiplicidade das coisas ~~um~~ certo traço de ordem e de harmonia. A loja áquella hora já estava cheia de gente, e Milkau, para chegar até ao balcão, foi desviando os



freguezes alli amontoados em pé, todos indecisos, pesados, brancos e tardos allemães.

Disseram a Roberto que havia um viajante á sua procura, e immediatamente Milkau foi conduzido ao escriptorio, onde um homem taurino e barbado o recebeu. O immigrante entregou-lhe uma carta de apresentação, que elle principiou a ler, interrompendo-se de vez em quando para fitar o recémchegado. Dos olhos d'este baixava uma claridade suave, uma calma dominadora, que perturbava o velho negociante, ora a ler, ora a mirar pensativo e aborrecido. Afinal, dobrou vagaroso a carta e poz-se a tamborilar na secretária.

— Então, disse por dizer, vem com a idéa de ficar aqui?

Milkau affirmou essa resolução. Roberto começou a aconselhal-o ~~que~~ que não se decidisse antes de ver bem as coisas por si. /2

— Isto aqui é triste e enfadonho. Vae-se aborrecer, afianço-lhe... Talvez melhor ~~fosse~~ ir para o Rio ou S. Paulo. Ahi, sim, são os grandes céntros de commercio, onde acharia um emprego com facilidade. A colonia é um engano; n'outro tempo ganhava-se algum dinheiro, porém agora os negocios não marcham... /3

— Mas... quiz interromper Milkau.

Roberto não o attendia e continuava a arredalo com as suas palavras para longe do Cachoeiro. /4

— Na minha opinião, o senhor deve voltar hoje mesmo; nós estamos abarrotados de pessoal. Aqui /5

em minha casa tenho gente demais, que vou despedir: em nenhuma casa de negocio da colonia o senhor se póde empregar. Que vale hoje o commercio com os impostos, com o cambio, e com as contribuições da politica?... porque nós aqui, apesar de estrangeiros, ou talvez por isso mesmo, somos os que sustentamos os partidos do Estado. As eleições não tardam, por ahí já devem vir os chefes da Victoria, temos de hospedar-os, dar festas, arranjar ~~os~~ eleitores; ora, tudo isto nos vae empobrecendo: o que se ganha é uma miseria para esses extraordinarios...

— Mas eu não vim com destino ao commercio, *redarguir* decisivo o viajante.

— Como? Vem com o plano de ir para o café?...

E Roberto não occultou a ~~surpresa~~ surpresa de ver um colono n'aquelle immigrante tão bem vestido para um simples cultivador.

— Ah! isto é outra coisa, continuou o negociante, agora amavel. Não ha nada como a lavoura; vá para o matto, arranje a sua colonia e d'aqui a pouco tempo está rico. Olhe, a nossa casa está ás suas ordens, nós lhe fornecemos tudo de que precisar, e, quando puder, vá nos mandando café. É o costume aqui, nós nos pagamos em generos... o que é uma vantagem para o colono, accrescentou baixando ligeiramente o olhar. Chegou em boa hora para arranjar um excellente prazo nas novas terras do rio Doce, que se vão abrir aos immigrantes. O juiz commissario mandou pregar o

edital para as medições e arrendamentos; o agrimensor, o sr. Felicissimo, está no Porto do Cachoeiro, de viagem para as terras. É um rapaz alegre, que sempre nos apparece por cá; elle, o senhor sabe, é freguez da casa e é do partido.

Milkau agradeceu os offerecimentos do negociante e ~~se~~ dispunha<sup>va</sup> a partir em busca de uma estalagem, ~~mas~~ o outro reclamou.

*Quanto*

— Não vale a pena ir para o hotel. Aqui fica melhor; temos muitos commodos para hospedes, como é de uso... Depois, o senhor me póde ser util ~~de~~ ~~ta~~, fazendo companhia a um moço chegado antehontem e também de familia importante... Imagine: filho do general barão von Lentz... O rapaz, porém, anda triste e sorumbatico. Não sei o que será... Talvez vergonha de ter immigrado... Ah! esses rapazes...

E, sorrindo malicioso, ergueu-se, pedindo a Milkau que o acompanhasse. Este quasi ia arrebatado no meio de agrados e cortezias devidas a um futuro freguez. Ambos atravessaram para o outro lado do balcão, dirigindo-se á escada do sobrado. Os olhos de Milkau deslumbraram-se á luz da manhã alegre e viva. Á porta da loja uma velha de nariz adunco, de rosto de pergaminho franzido, chegava montada em sua mula e entre dois alforges suspensos dos ganchos da cangalha. Na rua passava uma tropa de burros carregados de canastras de café e repicando campainhas.

*levantou'*

No quarto em que entraram Roberto e Milkau, um moço, que estava a escrever, ergueu-se para saudal-os.

*o/e/*

— Trago-lhe um companheiro, annunciou o dono da casa; Este patricio, que se deseja estabelecer no rio Doce.....

Voltando-se para Milkau, repetiu-lhe que estivesse como em sua casa e perguntou-lhe pela bagagem. O outro explicou-lhe que vinha tudo pela canôa, devendo chegar á noite. Roberto deixou os novos immigrants.

— Póde continuar o seu trabalho, disse Milkau delicadamente.

— Não, o que eu estava a fazer não é urgente... Apenas <sup>9</sup>matava o tempo.

*e se /  
van H*

E os <sup>2</sup>dóis se <sup>4</sup>puzeram a <sup>1</sup>conversar sobre coisas vagas, sobre a viagem, o tempo, a natureza. E enquanto se entretinham, Milkau admirava a mobilidade da physionomia do joven von Lentz e não se cançava de observar o fulgor de seus olhos fulvos, dominando o rosto sem barba cujas linhas eram accentuadas e fortes, /projectando ~~de se~~ de uma cabeça ampla, roliça como a de um patricio romano. Mas de par com este subito entusiasmo pela expressão esculptural d'aquella joven figura, Milkau sentia-se constrangido por ter encontrado n'aquellas paragens extranhas e remotas um filho de general allemão, um ser privilegiado na sua patria, como um evadido do seu proprio e grande mundo, que viera sepultar

*27*

sem duvida no mysterio das colonias uma parcella de angustia, de desespero e de desillusão...

D'ahi a momentos os dois novos se achavam na grande sala de almoço dos empregados do armazem e tomavam á mesa ~~de~~ seus logares. A sala era desguarnecida; as paredès, simplesmente caiadas, não tinham o menor enfeite, os creados serviam, automaticos como soldados, ao regimento de caixeiros que comiam silenciosos. Em todas as physionomias d'aquelles homens tão differentes, alguns, velhos de pelle enrugada, outros, moços de perpetua adolescencia ~~via~~ <sup>via</sup> ~~estampado~~ o pensamento unico de cumprir o dever pratico, de caminhar para a frente no conjuncto harmonico de um só corpo. Milkau lia n'aquelle ajuntamento de allemães o character camponez e militar que fundou a obediencia e a tenacidade na sua raça e reduziu tudo o que ella podia ter de belleza, de elevação moral, á monotonia de um precipitado unico. Onde estava a Allemanha sagrada, a patria do individualismo, o recanto suave do genio livre? perguntava a si mesmo Milkau no sussurro regular do almoço, contemplando o esquadrão de homens ~~lo~~ <sup>lo</sup>ros; e reflectindo sobre a alma allemã, pensava que talvez sómente se pudesse explicar a incognita d'essa alma pelas imagens e expressões incertas da vaga e symbolica metaphysica. Quem sabe, continuava quasi em sonho; quem sabe si não foram um dia dois espiritos que se encontraram dispa-

ratados em um mesmo corpo, um servil á materia, ambicioso, cùpido, procurando absorver o outro que voava docemente, e pairava sempre no alto, zombando de tudo, de homens e deuses, gerando puramente, sem conjuncções torpes, nas regiões placidas do ideal, as figuras da poesia e do sonho. E quem sabe como foi longo e pertinaz o combate entre as duas forças !... Mas houve um momento em que o demonio da terra venceu o espirito de belleza e de liberdade, e o corpo ahi está hoje socegado, sem ancias, sem luctas, qual uma massa de escravos, a devorar os ultimos restos do genio do passado, divino alimento d'onde brota essa luz que ainda o illumina na sua lugubre e devastadora marcha sobre a terra...

Findo o almoço, os caixeiros sahiram em ordem. Milkau e Lentz iam por ultimo, vagarosamente, como hospedes despreocupados. No quarto resolveram visitar a cidade; e quando d'ahi a momentos passavam pelo armazem em direcção á rua, Roberto os chamou.

— Está aqui exactamente o sr. Felicissimo, que segue depois de amanhã para o rio Doce, a fim de fazer as medições.

Dizendo isto, indicava um moço magro, baixo e moreno, com o rosto talhado em triangulo cheio de marcas de bexigas, uma chata cabeça de bacuráo, em que os olhos negros scintillavam vivos e seccos.

— O sr. Milkau, continuou Roberto, acaba de

chegar com o proposito de arrematar um lote de terras. Eu expliquei-lhe que n'este momento o que ha de melhor é o rio Doce, e que o senhor me faria o favor de arranjar-lhe um prazo bem situado.

— Como não? acudiu o agrimensor solícito e com um gesto de quem quer abraçar. Sigo amanhã a me encontrar com a turma que está em Santa Thereza; depois de amanhã bem cedinho nos pomos em marcha, e quando fôr lá pelas onze, acampamos no porto do Ingá, no rio Doce... Os senhores quando vão?

Lentz ficou embaraçado, e meio confuso respondeu :

— Para o campo?... Ainda não sei afinal o que farei na colonia... Dependo ~~de~~ muito do sr. Roberto... 1.8

O negociante coçou a cabeça e disse solemne, em murmurio, como si invocasse o testemunho dos mais :

— O sr. von Lentz prefere uma collocação na cidade, no commercio... Mas o sr. Felicissimo é que póde dizer quanto isto é difficil... as casas estão cheias, a occasião é má... Esperemos, esperemos...

Felicissimo perguntou a Milkau o dia da partida.

— É só para combinar tudo e quando chegar lá não haver demora. O negocio é facil, o senhor requer um prazo, e o juiz commissario, que está agora para os lados do Guandú, despacha, mas 2

não precisamos d'elle para fazer a medição. Na sua ausencia estou auctorizado a tudo, até mesmo a entregar os lotes aos colonos que os vão trabalhando... Entre nós as coisas não são feitas com luxo... Não temos formalidades... Tudo se arranja e legalisa depois. O que é preciso é pagar logo as custas...

Milkau o interrompeu para se informar das distancias.

— D'aqui a Santa Thereza quantas leguas?

— Cinco. E de lá ao rio Doce outras tantas. O senhor deve ir d'aqui até o alto de Santa Thereza, ahí dormir e no dia seguinte tocar para o rio Doce.

— ~~Eu~~ preciso um guia?

— Não... Estrada sem errada, e batida...

Roberto se offereceu para mandar acompanhar o immigrante por tropeiros que iam diariamente para essas bandas. Milkau agradeceu, dispensando o obsequio.

Deixando Roberto, sahiram os tres do armazem. Felicissimo, que dizia não ter nada a fazer n'aquellas horas, propoz acompanhar os estrangeiros, dando assim expansão aos instinctos da sua nativa e tranquilla vadiagem.

Agora, o Porto do Cachoeiro abrasado de sol desvendava-se todo. A cidade era dividida em duas partes, que uma ponte ligava, mas podia dizer-se que só á margem esquerda era crescente,



porque do outro lado as habitações se ~~cont~~avam salteadas e raras. As casas d'aquella banda ~~#~~ enfileiravam/monotonas em frente ao rio, e nem um jardim quebrava a austeridade das moradas, nem um quintal margeava os caminhos, nem uma arvore sombreava as ruas. Pela primeira vez, porventura, nos tropicos/os habitantes de uma pequena cidade, como essa, não conheciam os prazeres do convivio dos animaes domesticos, nem tinham a expansiva preocupação da cultura das plantas e das flôres. Uma esterilidade rigorosa e systematica estampava-se no perfil das casas, que eram apenas o abrigo de uma população de negociantes. Na rua, Milkau ia adivinhando a explicação moral d'aquella localidade, e uma impressão de angustia emanada da branca aridez da cidade o turbava, pois parecia-lhe que o bafo dos traficantes tinha matado a poesia, a graça d'aquelle canto excepcional da natureza, onde elles ~~fitam~~ levantado as tendas da especulação. Felicissimo ia pressuroso, contando os milagres da fortuna commercial d'aquella gente. — Este sobrado aqui, dizia elle, apontando para uma casa esguia e igual ás outras da rua, é de Frederico Bacher, chefe do partido da opposição; é o rival e o inimigo de Roberto. Chegou aqui sem nada; hoje, veja como está rico! E aqui são todos assim, todos têm muito dinheiro. Póde-se dizer que o commercio do Cachoeiro é mais forte do que o da Victoria... Ainda não se deu um caso de quebra... Estes allemães

178  
1-12

2/

Shave

têm olho... Si fossem brasileiros, estava tudo arre-  
bentado.

*8/8!*  
*a* E o agrimensor continuava n'esse tom, a fazer o elogio das virtudes germanicas para os negocios, ~~sua~~ economia, ~~sua~~ facilidade de assimilação, ~~sua~~ energia no trabalho, dando, como contraste a ellas, as qualidades inferiores dos brasileiros, que ~~esse~~ se comprazia em proclamar, no gaudio de se mostrar, aos companheiros de passeio, justo e superior, e ao mesmo tempo com proposito lisonjeiro. Para se dar ar de importancia e intimidade com os moradores, ~~ellê~~, de instante a instante, deixava Milkau e Lentz na rua e penetrava pelos armazens a dentro, para trocar uma palavra com o dono da casa. Algumas vezes, conseguia arrastar do fundo das lojas até á porta os negociantes, com quem á vista dos novos tomava liberdades, dando-lhes palmadinhas nas costas, beliscões na barriga e dizendo-lhes injurias por gracejo, ao que os allemães complacentes sorriam muito rubicundos, murmurando em tom de desculpa aos outros: — Esse sr. Felicissimo... Isto é um diabo...

*correr /* Os tres iam seguindo assim, despertando pelos gestos e pelas vozes altas do agrimensor a attenção da rua, mirados pelos tropeiros que descarregavam os animaes e pelos freguezes que procuravam as lojas. Lentz não tinha o menor interesse em correr de casa em casa, á maneira fastidiosa e vulgar de Felicissimo; e então, para se ver livre d'essa ~~obstaculo~~ *obstaculo* enfadonha de ~~fazer~~ *fazer* passos de porta em porta, */// ta /*

propoz que subissem a um dos morros que cerca-  
 vam e abafavam ao mesmo tempo a cidade, e  
 de lá desfructassem a vista da região. Os outros  
 concordaram e assim foram, guiados por Feli-  
 cissimo. Para galgar a montanha mais accessivel,  
 tiveram de ~~passar~~ <sup>//transit</sup> além da ponte, por sobre a ca-  
 choeira cujos cavos borbotões os ensurdeciam; e os <sup>naff</sup>  
 passos dos homens ~~sobre a~~ ponte de madeira,  
 em cima das aguas que se quebravam em baixo, <sup>//soar</sup>  
~~hiam~~ vibrações sonoras poderosas como si sobre  
 ella ~~passasse~~ <sup>//atravessava</sup> o pesado tropel da cavallaria. Do outro  
 lado estava a montanha que se puzeram a subir por  
 uma vereda pedregosa e de cascalho solto, dando  
 á marcha um movimento irregular e fatigante.  
 Felicissimo ia mais lepidido na frente, enquanto  
 os outros, não acostumados ao calor caminhavam  
 difficilmente, alagados em suor. Á proporção  
 que subiam, morriam as vozes da cachoeira, vi-  
 nham ao seu encontro o halito perfumado das plan-  
 tas montanhezas e o ar leve para acalmar-lhes os  
 ardores. A principio, dentro do circuito dos morros,  
 a perspectiva era estreita. Em cima, porém, elles  
 dominavam a vasta região accidentada, e os olhos  
 dos estrangeiros tiveram um delicioso instante de  
 extase. O contorno arredondado das montanhas  
 cobertas de uma relva basta, rente, fulgurante,  
 nas suas côres matizadas, o rio por entre os valles,  
 o ar limpido e secco mantendo estavel a atmosphaera,  
 a força da claridade desdobrando pelas collinas  
 o panorama, a abobada celeste de um immenso azul

que lhes acalmava (?) <sup>lim.</sup>

cobrinho docemente a terra, todo esse conjunto de luz, de côr, de traços dava á paizagem um aspecto total de grandeza e confiança.

Felicissimo era o interprete da região. Como perfeito sabedor, dava o nome ás coisas e designava os logares. Milkau estava sereno no alto da montanha. Descobrira a cabeça de um louro de nympha, e sobre ella, e na barba revolta, a luz do sol batia, n'uma fulguração de resplendor. Era um varão forte, com uma pelle rosea e branda de mulher, e cujos poderosos olhos, da côr do infinito, absorviam, recolhiam docemente a visão segura do que ia passando. A moicidade ainda persistia em não abandonar; mas na harmonia das linhas tranquilladas do seu rosto já repousava a calma da madureza que ia chegando.

Felicissimo apontava em torno e ia designando os pontos do horizonte; os outros lhe acompanhavam os gestos rapidos e, como ~~era~~ ~~se~~ ~~os~~ ~~seu~~ ~~seu~~ ~~seu~~, não podiam fixar os nomes barbaros e extranhos que lhes feriam os ouvidos, mas se interessavam em guardar e accentuar as impressões que lhes vinham da região. Para o oriente era a terra do Queimado, cujo caminho se desenrola longo e sinuoso, ora n'uma planice descampada e risonha, ora por entre o verde de um matto raro, até um pequeno grupo de casas que formam o porto do Mangarahy á beira do Santa Maria, alli orgulhoso e folgado, com suas aguas desembaraçadas dos cachoeiros. Para

Por lo...  
infinito...  
G. G. G. G. G.  
infinito...  
a...  
ab...  
um  
tanto.

|| a's ton...  
Tab

a



o norte, para o sul, para o poente, as montanhas vão crescendo, amontoando-se como massas de pintura. Alli o Guandú, acolá S<sup>ta</sup> Thereza, duas regiões sombrias, que os colonos vão arrancando do silencio mysterioso da solidão. Sobre um valle cheio de sol um fio d'agua cáe longo e transparente como um grande véo de noiva. Para o poente, o Santa Maria margea os cafesaes, as casas de lavoura leucta com as lages negras que porfiam em retel-o.

Milkau n'esse panorama aberto lia a historia simples d'aquella obscura terra. Porto do Cachoeiro era o limite de dois mundos que se tocavam. Um traduzia, na paizagem triste e esbatida do nascente, o passado, onde a marca do canção se gravava na ~~terra~~ mingua ~~da~~ Ahi se viam destroços de fazendas, casas abandonadas, senzalas em ruinas, capellas, tudo com o perfume e a sagração da morte. A cachoeira é um marco. E para o outro lado d'ella o conjuncto do panorama se rasgava mais forte, mais tenebroso. Era uma terra nova, prompta a abrigar a avalanche que vinha das regiões frias do outro hemispherio e lhe descia aos seios quentes e fartos; e alli havia de germinar o futuro povo que cobriria um dia todo o solo, e a cachoeira não dividiria mais dois mundos, duas historias, duas raças que se combatem, uma com a sua perfida lascivia, outra com a sua temerosa energia, até se confundirem n'um mesmo grande e fecundante amor...

/// natu.  
roca  
e nos  
feitos  
//ad do  
homem.

Q

Elles desceram da montanha; e entravam pela cidade, quando os armazens se fechavam para se reabrirem depois da hora do jantar. N'esse momento, via-se pelas ruas um movimento maior de gente que deixava as lojas e se recolhia ás casas.

— Aquí, perguntou Lentz ao agrimensor, quasi todos são allemães?

— Sim, poucos brasileiros. No commercio, póde-se dizer, não ha nenhum.

— Então, em que se occupam os brasileiros do Cachoeiro? indagou Milkau.

— Os que temos aquí são os do fôro, os juizes, escrivães, meirinhos. Outros são tambem empregados publicos, collector, agente de correio....]

— E professores? perguntou Lentz.

— Só um, porque a língua que se ensina por essas mattas é o allemão, e os professores são allemães, com excepção do da cidade... Padres tambem não temos, nem egreja, como devem ter reparado. Tambem não ha neccesidade, porque raros são aquí os catholicos, e para os protestantes ha tres pastores nas capellas do Luxemburgo, Jequitibá e Altona... Os catholicos do municipio são o povo do Queimado do Mangarahy e outros pontos, onde está hoje a gente antiga da terra.

Felicissimo continuava a dar noticias do logar; os outros ouviam-no em silencio, e a conversa se foí assim espreguiçando até chegarem á porta da casa de Roberto. O agrimensor se despediu,



1/2 pra  
randa  
11/2  
11112

outro n'um bocejo de desalento ~~o seu~~ olhar ~~preguiçosamente~~ sobre a paizagem.

— Não meço o tempo, respondeu Milkau, porque não sei até quando viverei, e agora espero que este seja o quadro definitivo da minha existencia. Sou um immigrado, e tenho a alma do repouso; este será o meu ultimo movimento na terra...

— Mas nada o agita? Nada o impellirá para fóra d'aqui, fóra d'esta paz dolorosa, que é uma sepultura para nós?...

— Aqui fico. E si aqui está a paz, é a paz que procuro exactamente... Eu me conservarei na humildade; em torno de mim desejarei uma harmonia infinita.

— É então por isso que vae para o matto? Não seria melhor ficar aqui no commercio?

1/4

— Não. Procuro uma vida estavel e livre, e o commercio é torturado pela avidez e a ambição... Além disso, penso que o trabalho digno do homem é a lavoura nos paizes novos e ferteis como este, e a industria no velho continente. O commercio não me attráe, com suas fôrmas grosseiras, seus estimulos baixos, sua posição intermediaria na sociedade. Não me sinto solicitado sinão por coisas mais simples e approximadas da situação do futuro... O senhor persiste em se dedicar aos negocios?

— Não sei bem o que faça... Estou indeciso ~~irresoluto~~ 2/



meio de fortuna e de dar vasão ás ancias de jogador que ha em cada homem, é tambem um caminho baixo e vil. ~~Estou muito triste~~ e não fosse o medo do tédio da matta e da morte da agitação, eu talvez me abalançasse a ir trabalhar na lavoura.

A cidade estava illuminada frouxamente, com espaços longos de sombra, mas em outros pontos as luzes da rua e das casas cahiam sobre as aguas do rio, que as multiplicavam em seu espelho tremulo. Lentz, ~~se calava~~ ~~perdia-se~~ perdia-se na noite o seu olhar, como em uma grande scisma; o seu rosto não tinha serenidade, as linhas estavam perturbadas, dando á physionomia uma expressão de rancor e de inquietação. Parecia que ~~dentro~~ ~~n'um~~ n'um monologo intimo e doloroso, se prolongava a queixa contra o destino e elle se debatia em vão dentro dos muros fechados da sua sorte, n'um esforço de ave ferida para pairar nas regiões do seu sonho. Milkau apiedou-se d'aquelle silencio afflictivo e, deixando-se levar pelos bons impulsos da sua confiança abundante, disse ao ~~seu~~ joven companheiro:

— Porque não iremos trabalhar no rio Doce? O senhor talvez se achasse ahi mais feliz e mais independente. Podemos requerer ~~um~~ mesmo prazo, e, como não temos familia, faremos uma sociedade e nós auxiliaremos mutuamente... E si se arrepender, poderá partir, que me não queixarei de ficar só, pois esse é ainda até agora o meu destino...

/// *Heberto;*

*si*

*/calado,  
p*

*/// #*

*/// no  
seu  
intimo,*

*g/*

*ef/*

*/// 0*

*P/s* Estas palavras ~~de~~ brandas e boas, ~~foram~~ foram ditas com muita pureza de coração. Pelos labios de Lentz passou um sorriso tão suave como franjas de um lago manso em que rapidamente se transformaram as furias de mar revolto, que era pouco antes a sua alma.

— Sim, veremos... Eu lhe agradeço muito... Porque não?... murmurou n'uma emoção, que por orgulho procurava domar.

*!! dele / que* Milkau regozijou-se, na perspectiva de ter um ~~companheiro~~ ~~precisando~~ de amparo e conforto no exílio. E também se alegrava por si mesmo, porque sentia os seus instinctos de communicação espriar-se no convivio d'aquelle rapaz, que lhe parecia tão intelligente, e cujos designios revelavam pelo menos uma alma em aspiração. Todavia não

*!! a. e. d. e. r. a. s.* quiz de um modo ~~brusco~~ e imprevisito decidir a sorte do outro immigrante pela sua. Esperava que elle reflectisse mais, antes de se determinar a acompanhá-lo. Em Lentz o que ~~predispunha~~ a accetiar a companhia de Milkau era a indecisão em que estava de se abandonar á vida rude e mesquinha de caixeiro; era também a seducção intellectual por esse companheiro de acaso. Milkau não quiz insistir e delicadamente desviou o assumpto. Passou a conversar negligentemente sobre outros

*!! assumptos* ~~assumptos~~ — Então, tem-lhe agradado a terra? esta verdura de primavera? o esplendor do sol? a vegetação possante?

— Sim, tudo isto é forte e bello, mas eu prefiro os campos europeus com suas mutações, o seu quadro de montanhas, o seu colorido mais distincto.

— A Europa tem á tradição, a<sup>3</sup>talhou Milkau, que nos priva da liberdade de julgamento. Fôra d'ella não sei si o Rheno vale o Santa Maria, que, sem lendas, sem passado, reflecte em mim por seus proprios merecimentos tanto encanto, com suas margens incultas, sua agua limpida e borbulhante, seus chorões curvos...

— Oh! este sol implacavel!... Aqui não ha descanso para uma suave matização da côr. Sempre este amarello a nos perseguir...

E com um gesto de mão sobre a cabeça, Lentz parecia querer arrancar de si a obsessão da luz omnipotente.

— Breve se acostumará, e ha de amar esta natureza até á paixão. Eu já venho de longe e cada vez a admiro mais.

— Ah! não é esta a primeira vez que vem ao interior do Brasil?

— Por este lado é a primeira vez... Antès, estive de passagem em Minas Geraes, logo que cheguei ao paiz, levando o plano de me estabelecer alli, mas não ~~chegando~~ *achando* facilidade, dirigi-me para cá.

— Em que logar de Minas esteve?

— No Oéste... E foi uma grande viagem para mim... S. João d'el-Rei é uma impressão unica.

— Como? interrogou curioso Lentz.

— Alli me pareceu ter ~~eu~~ penetrado no passado intacto do Brasil. Oh! Foi uma volta deliciosa aos tempos mortos hoje por toda a parte e que ainda lá prolongam a sua vida...

Lentz embebeu-se nas palavras de Milkau, que começou a contar-lhe a sua visita á velha cidade mineira. No Cachoeiro era silencio, ~~a luz das casas se apagára~~, os lampeões da rua espaçadamente ponteavam de luz as sombras da noite diaphana, da noite de verão que é apenas um instantaneo descanso do dia. A cachoeira mugia sempre, e o seu rumor igual e constante passava imperceptivel aos ouvidos de Lentz, todo á escuta da narração de Milkau.

— Logo á primeira madrugada o meu somno de viajante fatigado foi cortado pelo repicar de sinos de muitas egrejas, o que me produziu um doce encantamento. Como a todo o homem habituado ás grandes cidades modernas, a musica dos sinos me era desconhecida na força e na sonoridade que tinha n'aquella manhã; mas, no entanto, essa musica extranha não me feria, e eu a recolhia quasi em extase como si fosse uma antiga e revivida sensação, pois parecia que era entendida por uma alma longinqua que se despertava dentro de mim e tomava posse do meu ser... Deixei-me ficar deitado, embalado pelas carícias do somno... E sonhava .. O espaço estava cheio de sons,

o ar leve da montanha fluctuava como si todo elle estivesse impregnado de musica; a natureza despertada pela alegria dos sinos se volatilisava e ~~librava-se~~ leve no ar, a cidade fugia da terra carregada nas harmonias, voava para os céos cantando... E eu sonhava, ouvindo repicar, procurando a calma, o somno e o esquecimento... A idade média se representava no meu sonho: povoados, castellos feudaes, mosteiros, homens e coisas, todos ligados pelas vozes do campanario, que marcava no espaço a vida e a morte... *am/*

Milkau continuava a falar da velha cidade mineira, que elle definia como um santuario. O espirito da religião alli localizado dava-lhe o character e a significação. Dentro do seu recinto montanhoso, irregular e feio, se deparava de instante em instante com uma igreja, todas ~~ellas~~ singelas, tristes, erguidas mais pela necessidade da devoção que pelos carinhos da arte. As casas acompanhavam esse tom severo e desprentencioso e eram ~~marcadas~~ por pequenas cruzes negras nas paredes desbotadas. Tudo alli tinha um aspecto sacerdotal, tudo falava de religião, igrejas frequentadas quasi todas as horas do dia, devotas procurando a solidão dos altares, as festas religiosas preocupando o povo e divertindo-o durante o anno inteiro. Na quaresma a irrupção religiosa era ainda mais crescente... N'esse tempo, ás noites, um padre sahia á rua acompanhado da multidão cantando rezas. Uma cruz negra envolta nas do-



que a solidão da tarde no deserto tornava solemne :  
Para sempre seja louvado !

*da*  
*25/05*  
A cidade ainda falava a outras tradições do velho Brasil. Sobre o ~~seu~~ terreno accidentado, sulcos abertos e profundos indicavam a passagem do homem terrível que por alli desentranhou o ouro. A paisagem está toda assinalada ~~pelas~~ cicatrizes da terra ferida, que assim maltratada e hedionda clama ás gerações de hoje contra a devastação do passado. O homem moderno, limpo de coração, não deixará de sentir um fremito de terror, reconstruindo no espectáculo d'aquella paragem morta todo o quadro de uma epocha feita de escravidão, de ouro e de sangue.... Ha casas alli que deviam ser zeladas como reliquias das melhores paginas da historia de uma nação; por ellas passaram martyres, n'ellas viveram sonhadores, e os habitantes do lugar ainda sabem ler nas paredes d'essas casas conservadas, e povoadas dos restos de outr'ora, a poesia da liberdade e da grandeza de todo o paiz. E essa mistura de fé religiosa e patriotica dá um caracter distincto áquella antiga cidade, purificando-a momentaneamente dos vícios em que se vão dissolvendo as outras...

Rematou Milkau esse quadro com algumas reflexões.

— Dou-me por muito feliz em ter ido a tempo de vêr tudo isto, porque não muito longe esse conjuncto de poesia, de tradição nacional, vae aca-

*magna H*

bar. Na verdade, é com ~~de~~ <sup>de</sup> que sinto estar prestes o desmoronamento d'aquella cidade circumdada de colonias estrangeiras, que a ~~estremam~~ <sup>estremam</sup> lentamente até um dia vencel-a e transformal-a sem piedade.

— Mas isto é a lei da vida e o destino fatal d'esse paiz. Nós renovaremos a nação, nos espalharemos sobre ella, a cobriremos com os nossos corpos brancos e a engrandeceremos para a eternidade. A velha cidade mineira da sua narração não me interessa, os meus olhos se projectam para o futuro. Porto do Cachoeiro tem mais significação moral hoje pela força de vida, de energia que em si contem do que os logares mortos de um paiz que se vae extinguir.... Falando-lhe com a maior franqueza, a civilisação d'esta terra está na immigração de europeus, mas é preciso que cada um de nós traga a vontade de governar e dirigir.

— Nas suas palavras mesmas, disse Milkau, está escripta a nossa grande responsabilidade. É provavel que o nosso destino seja transformar de baixo acima este paiz, de substituir por outra civilisação toda a cultura, a religião e as tradições de um povo. É uma nova conquista, lenta, tenaz, pacífica em seus meios, mas terrível em seus projectos de ambição. É preciso que a substituição seja tão pura e tão luminosa que sobre ella não caia a amargura e a maldição das destruições. E por ora nós somos apenas um dissolvente da raça d'este paiz. Nós penetramos na argamassa da nação e a vamos amollecendo, nós nos mistu-

*Terra H*



ramos a este povo, matamos as suas tradições e espalhamos a confusão.... Ninguém mais se entende; as linguas estão baralhadas, individuos, vindos de toda a parte trazem na alma a sombra de deuses diferentes; todos são extranhos, os pensamentos não se communicam, os homens e as mulheres não se amam com as mesmas palavras... Tudo se desagrega, uma civilisação cãe e se transforma no desconhecido.... O remodelamento vae sendo demorado.... Ha uma tragedia na alma do brasileiro, quando elle sente que não se desdobrará mais até ao infinito. Toda a lei da creação é crear á propria semelhança.... E a tradição se rompeu, o pae não transmittirá mais ao filho a sua imagem, a lingua vae morrer, os velhos sonhos da raça, os longinquos e fundos desejos da personalidade emmudeceram, o futuro não entenderá o passado....

## II

— Não vejo nada claro, disse Lentz. E, fechando os olhos feridos pela luz grandiosa do dia, sentia dentro das palpebras, na camara rubra das pupilas, fuzilar relampagos de sol.

— Quem me dera, murmurava então Milkau, que o sol se não apagasse... A patria do homem devia limitar-se a um canto da terra onde não houvesse sombra.

H. J. 67

E os dois caminhavam afastando-se do Porto do Cachoeiro na direcção de Santa Thereza. A principio a estrada cortava por cima de pequenos morros descobertos, onde, n'uma paizagem accidentada e limpa, passeavam errantes as sombras das nuvens; d'ahi a momentos ~~de~~ morria na bocca da matta. Milkau e Lentz, ~~ao~~ penetrarem na <sup>3</sup>escuridão repentina <sup>4</sup>é <sup>5</sup>ffia, sentiram pelos olhos o véo de uma ligeira vertigem. Pouco a pouco elles se recompuzeram, e então admiraram.

A floresta tropical é o esplendor da força na desordem. Árvores de todos os tamanhos e de todas as feições; arvores que se alteam, umas erectas, procurando emparelhar ~~as~~ com as eguaes e desenhar a linha de uma ordem ideal, quando outras lhes saem ao encontro, interrompendo a symetria, entre ellas se curvam e derream até ao chão a farta e sombria ~~uma~~. Árvores, umas ~~as~~, traçando um raio de sombra para acampar um esquadrão, estas de tronco pejado que cinco homens unidos não abarcariam, aquellas tão leves e esguias erguendo-se para espiar o céo, e mettendo a cabeça por cima do immenso chão verde e tremulo, que é a copa de todas as outras. Ha seiva para tudo, força para a expansão da maior belleza de cada uma. Toda aquella vasta flora traduz a antiguidade e a vida. Não se sente n'ella sombra de um sacrificio que seria o triumpho e o premio da morte. Dentro, as parasitas se enroscam pelos velhos troncos, com a graça de um adorno e de uma ~~ca~~. Ha mesmo arvores que são mães de arvores e supportam com facil e poderosa galhardia a filha, que lhe sae do regaço e mais esplendorosa, ás vezes, que a rija e bella progenitora. Uma infinita variedade de arbustos cresce ás plantas dos gigantes verdes; é uma florinha miuda, compacta e atrevida, dentro do bôjo de outra mais ampla e opulenta. E tudo se ergue, e tudo se expande sobre a terra, compondo um conjuncto brutal, enorme, ~~feito~~ de membros asperrimos,

V.  
Arvores  
largas,  
mas u-  
der, e  
arvores  
mas o  
uma ou  
pedra  
Arvores  
troncos,  
espadas,  
gordas,  
arvores,  
t

1/2

Arvores  
grandes  
de assis  
mbas

Arvores  
de cor-  
cio

1/2

acabado

~~entret~~ entretecido no alto pela ~~folhagem~~ basta e densa *Correa*  
 das arvores e embaixo pela rede ~~de ramos~~ das  
 fortes e indomaveis raizes; todo elle se entre-  
 laça, enroscando-se pelos braços gigantesocos, pre-  
 n-  
 dendo-se como por tenazes n'uma grande solida-  
 riedade organica e viva.... Pelas frestas das arvores,  
 pela transparencia das folhas, desce uma claridade  
 discreta, e n'essa ~~suave~~ *doce* iluminação se desenrola  
 dentro do matto o scenario pomposo das côes.  
 Ellas são em si vivas e quentes, mas a gradação  
 da sombra, que ora avança, ora se afasta, ~~hes~~ *hes*  
 communica da negrura do verde ao desmaio do *es*  
 branco a matização completa, triumphal. E lá, em  
 cada bocca da estrada, as portas da matta formam  
 um circulo longinquo azulado, como portas feitas  
 só de luz, e de uma luz zodiacal e ~~diversa~~ *diversa* infi-  
 nita.... De todo o corpo colossal, das folhas novas  
 e das folhas mortas, dos troncos verdes e dos tron-  
 cos carunchosos, das parasitas, das orchideas, das  
 flôres selvagens, da resina que se derrama vaga-  
 rosa ~~pel~~ pelo longo das arvores, dos passaros, dos  
 insectos, dos animaes occultos no segredo da selva,  
 se desprende ~~um~~ *ata* um cheiro mysterioso e singular,  
 que se volatilisa e se diffunde no immenso todo,  
 e, tal como o aroma das cathedraes, acalma, em-  
 briaga e adormece ~~da~~ *da*. Na voluptia harmo-  
 niosa d'esse perfume, que é acre e tonteante, com  
 a claridade que é branda, está a fonte do ~~se~~ *se*  
 da matta.... O silencio que mora na floresta é tão  
 profundo, tão sereno que parece eterno. Feito das

*socego H*

V.  
repassas //

Profiro o silencio. Ha n'um  
summo de viciosa passio concubina  
te, no qual o grand mestre  
emprego termo ordinario, a esse  
centandos  
47  
que até  
este fallar.

CHANAAN

vozes baixas, dos murmurios, dos movimentos  
rythmicos dos vegetaes, é completo e absoluto na  
sua perfeita harmonia. Si por entre as folhas seccas  
amontoadas no solo se escapa um reptil, então o  
ligeiro farfalhar d'ellas corta a doce combinação do  
silencio; ha no ar uma deslocação fugaz como um  
relampago, peloş nervos de todo o matto perpassa  
um arrepio, e os viajantes que caminham, cheios  
da solidão augusta, voltam-se inquietos, sentindo  
no corpo o frio electrico e instantaneo do pavor....

— Extraordinario ! disse Lentz, sahindo do seu  
espanto.

Milkau replicou :

— A sensação que aqui recebemos é muito dif-  
ferente da que nos deixa, a paizagem européa.

E, mirando para o alto e para a frente, conti-  
nuou :

— Aqui o espirito é esmagado pela estupenda  
magestade da natureza... Nós nos dissolvemos na  
contemplanção. E, afinal, aquelle que se perde na  
adoração é o escravo de uma hypnose : a persona-  
lidade se ~~des~~ para se diffundir na alma do Todo...

A floresta no Brasil é sombria e tragica. Ella tem  
em si o tedio das coisas eternas. A floresta européa  
é mais diaphana e passageira, transforma-se infi-  
nitamente pelos toques da morte e da resurreição,  
que n'ella se revézam como os dias e as noites.

— Mas ~~este~~ spectaculo de uma grande matta  
brasileira é assombroso, não é? interrogou  
Lentz.

não é' assombroso

As palavras  
é' tam  
bom  
esta  
mente;  
dubite  
ta fôrta  
mente a  
vaca

// 11/2

6. 16/75

// esvalca

H

*E'*  
*W.P. reads*  
*De, também*  
 — E. ~~A velocidade do tempo~~, é que, ao tocarmos a região do assombro, tal espectáculo nos priva da liberdade de ser, e afinal nos constrange. *o / Ew.* ~~o~~ que succede com esta força, esta luz, esta abundancia. Nós passamos por aqui em extase, não comprehendemos o mysterio...

E mudos continuavam a caminhar pela estrada coberta, os olhos de ambos a se desmancharem de admiração.

Passado algum tempo, Lentz exprimiu alto o que ia pensando :

*E / E'*  
 — Não é possível haver civilisação neste paiz... A terra só por si, com essa violencia, essa exuberancia, é um embaraço immenso...

— Ora, interrompeu Milkau, tu sabes bem como se tem vencido aqui a natureza, como o homem vae triumphando...

— Mas o que se tem feito é quasi nada, e ainda assim é o esforço do europeu. O homem brasileiro não é um factor do progresso : é um hybrido. E a civilisação não se fará jamais nas raças inferiores. Vê, a historia...

MILKAU.

*12/2*  
 Um dos erros dos interpretes da historia está no ~~prejuizo~~ aristocratico com que concebem a idéa de raça. Ninguem, porém, até hoje soube definir a raça e ainda menos como se distinguem umas das outras; fazem-se sobre isto jogos de palavras, mas que são como esses desenhos de nuvens que alli

*reconceito H*

vemos no alto, aparições phantasticas do nada....

E, depois, qual é a raça privilegiada ~~para~~ ~~para~~ ~~para~~ só  
 ella ~~seja~~ o theatro e o agente da civilisação? Houve  
 um tempo na historia em que o semita brilhava  
 em Babylonia e no Egypto, o hindú nas margens  
 sagradas do Ganges / e elles eram a civilisação  
 toda / o resto do mundo ~~era~~ a nebulosa de que se  
 não cogitava. E, no emtanto, é junto ao Sena e ao  
 Tamisa que a cultura se ~~exgota~~ hoje n'uma volu-  
 pia farta e alquebrada. O que eu vejo n'este vasto  
 panorama da historia, para que me volto ancioso  
 e interrogante, é a civilisação deslocando-se sem  
 interrupção, indo de grupo a grupo atravez de to-  
 das as raças, n'uma fatal apresentação gradual de  
 grandes trechos da terra, á sua luz e calor... Uns se  
 vão illuminando, ~~emquanto~~ ~~emquanto~~ ~~emquanto~~ outros descem ás tre-  
 vas...

// a fonte  
 de  
 // constr-  
 tuir-se

1/1  
 1/2 // -  
 1/3 // -

// do mes-  
 mo passo  
 que

LENTZ.

Até agora não vejo probabilidade da raça negra  
 attingir á civilisação dos brancos. Jamais a  
 Africa....

MILKAU.

O tempo da Africa chegará. As raças civilisam-  
 se pela fusão; é no encontro das raças adeantadas  
 com as raças virgens, selvagens, que está o repouso  
 conservador, o milagre do rejuvenescimento da  
 civilisação. O papel dos povos superiores é ~~esse~~  
 instinctivo impulso de desdobraimento da cultura,  
 transfundindo de corpo a corpo. o producto d'essa

o //

fusão que, passada a treva da gestação, leva mais longe o capital accumulado nas infinitas gerações. Foi assim que a Gallia se tornou França e a Germania, Allemanha.

LENTZ.

*proceda* Não acredito que da fusão com especies radicalmente incapazes ~~se faça~~ uma raça sobre que se possa desenvolver a civilisação. Será sempre uma cultura inferior, civilisação de mulatos, eternos escravos em revoltas e quédas. Emquanto não se eliminar a raça que é o producto de tal fusão, a civilisação será sempre um mysterioso artificio, todos os minutos roto pelo sensualismo, pela bestialidade e pelo servilismo innato do negro. O problema social para o progresso de uma região como o Brasil, está na substituição de uma raça hybrida, como a dos mulatos, por europeus. A immigração não é simplesmente para o futuro da região do paiz um caso de simples esthetica, é antes de tudo uma questão complexa, que interessa o futuro humano.

MILKAU.

*Progresso de Darwin*  
*evoluc* A substituição de uma raça não é remedio ao mal de qualquer civilisação. Eu tenho para mim que o progresso se fará n'uma ~~progressão~~ *progressão* constante e indefinida. N'esta grande massa da humanidade ha nações que chegam ao maior adeantamento, depois definham e morrem, outras que apenas



esboçam um principio de cultura para desaparecerem immediatamente ; mas o conjunto humano, formado dos povos, das raças, das nações, ~~esse~~ não pára em sua marcha, caminha progredindo sempre, e os seus eclipses, os seus desmaios não são mais que periodos de transformações para epochas fecundas e melhores. É a fatalidade do Universo que se cumpre n'esse todo que é uma parte d'elle... Quando não ha um trabalho á flôr das coisas, luminoso e doce, ha uma elaboração subterranea, tenebrosa e forte. Às vezes, é n'um ponto isolado da superficie que se dá a opacidade das trévas, e pela fusão um povo ahi se ~~forma~~ recapitulando a civilisação desde o seu ponto inicial e preparando-se para levar o progresso mais longe que os povos geradores....

LENTZ.

Como ? Então o contacto dos povos da arte com os selvagens determina um precipitado que excede áquelles na capacidade esthetica ?

MILKAU.

A arte, Lentz, póde diminuir ou augmentar em alguma das suas expressões, segundo varias sollicitações do meio e da epocha, mas pelo facto de não florescer certa fórmula de Arte, o progresso artistico não deixa de ser maior. Si a verdade estivesse na conclusão contraria, então a humanidade teria retrocedido depois do periodo do grego, e da renas-

cença, porque até agora a historia não conta epochas tão felizes para a Esculptura e para a Pintura.

LENTZ.

Mas toda a questão está na comprehensão do progresso moral.

MILKAU.

u /  
Quando a humanidade partiu do silencio das florestas para o tumulto das cidades, veio descrevendo uma longa parabolá da maior escravidão á maior liberdade. Todo o alvo humano é o augmento da solidariedade, é a ligação do homem ao homem, diminuidas as causas de separação. No principio era a força, no fim será o amor.

LENTZ.

1 /  
0' /  
Não, Milkau, a força é eterna e não desaparece-  
rá; cada dia ella subjugará o escravo. Essa civilisa-  
ção, que é o sonho da democracia, da fraternidade,  
é uma triste negação de toda a arte, de toda a liber-  
dade e da propria vida. O homem deve ser forte  
e querer viver, e aquelle que um dia attinge a con-  
sciencia de sua personalidade, que se entrega a uma  
livre expansão dos seus desejos, aquelle que na  
opulencia de uma poesia magica cria para si um  
mundo e o gosa, aquelle que faz tremer o solo, e  
que elle proprio é uma floração da força e da bel-  
leza, esse é homem e senhor. O fim de toda a sua  
vida não é a ligação vulgar e mesquinha entre os

21  
1





aspirações, n'este contacto extranho de sentimentos tão varios, póde-se acaso ~~findar~~ a harmonia socegada e doce da vida? A religião foi-se; ella é do tempo e, como o proprio tempo, uma vez perdida, não volta mais... Uma civilisação de guerreiros persiste no meio do surto da alma pacifica do homem. Tudo se confunde, ~~se~~ mistura e ~~se~~ repelle n'um torvelinho de desespero... A sombra do passado penetra demasiado na morada do homem moderno e enche-lhe a casa de espectros e visões, que o detêm e ~~o~~ perturbam. E o futuro, mensageiro do gesto consolador, vem avançando a medo como um ladrão nocturno... Mas eu não esperei o seu passo vacillante e tardo : despi a minha roupagem pesada, e lepido então fui buscar o perfume e os alimentos que, vagaroso e divino, elle ~~venha~~ ~~trazendo~~ aos homens. E como dentro em mim é doce a salvação!

LENTZ.

E para ahi chegares?... Deixaste patria, familia, sociedade, uma civilisação superior?

MILKAU.

Deixei o que era vão.

LENTZ.

E á Europa, e á Allemanha nada mais te prende?

MILKAU.

Sómente o que ellas têm de grande no Pas-  
sado. Mas isto é o incorporeo, é o invisivel, e  
eu não preciso/sentar-me sobre as ruinas para  
amal-o. E' a obra da imaginação e da memoria. ~~Ø~~ 19  
Meu culto ao que é humano é activo, reside na  
dupla consciencia da continuidade e da indefini-  
dade do progresso. O que a Europa nos mostra,  
como fórmula da vida, é apenas um prolongamento  
desharmonico das forças de hontem e das solici-  
ções do presente. ?

LENTZ.

Não comprehendo como por um acto de von-  
tade se possa trocar Berlim pelo Cachoeiro... De  
que cidade da Allemanha és tu?

MILKAU.

Sou de Heidelberg, e de lá guardo as minhas  
mais longinquas recordações. Vejo-me ao lado de  
meu pae, dia e noite ligados, como o corpo e a  
sombra... Elle era um professor de collegio, um  
d'esses universitarios muito instruidos, mas, como  
a maior parte d'elles, indeciso em sua vasta cul-  
tura escolar. Meu pae, Lentz, era a propria do-  
çura, e as imagens que d'elle conservo no fundo  
da minha pupilla são de um homem feito de sor-  
risos suaves e inextinguiveis; tinha uma intelli-  
gencia subtil e aerea, mas o pudor da audacia



recordação e a piedade, parti de Heidelberg com a alma cheia de um grande silencio. Comecei a ouvir os accentos da minha propria voz.

LENTZ.

E não te veiu ao encontro uma voz de mulher?

MILKAU.

Não.

LENTZ.

E nunca amaste a mulher?

MILKAU.

1/0  
 Aos dez annos o amor começou em mim, mas, como tudo/que nasce prematuro, essa paixão de infancia foi meio doença, meio extase mystico. O que ha em mim de sentimento religioso se desenvolveu então na adoração d'aquillo que eu buscava; bens e males da minha vida eu attribuia só a esta influencia poderosa e mortificadora. E no emtanto ella fugia de mim .. Longos tempos se passaram n'essa enganadora caça; todos os meus estudos, os meus brincos, os meus sonhos de creança tiveram a fôrma dos pequenos e intensos martyrios; ~~meus~~ vertiam lagrimas e suavam sangue. Como estremeço ao lembrar-me de tanta vida, de tanto amor consumido por uma sombra... Em vão? Não sei... Quando volto ao meu passado, é ainda esse trecho do caminho da vida que mais me deleita :



sinto quanto elle é embalsamado pelo amor que ahi passou, como esse perfume que foi a minha purificação da adolescencia vem até a mim... E a grande ventura (quem sabe?) foi que sobre essa montanha de fogo formada em minha alma jamais desceu o sorriso, a brandura, a caricia que resfria e que funde... e então eu ascendi, ascendi... Aos vinte annos estava tudo acabado. A morte d'ella veio habitar ~~à~~ minha existencia, e não me consolei longo tempo, até que outro amor, e esse o grande, o unico, ~~vão~~ me viesse possuir para sempre...

E Milkau foi interrompido pelo repique de campainhas que descia pela estrada, redobrando a amplidão das vozes sonoras no silencio da matta. Pouco a pouco estes sons perdiam a doçura melancolica e se confundiam com gritos humanos e tropel de animaes. ~~Os dois amigos não tardaram em vêr~~ uma tropa, que ~~vinda~~ das terras altas em direcção ao Porto do Cachoeiro; a mula da frente marchava enfeitada de fitas de côr, que lhe embaraçavam os meneios da cabeça. Milkau e o companheiro ~~se~~ encostaram ~~à~~ <sup>para</sup> á beira da estrada, apoiando-se nas arvores; ~~vinda~~ <sup>ainda</sup> assim os animaes, procurando o trilho habitual, ~~lhes roçavam~~ ao corpo as brucas de café e os olhavam com os seus olhos de besta, immensos, tristes e insondaveis. Os tropeiros em sua maioria eram mais brancos que mulatos; os gritos, as ordens, as pragas, porém, de uns e

era tão  
doce que  
o dia a  
maior mistem  
debeio

m- / S

*profund*

*violenta*

*o oco*

outros eram ~~os~~ espontaneamente na lingua de cada um. A tropa passou caminho abaixo, levando comsigo o seu ~~bravo~~ barulho que quebrava além o somno ~~das coisas~~. Atraz d'ella ficára um odor acre de café verde, de poeira levantada e de lama revolvida, ~~a qual~~ <sup>que</sup> alli na sombra e humidade das arvores não se extingue nunca. Os dois amigos caminharam algum tempo calados, mas uma ancia de confissão e de abandono os estimulava n'aquelle mundo extranho; e elles/ladeados de arvores sem fim tornavam com frenesi, com excitação ao dialogo perpetuo dos themas eternos.

## LENTZ.

*4*

Na verdade, ha muito pouco tempo ~~eu~~ não poderia imaginar-me aqui n'esta floresta... Nós somos governados na vida pelo imprevisto... A historia é muito simples (disse Lentz, como respondendo a uma interrogação escripta nos olhos de Milkau). Questão de amor, ou antes questão de consciencia... Amei uma mulher, que pensei ser a creatura sublime, que fraca ama o forte, que humilde ama o soberbo. E nós fomos assim pelo caminho sumptuoso da minha phantasia, arrastando-a eu após mim, já pela solidão das montanhas de neve, já pelos lagos verdes que refrescam as terras, já pela cidades traficantes e vis. Minha amada conheceu as vibrações infinitas da volupia, minha amada amou no sangue, na carne e depois d'isto eu a julgava recompensada e feliz, mas um

dia ~~se~~ revoltou, e a alma da mulher do occidente, que a longa cobardia dos homens já fez eterna, n'ella ~~se~~ despertou para exigir de mim a minha escravidão. Encontrou apoio nos preconceitos christãos de meu pae, nos escrupulos e temores de minha mãe que me procurava dissolver ao bafo de sua ternura morbida. Resisti. O pae de minha amada era um velho general companheiro de armas do meu, e ~~ella~~ pedia á minha familia uma reparação por aquillo que tinha sido o acto da independencia da minha extrema sensibilidade. E o que é peor, no meu grupo social formou-se em torno de mim uma atmospherá de reprovação: todos se julgavam limpos de consciencia para se afastar ~~de~~ de mim com desdem. E ~~ff~~ confesso (oh! vergonha!) não pude supportar essa pressão collectiva dos meus camaradas, dos individuos da minha classe!... O homem levará ainda muito tempo, Milkau, a se libertar do grupo a que pertence, a se emancipar d'essa tyrannia poderosa que lhe annulla a individualidade e lhe traça na physionomia as linhas de uma mascara common e sem distincção propria, ou seja a familia, ou ~~se~~ a classe, ou ~~se~~ a raça. A minha arrogancia ~~se~~ entibiou, o que ha em mim de cobarde, de escravo, entorpeceu a energia de minha attitude; o que ha em mim de aquisição intellectual, conjuncto de idéas ardegas e acceleradas, foi morto pelo antigo e implacavel sentimento... Então fugi, deixando os meus estudos de universidade, a minha

ff

ff

/ para  
/ para

ff ff

07 // 2 // 11  
 quem H  
 posição, a minha familia, a minha fortuna. O que buscava em troca de tudo o que deixei, era um mundo maior, ainda virgem e intemerato do contacto lascivo e deprimente d'essa moral christã; era um verdadeiro dominio para o homem novo, para ~~aquelle que~~, saltando por cima dos seculos da humildade, quer dar a mão aos antigos e, com elles e sob o influxo d'elles, renovar a civilisação e produzir um mundo que seja o reino da força radiante e da belleza triumphal. E parti então para a virgindade d'estas selvas, com o impeto de n'ellas viver ~~solitario~~ na exaltação do meu ideal, ou de um dia as transformar em um imperio branco, que é o desejo e a razão do meu sangue. Viajei longamente até agora. O mar foi para mim a primeira grande sensação da liberdade; sobre elle sonhei, e vivi intensamente o goso do pensamento puro... mas não vivi o mar, porque não actuei sobre elle, e a vida é a acção...

## MILKAU.

1/2  
 H  
 O que cada um de nós procura é tão diverso... Também, como tu, deixei terra natal, sociedade, civilisação, em troca de bens maiores, de bens eternos. A minha trajectoria vem de epocha mais remota... Depois da morte de minha mãe, meu primeiro desejo foi sahir de Heidelberg e buscar a vida em outra parte. Berlim me attrahia e julguei ~~me~~ encontrar uma solução á minha existencia, então vaga e sem objectivo. O que mais me ator-

mentava, era a consciencia de que começava a viver por viver, sem interesse na vida. ~~A~~ passado de qualquer crença religiosa, sem uma idéa moral que fosse ~~por~~ apoio, o infinito para mim não existia, a sociedade não me preocupava, e a consolação não me podia vir do nada. ~~A~~ minha existencia ~~era~~ vagar com os companheiros fortuitos, sem saber aonde os meus passos iriam findar. Vivia vacillante e fugitivo, buscando no exterior a calma para o espirito; eram passeios interminaveis, eternas caminhadas pelas ruas, e pelos parques da cidade, pelos bosques calados... Mas as minhas scismas eram as mesmas, e eu sempre me prendia ao passado do meu coração, invocando as tres imagens dos que amei e cujos retratos povoavam o meu quarto, e ellas as minhas saudades. N'esta epocha a minha não conformação ao mundo era cada vez maior; ~~eu~~ me sentia crescer dentro de mim mesmo, n'uma aspiração indefinivel de amor, de calma, de sonho que sempre me fugiam : a minha tortura era infinita, a minha melancolia acabrunhadora. Minha amada, minha mãe, meu pae... Custava-me já resistir a tanto; a minha doença moral me parecia irremediavel, a mim, torturado de um desejo de realidades, quando tudo me era indeciso e intangivel... Nada havia que me ~~estendesse~~ á vida; o que eu amára tinha desapparecido, o que amo hoje não me tinha chegado. Vivia na ~~des~~desillusão; a minha duvida tinha espaços tão illimitados que meu espirito oscillava e se perdia no mundo

//lien

2/1

//Cingia-  
III em

2/2-

//amar.  
rolbe

das idéas e das emoções. E então tive aquella ancia  
 torturante de resolver de qualquer modo, de termi-  
 nar ~~as~~ minhas vacillações, e, desalentado, procurei  
 realizar a acção pela unica fórma que me parecia  
 positiva na vida, isto é, pela morte... Mas a com-  
 templação da miseria moral em torno de mim sus-  
 teve aquillo, a que em minha insania eu chamava o  
 acto da vontade. Todos os soffrimentos extranhos  
 se infiltravam em minha alma; as lentas agonias  
 e os duros sacrificios alheios eram o pasto da minha  
 piedade. No estado de espirito em que me achava,  
 só tinha inclinação para os que se assemelhavam  
 a mim. Eu soffria, e a Dôr pela sua mão forte e  
 santa me conduziu aos outros homens... Reflecti :  
 « si todos soffrem e se resignam, é porque a vida  
 é mais desejavel do que a morte, e não é o suicidio  
 uma salvação que deve ser collectiva. Não se trata  
 de libertar um só dos martyres, é preciso que  
 todos se salvem »... E o suicidio começou a ~~flor-  
 ecer~~  
 no meu pensamento, ~~em clarão~~ o clarão bem-  
 fazejo da solidariedade ahi apontava... Não me  
 restava agora para combater o desespero sinão  
 procurar na mesma vida a razão que me curasse  
 do mal da morte e fosse um desafogo aos meus  
 novos sentimentos. Olhei todas as vias que se po-  
 diam abrii deante de mim... Compreendi logo  
 que não podia continuar na posição que tinha  
 de critico litterario em um jornal de Berlim; fal-  
 tava-me agora o animo de falar de livros inspirados  
 em uma arte vazia, sem ideal e saturada de sen-

// salvaneur-  
 // // á me-  
 // // dida  
 // // que

sualidade. Convenci-me ainda mais da falsa situação em que estava, fazendo parte do grupo de ignorantes e dogmaticos, que envolvidos nos mysterios da imprensa exploram os outros homens, cuja credulidade voluntaria é alli como em toda a parte a fórma de sua cumplicidade na perpetuação do mal sobre a terra... E agora para onde ir? perguntava ~~eu~~ humilhado. Que profissão será a minha n'este quadro do mundo? A politica? A diplomacia? A guerra?

LENTZ.

Sim, a guerra. Porque ella é forte, é digna. O mundo deve ser a morada deliciosa do guerreiro.

MILKAU.

Aquellas duas vidas, a do politico e a do diplomata, eram vãs para quem não escutava a voz da commodidade ou da ambição, para quem não queria definhar na esterilidade e no egoismo, para quem buscava o que é eterno... A guerra é uma volta ao passado, a um ideal morto para a civilização e ~~de~~ ~~que~~ o meu novo pensamento ainda mais se afastava... Não tinha aonde ir; ~~e~~ n'este embaraço a minha crise prolongava-se, pois não era mais escolher entre a vida e a morte, e sim entre qualquer vida e uma vida. Essa uma vida que eu sonhava, que eu queria e por toda a parte procurava, não podia descobrir... Não podia ir ás officinas, ir á industria, porque ahi não encontrava

ainda a atmosphera para a minha independencia e o meu amor. Não se tratava só de trabalho, tratava-se tambem de uma livre expansão da individualidade, e a industria nesta velha civilisação é um desfiladeiro apertado de combate no meio da sociedade que ella divide em senhores e escravos, ricos e pobres... A minha angustia continuava, e por entre esses tormentos a minha existencia solitaria ia se passando na contemplação reconfortante da Arte. A Belleza entrava no meu espirito como um doce sustento. Ou mirando a linha triumphal da estatuaria, ou agitando-me ao vivo movimento do gesto, ou aquietando-me á serenidade da attitude repousada eternamente no marmore, ou embebendo-me na poesia infinita da côr, no enigma insondavel da figura humana, ~~o~~ meu espirito descansava e se apoiava para a existencia... E então puz-me a viajar longos dias pelas antigas paragens, onde a arte busca ainda a sua fonte de mysterio e rejuvenescimento... Foi pela arte que comecei a amar a natureza, pois até então a minha attenção ao mundo exterior era vaga e incerta; ~~eu~~ só tinha os olhos voltados para o meu caso pessoal, para as minhas scismas longas e indefinidas. No momento em que tratei a arte, em que me possui da belleza, a minha vista se alongou pelo mundo afóra e ~~eu~~ vi o esplendor por toda a parte. Os panoramas do céu passaram a interessar-me profundamente; dias inteiros a admirar a limpidez da atmosphera, outros / perder a/

alim-  
menta  
vamos  
da

12

12

12



os olhos no crystallino do ar, outros a sonhar na immensidade das cupulas azues limpidas e infinitas que são o espaço. Vi o mar, o pequeno mar do sul da Europa unctuososo e doce, que estreita a terra cheia de anfractuosidades, as quaes são abrigos para os homens, mar que não espanta, mar amigo, que é um traço de união entre as gentes; e de outras praias brancas, immensas, ~~estive~~ o outro mar, o mar tenebroso que apavora, que domina e que é em si mesmo, como a propria liberdade, inacessivel, tentador e indomavel... O meu deslumbramento pela natureza afastava-me de tudo o que não fosse contemplação. Carregando por toda a parte a minha admiração, succedia-me passar longos tempos solitario nas florestas, nos lagos e nos campos, n'um extase de louco, a extrahir das coisas a summa da belleza. Vivia mais das impressões da luz sobre o quadro, onde se desenrola a vida, que dos alimentos da terra... No outomno o sol abraza as arvores amarellas, e sobre ellas a Morte é uma gloria de ouro... No inverno os esqueletos das arvores cobrem-se de branco, como uma paizagem phantastica e morta, e desce sobre a terra uma neve abundante, vadia, pelos ares, leve como arminho, farfalhante como areia.... No tempo d'essa unica preocupação reinava em meu espirito um esquecimento das desgraças do passado ou dos cuidados do futuro, e esse olvido me parecia a felicidade pela hypnose com que adormecia a minha consciencia. Assim vivi longo

/// *colônia*  
*fé*

*1/16*

*Gloria*  
*de ouro!!*

*tem eu;*  
*nem nin-*  
*quem ponde*  
*pacifas est*  
*ten pensa-*  
*mento. Sub*  
*titua por*  
*coisa que*  
*melhor e*  
*intenda-se*  
*clavara illu*  
*mina a*  
*frase, fada.*

*o. eto longo*  
*charitel a tu gloria de*  
*ouro; mas a oritica mat ch'os per-*  
*tover, e os pontos de abis de j' aberra-*  
*com a 312 lates.*

#/ tempo, tão engolphado no meu culto, que atravessava extranho e silencioso o mundo. Viajava dentro do meu extase, que era como um carro de ouro levado pelos cavallos ardegos da imaginação e transportado pelos caminhos deslumbrantes das regiões placidas e mysteriosas da belleza immortal... Ao estado de desvario artistico succedia em mim um desejo de mortificação e soffrimento. Resuscitar, em pleno dominio do sensualismo, a vida solitaria dos monges, evaporar a minha animalidade e dissolver-a na combustão de um sentimento activo e fecundo, tal foi a nova via por que caminhei. Concentrado n'um logarejo encravado no coração dos Alpes da Baviera, ~~absorv~~ absorv no estudo e na scisma....

LENTZ.

E a consolação não te veiu?

MILKAU.

o// mas os velhos monges tinham como sustento o consolo da adoração... O meu isolamento era apenas intellectual, uma fórmula de desdem do mundo, uma expressão mesquinha de quem ~~do~~ do seu logar na vida. Depois dos primeiros momentos de prazer e tranquillidade, a minha cobardia me atormentava infinitamente, e a solidão passou a ser um estado afflictivo. Hoje, Lentz,



LENTZ.

Não, não! A vida é a lucta, é o crime. Todo o goso humano tem o sabor do sangue, tudo representa a victoria e a expansão do guerreiro. Tu eras grande quando a tua sombra sinistra de solitario passeava nos Alpes e amedrontava os ursos. Mas quando o amor penetrou em ti, começaste a minguar; a tua figura de homem vae se apagando, e eu verei o teu semblante um dia sem luz, sem vida, sem força, mirrado pasto da tristeza.

MILKAU.

O principio do amor me sustenta e protege. Eu sou d'aquelles que foram por elle consolados... Ia terminar o drama intimo do meu espirito e concluir-se a passagem dolorosa de um estado de moral hereditaria para uma consciencia pessoal. Reflectindo sobre a condição humana, ~~o~~ meu pensamento se esclareceu, quando vi a marcha da humanidade partindo da escravidão inicial... No principio era o cháos; massas informes se apresentavam como manchas de nebulosas cobrindo a terra; pouco a pouco d'esta confusão cosmica os homens se destacaram, e as personalidades surgiram, enquanto os outros ainda jazem informes na materia geradora. Mas um dia chegará também para estes a hora da criação; o amor os reclamará á vida, pois crear homens é a sua obra. Um dia será a

subordinação de tudo a todos para maior liberdade de cada um. E' a parábola que descreve a vida, da grande escravidão para a maior individualidade...

LENTZ, *olhando a floresta.*

Vê como tudo te desmente. Esta matta que atravessamos, é o fructo da lucta, a victoria do forte. Cem combates travou cada arvore d'estas para chegar á sua esplendida florescencia; a sua historia é a derrota de muitas especies, a belleza de cada uma é o preço da morte de muitas coisas que desde o primeiro contacto da semente poderosa foram destruidas... Como é magnifica aquella arvore amarella!

MILKAU.

O ipê, o sagrado páo d'arco dos gentios d'esta terra.

LENTZ.

O ipê é uma gloria de luz; é como uma umbella dourada no meio da nave verde da floresta; o sol queima-lhe as folhas e elle é o espelho do sol. Para chegar áquelle esplendor de côr, de luz, de expansão carnal, quanto não matou o bello ipê... A belleza é assassina, e por isso os homens a adoram mais... O processo é o mesmo por toda a parte; e o caminho da civilisação é tambem pelo sangue e pelo crime. Para viver a vida é preciso

ir até ao ultimo gráo de energia, é preciso não contrariar. Aquelles que cruzam as armas, são os mortos. Os grandes seres absorvem os pequenos. E' a lei do mundo, a lei monarchica; o mais forte attráe o mais fraco; o senhor arrasta o escravo, o homem a mulher. Tudo é subordinação e governo.

MILKAU, *olhando a matta.*

A natureza inteira, o conjuncto de seres, de coisas e homens, as multiplas e infinitas fórmulas da materia no cosmos, (eu vejo) tudo como um só, immenso todo, sustentado em suas infimas moleculas por uma cohesão de forças, uma reciproca e incessante permuta, n'um systema de compensação, de liga eterna, que ~~é~~ a trama e o principio vital do mundo organico. E tudo concorre para tudo. Sol, astro, terra, insecto, planta, peixe, fêra, passaro, homem, ~~formam~~ cooperação da vida sobre o planeta. O mundo é uma expressão da harmonia e do amor universal. (*E apontando para a vegetação no alto de uma rocha.*) Na verdade, a vida dos homens ~~sobre~~ a terra é como a d'aquellas plantas ~~sobre~~ a pedra. O cume da montanha era uma lage esteril, e sobre ~~ella~~ não fructificavam as sementes de arvores e de grandes plantas trazidas pelos passaros e pelos ventos. Um dia, emfim, trouxeram elles sementes de algas e vegetaes primitivos, ~~para os~~ mineral da terra ~~é um alimento~~. Muito tempo passado, quando

*se reflectem do*



transformem no vôo luminoso da piedade, da dedicação e do amor...

*V.  
rubro  
rolava  
é a parte,  
do joo.  
trifurcação*

Era finda a viagem. Os dois homens fitavam o sol, que rubro rolava para debaixo das montanhas. Os dois homens fitavam a Morte, que se vinha apoderando docemente das coisas...

*|| que rolava  
perpétuo (ou periódico, ou em fogo ou em brasa, etc.)*



D. E' preciso estar  
 investido. por que de  
 contrario, se refere a  
 a por outro, se refere a  
 a Milham, se refere a  
 Lenze a expressao "jovial"  
 e tranquillo e. mais que se

III

estava Milham  
dentado

~~Milkau estava sentado~~ porta da pequena esta-  
 lagem de Santa Thereza, onde dormira contem-  
 plando a vida que se despertava em torno d'elle,  
 quando Lentz, sahindo por sua vez do quarto,  
~~via-o sentado~~ com uma expressao ~~serena~~  
 jovial, levemente excitado pela frescura e subtileza  
 do ar. Milkau alegrou-se vendo o seu compa-  
 nheiro de destino e saudou com um sorriso de  
 ternura. Pouco depois, iam juntos pela pequena  
 povoação ~~agora toda~~ acordada e radiante na sua  
 ingenua simplicidade. As ~~pedras~~ casas, todas  
 brancas, ~~mostravam~~ se pelas portas abertas e cheias  
 de luz, como olhos que ~~se~~ olhassem. Assim escan-  
 caradas e eguaes, ~~se~~ enfileiravam em ordem.  
 O seu conjuncto uniforme era o de um pombal  
 suspenso na altura silenciosa da montanha. Em  
 roda, circumscrevendo a povoação, um parque  
 verde assignalado de arvores salteadas, e por onde

H H  
 H H  
 serena  
 u- / 0  
 H H ja  
 H H X enhas  
 H H desper-

expunham

*trase*  
*Correio*  
*Por entre*  
*as águas*  
*podros*  
*de a serião*  
*hímbre*  
*fugitívam*

*Monarotes, derivaram*  
~~passavam~~ fios de agua corrente, que eram a alma da paizagem.

*off U/*  
*renascer*  
*3/*

Os dois immigrantes sentiam-se transformados por uma paz intima, por uma consoladora esperança, deante do quadro que lhes mostrava a população. ~~Elles~~ viam todo o povo trabalhando ás portas e no interior das casas com tranquillidade, e todas as artes alli ~~desenvolvia~~ na singeleza do seu espontaneo e feliz inicio. Era um pequeno nucleo industrial da colonia. Enquanto por toda a parte na matta espessa/outros se batiam com a terra, aquella pouca gente se entretinha nos seus humildes officios.

*animado*  
*dos*  
*112*  
*11ca*

Milkau e Lentz percorriam o logarejo, notando a musica ~~sonora~~ e alegre ~~sonora~~ varios ruidos do trabalho. Na sua officina, um velho sapa-teiro de longa barba e ~~as~~ mãos muito brancas e esguias batia sola. Lentz achou-o veneravel como um santo. Um alfaiate passava a ferro um panno grosso; mulheres fiavam nos seus quartos, cantarolando; outras amassavam o trigo e preparavam o pão; outras, em harmonicos movimentos peneiravam o milho para o fubá; ~~por toda a parte~~ o pequeno trabalho manual, humilde e doce, sem o grito do vapor e apenas, como unica machina, um pequeno engenho para mover os grandes folles de uma forja de ferreiro, que a agua de uma represa fazia rodar com estrepito ~~sonoro~~. E todo esse ruido era vivo e abeneoado, todo elle se entretencia sem violencia, e mesmo o malhar do ferro não

*sempre H*

destoava do metallico clangor de uma clarineta, em que o mestre da banda de musica de Santa Thereza dava a lição matinal aos seus discipulos. Havia uma felicidade n'aquelle ~~comparto~~ <sup>simples</sup> de vida primitiva, n'aquelle rapido retrocesso aos começos do mundo. Ao espirito desmedido e repentista de Lentz esse inesperado encontro com o Passado parecia a revelação de um mysterio.

— Isto é uma gloria, disse elle, interrompendo o silencio em que iam; estes pobres que trabalham mediocrementemente com ~~suas~~ proprias mãos, estes homens que se não mancham nos fumos do carvão, que se não embrutezem no barulho das machinas, que conservam toda a frescura da ~~suas~~ alma, que se bastam a si mesmos, que fazem cantando ~~seu~~ pão ~~suas~~ vestes... são os creadores simples e naturaes, e a creação é n'elles uma feliz satisfação do inconsciente.

Milkau tambem admirava, orgulhoso de ser homem n'aquelle alto de montanha, onde o trabalho tinha o seu scenario ~~///~~; mas como enxergasse no louvor de Lentz o espirito negativo ~~d'///~~, observou :

— Realmente, é um bello quadro esse que vemos, e o spectaculo de um trabalho livre e individual nos emb ~~///~~ de prazer. Mas no fundo assistimos a um começo de civilisação; é o homem que ainda não venceu grande parte das forças da natureza e está ao lado d'ella n'uma postura humilde e servil.

*simples*

*asH*

*oH*

*e/asH*

*///serena*

*pecunia*

*///+*

*/vece*

— Mas quem pôde negar que o homem, servo da machina, se vae afundando n'um embrutecimento peor que o do selvagem? replicou Lentz.

— Para mim ha uma illusão n'esse sentimento romantico. Sim, a machina, especializando e eliminando os homens, lhes tirou a percepção integral da industria; hoje, que ~~o homem~~ a transformou em um instrumento de movimentos proprios, ~~o homem~~ se libertou, readquiriu a sua intelligencia, dirigindo o machinismo engrandecido quasi á altura de um operario. Nós não podemos fazer que a massa da civilização retroceda a esse antigo periodo da industria. A poesia que ~~ha~~ é o perfume mysterioso do passado, para o qual nos voltamos atemorizados; mas ha tambem uma poesia mais forte e mais seductora na vida industrial de hoje, e é preciso consideral-a pelo seu prisma luminoso como uma aurora...

— ~~Quanto a mim~~ repetia Lentz, inabalavel, enquanto passeiava ao lado de Milkau, tenho como sagrada toda essa gente; merecem mais ~~o~~ meu amor que essa infinidade de proletarios, cheios de ambições, famintos e pavorosos, procurando governar o mundo. Ao menos estes aqui, ~~de todo~~ de todo o peccado de orgulho, são bons e ingenuos e supportam o seu jugo com um sorriso.

Passaram ainda algum tempo, sentindo uma entranhada difficuldade em abandonar aquelle logar. Dirigiram os passos para os caminhos que

abeiravam Santa Thereza. Procuravam as pequenas elevações, giravam abaixo e acima pelo parque, paravam á porta das casas, miravam attentos o serviço que n'ellas se fazia, sorriam ás creanças, e perseguindo com ~~seus~~ olhos de admiração as saudaveis raparigas, ~~as~~ enrubesciam. E em tudo isso se recreiavam mansamente, deixando-se ir na inconsciencia d'esses actos espontaneos, que os retinham alguns minutos no povoado. Mas afinal tiveram de se arrancar ~~do~~ descuidado repouso. Uma filha da hoteleira ~~(os levou)~~ até á bocca do caminho do Timbuhy. ~~Elles~~ com mil perguntas, ~~e~~ ~~apreensões~~ uns instantes, agradados do seu rosto delicado, da sua forte e fulva cabelleira. Lentz via na rapariga uma divindade extranha n'aquella floresta verde, mas uma divindade meiga como eram os habitantes de Santa Thereza. A joven estendeu o braço longo indicando-lhês o caminho. Elles admiraram ~~o~~ ~~seu~~ gesto, o seu ar, a sua graça, e partiram como n'um sonho. A principio iam meio apprehensivos e calados, como quem parte para o desconhecido. A estrada por cima dos morros descampados ora descia, ora subia. O panorama largo e ousado ~~era~~ fecundo, variado ~~em seus~~ aspectos, cheio de montes, valles, florestas, ribeiros e cascatas. Era um trecho de uma região poderosa e opulenta da terra brasileira. Dentro ~~d'ella~~ se abrigava a multidão de barbaros e de extranhos alli recebidos com brandura e carinho. Milkau e Lentz ~~em sua marcha~~ passaram

d. s.  
 n'as. /

u. /

u. /

entre-  
 tiveram-  
 na

m. / the off  
 off

/ / /

/ / /

/ / /

te - /

Off  
 ///ahi  
 pelas casas de colonos agricultores, as quaes ~~elles~~ ~~viam~~ ~~pela~~ ~~primeira~~ ~~vez~~, e, sem ~~nellas~~ penetrarem, punham-se a mirar de fóra esses retiros encantados de verdura, de tranquillidade e abundancia. E as casinhas se succediam por todo o valle, abrigadas umas no ~~lado~~ ~~seio~~ dos morros, outras dependuradas na encosta ~~de~~ ~~estes~~, todas com disposição e graça uniformes.

Havia fumo em todas as chaminés, mulheres em suas occupações domesticas, animaes e creanças debaixo das arvores, homens mettidos na sombra fresca dos cafesaes que rodeavam as habitações. E os dois immigrants, no silencio dos caminhos, unidos emfim n'uma mesma communhão de esperança e admiração, ~~se~~ puzeram a louvar a Terra de Chanaan.

m- /  
 Elles disseram que ella era formosa com os seus trajas magnificos, vèstida de sol, coberta com o manto do voluptuoso e infinito azul; que era amimada pelas coisas : sobre o seu collo aguas dos rios fazem voltas e outras ~~lhe~~ ~~enlaçam~~ a cintura desejada; as estrellas, n'uma vertigem de admiração, se precipitam sobre ellá como lagrimas de uma alegria divina; as flôres a perfumam com aroma extranho, os passaros a celebram; ventos suaves lhe penteam e frisam os cabellos verdes; o mar, o longo mar, com a espuma dos seus beijos ~~lhe~~ ~~afaga~~ eternamente o corpo...  
 a- the /

Elles disseram que ella era opulenta, porque no seu bojo phantastico guarda a riqueza innumera-  
 vel, o ouro puro e a pedra illuminada; porque ~~os~~ <sup>117</sup>  
 seus rebanhos fartam ~~as~~ <sup>117</sup> suas nações e o fructo  
~~das~~ <sup>117</sup> suas arvores consola o amargor da existen-  
 cia; porque um só grão ~~das~~ <sup>117</sup> suas areias fecundas  
 fertilisaria o mundo inteiro e apagaria para sem-  
 pre a miseria e a fome entre os homens. Oh!  
 poderosa!...

Elles disseram que ella, amorosa, enfraquece o  
 sol com as suas sombras; para o orvalho da noite  
 fria tem o calor da pelle aquecida, e ~~os~~ <sup>117</sup> homens  
~~é/comp/ta/n/m/ma/~~ tão meiga e consoladora, o es-  
 quecimento instantaneo da agonia eterna...

Elles disseram que ella era feliz entre as outras,  
 porque era a mãe abastada, a casa de ouro, a pro-  
 videncia dos filhos despreoccupados, que a não  
 engeitam por outra, não deixam as suas vestes pro-  
 tectoras e a recompensam com o gesto perpetua-  
 mente infantil e carinhoso, e ~~lhe~~ <sup>117</sup> ~~(cantam)~~ <sup>m-</sup> hymnos  
 sahidos de um peito alegre...

Elles disseram que ella era generosa, porque dis-  
 tribue ~~os~~ <sup>117</sup> seus dons preciosos ~~dos~~ <sup>117</sup> ~~delles~~ <sup>117</sup> tem  
 desejo; ~~a~~ <sup>117</sup> sua porta não se fecha, ~~as~~ <sup>117</sup> suas riquezas  
 não têm dono; não ~~é~~ <sup>117</sup> perturbada ~~pel~~ <sup>117</sup> ambição e  
~~del~~ <sup>117</sup> orgulho; ~~os~~ <sup>117</sup> seus olhos suaves e divinos não  
 distinguem as separações miseraveis; o ~~del~~ <sup>117</sup> seio

maternal se abre a todos como um farto e tepido agasalho... Oh! esperança nossa!

Elles disseram estes e outros louvores e caminharam dentro da luz...

*// toc* Já traziam cinco horas de Santa Thereza quando ~~chegaram~~ chegaram á margem do rio Doce. Mal tiveram tempo de dar uma vista d'olhos pela redondeza, porque, sahindo de um barracão verde alli situado, o agrimensor Felicissimo se lhes dirigiu com o triangulo moreno do seu rosto escancarado n'um grande riso de vida e bondade.

— Então, gritou de longe, isso são horas de chegar?

*se/* E sem esperar resposta foi ao encontro dos dois allemães, com as mãos estendidas... Milkau pensou que era o genio da raça originaria e senhora d'aquella terra que/lhes deparava, n'uma alegria estrepitosa e confortante.

— Ah! meu caro, disse Lentz, por um pouco ficavamos por esses caminhos, ajoelhados, adorando esta sua bella terra.

— Não ha duvida, isto é mesmo um paraíso, concordou com entusiasmo o agrimensor.

*// dois  
entra* E os ~~outros começaram~~ começaram a contar-lhe com exaltação as suas primeiras impressões. Felicissimo, porém, os interrompêra, preocupado pelo instincto da hospitalidade.

— Onde almoçaram? Posso arranjar aqui alguma cousa para entreterem o estomago...



— Obrigado, ~~esse~~ Milkau. Ao sahirmos de Santa Thereza, comemos alguma coisa que traziamos e depois no caminho nos fartámos de laranjas no pomar de uma velha colona. Ainda lhe trazemos algumas aqui. Veja que belleza de fructa!

— ~~Ainda~~ não viram nada, respondeu o agrimensor, recebendo as laranjas. Não estraguem a admiração, porque têm muito de que ficar de bocca aberta. Olhem, não ha Brasil como este, e em tudo!

Encaminharam-se para uma meiaguá coberta de zinco, onde o agrimensor tinha o escriptorio, cujo arranjo não podia ser mais simples : alguns instrumentos de campo, dois ou tres grandes livros sobre uma mesa ao canto, que eram o registro dos prazos arrendados aos colonos, e na parede um grande mappa dos lotes de terra da região. Nem um livro de leitura, nem o quadro mais humilde, nem uma photographia; apenas um maço de jornaes ~~era~~ o desabafo da curiosidade do cearense. Felicissimo fazia tambem d'esse barracão o seu quarto de dormir, de uma singeleza nomada. Ao lado havia outro puxado maior, que era o alojamento destinado aos immigrants, enquanto esperassem levantar nos lotes as suas casas. Era espaçoso e arrumado como um dormitório de hospital, ~~sendo~~ ~~ao~~ ~~fundo~~ ~~a~~ ~~pequena~~ ~~cozinha~~. Felicissimo, porém, abrira gostoso uma excepção para os dois estrangeiros, agasalhando-os no barracão do escriptorio. Os hospedes agradece-

*Respon-  
Beu*

*Pois*

*S*

*para*

*de*

*para*

*uma*

ram ao brasileiro amavel e, abancados todos no quarto de dormir, travaram conversas nas quaes os immigrants se foram informando de muitas coisas do logar, até que o agrimensor, sentindo que o sol baixava, lhes disse :

— Ande d'ahi, gente! vamos escolher os lotes.

Passaram para o escriptorio, e deante da planta dependurada elle accrescentou :

— Para mim, o que mais lhes conviria, seria o numero dez. Ahi a terra deve ser esplendida. O diabo é que está enterrado em plena matta e vão ter muito trabalho para fazer a limpa... Mas olhem que na verdade vale o esforço.

*1e*  
*///e*  
*///* O Felicissimo de varinha em punho para apontar no mappa, todo assanhado, interrogava os outros. Milkau, que não disputava primazias nem vantagens no mundo, ~~mas~~ querendo ceder por delicadeza ao parecer do agrimensor, accitou o lote proposto. ~~Ele se~~ <sup>o</sup>feijubilava n'aquelle dia glorioso com a miragem de um grande e santo labor.

Preparavam-se para sahir. Chegando á porta, Felicissimo farejou o tempo, com ares de entendido, reflectiu e ponderou aos companheiros :

*H* — D'aqui ao lote dez é um pedaço; não teriamos tempo de ir e voltar com  $\phi$  dia. Mas si fazem questão...

— De fôrma alguma, respondeu Lentz. É melhor ficar para amanhã.

Uma doce fadiga entorpecia os viajantes e ~~deitados~~ <sup>deitados</sup> sobre a relva junto á casa, em companhia

do cearense, ouviam as historias <sup>off</sup> d'este, scismavam <sup>m-thej</sup> em coisas vagas e ~~esp~~lavavam o rio passar preguiçoso... <sub>///mur</sub>

Um grupo de homens armados de ferramentas de campo apparecia á distancia. Vinham vagarosamente, arrastando-se pela estrada descampada junto á praia do rio. Percebendo de longe que havia gente nova, caminhavam silenciosos, com o impulso sinistro e reservado que é o primeiro movimento do homem <sup>para/</sup> para o homem... Chegados que foram, saudaram surdamente e ~~foram~~ <sup>entramos/</sup> calados <sub>Hon</sub> para o interior do armazem/guardar as ferramentas. Felicissimo, vendo-os passar tão estranhos, ficou surprehendido e gritou-lhes :

— Então, camaradas! o rumo está acabado?

— Prompto! disseram, passando sem parar, a uma só <sup>grito/</sup> ~~for~~ feita da/de todos, e entreolhando-se espantados por ~~tefem~~ <sub>003/</sub> responderem ao mesmo tempo, fazendo côro.

Milkau e Lentz admiravam a robustez d'aquelles homens com pulsos de ferro, torso herculeo, barbas avermelhadas, olhos de um azul de abysmo, muito parecidos como um grupo de irmãos. ~~Sómente~~ <sub>7</sub> havia um mulato, que entre elles se destacava. Tinha a cara mascarada pelas bexigas; era bronzeado, usava uma pequena barba anelada e falha e o cabello curto em pé sobre a testa. Com os olhos rajados de sangue e os dentes ponteagudos de serra, tomava por vezes a apparencia de um satyro maligno; mas essa impressão era ~~rara~~, e <sub>não/</sub>

*fronete #*

rapidamente a desmanchava um riso facil e ingenuo. No meio da massa indistincta dos companheiros louros e pesados, o cabra brasileiro tinha um ar victorioso, um ar espiritualisado. Não havia, na verdade, entre elle e a terra um remoto convivio, perpetuado no sangue e transmittido de geração em geração?...

*se*  
 Pouco a pouco os homens foram se approximando dos recém-chegados, ouvindo-lhes silenciosos a conversa. Como o sol se ~~descendia~~ e as aguas do rio se ~~deixavam~~ de sangue, Felicissimo apontou para o céu, mostrando a Milkau e a Lentz os bandos de aves que passavam na illuminação do crepusculo, em longas theorias harmonicas.

— Ah! Um bom tiro! exclamou o mulato, saboreando com melancolia os effeitos creados em sua imaginação de caçador.

— Qual, Joca, alli tu não apanhavas nada, cabra... disse-lhe a rir Felicissimo, em allemão.

Os camaradas applaudiram.

— Aposto, seu cadete, replicou o mulato com fanfarrice. Si eu tivesse uma boa arma, não ficava um bicho d'aquelles voando. Era só pontaria no da frente... e si a arma fosse espalhadeira, havia de se ver...

As aves em bando continuavam serenas e soberbas no seu vôo. Outras vinham ao longe... Joca ~~as~~ olhava, seguindo-as pezarosamente.

*112*  
 Admirara-se Lentz do modo corrente por que o mulato falava allemão, apesar de recheiar a phrase

de vocabulos brasileiros. ~~E~~ dirigindo-se aos trabalhadores allemães, perguntou-lhes si falavam a lingua do paiz; ~~e~~ responderam que não. E Felicissimo observou a proposito :

— Olhe, não se admire d'esses homens que estão aqui ha um anno ou pouco mais. Ha gente na colonia, entrada ha mais de trinta annos, que não fala uma palavra de brasileiro. É uma vergonha! O que acontece é que os nossos tropeiros e trabalhadores todos falam o allemão. Não sei, não ha povo como o nosso para apprender as linguas alheias... Creia que é um dom natural...

Joca approvou convicto e ajuntou que elle mesmo já falava mais allemão que a sua lingua e arranhava um pouco o polaco e o italiano. No fundo do pensamento de Lentz houve um pequeno jubilo por essas confirmações da insufficiencia do meio brasileiro para impôr uma lingua. Essa fraqueza não seria a brecha para os futuros destinos germanicos d'aquella magnifica terra? E poz-se a scismar, com os olhos abertos e fulgurantes.

— Não estará longe o dia, considerou Milkau, em que a lingua dos brasileiros dominará no seu paiz. O caso das colonias é um accidente, devido em grande parte á segregação d'ellas no meio da população nativa. Não digo que os idiomas estrangeiros não influam sobre o idioma nacional, mas d'esta mistura resultará ainda uma lingua, cujo fundo, cuja indole serão os do portuguez, trabalhado na alma da população por longos

seculos, fixado na poesia e transportado para o futuro por uma litteratura que quer viver.. (E sorria, dirigindo-se a Lentz). Nós seremos os vencidos.

*recolheu:* Isto agradou a Felicissimo. Joca, que de tudo só apanhou a phrase final, olhou com superioridade a massa de seus companheiros allemães. A prophesia dava-lhe desde já um orgulho de vencedor.

Emquanto a conversação se ia desenrolando mansamente, viram passar pelo caminho, á beira do rio, um velho muito alto e magro, armado de espingarda e carregando um animal morto, a gottejar sangue pelas feridas, ~~uma paca~~ ~~uma paca~~. O caçador era seguido por um bando de cães que o rodeavam ou o precediam, todos muito ardegos, de orelhas ora empinadas, ora baixas, exhaustos da caçada, bocca aberta e lingua de fóra, tremulos, nervosos, a resfolegar, queimando o ar frio com ardente e inquieta respiração, n'uma combustão que os envolvia de ligeiro fumo. O caçador caminhava com passo rapido, os cães o acompanhavam ganindo e excitados pelo cheiro de sangue que escorria da caça.

*M2 T Talirado* — Ah! murmurou Joca ~~com~~ pena, si nós apanhassemos aquelle bichinho para a panella!

O caçador passou sem os cumprimentar.

— É um selvagem, disse Felicissimo.

— Mora por aqui? interrogou Milkau.

— É o vizinho mais perto do barracão, mas

nem por isso noç salva... passa pela gente como si fossemos cachorros... respondeu Joca.

— Ha de ser algum solitario, suppoz Lentz.

— Um arredio, explicou o agrimensor, não fala com pessoa alguma que eu saiba, vive só com aquelles cachorros, que são valentes como fêras.

*Beth  
perio  
é inu-  
til* } ~~E o velho sempre ~~destrahido~~ indifferente ao grupo de homens que o observavam, até que se sumiu no matto.~~

Continuavam a tratar da vida singular que levava o caçador, quando um dos camaradas se achegou a Felicissimo, prevenindo-o de que podiam ir ceiar. Ergueram-se da relva, espreguiçando os braços uns, bocejando outros, e ~~frangidos~~ e mo- */// queda* rosos entraram todos em casa.

Os trabalhadores do barracão armaram a mesa das refeições no dormitorio dos immigrants e ahi puzeram-se a ceiar. A comida era simples e pobre, o peixe salgado e a carne secca, alimentação habitual dos homens do campo nos logares do seu serviço; e todos se banquetevam alegremente, alguns n'um prazer discreto e moroso, outros expertos e faladores como Felicissimo e Joca. Lentz olhava agora as duas raças alli reunidas á mesa; admirava o que havia de solido e repousado nos gigantes allemães, ~~de quanto~~ a facundia */// do padre que* interminavel e molle do cearense e do mulato lhe trazia a sensação do enjão de mar.

No entanto, Milkau estava solícito com todos, alegrando-se n'aquella communhão entre as raças





apparecimento ~~brusco~~ e inesperado de todo o seu passado. Uma incomprehensível saudade dos seus primeiros annos ~~de um momento~~ um instante; era como um arrependimento de não ter sido nos principios da vida o homem de hoje. Um desejo de voltar atraz, de começar de novo, de pagar em amor toda a indiferença que tivera pelas coisas da sua terra, pelos homens da sua cidade, pelo quadro, emfim, onde passára a sua mocidade silenciosa.

*subito*  
*facem*

— Ah! exclamou ligeiramente pensativo. Então é da terra de Soror Martha! Conheceu o Rochedo da Monja...?

— Sim.

Lentz perguntou si isso se ligava a alguma lenda. ~~Ele~~ Milkau pediu ao trabalhador que narrasse essa tradição ignorada pelos que alli estavam. Todos se voltaram para o emigrado do Rheno. ~~Um~~ *Um* mastigava, esperando com placidez a narrativa; ~~aquele~~ *aquele* largou o talher grosseiro e descançou os cotovellos; outro, que estava á ponta da mesa, espichou a cabeça para o meio e poz-se á espreita; emfim, todos se moveram a um tempo, e ~~fizeram~~ *fizeram* nas caras expressões distinctas, de surpresa, de interesse e mesmo de negligencia; mas em todos esses movimentos varios, n'essas transformações de physionomia, havia uma perfeita unidade, aquella que ~~são~~ *são* de um mesmo pensamento, de um mesmo desejo.

*Então,*  
*qual*  
*qual*  
*estavam*  
*ram*  
*eram*

O homem interrogado ficou um segundo atto-

nito e irresoluto em sahir da obscuridade collectiva e anonyma em que até então estivera na mesa. A principio não disse uma palavra. Coçava embaçado a cabeça. Os outros ~~guardavam~~ as suas attitudes.

Joca, a quem o silencio de um instante perturbava e affligia, voltou-se para o companheiro allemão com os olhos esgazeados.

— Desembucha, homem de Deus! É segredo? gritou o çabra.

O allemão afinal se <sup>1</sup>Resolveu- a falar, olhando para todos, muito espantado de se ver n'aquella situação saliente.

Na sua linguagem ~~tosca~~ elle contou que no tempo das cruzadas um duque, apenas se casou, partira a pelear pela Fé. Sua mulher ficára inconsolavel com a separação e, temendo a morte do esposo, fez voto de que, si tornasse a vel-o, o primeiro filho que tivessem seria consagrado ao serviço de Deus. Voltou o duque, e passado algum tempo nasceu-lhes uma filha, que se chamou Martha. A menina era de uma deslumbrante belleza, e com pezar os nobres vizinhos, que a queriam esposa dos filhos, viram-na crescer, morta para o mundo. ~~Após~~ Martha se tornou moça, entrou para o convento, onde a sua piedade encantava ainda mais que a sua peregrina formosura. O duque morreu na outra cruzada, e a viuva, sem mais filhos, ~~ficou~~ isolada no castello. Era-lhe unico conforto ver a filha, que de tempos a tempos ia

1- Tanto que na occupação de hoje que é corrente e frequente em todos os classicos antigos e modernos. E como nem um ou o empregado até agora, substituiu por isso a occupação por — a tanto que

visital-a, vestida de monja. Uma vez, quando esta atravessava o bosque para uma dessas visitas de consolação, aconteceu-lhe ~~encontrar-se~~ com um joven caçador, filho de um conde palatino. Deslumbrado, o rapaz ~~ficou~~ ~~de~~ ~~amor~~ pela freira, e silencioso seguiu-a até ao castello. Luctou consigo por esconder a paixão criminosa, mas foi impossível, e ~~veado~~ pelo desejo formulou o projecto de raptar a monja. Uma tarde, disfarçado em aldeão, o joven conde bate á porta do mosteiro para ~~dizer~~ á Martha que a duqueza estava a morrer. A freira partiu logo para a casa de sua mãe. O conde acompanhou-a, e, quando chegaram ao logar mais solitario, descobriu o seu ardil e propoz-lhe fugirem e occultarem o seu amor em outras terras. Martha espavorida ~~fugiu~~ põe-se a correr. O moço, allucinado, persegue-a. Vão os dois pela floresta como loucos. A freira transviada toma um caminho que a afasta do castello, e no desespero da fuga chega até ao rio, onde o conde a vae alcançando... Um rochedo se abre e recolhe no seio de pedra a joven monja. Não acreditou o conde na protecção de Deus e teimou em esperar a sahida de Martha. Ficou assim dias e dias alli vivendo, encostado ao penhasco. De dentro, em vez de maldições, vinha o echo das supplicas da freira pela salvação da alma de seu malfetor. Passaram-se mezes, annos, o conde envelhecia, sua barba embranquecida ~~se~~ alongou até aos pés, e afinal o coração, amollecido pelas orações da

// top

// Tomou-se  
X loucos

//urg

eu/

//annunciam

//2

//4  
virtuos.do  
// // 2Abre-se  
um ro-  
chedo

//ntado



/foi quem

viu sahir um anjo, que/a substituiu na ausencia, e que era a sua imagem.

A ceia ~~foi~~ se acabando sob a apprehensão vaga que no animo dos trabalhadores deixava a evocação das lendas nataes. Pouco a pouco cada um se foi erguendo e deixando a sala. Não tardaram a se juntar fóra no terreiro, á aragem fria da noite. Milkau e Lentz tambem se chegaram, ~~depois~~ e todos na solidão que era alli, ~~sentiram~~ <sup>ficaram</sup> ~~em~~ <sup>em</sup> uma intima communhão. Os homens ~~se~~ deitaram na relva, voltados para o rio, que era uma faixa phosphorescente e tremula, de que parecia irradiar toda a luz que attenuava a escuridão da noite. A conversa era tropéga e morna, coxeando sobre assumptos incertos, pois mais forte que estes havia em cada espirito uma idéa intima, longinqua e poderosa que teimava em se fixar. E um dos homens foi o interprete de todos quando disse :

— Ha muito encantamento neste mundo de Deus... Sempre se deve andar prevenido, pois ninguem sabe o que lhe está reservado soffrer e vêr. D'onde menos se espera surge um perigo...

Os outros, pensativos, concordaram n'um brando murmurio, cahindo outra vez em silencio. Lentz quiz levantar-lhes o espirito e poz-se a negar bruxas, milagres e encantados. Falou longamente, mas sem força de abalar as convicções plantadas desde seculos ás fontes d'aquellas almas. E quando elle acabava, dizendo : — As bruxas já morre-

ram ha muito tempo e ellas sempre foram estas mesmas mulheres que vocês amam —, um dos mais velhos não gostou do tom da negação e replicou :

— Não diga tal, moço, os homens devem tomar cautela nos seus amores. Quantas desgraças não lhes acontecem por se fiarem em vozes e cantigas de mulheres....!

Cada um lembrou uma historia da sua localidade originaria. Alli, no serão da terra tropical, surgiram, chamados pelas evocações dos emigrados, os heróes, os semi-deuses saxões, as nymphas do Rheno, os gigantes com o seu cortejo de anões phantasticos. Os dois brasileiros se interessavam ardentemente com esses contos que lhes vinham de um mundo desconhecido e ~~de~~ lhes suggeriam a reminiscencia de tantas outras historias europeas transmittidas a elles adulteradas pelos povos brancos, que foram os primeiros geradores da sua raça mestiça. Mas agora as lendas volviam ás suas origens, vinham mais puras, mais limpidas, com o seu character immune de contactos extranhos; e com que sabor não escutaram as façanhas de Siegfried, filho de Sigisberto, as suas proezas no castello do Nivellino, seu combate com o gigante, a derrota do anão Alberico, guarda dos thesouros fabulosos, e depois as suas luctas, as porfias com a bruxa Brunhilde, rainha da Islandia, em que elle combatia invisivel pela força magica do seu chapéo encantado, vencendo a mulher para entregal-a

/// f  
e/



e raro accento de linguagem ; ~~Ah~~ <sup>074</sup> o considerou como uma d'essas palavras ricas de som do idioma brasileiro enxertadas no velho tronco da lingua ; mas como não soubesse a significação do nome, nem a lenda nativa que a elle se prende, disse n'um tom familiar ao mulato :

— Conte-nos isso, Joca !

— Ah ! respondeu este, preparando-se para narrar ; não foi por estas bandas, foi no Maranhão, porque eu sou de lá.... Meu tio Manoel Pereira na fazenda do Pindobal me dizia sempre : — Rapaz, socega com essas viagens noite e dia no matto por causa de rapariga, que uma vez currupira te pega.... Toma tento comtigo ! Moleque que era eu, desempenado e de topete, ria das palavras do velho. — Eh ! meu tio ! deixe de abusão para amedrontar gente pavorosa.... Qual ! currupira é phantasmagoria ! E tio Manoel Pereira passava a me contar rodellas e sempre arrematava : — Rapaz ! toma tento ! Um dia, nós tínhamos acabado de recolher o gado ao curral. Meu cavallo estava esfalfado de cercar um garrote arisco, que, depois de muito pelear, eu trouxe da restinga na ponta do laço.... Chegados que fomos, peei o Ventania que, coitado, lá se foi para o campo, frouxo e meio descadeirado.... Meu tio gritou para pôr a janta.... O sol já estava esfriando, quando nos puzemos á mesa, meu tio, que era o vaqueiro da fazenda, e nós, seus quatro ajudantes.... Os cabras traziam uma fome



canina, que espantava minha tia. — Eh! gente, dizia a velha nos servindo, parece uma fome de Satanaz. Te esconjuro! — O que é certo é que as curimatás voaram para dentro, as bananas não ficaram atrás e nós rematámos a boia com um trago da branca. Depois nos assentámos na soleira da porta em frente ao curral. Áquella hora as vaccas choravam de cortar coração, lambendo a bezerrada que do outro lado se roçava na cêrca. Eu estava derreado como um bode lasso.... Os outros estavam na mesma conformidade. Mas vae o Manoel Formoso e me diz : — Tu não sabes do baile da Maria Benedicta? — Oh! cabeça que era minha, não me lembrava mais desse ajuntamento marcado para aquella noite.... No sabbado passado tinha tratado com a Chiquinha Rosa nos encontrarmos na ramada onde era a festa. Eu andava de namoro com a cabocla, moça espigada como palmeira, com sua cabecinha delicada como de sussurina. Uma vontade de vêr a Chiquinha me assanhou o corpo e me fez espartar.

— Pois sim. Vamos d'ahi Manoelsinho. —

« E o Formoso se desculpou disfarçando; só ouvir o cabra, se via logo que tinha algum negocio estipulado para outra banda.... Os outros camaradas eram já maduros e casados, não formavam para a patuscada. Fiquei um tempinho meio desalentado, mas a idéa da rapariga me levantou o corpo cançado.... Ah! meu sangue, fica quieto!

— Bem, então já que ninguém me acompanha, vou só, porque filho de meu pae não engeita divertimento, disse meio arrevezado aos cabras molles.

« Levantei-me em direcção á fonte, e tio Pereira que me circumdava n'um tudo, entrou a ralar. — Rapaz, tu estás maluco. Larga de banho a esta hora que tu apanhas maleitas. Depois, é só trabalho para os outros.

« Não me importei com a fala do velho e parti para a fonte. Ainda era bem de dia. Atirei-me á agua, que me deu um frio nos ossos. Dei um mergulho e umas parapemadas, com intenção de espantar algum jacaré que andasse na vadiação. Passei depressa para meu rancho para mudar de roupa; preparei-me com camisa e calça alva, enrolei no pescoço o lenço encarnado que tinha comprado a um barqueiro no porto. Bati na porta de tia Benta, pedi um pouquinho da sua pommada de cheiro e ~~de~~ ~~de~~ estava na ordem. O meu lenço branco estava desde a semana passada com a Chiquinha, para guardar no seio e perfumar com o seu cheiro. Ella havia de me dar no baile. Tio Pereira me vendo de viagem, disse : — Volta cedo que de manhãzinha, logo ao entrar da lua, nós vamos fazer matalutagem na fazenda da Marambaia. — Sim, meu tio. Vosmecê póde ficar socegado que estou de volta a tempo e bato no seu quarto ás horas.

« Não quiz mais conversa com o velho. E me

*loma  
+ a  
Me n'  
com via-  
também*

puz no olho do mundo com passo de ema escabreada. Do Pindobal á ramada da Maria Benedicta eram bem umas duas horas de marcha. Atravessei todo o campo da nossa fazenda com vista a alcançar a ponta do Guariba, e, me lembro como si fosse hoje, tudo estava bem secco, o pouco gado magro que havia, estava parado com os olhos tristes de peixe morto, virados para o lado do sol que se sumia; só se ouvia um barulho de porcos que focinhavam a terra á cata de minhoca. Quando cheguei para furar a ponta, esbarrei primeiro no negocio de seu Zé marinheiro. — Então, Joca, aonde se bota tão paramentado? perguntou-me o portuguez. — Brincar um pouco, patrão, na ramada da Maria Benedicta. — Olha que tem passado por aqui muita rapaziada. A brincadeira deve estar influida. Olha, pinga não falta, tudo lhe mandei eu.... por ordem do Pedro Tupinambá.... já se sabe.

« Não sei si foi pela falação do Zé marinheiro que se me escaldou mais o sangue; eu senti como tudo a rodar, o coração a querer pular pela bocca, e as pernas me fraqueando.... Mas tomei sustancia em mim e me aguentei valente, e ainda pude logo dizer ao patrão do negocio: — Eu vou correndo para lá. Mas a gente não se deve aproveitar dos outros, deve estar prevenido do seu. E vosmecê me encha ahi um quarto de restillo e me córte duas toras de fumo de mascar.

« Dito e feito, atirei-me para o caminho. O sol

já estava escondido e os vagalumes começavam a correr no ar parado, mas perdiam o seu serviço, porque a lua estava esclarecendo tudo. Principiei a cortar por uma picada, que encurtava a distancia e sahia no campinho, onde ficava do outro lado a casa da festa. A areia estava mais quente ahi dentro que no meio do campo; um grande calor me tomava o corpo; andei, andei, os lagartos corriam estremecendo o matto, de vez em quando um pica-páo n'um tronco de madeira secca batia as horas da tarde. Não havia viva alma, e eu com a pressa de chegar comia poeira que era gosto. Só parecia que encontrava o terço acabado e a Chiquinha, me largando de esperar, com seu par fixo para toda a noite. Pernas para que te quero! A cabeça, porém, não estava muito boa; parecia me estalar dos lados, e do estomago me subia de vez em quando um enjôo.

Lá no fundo da matta havia uma aberta e me parecia que um vulto caminhava para mim. Não dei importancia ao sujeito e disse commigo: — Ha de ser o filho do Zé marinho, que se recolhe, porque o pae não o deixa ir á festa. De repente, ouço um assobio fino que vinha de detraz. Pensei: — É algum camarada que se vae divertir e me chama. Voltei a cabeça e não vi ninguem. Assumptei de novo, nada. Continuei a andar... Outro assobio me passava, cortando os ouvidos, outro, outro; de toda a parte se apitava, do fundo do matto, da bocca da estrada, por cima das arvores. — Que

bandão de corujas por esta noite... Ha de ser agouro.—Tive assim um arrepio de frio, e para me socegar, quiz me valer do encontro com o filho do Zé marinheiro. Mas olhei firme para a frente e não vi ninguém. — Onde se metteu o diabo do pequeno? — Os assobios iam me rodeando sempre, eu já estava com a cabeça tonta, o coração me batia a galope. Outra vez vi o pequeno na minha frente; reparei bem, porque elle estava perto e vi que não era o filho do portuguez — A modo que não conheço este caboclinho. Nós estávamos assim a umas cem braças um do outro, quando o pequeno se sumiu de novo. Os assobios de coruja não largavam. Eu resmunguei: — Que faz esse sujeitinho que desaparece de vez em quando? Isto não é coisa boa. — E elle torna a surgir. Então gritei com voz de susto, bem alto para intimar o cabra: — Olá, amigo, que conversa é essa? Você anda me fazendo visagens? — Não digo nada; bocca, para que falaste? A mattaria toda passou a assobiar como demonio, e eu comecei a ficar apavorado com a matinada. O caboclinho estava agora a umas dez varas de mim. O sangue me fervia, a cabeça me queimava. Não digo nada; o certo é que avancei para o pequeno com raiva de cego — Ah! seu diabo, tu me pagas. — Armei o páo para cima... Mas quando eu me vi, estava seguro pelos pulsos. — Larga! berrei — O caboclinho com oltos de sangue me encarava — Larga! — e eu sempre seguro. Fiquei como um

garrote ferroadado. Avancei para o cabra com mais zanga do que quando me atraquei com o Antonio Pimenta, uma feita n'uma vaquejada. Lembrei-me de quanto boi valente deitei por terra, e agora alli zombado por um caturra! Nós luctámos para baixo, para cima; eu dava de cabeça na cara do bicho, mettia-lhe os pés na canella, e elle sempre duro, o mal encarado! Com o cabo de poucos minutos, eu ouvi um berro de estrondo, um berro de onça; ah! pensei que o malvado me deixava. Mas foi peor, porque outros berros se repetiram, caitú vinha batendo queixo, gatos bravos miavam; ouvicascavel tocar seu chocalho... Com poucas eu estava no chão com o caboclo em cima de mim. Toda a bicharia se agitava no matto e caminhava para nós; as arvores mesmo se curvaavam me abafando, os gaviões desciam, os urubús cheiravam minha carniça... Eu senti um medo molle e abandonei as forças, Comecei a tremer de frio, o suor me alagava a roupa, e eu disse: — Vou morrer, meu S. João. E os olhos se me fecharam como de morto... Levei um tempão desaccordado, sentindo os bichos me rodeando, commandados pelo endiabrado... Depois tudo foi cahindo no socego; os meus pulsos estavam desembaraçados: um grande calor me fervia o corpo; abri os olhos devagarinho... tudo parado... tudo tinha desaparecido, a lua era clara como dia. Eu estava afadigado de tanta lucta... a lingua estava secca e dura que nem de papagaio. Abri bem os olhos,

e não vi mais nada, nem o caboclo, nem os bichos brabos. Mas tive então um grande medo e tratei de abalar d'alli. Passei a mão em roda de mim, caçando minha garrafinha de restillo e as tóras de fumo. Para espertar não ha melhor que um gole de canna e uma masca... Mas não encontrei nada; cacei, cacei. Nada. Puz a excogitar que toda a pendenga que o caboclo me fez, foi para me bater a garrafa. Velho tio Pereira me veio á cabeça com suas palavras: — Curupira te assombra. Para tu te veres livre, dá, logo que o avistes, cachaça e fumo. E eu vi que n'aquella noite tive trabalho com curupira. Levantei-me de um pulo. Quiz correr para a ramada da Maria Benedicta, o samba devia estar acceso áquella hora. Olhei para a frente e a estrada ia acabar longe, muito longe. Tive medo de novo encontro. Voltei para traz; vinha como preto bebado, cáe aqui, cáe acolá; sahi no campo esbarrando com o gado; os olhos me ardiam, todò o meu sangue batia para saltar de dentro, a bocca estava grossa, eu trazia uma sêde de jaboti,.. mas lá vim assim mesmo navegando até á porta do rancho. Não tive conversa, atirei-me vestido na rêde que com meu corpo sacudia como uma canôa no Boqueirão.

« Dei por mim quando ouvi falar alto na porta. Era a voz de meu tio com o Formoso. Elles abriram a tramella e um clarão da madrugada alumiou o quarto.

— São horas, Joca. Levanta d'ahi,

Quiz me erguer, mas as forças não acudiam. O velho segurou no punho da rêde que estava balançando, meu corpo tremia dentro como si houvesse uma dansa de todos os meus ossos. Meu tio mandou o Formoso abrir a porta e a janella. Ficou como dia. Elle poz a mão em cima de mim e eu abri os olhos cheios de fogo. E meu tio Pereira, sem mais aquella, resmungou zangado:

— Eu não te disse? Apanhaste a maldita. Quem te mandou tomar banho cançado e aquella hora?

Não respondi. Tive vexame de relatar ao velho que era assombração de curripira.

Depois da narração os colonos ficaram scismando vagamente. Cada qual remontou por instantes aos principios da sua vida, e as recordações do passado encheram-lhes a alma de sombras e saudades.

Felicissimo achou que era tarde e os convidou a se recolherem, sendo o primeiro a erguer-se do chão. Os outros levantaram-se bocejando — um principio de somno chegava como uma ~~laxidão~~ — espreguiçaram-se satisfeitos, seduzidos pela idéa de um suave repouso. Do rio Doce e da floresta vinham murmurios ~~bravos~~ e os colonos em silencio interpretavam esses sons da noite, ou como vozes ~~acentos~~ das mães d'agua, cubiçosas do amor hu-



mano, ou como ruidos das vagabundagens tenebrosas dos currupiras errantes.

Já no dormitório os trabalhadores resonavam sobre os colchões estendidos no chão; e Joca ainda se remexia inquieto, sem poder dormir. Era uma noite em claro que elle passava; tinha a garganta secca, sentia por vezes a pelle a arder, e não achava agasalho na cama fôfa e tranquillã. A evocação da terra natal alli no meio da floresta do rio Doce, extranha a seus olhos e sentimentos, fazia-o remontar aos quadros da sua vida passada no logar do nascimento, n'esses campos de Cajapió, varios e inconstantes, cuja mobilidade se transmittia á alma plastica dos homens ahi formados. No Espirito-Santo sentia-se Joca em terra alheia; os montes o apertavam, os desfiladeiros o suffocavam de terror, e então uma saudade o transportava para a longa planice onde vivêra: ~~ella~~ via no verão o pasto todo morto; o amor violento do sol trazia o vasto campo fendido e cortado em ~~bloccos~~, sem um fio verde; por toda a parte a secura e com ella a morte. Nem uma gotta d'agua; o deserto arido e triste, e sobre elle, passando como uma serpente ~~infinita~~, o caminho feito pelo pé do homem ou pelo rasto do animal... Nos dias claros, sem nuvens, quando todos supplicam a chuva, e horizonte se confunde com o céu. Outras vezes, nuvens descem quasi a tocar a terra, o sol rubro

/mas,

84 U

||| frag-  
mentos/interm-  
na

9

Vad. pg 244

Blocs e' puro francez

as tinge, as miragens se formam estreitando o círculo visual, tudo se encerra n'um espaço limitado o viajante caminha para ellas, se afastam inatingíveis, fazendo evoluções como um exercito em campo aberto. E assim a mobilidade do céo amenisa a esterilidade fixa da terra... Nem uma gotta d'agua para refrescar ao menos a vista. De espaço a espaço passa um boi faminto, esqueletico, movendo os ossos n'um ruido desconhecido e surdo... Varas de porcos vão fossando a terra, comendo as cobras que se estendem lubricas e felizes ao sol... Manadas de gado se apresentam no horizonte, como que surgindo subitas do chão, galopando loucamente, farejando o ar, doidas, sedentas, passando n'um turbilhão como um cyclone, levantando o pó tranquillo que, perturbado no seu repouso, as segue, envolvendo-as, sufocando-as, implacavel, veloz e como uma columna de fogo...

Não se recorda de essas emigrações de animaes teve um arrepio e um impeto para se erguer do colchão, onde se revolvia agitadamente. E sempre a terra, a visão da planicie o perseguia. Agora, era depois das primeiras chuvas sobre o campo. Uma manhã lá no Cajapió (Joca se lembrava como si fôra na vespera) accordára depois de uma grande tormenta no fim do verão. A madrugada estava orvalhada, mas serena, e elle se erguera de sua rêde para vêr o tempo. Um grande tapete de verdura fresca e humida parecia

x e uma pequena cidade  
 na Maranhão



apagou o campo, um ou outro ponto apparece como ilha e n'ellas o gado está amontoado. Em um grande lago manso transformou-se aquillo que fôra mezes antes o deserto ardente e fero. Sobre elle repousam os grandes nenuphares, as multiplas plantas aquaticas verdes, largas, vogando como passaros. A vida mudára : descançava na cocheira o cavallo e Joca sonhava-se a empurrar a canôa, reflectindo-se o seu vulto espigado á flôr silenciosa das aguas...

Milkaun'esse tempo scismava, emquanto o somno o não arrebatava para o esquecimento. Elle tinha saboreado as lendas ouvidas aos tropeiros e parecia ~~que tinha~~ arregaçado o véo que cobria a alma d'aquelles homens, e desfructado deliciosamente as paizagens distinctas de cada espirito e os panoramas longinquos que foram os quadros da infancia de cada povo gerador. Nas lendas allemãs Milkau via passar o Rheno, como um grande rio sagrado, que foi o centro e o nervo do mundo germanico, todo cheio de encantamento, e cujas louras nymphas eram as espumas das proprias aguas. ~~Elle~~ ~~via~~ os quadros recuados no tempo e os quadros novos da epocha medieval, bruxas, cavalleiros andantes e castellos. Todo o idealismo da raça estava alli, e ~~este~~ ~~que~~ nascêra nas aguas do rio, creando phantasias e mythos, mantinha-se inalteravel; os novos deuses latinos, penetrando no

Tan...  
H...  
est.

5/4 5/  
a-ke/  
terH

Joc  
H

H

seu espirito ~~se transformaram~~ em divindades bar-  
 baras, as suas santas eram aquellas mesmas fadas  
 do Rheno e os santos os velhos deuses sombrios  
 e batalhadores... Na lenda do curupira outro  
 mundo se descortinava, que era toda a alma do tropeiro  
 maranhense. Alli estavam a matta tenebrosa,  
 as forças eternas da natureza que assombram e  
 cujo symbolo era essa divindade errante que  
 anima as arvores, que sacode do torpor tropical  
 as feras ou que protege a natureza, intimidando  
 o homem, seu perpetuo inimigo. Ella espanta,  
 vinga-se e beneficia, ~~transforma~~ <sup>reveste</sup> se em mil figuras,  
 em creança maligna, que é a sua encarnação prefe-  
 rida, em animal ou vegetal, conforme a astucia ou  
 a força o exigem... Milkau sentia n'aquellas legen-  
 das o encontro dos varios aspectos dos feitiços, e  
 cada um traduzia os instinctos, os desejos, os habi-  
 tos diferentes dos homens. Mundo encantado e  
 mysterioso, esse das almas dos povos! O verdadeiro  
 philosopho, pensava Milkau, será aquelle que co-  
 nhecer as origens, não só da historia ou da soci-  
 edade, mas de uma alma isolada, aquelle que tiver  
 o segredo de ponderar os espiritos, de desvendar  
 nas cellulas cerebraes as remotas sensações vitaes  
 dos povos e que possuir a intuição para distin-  
 guir na intelligencia de um homem a dosagem  
 perfeita do extranho precipitado da treva com a  
 pureza, do odio ingenito de uma raça com o amor  
~~de~~ de outra. E Milkau ia lentamente ador-  
 mecendo, feliz e socegado n'aquella bemfazeja

M  
12

reveste

V.  
 Formas  
 vestidas  
 e não  
 transformadas  
 são de  
 Jene et de  
 Alacade  
 e de Odri-  
 es. Invenções  
 estas, e sabe  
 pertencem a  
 fadas, que  
 transformam  
 e pertencem  
 geminoso e  
 para uso de  
 fadas e g-  
 mas orga-  
 mentos

insito

V substitui insito por organico, porque  
 habemte por extant a natureza. Insito, ab-  
 do pelo Latino Cello e outro pelo Horacio  
 Bernartus, e dignifico o que uti simplificado  
 pelo nativum, no organismo, no animo, e

noite tropical, no meio de homens primitivos, no seio de uma nova terra suave e forte; e o que era scisma da vigilia se ia pouco a pouco transformando no puro sonho em que elle entrevia n'um horizonte illuminado, surgindo docemente, uma nova raça, que seria a incognita feliz do amor de todas as outras, que repovoaria o mundo e sobre a qual se fundaria a cidade aberta e universal, onde a luz se não apague, a escravidão se não conheça, onde a vida facil, risonha, perfumada, seja um perpetuo deslumbramento de liberdade e de amor.

Lentz ~~se~~ esforçava<sup>se</sup> por dormir e ~~se~~ debatia<sup>se</sup> inutilmente para afastar os tumultuosos pensamentos que lhe galopavam na cabeça. As visões accumuladas nos ultimos dias de travessia da matta persistiam em toda a sua força. Ora, sentia-se esbraseado com o sol que inflammava ~~as~~ ~~as~~ e lhe queimava o sangue; ora, sentia-se passar pela sombra humida da floresta cuja exuberancia e vida se ~~permeavam~~ deliciosamente até á sua alma; ora, era o rio immenso, pujante que corria para elle, impellido por uma força d'esse poder mysterioso que animava as moleculas mais intimas de todo aquelle mundo novo. E Lentz via por toda a parte o homem branco apossando-se resolutamente da terra e expulsando definitivamente o homem moreno que alli se gerára. E Lentz sorria com orgulho na perspectiva da victoria e do dominio de sua raça. Um desdem pelo mulato, em que elle expri-

*Tudo*

*inhavam H*

mia o seu desprezo pela languidez, pela fatuidade e fragilidade d'este, turvou-lhe a visão radiosa que a natureza do paiz lhe imprimira no espirito. ~~Todo~~ <sup>u/</sup> elle era agora um sonho de grandeza e triumpho... <sup>//forma</sup>  
 Aquellas terras ~~seriam~~ o lar dos batalhadores eternos, aquellas florestas seriam consagradas aos cultos temerosos das virgens ferozes e louras...  
 Era tudo um recapitular da antiga Germania. Elle percebia no seu cerebro exaltado que os allemães ~~jam vir,~~ <sup>chegariam</sup> não em pequenas invasões humildes de escravos e traficantes, não para lavrar a terra para recreio do mulato, não para mendigar a propriedade defendida pelos soldados negros. ~~Elles viriam~~ <sup>/// v</sup> agora em grandes massas; ~~tapores~~ <sup>a/</sup> ~~immensos~~ <sup>galerias</sup> e numerosos os desembarcariam em todo o paiz. <sup>/// v</sup>  
~~Elles viriam~~ n'uma ancia de posse e de dominio, com sua aspera virgindade de barbaros, em cohortes infinitas, matando os homens lascivos e loucos que alli se ~~formaram~~ <sup>cri</sup> e macularam com suas torpezas a terra formosa; elles os eliminariam com o ferro e com o fogo; elles se espalhariam pelo continente; fundariam um novo imperio, ~~se~~ <sup>revigorando-se</sup> eternamente na força da natureza que dominariam como uma vassalla, e senhores, e ricos, e poderosos, e eternos repousariam para sempre na alegria da luz... Mas no sonho de Lentz, sobre as náos que velejavam, sobre os exercitos que caminhavam, uma massa immensa e preta marchava no céu qual uma nuvem conductora, e depois se transformava n'uma figura extranha e agigantada,

cujos olhos penetrantes desciam do alto, envolvendo as terras e os homens com uma força invencível e magnetica. Então Lentz viu pairar sobre a terra do Brasil a aguia negra da Germania...



## IV

Na manhã seguinte, Milkau e Lentz muito cedo estavam admirando o lugar. No seu passeio approximaram-se do rio Doce, que, depois de se fatigar em curvas de reptil por entre os brandos contornos da terra maravilhosa do Espirito-Santo, alli se desdobrava a perder de vista. As grandes chuvas dos dias anteriores tinham enchido fartamente o rio, sobre cujo dorso luzidio e dormente a brisa perpassava volatil, estremecendo n'um leve arrepio a humida superficie. Era a unica quebra da immobibilidade. A omnipotente amplidão das aguas engoliu as margens, devorou a vegetação das praias, das arvores cujos galhos outr'ora pendidos como chorões simulavam sorver a agua, e agora quasi submersos tingiam n'uma orla verde o cinzento perola do rio. A cheia domina toda a paizagem, avassallando com singular grandeza o perfil da matta, crivada de clareiras, e a timida linha de

Dr. Lentz



tos da natureza, que por esses perfidos e doces venenos cujos segredos ella possui, nos acorrenta á vida, para martyrisar-nos ao seu sabor.

— Mas a vida é mais natural do que a morte, o prazer mais do que o soffrimento... É tu emprestas á natureza uma consciencia que ~~ella não possui~~. Ella não existe como entidade, distinguindo-se pela vontade. A nossa superioridade sobre ella, tu sabes, está exactamente n'essa consciencia que é nossa, que percebe as suas leis, as suas fatalidades e nos obriga a tomar o caminho mais seguro para a harmonia geral. E hoje, aqui situados n'este mundo, que começa ainda virgem de sacrificios, temos de tirar o verdadeiro sentido da nossa excepcional situação. Adormeçamos as tristezas do nosso passado, já que não podemos apagal-as de todo, e á vida nova se abra-para nós como um sonho realiado.

*She  
falta.*

— E eu tambem vejo aqui a terra immaculada com as suas grandes energias de felicidade, e n'ella viverei para vêr reconstruida a cidade antiga, forte, dominadora, que, saltando pelos seculos de humilhação, venha renascer aqui, n'este grande scenario...

— A esperança, disse Milkau a sorrir, se apodera de nós e nos arrebatá para o futuro... Não é verdade que somos felizes?

Pela linha da praia que a enchente tornava apenas uma vereda comendo o matto, continuavam elles o passeio. Muitas vezes tinham de abandonar

o caminho e cortar pelas picadas, dentro da vegetação; outras passavam aos pulos, de pedra em pedra. E riam com essa gymnastica, abandonados á sensação agradável da fresca manhã e á volupia das illusões. Por longo espaço o panorama era immutavel; mas o que havia de monotono não fatigava, porque a vastidão das aguas, a sua opulencia, eliminava o enfado, como que alargando o espirito n'um conforto amplo e bemfazejo.

— Hoje, disse Milkau quando chegaram a um trecho desembaraçado da praia, devemos escolher o local para a nossa casa.

— Oh! não haverá difficuldade, n'este deserto, de talhar o nosso pequeno lote... desdenhou Lentz.

*Para* — ~~Quando~~ mim, replicou Milkau, uma ligeira inquietação de vago terror se mistura ao prazer extraordinario de recommear a vida pela fundação do domicilio, e pelas minhas proprias mãos... O que é lamentavel n'esta solemnidade primitiva é a intervenção inutil do Estado...

— O Estado, que no nosso caso é o agrimensor Felicissimo...

*9* — Não seria muito mais perfeito que a terra e ~~as suas coisas~~ fossem propriedade de todos, sem venda, sem posse?

*11 partes* — O que eu vejo é o contrario d'isto. É antes a venalidade de tudo, a ambição, que chama a ambição e espraia o instincto da posse. O que está hoje fóra do dominio, amanhã será a preza do homem. Não acreditas que o proprio ar que escapa

á nossa posse, será vendido, mais tarde, nas cidades suspensas, como é hoje a terra? Não será uma nova fôrma da expansão da conquista e da propriedade?

• — Ou melhor, não vês a propriedade se tornar cada dia mais collectiva, n'uma grande ancia de aquisição popular, que se vae alastrando e que um dia, depois de se apossar dos jardins, dos palacios, dos museus, das estradas, se estenderá a tudo?... O sentimento da posse morrerá com a desnecessidade, com a suppressão da idéa da defesa pessoal, que n'elle tinha ~~o seu repouso~~.

— Pois eu, ponderou Lentz, si me fixar na idéa de converter-me em colono, desejarei ir alargando o meu terreno, chamar a mim outros trabalhadores e fundar um novo nucleo, que signifique fortuna e dominio... Porque só pela riqueza ou pela força nos emanciparemos da servidão.

— O meu quinhão de terra, explicou Milkau, será o mesmo que hoje receber; não o ampliarei, não me abandonarei á ambição, ficarei sempre alegremente reduzido á situação de um homem humilde entre gente simples. Desde que chegámos, sinto um perfeito encantamento: não é só a natureza que me seduz aqui, que me festeja é também a suave contemplação do homem. Todos mostram a sua doçura íntima estampada na calma das linhas do rosto; ha como um longinquo afastamento da colera e do odio. Ha em todos uma resignação amorosa... Os naturaes da terra são expan-

/// a sua  
quinta  
de.

—

sivos e alviçareiros da felicidade de que nos parecem os portadores... Os que vieram de longe, esqueceram as suas amarguras, estão tranquilos e amáveis; não ha grandes separações, o proprio chefe troca no lar o seu prestigio pela espontaneidade niveladora, que é o feliz genio da sua raça. Vendo-os, eu adivinho o que é todo este paiz — um ninho de bondade, de olvido e de paz. Ha-de haver uma grande união entre todos, não haverá conflictos de orgulho e ambição, a justiça será perfeita; não se immolarão victimas aos preconceitos abandonados na estrada do exilio. Todos se purificarão e nós tambem nos devemos esquecer de nós mesmos e dos nossos ~~prejuizos~~, para só pensarmos nos outros e não perturbarmos a serenidade d'esta vida...

No encaço d'elles uma voz clamava, tirando-os da divagação :

— Mas então que fugida foi essa ? Para onde se botam ?

Voltaram-se, como si despertassem, e viram a cara triangular e interrogativa do agrimensor, que vinha quasi a correr.

— Bom dia, disse Milkau, agarrando com entusiasmo as duas mãos de Felicissimo, que se atirava a elle n'um gesto festivo e bondoso.

— Pregaram-me uma peça... Accordo, visto-me n'um pulo, vou procural-os para um dedo de prosa, e os meus amigos já tinham azulado...

— Tivemos pena de accordal-o, pois havia um

*Felicissimo*

grande silencio na casa quando sahimos. E, distrahidos, viemos até aqui.

— Pois eu, insisti o agrimensor, puz-me á caça de vocês, farejei aqui e acolá, e fui bem feliz em ter virado para esta banda... E nem tomaram café, nem nada...

— Não acha, disse Léntz, melhor desistirmos d' ~~elle~~ e aproveitarmos o tempo para um passeio ~~mais~~ *isso* mais longo?

— Seja. Voltaremos ao barracão á hora do almoço... Porque não aproveitamos para ver ~~esse~~ o lote de que hontem lhes falei?

— De que lado fica? perguntou Milkau.

— Aqui mesmo n'esta direcção.

E Felicissimo, olhando rapidamente para os lados, concluiu orientado :

— Aqui devemos estar no lote vinte, mais ao menos; andemos um pouco, um kilometro, e eu lhes mostrarei o numero dez.

Felicissimo tomou a frente, ~~seguido pelos outros,~~ caminhando um a um na estreita beirada. A conversa ia-se ~~fazendo~~ *fazendo* em vozes altas, seguia imprevista, sem sequencia, aos saltos e trambolhões. E o sol que se desprendia das nuvens, transformava com violencia o ~~reponado~~ *reponado* quadro da manhã nevoenta. Inundado ~~brusillamente~~ *brusillamente* de amarello, o rio chammejava em ouro, como si fosse toda a grande e incandescente massa do sol derretida, correndo sobre a Terra.

— Estão cançados? gritou Felicissimo.

*// des-  
fia*

*// Sac-*

*g  
// em-  
provisa-  
mente*

— Que juízo faz de nós? perguntou Lentz.

— É por causa do caminho, porque realmente tomámos pelo peor; si tivéssemos vindo por cima, tudo ia bem... Oh! diabo!

O agrimensor n'um falso movimento metteu o pé n'agua, saltando ligeiro para deante. Lentz que o seguia, recommendou-lhe cautela. Algumas vezes tinham de se abaixar para se desviarem dos galhos e dos arbustos, outras era preciso ~~aguentar~~ ~~galhos~~ com a mão. O agrimensor divertia-se em gritar para traz, de instante em instante: Galho á direita! Aguenta! — Com a mão ~~segurar~~ o ramo, e quando via este ~~passado~~ pelo companheiro, largava-o. As vezes era precipitado, e uma lambada forte e farfalhante batia no rosto ou no corpo do vizinho. — Cuidado! implorava este a sorrir. E assim foram até que, em frente a um atalho, Felicissimo enveredou por este, á direita, e virou-se para os immigrants, tomando um largo folego.

— Arre! Que brincadeira! Nunca pensei que o rio estivesse tão cheio. Agora cortemos por aqui, que vamos ~~sahir~~ mesmo dentro do lote.

Passando para a ligeira sombra do matto e caminhando pela picada, que não era muito batida nem destocada, iam vagarosamente, evitando os tropeços e as pôças d'agua.

Lentz, calado, suspirava bocejando. — Tudo aqui será uma grande difficuldade, pensava elle; não ha estradas, não ha a menor sombra de conforto, tudo é agreste e selvagem. Não é melhor

/// segu.  
rad-  
/// sob-  
tinha  
/// apan-  
hado

c/



que eu desista de fazer esta vida de colono, e me enterre ahí n'um armazem de commercio, onde o caminho já esteja aberto e tudo aparelhado pelos outros? Realmente, que loucura ~~arrar-me~~ *sem* n'esta campanha contra a natureza inculta! Não é preferível toda e qualquer outra vida a esta? Não é?... E os seus olhos descançaram em Milkau, que lhe sorria como um bemaventurado.

— Que delicioso deserto! dizia-lhe este, ao penetrarem mais e mais no matto espesso.

— É pena que a estrada não seja melhor para gosarmos desembaraçados este passeio, respondeu o outro quasi tímido, receioso de deixar transparecer o seu desalento.

— Oh! descança, que havemos de abrir caminhos por tudo isto; limparemos as estradas, prepararemos o terreno; e matando a solidão, levantaremos uma habitação risonha, que nos recompense... Não é verdade?

— Aqui não falta em que trabalhar, cortou o agrimensor. Em geral, os colonos não querem fazer nada, limitam-se á sua casa, ao seu terreno e esperam que o governo se mexa, que lhes dê estradas, pontes e tudo mais... E que não se faça! Lá vaé uma queixa por intermedio do Roberto ou de qualquer outro figurão ao governador, e, sabe, a politica se mette no meio, e nós estamos a levar carões todos os dias.

— Imagino que o senhor deve ter muitos aborrecimentos, disse complacente Milkau.

*da*

— Não faltam amofinações. Agora mesmo, tenho um officio do inspector, mandando o engenheiro informar a respeito ~~de uma~~ representação dos colonos sobre uma ponte que está com o madeiramento estragado. Creio mesmo que já cahiram uns páos; nós pedimos verba e, como de costume, o inspector não se importou com o que disse o pessoal; os colonos porém, que são matreiros, foram á fonte limpa, e Roberto arranjou com elles um « nós abaixo assignados », que mandou para a Victoria; o governador se assanhou logo, com medo das eleições, mandou o papel ao inspector, que por sua vez o mandou para cá, ao engenheiro, a fim de fazer o orçamento das obras... Isto leva ainda um rô de tempo... E a minha vingança é que quando vier o dinheiro, será muito pouco, porque o tempo não descança, o páo vae apodrecendo dia a dia, e é preciso fazer a ponte de novo. Lá vem outra vez segundo barulho...

— E n'este tempo que recurso têm os moradores, si a ponte cahir? perguntou inquieto Milkau.

— Ora, muito simples. Botam uma pinguela de lado a lado e vão vivendo. Sou um seu creado, e estou me ninando para o governo, inspector e toda essa récuá...

A zanga do agrimensor era d'essas que passam á medida que é espriada n'um desabafo de linguagem. Immediatamente depois, elle tinha esquecido tudo e voltava á sua jovialidade. Andaram mais um pouco pela picada e sahiram ~~vertical-~~

mente ~~o~~ um caminho mais largo e mais limpo. *sem*

— Está aqui o lote que lhes recommendo, disse Felicissimo, andando mais uns passos pela nova estrada.

Os outros olharam um mattagal cinzento, com as arvores crescidas e todo tapado pela vegetação, que era forte e traduzia a fertilidade do solo. Não viam nada de lado a lado : a vereda fôra aberta em plena matta e tudo era encerrado n'uma sombra ~~fría~~ e calida. *limpido  
sima*

Ficaram mudos e como ligeiramente apavorados pelo recolhimento das coisas e como si uma sensação de isolamento, de separação do mundo os mortificasse por instantes. Felicissimo, em cujo espirito trefego e intempestivo o silencio não tinha abrigo, impacientou-se por uma resposta, accrescentando :

— Este lote é muito bom ; vejam que terra..... cada páo de respeito... É preciso um pouco de trabalho, não nego. Depois do roçado, o que não é nada, a difficuldade está na limpa... Vocês, porém, fazem um arranjo com a turma, e elles acabam isto n'um abrir e fechar de olhos... Oh ! Ha de ser um gosto !

— Aqui estamos bem, concordou Milkau, a quem uma onda de illusão sacudia o torpor da instantanea cobardia.

— Estou por tudo, disse Lentz arrastado, e dissimulando a divagação dos seus outros pensamentos. *cf'*

E apoiou-se negligentemente a uma sucopira.

O agrimensur olhou a arvore.

— Faz pena, disse compassivo, botar tudo isto abaixo.

— Eu, por mim, acudiu Milkau, levado pelo mesmo sentimento, preferiria um lote onde não fosse preciso esse sacrificio.

— Não ha nenhum, respondeu Felicissimo.

— O homem, notou Lentz a sorrir com ar de triumpho, ha de sempre destruir a vida para crear a vida. E depois, que alma tem esta arvore? E que tivesse... Nós a eliminariamos, para nos expandirmos.

E Milkau disse com a calma da resignação :

— Comprehando bem que é ainda a nossa contingencia essa necessidade de ferir a Terra, de arrancar do seu seio pela força e pela violencia a nossa alimentação; mas virá o dia em que o homem, adaptando-se ao meio cosmico por uma extraordinaria longevidade da especie, receberá a força organica da sua propria e pacifica harmonia com o ambiente, como succede com os vegetaes; e então dispensará para subsistir o sacrificio dos animaes e das ~~coisas~~. Por ora nos conformaremos com este momento de transição... Sinto dolorosamente que, atacando a Terra, offendo a fonte da nossa propria vida, e firo menos o que ha de material n'ella do que o seu prestigio religioso e immortal na alma humana...

Emquanto os outros se batiam em ~~palavras~~,

*assem discursavam*

Felicissimo, no seu amor ingenuo á natureza, mirava as velhas arvores, e com a mão meiga lhes festejava os troncos, como ~~as ultimas~~ ~~partidas~~ dadas ás victimas no momento do sacrificio. Dentro da matta penetrava o vento da manhã e nas folhas passava brandamente, levantando um murmurio baixo, humilde, que se escapava de todas as arvores, como as queixas surdas dos moribundos.

— Então, que decidem? perguntou aos outros o agrimensor.

Os immigrants concordaram de bom grado em ~~se~~ estabelecer no terreno indicado.

— Fazem muito bem, porque esta situação é admiravel para o café, e, além disto, é muita commoda aqui, á beira da estrada.

— E vê-se bem o rio? indagou Lentz.

— Sem duvida : é só desbastar o matto, ahi está á vista o estirão d'agua.

— Será uma delicia uma casinha n'este bello lugar, commentou Milkau n'uma irradiação de intimo bem estar.

— Hão de ver... E agora toquemos para o barracão; são horas do almoço. E hoje mesmo voltaremos com os homens para a medição.

Puzeram-se a caminho, alvoroçados com os varios sentimentos que os trabalhavam. Na estrada falavam alto, espantando os passaros dormentes e sacudindo do voluptuoso lethargo os calangos, que

a-  
10/0 // af  
fagos

N.  
Americas-ha  
das. Das-  
sur. O  
som e  
angosta  
de com-  
paração  
Tambem  
nao me  
parece  
feliz.  
Cumpri  
prezente  
respeit-  
tado.  
Sacrificios  
na milha  
dao norte  
locos de  
tor. Deu,  
Dizer  
"que se  
desfazer  
de todo as  
arvores,  
dura-  
mente,  
como de  
grandes  
dos mor-  
ribundos"

E ficou tam-  
bem ~~com~~ o n de qua-  
ravel (que e muito for-  
te para os bicos) substituindo  
por a de deflexão

se escapuliam pelas folhas seccas, n'uma musica de chocalho.

*caloroso!*  
Chegados ao barracão, foram logo para o escriptorio, e ahi, em frente ao grande mappa dos terrenos, o agrimensor mostrou-lhes a posição do prazo escolhido, continuando nos mesmos elogios, e, ao mesmo tempo, molhando uma penna em tinta encarnada, marcou o lote com uma cruz, á semelhança dos outros que já tinham sido concedidos. As folhas dos requerimentos eram formulas impressas, e em uma d'ellas Milkau teve de encher com as indicações especiaes de identidade os pontos em claro. Isto feito, os dois companheiros entregaram a petição assignada, pagaram as custas da medição e da planta, e foi esta a unica formalidade para a entrega do prazo, pois, graças á condescendencia do chefe, Felicissimo punha e dispunha das terras a distribuir. E eis como, pensava Milkau, toda a complicada engrenagem do Estado, com *custoso!* ás suas repartições publicas, os seus innumerous funcionarios, afinal se concentra nas mãos reduzidas de um humilde agrimensor, que de facto é o senhor absoluto d'esses bens publicos.

— Vamos á boia, que já vae ficando tarde e vocês devem estar dando horas, pois ainda não puzeram nada no alforge, disse Felicissimo passando a mão espreguiçada no hombro de Lentz.

Este furtou instinctivamente o corpo como para não ser esmagado pelo gesto da intimidade.

Os trabalhadores já rodeiavam a mesa prepa-

*V* Engrenagem foi impellido pelo Camello e ali como um pulo Lactino; mas o termo portuguez que elle empregou é entrosagem; pensa e que o esqueçam pelo francez, que é dis-pensavel!

rada pobremente para o almoço, quando os outros entraram na sala. A refeição a principio correu ruidosa : todos estavam expansivos pela fome e pelo começo da familiaridade.

Para o fim, Felicissimo passou a entristecer ; uma subita preocupação ~~se~~ apossou d'elle, e por mais que luctasse para disfarçar, não pode resistir e cahiu n'uma scisma profunda. Isto espalhava na mesa uma leve melancolia, que refreava a expansão. Mal acabou o almoço, os homens da turma, habituados a essa afflicção intima do agrimensor, e que era o prenuncio das medições dos lotes, retiraram-se do barracão, d'onde o semblante do chefe carregado de sombras os expellia mais depressa. No terreiro cercaram um barril d'agua, em que mergulharam as mãos, esfregando depois as caras com estrepito, bufando. O bocal do barril era pequeno para tanta gente, e os homens rindo disputavam entre si a precedencia. Uma alegre algazarra se formou ; cada qual esmurrava o companheiro, arrastava-o no meio de amaveis insultos, rindo sem saber de que, mas alvar e gostosamente.

— Vamos ! aviem-se, gritou Felicissimo. E á voz de commando a alma obediente dos homens serenou e todos em ordem terminaram a ablução. Depois armaram-se com os instrumentos e ferramentas e puzeram-se em marcha na frente. Felicissimo com os novos colonos ia atraz. Por vezes, no caminho, Milkau cortezmente procurou con-

versar com o agrimensor, que, soturno, se mettia comsigo, mal respondendo ás perguntas. Então seguiam em silencio, ruminando os seus pensamentos, abrasados pelo calor do sol, que mesmo no matto coberto era abafadiço. Houve um momento, depois de andarem bastante, em que Felicissimo deu voz de alta.

Todos pararam mecanicamente.

— E aqui que temos de abrir o rumo.

Os trabalhadores começaram a desatrelar os instrumentos e os seus apetrechos accessorios. O agrimensor os acompanhava com uma compenetração religiosa, e foi com certa sofreguidão que viu abrir-se uma caixa e d'ella ~~retirar~~ retirar um instrumento, que recebeu em suas mãos com febril ansiedade. Pediu ~~um cavalleto em fórma de tripode~~ que um homem lhe apresentou rapido, e sobre aquelle passou o agrimensor a atarrachar o instrumento. Havia uma calma grave em todos, e o moço cearense entregava-se á sua tarefa com extrema attenção. Depois de algum tempo, tomou posição com o seu ~~THEODOLITE~~, e ordenou a tres trabalhadores que seguissem pela frente da estrada com ~~os marcos, que eram~~ balisas pintadas em zonas brancas e encarnadas. E virando-se para Milkau e Lentz, disse com solemnidade :

— Não sei si os senhores conhecem. Isto é o theodolito. Estupenda invenção! Dispensa grande trabalho para levantar as plantas. Hoje fazemos medições emquanto o diabo esfrega o olho, por-

*Instrumento que se usa de  
quadro, considerado bastante empregado  
hoje. Está com os aqui muito commum -  
tudo pelo engenhos e outros yac-  
tem turcos.*

60

tripé

OH

instru-  
mento

as H

un

Fi-  
rute  
hum  
em  
dubit-  
tivar  
tempo  
pó-  
gama  
engord  
ros, pa-  
nem,  
j' com  
teu,  
d'ju-  
rom-  
que  
term-  
com-  
te a  
tripé-  
ca u

vag tri-  
pe, que  
não conhecem.



que, como sabem, é a combinação do nível e da altura : toma-se um angulo horizontal e um angulo vertical ao mesmo tempo... Grande invento! Sem elle não sei como me arranjaría!

Os novos colonos conheceram pasmos um novo Felicissimo } não sorriram. O agrimensor calou-se  
ainda mais solemne e entregou-se todo ao instru- *porém!*  
mento; mirava na objectiva, abaixava-se, erguia-  
se para espiar por cima, voltava a rectificar as  
lentes, torcendo-as ora de mais, ora de menos,  
sempre com insuccesso. Já o tomava a angustia  
de não acertar, mas ora teimava em seus movi-  
mentos, ora abandonava o apparelho e ia miral-o  
de longe. Voltava ao instrumento, tornava a agei-  
tal-o, espiava outra vez e sempre o mesmo resul-  
tado negativo. Em roda faziam um tímido silencio  
os trabalhadores, que conheciam esse momento  
terrível do theodolito. E só n'elles Felicissimo se  
transformava, a ponto de insultar e espancar os seus  
homens. Cada um o temia e instinctivamente se  
ia afastando do apparelho perturbador, com medo  
de algum desabafo. E a afflicção do agrimensor  
n'aquelle dia redobrava á vista de Milkau e Lentz,  
para quem ~~ella~~ preparava a scena da sabedoria. *///*  
O sol esquentava; no chão os pés queimavam;  
um suor frio e extenuante alagava o agrimensor.  
O tempo ia correndo, sem resolver-se a medição, e  
para Felicissimo, atado em sua angustia. parecia  
interminavel.

— Ah! disse aos hospedes. Elle tem hoje o

diabo no corpo: não consigo vêr nada. Com certeza foi quebrado por algum d'esses miseráveis.

*// encar* E ~~o~~ estava raivoso o grupo dos trabalhadores, que agradeciam com os olhos a presença dos novos, evitando maiores consequencias da colera do chefe.

N'este tempo os homens das balisas estavam fatigados e começavam negligentes a oscillar os marcos.

Felicissimo arremessou-se ao primeiro :

— Oh! seu ordinario, eu logo vi que era você que não me deixava pôr em ordem o theodolito, afastando o páo da linha.

O homem ~~se~~ desculpou, *↖ ↗* dizendo que arreiára o marco quando o chefe já não estava no aparelho. Felicissimo ficou colerico, mas a ancia e a vergonha do insuccesso não davam forças á sua ira. Ao contrario, enfraqueciam-no, tornavam-no gago, murcho. Voltou ao instrumento, e agora definhava no desespero de conseguir qualquer observação. Uma grande tristeza se apoderou d'elle; Milkau com pena, disse-lhe :

— É melhor deixarmos isto para amanhã. Hoje está muito quente... Almoçámos bem, tinhamos andado antes, o senhor está fatigado. Deixe para amanhã com a fresca. E, depois, quem sabe? O theodolito póde estar quebrado, e em casa mais á vontade o desarma para vêr.

— Sim, é melhor. Com certeza ha alguma coisa ahi dentro... Mas para não perdermos tempo, si

fizéssemos a medição com a fita?... E um systema atrazado e de que não gosto, mas emfim, si o aparelho está quebrado, não ha remedio.

— Com certeza.

— Guarde isto, ordenou Felicissimo a um homem, apontando desdenhoso para o instrumento.

Os trabalhadores ~~miravam-se~~ todos com ar intelligente. Cumpria-se a velha e costumada comedia do theodolito. Elles sabiam bem que o agrimensor, em mais de duzentas medições, não conseguira trabalhar com o maldito instrumento, que sobre elle exercia uma influencia satanica, lhe alterava o character, o punha fóra de si e era causa d'esse terror cujos prenuncios lhe sombreavam o espirito desde o fim do almoço. Á medida que o theodolito ia desaparecendo na caixa, a alma de Felicissimo se ia libertando da angustia, e o seu jovial humor o retomava francamente, apagando os traços da agonia scientifica.

*entrou  
olha -  
rom-se*

— Estes mulatos... dizia em aparte Lentz a Milkau.

E como o agrimensor se aproximasse d'elles, desinteressado do theodolito, o allemão parou, disfarçou, alteando a voz, um pouco sarcastico :

— Vamos á fita!

A medição fez-se como sempre. As medidas foram tomadas na fachada da frente do terreno e nos fundos dentro da matta : postes fincados nos quatro angulos assignalavam o lote adquirido pelos dois immigrants. Faltava, porém, abrir o

rumo que separasse de lado a lado este quinhão de terra, dos outros. Milkau dirigiu-se a Felicissimo e perguntou-lhe si podia contractar com os homens esse serviço para aquella hora mesma. O cearense objectou que a planta não estava tirada.

— Não seja essa a duvida, disse Milkau, os marcos estão collocados e o rumo irá sendo aberto com as balisas e medidas rigorosas. Nós tomamos a responsabilidade de abrir novo rumo, si este não sahir de accordo com a planta.

O agrimensor bondoso e serviçal acquiesceu, e Milkau ~~se~~ entendeu<sup>u</sup> com os homens. Momentos depois, os trabalhadores estavam a derrubar o matto; a principio ~~elles~~ iam escolhendo, para cortar, os pequenos arbustos, ladeando quando se encontravam com uma arvore mais robusta, ainda receiosos de ~~se~~ ~~trabalho~~ do trabalho. O rumo ia sahindo acanhado e torto. Mas quando miraram o serviço feito, os homens como que despertaram da sua instinctiva preguiça e estimulados á vista dos extranhos se atiraram duramente á derrubada. O machado cantava com energia no amago dos troncos, e derrubadores em grupo combatiam ao mesmo tempo uma pobre arvore. Havia uma raiua, uma furia hysterica de destruição, e em pouco tempo estavam completamente alheios a tudo e entregues á sua vertigem malvada. O ferro não descançava nos braços sempre em movimento, n'um compasso vagaroso. Ouvia-se cahir o machado des-

accommetter  
o

locando o ar e arrancando um ronco forte dos robustos peitos dos devastadores. Quando estes encontravam um páo mais duro, redobravam de ardor, o suor lhes escorria, o golpe era tirado bem do chão, e no impulso furibundo o ferro penetrava tanto que, para ~~desprender~~ o homem tinha de fazer um esforço desesperado. Iam para adiante, agora harmonicos e regulares. A pequena fadiga fazia bem aos seus membros herculeos, e a alegria se lhes espraiava nos rostos congestos. Não mais roncavam com a ancia dos primeiros movimentos; agora, habituados ao exercicio, serenavam, distrahiam-se, e das ~~suas~~ boccas rudes deixavam sahir os velhos cantos amados. Joca fôra o primeiro a soltar a voz. Os allemães instinctivamente o imitaram e cada um em sua propria lingua cantava versos bebidos na fonte natal. O mulato maranhense dizia as saudades do seu coração, tudo o que mais amava com as intimas energias do seu ser humano. E cantava n'um tom que era um longo soluço :

Adeus, campo, e adeus, matto,  
 Adeus, casa onde morei!  
 Já que é forçoso partir,  
 Algum dia te verei.

Era o grande acontecimento, o drama da sua vida esse abandono da terra natal. E elle o cantava sem attender a ninguem, cravando mecanicamente o machado nas arvores. Em outros momentos

/// Sacal  
2/

/// 2

abandonava esse queixume, e dos seus labios inconscientes sahiam versos de outro character :

Vi o teu rasto na areia  
E puz-me a considerar :  
Que encantos não tem teu corpo,  
Si o teu rasto faz chorar !

*subtil e caprichosa*  
N'esta imagem tão  ~~fina e tão superior~~ de um sentimento animal, Joca se expandia em gritos voluptuosos. Perpassava na cadencia e no pensamento da estrophe o fremito da luxuria meiga e doce de toda a sua raça.

*que se / am*  
A esta solitaria voz brasileira se juntavam os accentos fortes e musicaes das vozes allemãs. Ellas cantavam em côro, e os versos que diziam eram echos das tabernas do paiz germanico; e por um momento alli mesmo, em plena selva tropical, os immigrantes sonhavam-se pela suggestão das cantigas, ~~reunidos~~ a beber, ~~alegres~~ e ruidosos : « Die alten Deutsche trinken noch ein, noch ein... » (os velhos allemães bebem mais um, mais um). A derrubada do rumo proseguia mais activa e mais alegre. Os echos recolhiam as rimas singulares das duas raças, que se casavam no ar n'uma união extranha...

*rosas*  
Teu rasto faz chorar...  
Noch, noch ein...

*com*  
Milhaes, havia uns dias, no alojamento dos immigrantes, ~~deixado~~ embebido na contemplação ~~de~~ correr

*de beber*

*deixavam*

o tempo, <sup>sem</sup> e não se decidia a começar essa vida, architectada pelo seu coração em longo sonho.

Uma piedade indefinida deante do sacrificio da matta o entorpecêra. Sentia que um pouco da belleza e do esplendor da terra ia morrer. E Milkau vibrava com a recordação de todo o soffrimento que o homem tem causado no mundo, passando indifferente sem ouvir o gemido do mar rasgado, a queixa da floresta ardente, o estremecimento do ar cortado, por toda a parte destruindo como um fatal portador da morte a integridade da fôrma. E em roda d'elle a vida em tudo : na terra geradora, na mulher que elle ama, no pó que pisa. Tudo vive, tudo tem uma voz, uma alma na harmonia eterna do universo... Mas, ainda assim, Milkau perdoava ao homem. Comprehendia a fatalidade do seu destino e resignava-se, n'uma subordinação indiscutivel e indefinida, á necessidade.

Amanhecia, quando se chegou a Lentz, e disse resolutamente :

— Temos de queimar o matto.

A idéa do fogo chammejou no espirito do companheiro. Pouco depois, os homens ~~(separado)~~ reunidos todos penetraram na floresta com um recolhimento sacerdotal, de quem vae cumprir os ritos de cultos infernaes. N'um dos angulos da matta lançaram fogo á primeira moita, que lhes pareceu mais resequida. Antes que a labareda apontasse para o alto as linguas ardentes, rubras, rapidas, uma fumaça grossa se desprendia do

? está  
percebo  
vibrar  
e bran-  
do, e ver-  
do, que  
tambem  
significa  
mostrar. E  
nesta ultima  
parte que  
o impugna-  
do, mas si  
claro no  
sistema.  
Vibrar, tem  
um signi-  
fica. Das  
com. abra-  
ca, tambem  
aque. mas  
accipiter.  
//







taboca estalava nas chammas. O fumo crescia e subia ao ar rubro, incendiado; os estampidos redobravam, as labaredas esguichavam, enquanto a fogueira circumdava n'um abraço a moita de bambús. A cem metros de separação, os colonos cavavam sempre. Farto de devorar a carne dura do bambual, o fogo desafogou-se, e celere, e lepido, foi veredeando por um atalho, ~~atirando~~ <sup>atirando</sup> os arbustos, que se erguiam á margem, até chegar ao aceiro. Já os homens n'um esforço immenso se tinham adeantado. As chammas ~~se~~ <sup>se</sup> abeiraram da valla e, deante do espaço aberto e intransitavel, ~~se~~ <sup>se</sup> detiveram e se espalharam para a direita e para a esquerda, continuando a sua obra.

Os colonos e trabalhadores semi-mortos voltavam á casa, logo que se reconheceram senhores do perigo, invenciveis sacrificadores da terra.

A' noite, da varanda do barracão, quando as estrellas em rythmo moroso parecia caminharem no céo, Milkau chamava na sua imaginação a vinda dos tempos sem violencia, e os outros miravam n'uma diabolica satisfação a matta esbraseada se estorcer nas agonias do incendio.

## V

A felicidade de Milkau era perfeita. Tinha limitado o inquieto desejo, apagado do ~~seu~~ espirito as manchas da ambição, do dominio e do orgulho, e deixado que a simplicidade do coração o retomasse e inspirasse. Trabalhava mansamente no quinhão de terra que occupava. A sua pequena habitação, erguida no silencio da matta, era humilde como as outras dos colonos ; nada existia alli que fosse a traição de um gosto refinado, ou uma pequena consolação da volupia. Apenas, quebrando a uniforme monotonia rustica, o quarto de dormir de Milkau impressionava como uma capella ardente de amor, de veneração e de saudade. Estava povoado de retratos, como veladores Penates que o homem transporta nas suas migrações sobre a terra. Ahi se viam pessoas da familia, essa mãe, quasi filha, com grandes olhos de dôr e supplica perenne, o pae illuminado por um sorriso de martyr, e a mulher, creança que amára quando ella

passára deante dos ~~seus~~ olhos, transfigurando-se  
 para morrer. Os ~~olhos~~ eram retratos das grandes  
 figuras humanas, poetas, amorosos, soffredores.  
~~Elle~~ com essas imagens ~~que~~ Milkau vivia na  
 communhão ~~feliz~~ e religiosa, que dá a alegria  
 perpetua e que enche o vazio do isolamento, ~~Elle~~  
 se sentia amparado por um fluido de esperança,  
 de resignação, que, emanado do amor e das lem-  
 branças, o envolvia, ~~de modo~~ uma armadura in-  
 vencível. E a vida, dentro d'esse quadro (lhe sorria) fa-  
 como uma deslumbrante resurreição. O trabalho  
 pelas proprias mãos (lhe dava) a sensação positiva a-  
 da sua dignidade humana. ~~Se~~ seus olhos procura-  
 vam em torno o mundo para onde elle se queria  
 dirigir n'um forte desejo de afeição, ~~sentindo-se~~  
 feliz e engrandecido, não pelo que tinha feito, mas  
 pelo que aspirava fazer.

Pouco a pouco, Milkau se espraivava em relações a-/  
 com o grupo colonial do rio Doce. Achava um  
 encanto em conviver com essa gente primitiva,  
 que o recebia sem desconfiança, e que ia se  
 deixando infiltrar da sua cordura e meiguice.  
 Sem orgulho de intelligencia, se conformava, elle  
 com todas as lições que lhe davam os antigos  
 e experientes colonos sobre as coisas da lavoura.  
 Vendo-o assim attento, mais lhe queriam os cam-  
 ponios, ~~que~~ não atemorizava com a sua educa-  
 ção, e em sua presença tinham instinctivamente  
 uma attitude cheia de sympathia e respeito. Milkau  
 estava destinado a ser pouco a pouco a figura cen-

// G  
 // mais  
 // G  
 // intrinsecas  
 // a-/  
 // dotando

e-  
 sem lembrar H-

// a-/  
 // a-/  
 // a-/  
 // que

tral d'aquella região; e, sem reparo, os colonos iam absorvendo o seu immortal prestígio, como a terra bebe imperceptivelmente as finas gottas do orvalho até ficar saciada.

Ao contrario do seu companheiro, Lentz vivia triste, n'um intimo e reservado desespero. A vida que tomára, era para elle uma grande humilhação, torturando-o essa pungente agonia de praticar a existencia condemnada pela idéa. Ficára alli ao lado de Milkau, incapaz de abandonal-o, ~~effe~~ às seducções do camarada, que eram o estímulo para a agitação do seu pensamento. O caracter fraco trahia a audacia do sonhador, e a bondade do sentimento entorpecia-lhe as maldades grandiosas do seu idealismo. E assim inactivo, paralyzado, caminhando na doce sombra de Milkau, elle, o creador da força, o apóstolo da energia, se completava na contradicção, como um verdadeiro homem.

Para se distrahir, e dar um pouco de fadiga aos nervos, Lentz se encarregava-das viagens, das compras da casa, e sentia uma expansão de alegria quando atravessava solitario as montanhas em silencio e sobre ellas dava grandeza aos seus sonhos de vida. Outras vezes caçava, extenuando-se e acalmando-se, n'um esforço tenaz e porfiado. Era então que lhe succedia encontrar no matto o vizinho taciturno que passára, na tarde da sua chegada, defronte do barracão. Sempre calado, desdenhando qualquer conversa, o velho allemão agil, energico, seguia qual uma visão primitiva, cercado da sua

*immortal*

*sonho*

*Marshall  
lado*

ardega matilha, cujos cães o festejavam aos saltos ou iam á sua frente, de orelhas cahidas, farejando o chão.

Uma tarde, Lentz voltava de Santa Theresa, trazendo a noticia de que no dia immediato haveria uma festa em Jequitibá. O novo pastor celebrava o seu primeiro serviço religioso com o concurso dos pastores de Altona e Luxemburgo. Em Santa Theresa e nas casas de colonos por onde Lentz passára, todos se preparavam para essa diversão. Milkau, que se queria identificar com os habitos da nova sociedade a que se consagrava, resolveu ir ao Jequitibá. E na madrugada seguinte, os dois amigos partiram, marchando sempre por um caminho de montanhas.

Raras vezes a paizagem transmittira a Milkau uma emoção maior do que n'aquelles terrenos altos. Estava elle todo possuido ~~pelo~~ <sup>do</sup> espirito da ascensão e sua alma escalára tambem as regiões silenciosas, placidas e vastas do infinito. Sob a transparencia crystallina do firmamento, a terra intumescida parecia, á hora do amanhecer, sahir de si mesma, e querer ~~se~~ <sup>se</sup> levantar para o céo, para o espaço, n'um soberbo movimento de força e desespero. E tambem as essencias mysticas, que ainda viviam em Milkau, n'aquelle instante de exaltação e vertigem, levavam-no a desejar attingir a eternidade e dissolver-se no infinito.

Quando já se avizinhavam do Jequitibá, iam pelo caminho encontrando colonos a pé ou montados, formando caravanas. Familias e grupos ininter-

ruptos enchiam as estradas. Todos ~~viavam~~ radiantes, excitados pela fresca da manhã e pela esperança do prazer em sociedade, pois havia muitos mezes que não se abria a capella, e os colonos não se reuniam desde essa epocha; era com uma alegria de recémchegados que se saudavam mutuamente. Alguns passavam a galope, e esse ardor, communicando-se aos outros, então era de vêr a carreira folgazã de toda a gente pelos caminhos. Quanto mais perto da igreja, mais a multidão se engrossava. Em certos pontos havia necessidade de ~~demorar~~ o passo para não se atropelarem, e tomavam ~~uma~~ rythmica marcha de precissão. Os dois amigos, depois de algumas horas de viagem, ao sahirem de um caminho coberto, descortinaram a capella do Jequitibá.

~~Esta~~ ficava-lhes á frente; os olhos ~~d'ella~~ abrangiam todo o panorama claro, feito de uma dourada luz e de pèquenas elevações, como ondas regulares, brandas e fixas de um oceano manso. Pela encosta do morro que vae ter á capella, via-se a subida dos pygmeus. A multidão, desemboccando alli de toda a parte, parecia borbulhar de dentro da terra. Ao longe, a capella branca, rodeiada pela multidão que fervilhava, que ondeava, era como uma presa arrastada vagorosamente por um formigueiro.

Acharam-se ~~depois~~ á base da collina, e, seguindo ~~allos~~ subiam por uns degráus de madeira fincados na terra e que muito espaçados chegavam

*7*

*11 ter*

*os dois amigos*

*Pygmeus. tão en- tendo*

*os dois amigos já na*  
*os mais colonos,*

até ao alto, á casa do pastor, que era no fim da egrejinha. Á medida que galgavam, iam vendo viajantes que chegavam em bestas, aprear-se e amarrar os animaes nas estacas, passando-lhes o embornal. O cimo, onde ~~estava~~ a capella, formava uma esplanada, e n'ella a massa de gente se remexia, acotovellando-se. Um vozear confuso enchia os ares e turbava Milkau e Lentz, já tão descansados e entorpecidos na solidão bonançosa. Mas logo se habituaram, e entretiveram-se, emquanto a capella se não abria, em mirar o povo.

Era uma grande ~~massa~~ de colonos da região. Alguns estavam alli havia trinta annos, e a sua pelle era amarella, encolhida como pergaminho; outros ainda ~~eram~~ louros e jovens. Trajavam as suas melhores roupas, o que ~~havia~~ ~~representava~~ uma mistura de modas de muitas epochas, conservadas religiosamente em trajes que se não acabavam mais. Cada uma das mulheres ainda tinha o seu vestido segundo o uso do momento em que deixára o paiz. O vestido largo, de cintura curta e babados, o corpinho fino, esguio, as crinolinas, as rendas, o casaco severo, as toucas de seda, os simples pannos brancos envolvendo a cabeça, o chapéo de velludo, trajes aldeãos, trajes de cidade, ~~davam-se uma entrevista~~ nas serras do Espirito-Santo, como si fosse uma revista retrospectiva de modas, ou a combinação phantastica de um baile de mascaras.

— Só isto paga a viagem, disse Lentz gra-

*re venam H*

*ficava*

*2*

*aguniam: ardo H*

*///*





— Não ; fiquemos aqui e acompanhemos esta boa gente. Nós nos divertiremos vendo divertir-se os outros.

— Mas, francamente, elles podiam se divertir de outra fórma. Essa religião...

— Ella é veneravel como toda e qualquer outra.

-- Haverá um tempo em que o homem ha de enterrar com os antepassados o culto que elles nos legaram. Tudo será esquecido. E o homem viverá sem terror.

Milkau fitou muito calmo o amigo. Esteve um instante calado, hesitando si devia responder. Afinal disse :

— O espirito religioso é irreductivel. Para destruil-o é preciso que o homem explique o universo e a vida; e o conhecimento, por mais que se alargue e avance, não ~~exgota~~ <sup>exgote</sup> o mundo dos phenomenos. A marcha da sciencia no nosso espirito é como a nossa na planicie do deserto : o horizonte foge sempre, é inatingivel á medida que caminhamos. Além, além, ha sempre o desconhecido e o culto que o idealisa; e o culto, seja do que fôr, de um deus ou de uma abstracção, como a que divinisa a sociedade humana, é inseparavel do homem. Elle é a expressão da nossa emoção immorredoura, do nosso eterno pasmo no universo ou a exaltação do nosso amor, e é sempre uma força salutar, divina.

Defronte d'elles, no começo da ladeira do morro, tres homens chegavam, esporeando com força os animaes, que subiam arquejantes. Quando

se apearam, Milkau reparou n'elles e notou que eram os mais bem vestidos de todos. O mais velho era um sujeito de cabeça grande, meio barrigudo, de monoculo escuro e costeletas; o outro, muito joven, moreno e imberbe, ~~enquanto~~ o terceiro ~~era~~ no ~~seu~~ rosto claro, com uma moldura de barba castanha, um ar de fadiga e preguiça. Lentz teve curiosidade de saber quem eram. Um dos vizinhos ~~lhes disse~~ serem as auctoridades do Cachoeiro.

Com effeito, era o triumvirato judiciario da comarca. Fitando-os, percebia-se que sentiam a consciencia de uma posição superior. Olhavam os colonos como uma massa amorpha e subordinada, e o velho de monoculo, empertigado, esperava solemne, silencioso, os cumprimentos. Dois ou tres homens da cidade, rompendo a agglomeração, se acercaram d'elles / muito prazenteiros; outros, mais afastados, lhes tiraram o chapéu, muito reverentes e pressurosos de se recommendar. Por contagio e por instinctivo signal de respeito dos humildes colonos, os cumprimentos se propagavam e d'ahi só se viam as cabeças abaixando-se na direcção dos magistrados, que correspondiam desdenhosos.

O sol já esquentava muito, e sob os seus ardores a impaciencia crescia. Todos olhavam as portas cerradas da capella, praguejando contra o habito de os deixarem de fóra. Os homens tiravam o chapéu, limpavam o suor e muitos cobriam a cabeça

// vere-  
fic

e  
// abron-  
tava

// in-  
tor-  
now

/,

com o lenço. As moças atavam tambem o seu ao pescoço, emquanto mulheres velhas agitavam as saias, refrescando-se com estrepito. Abafava-se e murmurava-se. Alguns se esgueiravam para as escassas sombras das paredes; um grupo para se proteger do sol apertava-se debaixo de um misero arbusto, os animaes bufavam, espanavam-se com os rabôs, triturando surdamente o milho.

A multidão se impellia lentamente para as portas, n'um movimento inconsciente de quem ia forçal-as. Mas estacava, empurrando para traz, para adeante, zumbindo, e espalhando o calor de corpo a corpo. A porta afinal se abriu, e foi uma invasão alvoroçada na capella sombria e fresca!

Milkau e Lentz conseguiram logar n'um dos bancos de madeira, e ahi ~~depois~~ observaram a singeleza do interior, que bêm se casava com a simplicidade externa. Não havia a menor pretensão de enfeite; na brancura das paredes estavam inscriptos versiculos da biblia; no centro, o pulpito baixo, de madeira não envernizada, e ornado de listas alvas cheias de palavras santas em negro, ao fundo uma cruz preta com um sudario branco pendente.

— Muito triste, muito nú, como sempre, dizia em surdina Lentz ao camarada. O tom protestante é plebeu, inesthetico; mil vezes uma igreja catholica, com a sua pompa, as suas cerimoniaes de finas expressões symbolicas.

Milkau ~~concordou~~, com um aceno de cabeça.

*Assentiu...*

*Milkau -  
c,*

Em volta d'elles outras conversas proseguiam em voz baixa.

— Ainda o não viu? perguntava uma velha, alludindo ao novo pastor.

— Não, respondia outra. Ha muito tempo que não ando por estes lados. E onde você o viu?

— No armazem de Jacob Müller, outro dia. Parece uma pessoa muito de bem.

— Tambem si não fosse, para que lhe darmos o nosso dinheiro?

— Ah! isso você sabe, não ha remedio sinão darmos. Não fomos nós que encomendámos um pastor a Roberto? Seja como fôr, temos de o aguentar.

Depois do descanço do primeiro momento á sombra, recomeçava a impaciencia, que se esforçavam por conter, mas que se percebia nos bocejos, nos movimentos de pernas e de braços. Não tardou, porém, que um accorde de harmonium soasse, chamando todos á respeitosa continencia. A multidão ~~se~~ apaziguou <sup>se</sup> e o instrumento continuou a cantar os solos, como murmurios de piano e de flauta, seguidos de um acompanhamento mysterioso de vozes multipas, infinitas. A musica ~~se~~ infiltrava nos nervos dos ouvintes e os amansava mollemente. Milkau vibrava. A musica enchia ~~a~~ <sup>ella</sup> alma capaz de sentir os mais intangiveis e deliciosos segredos do som e de se transportar além de si mesma, perdendo a propria essencia na mais copiosa e allucinadora emoção. Musica!... Que conjuncto de sensações não se accumularam desde as remotas almas pro-

Não alcança  
bem o sentido  
deste ~~o~~ <sup>o</sup> ~~sentido~~  
Diz, Falar, ignorar  
o homem quem  
vibra com  
19 - ~~o~~ <sup>o</sup> ~~sentido~~  
tambem neste  
sentido do  
m'outro que  
se mantida com  
pregante? o  
nervos? o  
estudo

genitoras, que rios de sangue não correram de paes a filhos, longamente, carregando as vibrações recolhidas em cada cellula, dolorosas, lentas, trabalhando, afinando o mundo dos nervos, até emfim formar-se no homem a derradeira das suas almas, a alma musical!... E enquanto o orgão no alto da capella cantava, lá ia Milkau, tomado pela saudade, carregado nas harmonias, á sua vida primeira. Era n'uma igreja de Heidelberg, na terra antiga, no passado... E Milkau, ~~agora~~ de olhos cerrados, não percebia mais as fronteiras do sonho e da realidade. Tudo se confundia extranhamente... Elle vê uma figura de mulher, que entra na sombra silenciosa e brandamente vae sentar-se. Os olhos d'ella embem-se na Biblia e sobre esta os seus cabellos cáem n'uma chuva de ouro, como uma benção e uma luz do céu illuminando o livro santo. Musica tambem lá em Heidelberg : uma melodia phantastica, angelica, enche a igreja. Musica! Canta a mulher que Milkau amou. Um sonho dentro de um sonho ; ~~na floresta~~ de um templo, enquanto ella, recolhida, mystica e crente, entoava hymnos, elle, debaixo das harmonias, escrevia poemas sagrados, porque escrever é cantar com a penna... Musica!

Cessou o orgão na capella do Jequitibá. Milkau teve um ligeiro sobresalto e despertou. Os seus olhos meio attonitos descançaram em uma joven, que parecia entretida em vê-lo dormir. Milkau ficou indeciso um instante... Continuava o sonho, ou era aquella mulher a sua visão realisada? Parecia-lhe

/che

ms de  
leite  
eneja-  
vel

já ter visto em outra vida aquella mesma cabeça de macios e crespos cabellos de infante, com a mesma suave e meiga expressão. E ella o olhava vagamente distrahida // quando reparou que era examinada, moveu-se, curvando o pescoço devagarinho sobre o peito, n'um gesto de recolhimento de ave mansa. //, e

Subia ao pulpito o novo pastor, cercado pela curiosidade do povo. Era um homem alto, com uma barba fulva, que lhe cahia sobre o casaco preto, em rico contraste. Pelas mãos callejadas, pela côr vermelha do aspero rосто, pelo accento da voz, pelas phrases, Milkau reconheceu n'elle um camponez; e voltaram-lhe á memoria as observações de Lentz sobre o protestantismo, que sempre entendeu como uma religião secca e simples, aquella que mais se liga ao judaismo pela austeridade, pelo rigor excessivo de seu monotheismo, uma religião rustica, cujos melhores interpretes eram homens rudes, violentos e radicaes. Na scisão da Egreja cada uma parte ficára com a massa dos espiritos que lhe era propria e peculiar; a gente do norte inculta, barbara, independente, ~~se~~ <sup>be</sup> revoltára naturalmente contra os civilisados, nos quaes o catholicismo se desenrola como um successor natural do paganismo, astuto, elegante e pomposo. *força*

N'uma toada humilde e timida, o pastor ia desenvolvendo o seu allemão religioso. O seu primeiro contacto com os colonos era uma crise, e, em vez de continuar desembaraçado o sermão,

elle se detinha a examinar o povo, a reflectir sobre si e os seus embaraços, e muitas vezes parava distraído, outras ia tropeçando para adiante. Os ouvintes desinteressavam-se da atrapalhada e vagarosa prédica e se preocupavam com o prégador e sua familia. m-

Ao lado de Milkau um homem explicava a uma mulher que bisbilhotava a respeito de duas outras que se viam no côro da capella :

— Aquella mais magra e morena...

— Tem cara de judia...

— Sim... mas me parece muito boa pessoa... É a mulher do novo pastor.

— Ah! E a outra é que é a irmã d'elle?

— Quem vê um, vê outro. A cara não engana.

— E de onde as conhece?

— D'aqui mesmo. Outro dia vim preparar a horta, que estava toda abandonada... Agora se póde vê; creio que o pastor tem gosto pelas plantas. A irmã se interessa por tudo. a- /

— E Frau Pastor?

— Não sei, pareceu-me uma alma penada em casa.

— Pobre! Então, que lhe fazem?

O colono não respondeu, porque vendo que as suas palavras eram recolhidas pór outros ouvidos da vizinhança, volveu concentrado e hypocrita á sua Biblia.

Na tribuna o pastor ia rolando o sermão, procurando com vão esforço esquentar-se, tentando



vociferar e clamar a religião. A sua voz logo esmorecia e cahia na morna toada.

Do outro lado, em frente a Milkau, estava Felicissimo, muito nervoso, a fazer signaes de impaciencia. O cearense arregalava os olhos para os seus amigos do rio Doce, sacudia ~~fora~~ a cabeça n'um gesto de contrafeita resignação, e em caretas successivas transformava a sua movel physionomia. Lentz não poude deixar de murmurar com um certo desdem a Milkau, que seguia complacente o agrimensor. — Que macaco! — O grupo dos magistrados tambem não estava resignado ao enfado da cerimonia. Sentaram-se os tres juntos n'um banco, ao lado do púlpito, e enfrentavam solemnes a multidão; o mais velho, que era o juiz de direito, não se cançava de gesticular; ora tirava o lenço, enxugando a testa que se franzia em grandes rugas, ora limpava o monoculo que, mal assestado ao olho direito, cahia logo, obrigando-o a repetir indefinidamente os movimentos; ao seu lado o promotor crispava as mãos, aborrecido, e de labios cerrados, agitava a perna, suando muito, fitando com desprezo e rancor o pastor e os colonos; o terceiro, o juiz municipal, coçando a barba por desfastio, n'um grande abandono, se espreguiçava no banco, estirando as pernas, e bocejando; ás vezes, murmurava alguma coisa, ao juiz de direito; e este, pondo machinal o monoculo para melhor entender, sorria benevola e cavalheirosamente.

V, enfrentavam solemnes a multidão, com que accção está a analogia enfrentar? Ficar ou estar na frente, frente ou afrentar insultar, arrestar? — não logrei - verdadeiros antich. Enfrentar não é usado de anteir sole notas que na sacra

Os allemães, cheios de respeito, não se moviam; concentravam-se recolhidos ao livro de orações, ou de olhos fechados voltavam-se para o abysmo vazio do seu espirito, que elles miravam absortos e suspensos, sem a menor vibração intima, sem um pensamento.

E o tédio envolvia a capella, até que o novo pastor terminou a prédica, e a musica do orgão, as vozes das cantoras vieram n'uma desabafada desforra levantar os animos. Os tres pastores se reuniram no fundo da egreja e leram successivamente os psalmos; a musica foi suspensa um instante, para recommençar um côro a que o povo respondia. O velho pastor de Luxemburgo, com a cara toda raspada e de oculos, tinha uma voz rouca, que se ia apagando; emquanto o pastor de Altona, com uma barba muito curta e dura, espraiaava o seu ar desabusado e insolente. No meio dos dois o novo pastor de Jequitibá, muito grande e de olhos meigos, tinha uma attitude de gigante timido. Em breve acabou o serviço religioso; os pastores sentaram-se, vendo o povo retirar-se em ordem, lentamente, tangido pela musica, levando cada um o echo longinquo dos cantos. Fóra, todos ficaram deslumbrados com o sol e se apressaram em partir. Os burros foram desamarrados, os embornaes vazios embrulhados e escondidos debaixo da sella, e d'ahi a pouco homens e mulheres montavam, descendo toda a massa de gente pelo morro abaixo, como uma represa de agua escura que se tivesse aberto sobre

a verdura da paisagem. Escorregando vagarosamente, ninguém se apressava, com receio de um perigoso atropelo. E a grande vozeria de commentarios, de galhofas, as grandes gargalhadas e gritos festivos rebentavam das mil boccas da multidão, matando a tranquillidade da região silenciosa. Milkau e o companheiro vinham-se tambem arrastando, partilhando da alegria e esquecidos de si para se misturarem na communhão alli formada pelo acaso e pelo impulso communicativo. Em baixo, na cruz das estradas, o povo começou a debandar; alguns tomavam a deanteira, galopando na estrada e envoltos na poeira, outros corriam mesmo a pé; as mulheres arregaçavam as saias de cima por economia, e cobriam com ellas as cabeças, emquanto os homens se descalçavam, levando nas mãos as botinas ou os chinellos. E a gente ia-se escoando pelos caminhos, procurando as suas casas, ou as tabernas proximas, onde costumava passar o domingo. Milkau voltou-se, sentindo um toque no hombro. Era Felicissimo, que lhe falava de cima de um burro.

— Bons olhos os vejam... Ha quanto tempo não nos avistamos! E para onde se botam agora?

— Para a casa, naturalmente, respondeu Milkau.

— Pois eu lhes proporia.....

— O que? perguntou Lentz, interrompendo.

— Irem á casa de Jacob Müller, onde ha um grande baile á noite, e já agora de dia começa o pagode.

9 partilhando  
a alegria  
e esquecidos  
de si para  
se misturarem  
na communhão  
alli formada  
pelo acaso  
e pelo impulso  
communicativo.  
Em baixo,  
na cruz das  
estradas,  
o povo começou  
a debandar;  
alguns tomavam  
a deanteira,  
galopando na  
estrada e  
envoltos na  
poeira, outros  
corriam mesmo  
a pé;  
as mulheres  
arregaçavam  
as saias de  
cima por  
economia,  
e cobriam  
com ellas as  
cabeças,  
emquanto  
os homens  
se descalçavam,  
levando nas  
mãos as  
botinas ou  
os chinellos.  
E a gente  
ia-se  
escoando  
pelos caminhos,  
procurando  
as suas  
casas, ou  
as tabernas  
proximas,  
onde  
costumava  
passar  
o domingo.  
Milkau  
voltou-se,  
sentindo  
um toque  
no hombro.  
Era Felicissimo,  
que lhe  
falava  
de cima  
de um burro.

— Mas não tivemos convite.....

— Oh! isto é uma conversa... Aqui na colonia não ha convites. Em se sabendo que ha uma festa, a gente não tem mais que se apresentar, porque isso tambem faz parte do negocio...

— Que negocio? interrogou Milkau.

— Que negocio? repetiu o agrimensor, respondendo. Então não sabe? O sujeito arranja a festa com olho de fornecer a comida, vender muita cerveja e tudo mais... Ora, vamos d'ahi. É verdade que estou montado, e não podemos ir juntos... Mas não ha difficuldade; o caminho é este da esquerda, vae descendo, depois torna a subir e, quando chega no alto, vocês têm um pequeno pouso com uma venda; passem pela frente, tomem á direita, e vão seguindo sem se desviar. Quando toparem um sobrado branco com um terreiro, é ahi. Não ha confusão: a casa está em festa e vocês a reconhecem logo.

Os dois amigos ~~se~~ consultaram <sup>se</sup> com o olhar, meio indecisos; mas Lentz não demorou em responder:

— Pois sim, iremos.

— Assim é que eu gosto da rapaziada, disse radiante o agrimensor, que não tem historia nem massadas. Falou-se em patuscada, não engeita. Bem, eu vou indo... vou na frente, mando guardar tres logares na mesa para nós... Temos muito que desenferrujar...

E apontava com a mão livre a lingua. Depois,

tomado de uma repentina excitação, passou a fazer tregeitos inconsiderados com a cabeça, a rir muito. « Até logo! » Picou o burro com vehemencia, deu-lhe chicotadas, gritou para a frente, e ~~se~~ foi <sup>de</sup> n'um galope, espantando os colonos com os berros e a correria. Os outros executaram as indicações do cearense e foram andando apressados pela estrada.

No alto estava realmente a venda, onde já se agglomeravam muitas pessoas, formando grupos differentes, todos alegres. A taberna era limpa, bem arrumada e com duas portas largas. Dentro, encostados ao balcão, os allemães bebiam, em geral, cerveja fabricada no Cachoeiro, e alguns tomavam cachaça; algumas mulheres de varias edades se agruparam aos homens, e entre todos se trocavam saudações e offerecimentos amaveis de bebida. A dona da casa e uma filha, moça e loura, de um louro lavado em que uma rosa traduzia a eterna faceirice da mulher, serviam lestes os freguezes. Fóra, uma grande latada corria pelo oitão da casa e na sombra larga debaixo do caramanchão, sentadas ás mesas toscas, ~~almoçavam~~ almoçavam e eram attendidas pelo dono da casa.

— Como esta sombra convida a descançar! disse Lentz, fatigado do sol.

— Podemo-nos demorar aqui um pouco, e fazer a caminhada mais á vontade, concordou Milkau.

— Não... Si não estás morto, continuemos,

*fami-  
liar*

porque receio, uma vez em casa, não tornar a sahir por este sol!

E lá se foram, deitando um olhar de cobiça ao caramanchão ruidoso, onde o verde das folhas entrançadas nas grades formava quadro para as côres simples, alacres dos vestidos das mulheres.

*V.*  
*Alacres e alacres. tive que ir D. não trarem; mas tem origem latina, alacres, eris. Temos a lacrima; poder vir de alacres de que, exp. tendo, e o siron- cor.*

No caminho, viram muita gente que tomava o rumo da casa da festa. E quando chegaram á lombada de um morro, avistaram em baixo d'agua veloz, e á beira o sobrado onde se percebia, mesmo de cima, o movimento de uma reunião. — Apertemos o passo, propoz Lentz, que não vale a pena mais nos pouparmos, quando lá está o nosso refugio.

— Sim, isto agora vae depressa; é só descer.

E ao lado d'elles passavam rapazes e raparigas a correr pelo morro abaixo, gritando de jubilo e levados pela excitação de chegar sem demora. Isto lhes transmittiu tambem o desejo de correr, de se perder na alegria do ar na vertigem da descida. E correram tambem; mas d'ahi a pouco pararam e sorriram vexados da incôsciencia que os tomára.

— Ora esta, disse Lentz, estavamos a imitar.

— Não foi isso o que me fez parar, mas é que, em vez de repousar, estavamos a nós e a nós, ponderou Milkau, desconhecendo-se n'aquelle arranco de expansão jovial, e contente com este rejuvenes-

cimento do seu espirito. Afinal. a natureza read-

*V. e no*  
*pot-pourri*  
*o pro-  
me; de-  
no com  
esta. de  
hos ant  
ros, de  
que o en  
to de no  
e' um pr  
vance, co  
ma is; u  
agullo, t  
mificar.*

*um*

*conci*

*N. Não podemos o rejuvenescimento que já impugna no centro logar de sentir a de Camilla. habitarem para o maior.*

quiritiu os seus direitos, pensava elle... Tambem, coitada, como esteve em mim até agora amordacada!

Ergueu a cabeça n'um gesto de desafogo, sacudindo a barba de ouro. Os seus olhos azues estavam radiantes de paz e calma, e foi com o passo cheio de magestade e de graça simples que baixou da montanha.

Nas cercanias da casa de Jacob Müller a paizagem tinha o realce e a vida communicada pelo movimento da gente, que se ia reunindo. Muitos a pé ou montados vinham da capella do Jequitibá, outros de Santa Theresa, e outros do Cachoeiro. A casa tinha uma bella situação no centro de varias estradas, e era um dos maiores pontos do commercio do interior da colonia, e aos domingos um dos mais procurados pelos habitantes do logar, por moradores de longe, e até pelos caixeiros da cidade. Era um sobrado branco, no fundo de um valle e á margem de um endiabrado ribeiro, que descia em tropel infindo do morro para o Santa Maria. Á roda ~~de elle~~ o terreno estava limpo de plantação, e havia um pequeno campo de relva tenra e fresca que brilhava ao sol. O sobrado ficava destacado das grandes massas de arvores e ~~de~~ folhagem que vestiam as pedras dos morros.

Ao chegarem ao terreiro da casa, já as vozes da festa vinham ao encontro ~~dos dois novos colonos~~ e elles foram entrando no meio do ruido, da agitação

/// ♀

/// ♀

os dois  
novos  
colonos

deu  
/// ♀

dos allemães á sombra da varanda, quando a tarde começava a refrescar e a luz a esmorecer.

— Venham, venham, meus amigos.

E Felicissimo, gritando, corria para elles, arrastando-os. ~~Os outros,~~ espantados da effusão do agrimensor, perguntavam para onde os levava.

— Vamos á um copo de cerveja.

— Não, obrigado; arranжемos antes um logar aqui á sombra, disse Milkau, porque precisamos de descançar.

O agrimensor ficou meio amuado : — Ora bolas!

*De golpe.* E os largou ~~bruscamente~~. Milkau acompanhou-o, para lhe dar uma explicação da recusa, mas o outro, levado pelo rompante, lá se foi, mettendo-se pelos grupos e entrando no armazem, Milkau desistiu de segui-o e ~~yo~~ */// torn* ~~yo~~ *Procuraram* ambos um logar para descançarem. Acharam-no enfim em um banco, debaixo de uma laranjeira, em frente á casa. A gente movia-se muito. Bandos de moças de branco passavam de mãos dadas, rapazes corriam pelo campo em mangas de camisa, em apostas brincalhonas, uma pequenada vadia se espalhava guinchandô pelo terreiro, como um bando desesperado de maitacas.

Outros entravam e saham do armazem, cantarolando, com a voz rouca e a gesticulação de embriagados. O estrondo dos pés que dansavam no sobrado, echoando no vasto armazem, e o som langoroso de um realejo incessante desciam do alto, atordoando a gente. E nas janellas muitas





Milkau, e estou certo de que temos tudo arranjado; e você, Joca, que fim levou?

— Rolando, amigo... De um lado para outro, a fazer medição, agora lá para o Guandú... Isto é, estes dias nós descemos ao Cachoeiro, para folgar um pouco. E como vão lá no prazo? Já sei que a casa está bonitinha. E o cafésal?...

— Plantado.

— No roçado que fizemos?

— Sim, ao lado da casa.

— E quando beberemos d'esse café?

A resposta foi um gesto largo de mão, indicando o tempo remoto. Por um instante uma ligeira sobrecitação coloriu as faces de Lentz que tremia em pensar no vago da distancia ainda á sua frente, e n'aquella vida extranha que levava.

— Ah! agora a coisa vae ser mais animada, disse em sobresalto o mulato, olhando alvoroçado para o fundo; lá vem a banda.

*Chegaram  
ao arraial  
15* músicos da philarmonica do Cachoeiro ~~que~~  
~~chamam chegando ao arraial,~~ e todas as vistas se voltavam para elles. Um grande reboliço ~~se fez~~ no povo

e repentinamente todos se foram aproximando da banda, que, caminhando lentamente e como por um velho habito, se dirigia para um pateo ladrilhado de cimento, que era o logar destinado para seccar o café comprado por Jacob Müller. Nos dias de semana, uma grade de arame protegia esse pateo ~~da~~ invasão dos animaes e da creançada. Aos domingos, quando havia festa, a grade era retirada,

*contra a*

e todos tinham a liberdade de penetrar na area. Joca deixou Milkau e foi se postar ao lado dos musicos, alguns dos quaes eram seus conhecidos e camaradas.

— Então, minha gente, vocês hoje estavam com preguiça de desunhar! A rapaziada aqui já andava impaciente... O velho Martinho já está com o braço morto de tocar realejo, para entreter o povo lá em cima. Vamos á gaita!

E, contente, o mulato começou a dar vivas á banda do Cachoeiro. Um alarido de gargalhadas e aclamações. ~~acompanhou os vivas~~. Os homens da musica sorriam, rubros de vexame, e todos automaticamente tiraram o chapéo, agradecendo.

Foi um delirio para o maranhense, que começou a dar outros vivas ao « povo do Cachoeiro », a Jacob Müller », « á união da rapaziada. » Todos se divertiam, gesticulavam, dansavam descompassados, acompanhando a banda. Os musicos installaram-se n'um dos angulos do pateo largo, liso, lavado, que recebia em seu lagedo, para irradial-a, a força do sol. N'um momento ficou coalhado da gente simples e facil de contentar, d'esses que são amados da alegria e em quem ~~ella~~ não encontra ~~o~~ para reinar livremente.

Collocadas as estantes os musicos sentaram-se e começaram a tocar uma marcha de que cada qual, enthiasmado, ia repetindo os compassos. Joca, cantando marcialmente, com os olhos accesos e as narinas arregaçadas, perseguia um bando de ra-

acompanhou os vivas  
para -  
hava - os  
u

19

ella ob  
ela

parigas louras, coradas, que fugiam rindo, n'um fingido susto. Alguns velhos já ébrios, de cachimbo ao queixo, arrastavam as vozes, fazendo medidas ás mulheres, que riam destemperadamente. As creanças invadiam o terreiro, vindo em grupo, abrindo espaço aos empurrões. O dono da casa, todo de branco e em mangas de camisa, ~~mas~~ com um grande chapéu de palha na cabeça, appareceu no pateo, e, depois de se entender com o mestre da banda, principiou a falar, dando ordens. Algumas velhas applicavam-lhe palmadas nas costas, outras lhe (puxavam) levemente a barba; elle respondia aos soccos, berrando: — A festa é das creanças. Limpa o terreiro! Arreda! Vocês têm baile á noite. E depois, persuasivamente, virava-se para os mais teimosos :

— Anda, meu velho, ajuda-me, que tenho de attender á freguezia. Olha, vae tomar um copo lá dentro.

Era o argumento irresistivel e proveitoso, porque a miragem d'esse copo afastava o homem d'ahi, e dava algum lucro ao armazem. O logar ficou limpo da gente grande, que se enfileirou aos lados, formando o quadro do pateo. A creança agora ~~girava~~ girava doidamente, a rodar, a rodar, como si fosse movida por um pé de vento.

A musica acabou a marcha, e deu o signal de uma quadrilha. Um velho alto, com uma longa sobrecasaca preta e surrada, de olhos azues e uma cara de genipapo murcho, entrou no terreiro para

dirigir o baile infantil. Foi um instante de socego. O homem mandou que os pequenos se ordenassem pelos sexos, e começou depois a distribuir os pares, chamando cada creança pelo seu nome. « Alberto e Emma. » « Hermann e Sofia ». « Guilherme e Ida... » Às vezes, um dos pequenos recalcitrava contro o arranjo.

— Mas eu estou compromettido, professor.

— Como? Com quem?

— Com Augusta Feltz...

— Mas não é possível : você tão miudo e ella tão crescida, replicava o velho, tremendo-lhe as mandibulas molles.

No circulo as mães intervinham, acompanhadas por outras vozes de mulheres.

— Deixe, sr. Professor. Que é que tem? Cada um escolhe a que deseja.

O mestre ~~se~~ resignava, e Augusta Feltz, com os seus doze annos, de canellas compridas e olhos mansos de veada, lá ia para a fóрма, inclinando o pescoço para o cavalleiro, que a levava de braço, fitando-a muito ancho.

Afinal o professor conseguia arranjar as quadrilhas, e a musica rompia a dansa. Os pequenos estavam exercitados, de modo que tudo corria em ordem, sem confusão. Das pessoas grandes, muitas ficavam entretidas, acompanhando a festa das creanças; outras, porém, se fatigavam da attenção, e se punham a passeiar pelo arraial, indo á beira do rio, deitando-se na relva para vêrem passar a

m- /  
m- /

*herbam-a* agua; alguns, de braço como noivos, ~~iam se per-~~  
~~dendo~~ pelo matto a dentro, e outros ~~se~~ reuniam-~~se~~  
 ao balcão a beber e a cantar as velhas estrophes  
 do prazer e do convivio humano, que na illusão  
 instantanea os transportavam á terra abandonada.  
 Em tudo, no menor movimento, no mais pequeno  
 gesto, a reunião alli na estação do Cajá dava a sen-  
 sação do esquecimento e da alegria.

— Era isto o que eu procurava, dizia. Milkaç  
 e Lentz, quando passeiavam pelo terreiro ao rythmo  
 da musica, e olhando a scena. Era isto que eu pro-  
 curava, e **que** enfim achei... Viver no meio de  
 gente simples, partilhar com ella o seu doce esque-  
 cimento da dôr, matar o odio... Compara este  
 povo com os homens de outras terras, onde cada  
 um parece possuido do espirito do demonio, solto  
 sobre a face do mundo, devastando-a nos seus  
 impulsos de loucura, e estrebuxando para morrer  
 n'um espasmo de maldade. Aqui ao menos é a se-  
 renidade, é a calma, é a alegria.

— Mas, observava Lentz traçando no rosto um  
 gesto de desdem, ~~do~~ ~~isso~~ isto é a estagnação, é  
 uma existencia vazia e inutil.

*// em  
subitancia* — E não é o amor a acção por excellencia? E  
 não é elle a força que aqui na colonia, no canto do  
 universo, move os homens? Que queremos mais?

Approximaram-se do baile das creanças, que  
 proseguia vivo e animado. Agora havia uma grande  
 roda dos dansantes, que ora celere, ora vagarosa,  
 ia se movendo aos cantos infantis, estridentes, e

desafinados. E quando a menina estava muito entretida, um sujeito mascarado saltou no pateo, disfarçado em palhaço maltrapilho, besuntada de alvaide a cara, e beiços e faces pintados de vermelho. Uma immensa risada dos grandes o recebeu, e os meninos pararam a dansa meio espantados, abrindo o circulo. O palhaço começou a cabriolar, a gritar, imitando animaes, e d'ahi a pouco, no meio da algazarra geral, se mettia na roda das creanças, de olhos tapados, a divertil-as. a-1

— E Felicissimo que não nos procurou mais? lembrou Milkau, afastando-se do circulo, com o amigo pelo braço.

— É verdade. Creio que desconfiou comnosco.

— Vamos procural-o, propoz Milkau.

— É tempo, mesmo porque já podiamos ir jantando, accedeu Lentz.

Já áquella hora o sol esfriando transformava magicamente o panorama, graduando a côr, que parecia surgir pouco a pouco do seio secreto das coisas e ~~se~~ expandir <sup>se</sup> mais livre á superficie luminosa. A aragem refrescava o tempo, passando volátil pelas cabeças louras das mulheres, brincando-lhes nos cabellos n'um leve arrepio que lhes descia da nuca. A paz da tarde avançando subtil reinava sobre as gentes, ~~então~~ envolvendo-as com a sua doce perfidia.

— Mas onde se metheu o agrimensor?... Onde se metheu elle?... ia dizendo Lentz, passando de grupo em grupo, e mirando por toda a parte.

*V. a paz da tarde e mal  
avanta. - E em paz avançando  
subtil reinava a tarde sobre as gentes,  
mas não para melhor?*

— Hoje elle está mysterioso comnosco... Tambem porque não lhe accitámos o copo de cerveja?... Não custava nada uma amabilidade.

— E não se perdia um camarada... tão idiota, concluiu Lentz.

— Oh! Tambem vaes logo aos extremos...

Procuraram o agrimensor pelo terreiro, dando volta por traz da casa. Uma caminhada inutil. Foram até á margem do regato, ~~chegando até á~~ beira das estradas, e ~~se procuraram~~ ~~onde~~ ~~avistavam~~ ~~grupos~~ ~~de~~ ~~gente,~~ ~~na~~ ~~esperança~~ ~~de~~ ~~achar~~ ~~o~~ ~~cearense.~~ Tudo em vão. Entraram no matto. Debaixo de uma carregada sombra, um par amoroso, cochichando, descanzava. Com a presença dos extranhos, o joven abaixou a cabeça enleiado, disfarçando a remexer nos gravetos esparsos no chão; a rapariga, porém, n'uma tranquillidade altiva, com seus olhos serenos e francos, ~~desprezou~~ os perturbadores.

Quando tornaram á clareira, desistiram de procurar Felicissimo no arraial e ~~se~~ encaminham -60 para a casa.

O balcão continuava sempre cercado, bebia-se largamente, e n'uma lingua arrastada, enfadonha, cantava-se. Os dois amigos lançaram uma vista d'olhos pelo armazem e não viram o agrimensor. A mulher de Jacob, percebendo-os indecisos, fez-lhes um gesto, perguntando-lhes o que bebiam. Milkau, desviando delicadamente alguns colonos pesados e oscillantes, chegou-se a ella, indagando

/// / 2  
 /// / 2  
 // E

/// enter



de Felicissimo. A mulher aconselhou-os a subir á sala do fundo onde se servia o jantar, pois talvez ahi o encontrassem, e falou-lhe dos logares encomendados para tres. De facto, no sobrado, emquanto a sala da frente se achava quasi deserta, e apenas com algumas pessoas á janella vendo o baile das creanças, a sala do fundo estava n'um grande borbório. Á mesa muita gente sentada comia avidamente. Em pé, uns com pratos na mão tomavam caldos, e outros, agarrando linguças, fatias de pão, mastigavam com uma fome voraz e com os olhos injectados, fixos, n'um espasmo de satisfação bestial. Um cheiro de alho, de vinagre e pimenta excitava a multidão e entretinha a sua voracidade.

Felicissimo estava n'uma cabeceira da mesa com dois logares vazios de cada lado, e quando avistou os companheiros chamou-os n'um sobresalto.

— Aqui! Aqui!

Os outros foram rompendo caminho e tomaram os seus logares.

— Até que afinal vocês resolveram vir... Pensei que não quizessem saber de mim hoje, pois tão entretidos andavam... Viram passarinho verde?

— Ora, respondeu Lentz, não mude os papeis. Foi você exactamente que nos deixou, e meio amuado não se importou mais connosco, que sem nenhum conhecimento temos andado vagando á matroca...

— Não me conte historias, patife. Imagino quantas amizades não tem por ahi, com quanta

rapariga não tem falado!... Vamos lá, nada de segredos.

O allemão enrubesceu, e não sabia como replicar. Milkau veio em soccorro.

— Lentz não se preocupa com isto.

— Vá pregar n'outra freguezia, seu maganão.

— O nosso interesse é ~~misturar a~~ alegria d'este povo, comprehender a sua vida e felicidade...

Felicissimo olhou-o com os olhos miudos, cahidos e vagos. Depois, com uma cara ~~feita~~ de um riso complacente e velhaco, arrastando a voz :

— Qual, camarada, não me conte rodellas; então você mesmo, você, que lá na sua lingua procura misturar-se á alegria d'esta gente, que quer mais sinão...

— O peor, meu amigo, é que com esta discussão nós vamos ficando sem jantar, cortou Lentz.

— Oh! é verdade, gritou o agrimensor, erguendo-se apoiado nas mãos.

Em pé, berrava chamando os creados. Afinal, uma rapariga attendeu, postando-se em frente ao cearense, á espera de uma ordem. Felicissimo mirou-a com malicia, piscando os olhos para o companheiro, e depois como a allemã, enleuada, quizesse partir, elle resolveu-se a falar.

— Meu bem, meu amor, você traga jantar igual ao que me tem trazido, para estes dois amigos; comecemos por um caldo de hervas.

A creada desapareceu rapidamente, com um

V. *É esta a verdadeira expressão de que genericas  
dizer a phrase, como está, abso de incorrecta 7a  
grammatica, duplamente, ja porq o infinitivo misturo don  
des pessoal, ja porq não se de misturar alguma ou alguma coisa  
a outro, mas em outro, - e obscura e incompleta.*

movimento airoso como um passo de dansa.

Felicissimo estalou a lingua, atirando-lhe os olhos, que a seguiram como servos amorosos.

— Ah! esta vida! esta vida! murmurava o agrimensur, melancolicamente, e sem saber o que dizia.

Puxou o copo de cerveja e bebeu. Olhou a garrafa que esvaziára, bateu na mesa, pedindo que lhe trouxessem outras seis.

— Nós não tomamos tanto, objectou Milkau.

— Si vocês fizeram voto, eu não fiz: beberei todas seis.

Milkau e Lentz começaram a jantar dos pratos rusticos, que serviam no meio de algazarra e de desordem. ~~Alguns~~ caixeiros da cidade, mais bem *Munition* trajados que os camponios, recusavam a comida ordinaria, e pediam aves em conserva, de que se serviam bebendo o vinho do Rheno. Alguns d'estes rapazes que eram da casa de Roberto, reconheceram os antigos hospedes nos novos colonos, e os cumprimentaram com gestos de cabeça, n'uma expressão amavel. Dos seus logares offereciam-lhes vinho, acenando com a garrafa. Milkau agradecia com outro gesto, e o grupo continuava a beber indifferente e desdenhoso do resto da gente.

Felicissimo bebia sempre com grande alarde, e tanto barulho fazia que não tardou muito sobre elle se voltasse a curiosidade geral. Excitado por essa attenção, o agrimensur exhibia-se por

todas as fôrmas, cantava, dansava, trepado na cadeira, de copo em punho, levantando brindes. Os camponezes o admiravam n'uma alegria infantil, os rapazes da cidade o deprimiam com applausos ironicos, com phrases insultuosas, ditas no meio de risadas. A estes o agrimensor respondia improvisando versos em portuguez, versos d'essa toada sertaneja que lhe falava tão intimamente. Muitos não o entendiam, mas a cadencia dos versos os enternecia e era com amor que pediam ao cearense que não parasse. Este variava o seu repertorio, cantando canções allemãs, que estropeava, mas que ao seu lado eram retomadas com brio, com enthusiasmo, pelos colonos. Produzia-se um berreiro descommunal, feito de vozes de velhos, moços e mulheres, augmentado pelos repiques nos copos e nos pratos, e ~~se~~ som estridente de um realejo ~~que era~~ tangido n'um impulso frenetico para acompanhar as canções, cujas notas graves eram abafadas no barulho, destacando-se apenas os agudos, violentos e ferozes. O dono da casa, querendo conter a matinada, tomou Felicissimo pelo braço, para forçal-o a descer da cadeira. O agrimensor o repelliu, continuando a gritarja, e outros o cercaram, protegendo-o contra Jacob, que foi expulso da sala aos empurrões. O agrimensor ordenou por sua conta mais cerveja, que mandava distribuir em torno. Disputava-se cada garrafa das mãos das creadas, e na confusão, na desordem, na desatenção, o liquido se espalhava pela mesa

bele

2/24

e/

dos copos entornados na sofreguidão da conquista. Milkau temendo pelo agrimensor, propoz-lhe sahirem um pouco, a desfructar o resto da tarde no terreiro.

— D'aqui não arredo, gritava elle.

E os allemães embriagados o acompanhavam n'um berreiro.

— Não arreda, não arreda.

E de então em diante estas palavras serviam disparatamente de ~~estribilho~~ a cada canção. Os que ainda tinham consciencia, riam gostosamente da ira dos outros e mais que tudo do effeito dos proprios cantos cheios de versos de amor, de idyllios campesinos casados com aquelle estribilho do cearense.

Milkau e Lentz julgaram-se no meio de doidos, que se fitavam com expressões varias de ~~desdem~~ e ~~de~~ divertimento. E os dois foram-se esgueirando da sala, sem colera, perseguidos pela vaia dos que ficavam.

Fóra, a lua vinha rompendo e a claridade que d'ella descia, se ~~apoderava~~ furtivamente do dominio da varzea abandonada pelo sol. E n'esse instante indeciso, intermediario, o vento ~~passava~~ ~~passava~~ e todos se sentiam sob um encanto mysterioso de saudade, de repouso, com os olhos pregados no espaço, ~~assolvendo-se~~ na contemplação. No terreiro as creanças fatigadas estavam serenas, intimidadas pelo silencio que ellas mesmas faziam, e as mais pequenas, cabeceando de somno, encostavam-

Não vejo motivo para melgares o estribilho; des-  
ca-o.  
R

passava  
m- /

a repouso em melancolia

para certos... operações v. pg. 175

se ás mães sentadas no chão. Os musicos recolhiam os instrumentos e vinham vagarosos jantar. Os dois amigos caminharam até ao rio, e o foram margeando, descuidosos por algum tempo. Detiveram-se e sentaram nas pedras. E mais tarde, como esfriasse, e ouvissem de novo a musica, volveram á casa da festa. Quando a descobriram, ella estava illuminada, e a luz ~~brilhava~~ e quente que sahia das janellas e das portas, abria um circulo de fogo em phosphorescencia, dentro da claridade mansa e leitosa do luar. No terreiro já não havia quasi ninguem: as creanças tinham debandado, os grandes, haviam partido para as colonias, ou recolhido ao salão do baile. Subiram ao sobrado, onde na sala da frente se começava a dansar. Alli, a musica tocava uma valsa arrastada e langorosa, e pouca gente dansava, pois muitos ainda se mantinham á mesa ou se postavam encostados ás portas e janellas, timidos ou negligentes. Em geral, os pares se compunham de raparigas, que, enlaçadas umas ás outras, ~~tocavam~~ invocantes, sacudindo com os seus movimentos o torpor dos rapazes, até ~~que estes~~, estimulados ~~por~~ viessem separal-as, ~~forçados~~ para o seu par fixo.

<sup>Dentro de pouco tempo</sup> Não se passou muito tempo ~~sem~~ que o baile ~~estivesse~~ em plena animação. A sala, depois que a noite avançara, fôra mais illuminada; a musica não cessava de tocar, e todos se divertiam alegremente. Agora é que se podia vêr a variedade de

permaneciam

Atoms  
 tom os  
 um cu  
 hector m  
 e alhoi  
 as gr  
 mii 7  
 mlla  
 longu

gente agglomerada na casa de Jacob. Alli estavam negociantes do Cachoeiro, com as 'mulheres, caixeiros da cidade, tropeiros, lavradores, creadas e todos reunidos n'uma grande promiscuidade, sem separação de classes. Deante de Milkau que, sentado a uma janella aberta, acompanhava a festa, passou, na serie de pares de uma marcha polaca, uma joven de flexivel graça, de movimentos ondulantes, voluptuosos, distinguindo-se do resto das outras raparigas, desengonçadas ou morosas, arrastadas com estrepito pelos seus pares. Um homem de tosca figura, que estava ao lado de Milkau, referiu-se a ella *exclamou*:

— Não ha nenhuma que seja capaz de chegar a Luiza Wolf.

— Realmente ; é muito graciosa.

— Ah ! É preciso conhecê-la para saber que não é só no baile ; é em tudo assim. Parece que não cança de levantar aquella cabecinha. Amanhã estará trabalhando com o mesmo ar...

— Naturalmente é uma colona...

— Não ; é creada no Cachoeiro, e o patrão d'ella é aquelle mesmo que é o seu par... Martin Fidel. Não conhece ?

— Não.

— Pois admira, é um dos negociantes mais ricos da cidade ; a familia está toda aqui. A mulher já é velha como elle... Ah ! lá vae ella ao braço d'aquelle mocinho alto, de nariz grande, não vê ? É um colono e filho de colono no Jequitibá. O pae







Não dança?

Ella não se intimidou ouvindo ~~a voz d'ella~~ <sup>che a voz de</sup> ~~então silencioso e tranquillo~~ <sup>confusão</sup>. Respondeu promptamente :

— Não; não posso, pois não me sinto bem; mas, si quer um par, aqui tem esta minha amiga, que é uma das melhores na valsa.

*41 40* Disse, é com gesto de carinho quasi maternal, pegou na mão da outra rapariga, que se deixou acariciar negligentemente, como habituada áquellas maneiras da amiga.

Milkau ficou meio confuso e desculpou-se, confessando que não sabia dansar. E a sua interlocutora :

— É o que me acontece pretextar, quando não me sinto bem... Mas ninguem me acredita. Vejam só...

E sorriu levemente. A voz d'ella era um canto intimo, sonoro, e como que rasgava um tenue véo para mostrar a deliciosa paizagem da sua alma. E como em toda a voz humana, o accentõ da sua era uma revelação da personalidade intima; pela voz, que traduz a musica do cerebro, percebem-se as qualidades secretas de cada espirito, conhece-se a nobreza ou a grosseria da raça ou do grupo moral a que pertencemos.

Um rapaz ~~se~~ <sup>se</sup> aproximou, e sem dizer uma palavra, á moda do logar, tomou pelo pulso a outra moça, arrastando-a para a dansa. <sup>1</sup>A rapariga, <sup>2</sup>se ergueu-e, voltando-se para a amiga, disse radiante e rapido :

— Maria, onde me esperas?... Não quero me separar de ti. Tenho tanto que te dizer...

— Por aqui mesmo. Neste banco ou na janella.

Quando a joven partiu arrebatada pelo par, Maria disse a Milkau :

— Não lhe parece tão boasinha? É filha de um colono do Luxemburgo; ha muito tempo não nos viamos, e hoje tem sido um regalo.....

— Oh! desde manhã andamos n'esta roda viva. Lembro-me de tel-a visto na capella do Jequitibá, referiu Milkau.

— Sim. É verdade; recordo-me bem de que não estavamos muito longe um do outro.

— Por signal que eu dormi...

Maria enrubesceu, mas immediatamente retomou o fio da conversa.

— Fazia um calor terrivel... E o pastor não o divertia, não é verdade?

— Não sei... Ao contrario, sentia um bem estar immenso, e o somno me veio como um arrebatamento feliz.

— Deixe lá, replicou meio confiada e intima, que ás vezes seria melhor passar a vida a dormir...

— Já vejo que converso com uma grande preguiçosa...

— Eu? Nunca... volveu com vivacidade a rapariga. Não é por preguiça..... seria para esquecer tantos aborrecimentos que eu desejaría um grande somno...

Acabou a phrase com uma voz sumida e vagarosa.

c/ — Aborrecimentos? Imagino a que coisas simples dá este triste nome, observou Milkau.

Ella não respondeu e ligeiramente abaixou os olhos; quando logo depois os ergueu, mudou de assumpto.

— Como é bello dansar!

Com a sua mão fina fazia um aceno affavel ás amigas que passavam, allucinadas no movimento aereo da valsa.

Milkau ia achando prazer em se entreter com a rapariga, que tambem ao seu lado não sentia o menor constrangimento e se exprimia sem embaraço, como a um velho conhecido.

Quando a musica parou, os pares se desfizeram e cada um dos dansantes tomou direcção diversa.

— Tu vês, disse Maria á amiga, não me mexi d'aqui á tua espera.

— Eu sabia. E agora queres dar um passeio ou preferes ficar aqui? perguntou a outra arquejando de canção e sentando-se instinctivamente:

— Oh! meu Deus! Passeiar, quando estás que não podes? Não, amor, descança um pouco.

— Talvez, observou Milkau, fossé preferivel, para sua companheira, sentar-se á janella; as cadeiras alli estão desoccupadas. Vamos para lá: o ar fresco lhe dará forças.

Levantou-se, e as moças correram soffregas para

*(vapor: 120)*

as cadeiras indicadas, receiosas de perdê-las. O primeiro olhar d'elles foi para o quadro de fóra. Toda a terra estava inundada de um luar branco; as nuvens, descendo no céu, se desmanchavam no horizonte, e o grande campo ~~azul~~, livre, sem estrellas e desmaiado ia se transformando em um pavimento de crystal, puro, rijo, transparente. O verde das arvores se adoçava á luz diamantina; a torrente rolava borbulhando, um vento manso balançava os ramos, e d'estes as sombras ainda longas dansavam inquietas.

— Que é isto? interrogou Maria, meio assustada por um grande barulho de vozes, que vinha da sala de jantar para o logar do baile.

Todos se precipitaram para indagar ~~o~~ que se passava. Havia grande discussão, em vozes altas e agudas, mas tudo cortado por atroadoras e ~~das~~ gargalhadas. Todavia, Maria e a companheira não estavam tranquilladas, ~~vendo~~ vendo que uma grande rixa se travava alli. Milkau sahiu para vêr de que se tratava, e pouco tempo depois voltou.

*/// frequentes  
/// rixas*

— Não é nada. O agrimensor Felicissimo entende que já basta d'estas dansas estrangeiras e que agora se deve passar ás dansas brasileiras... Os musicos não sabem como executal-as, os rapazes protestam contra a innovação, que elles ignoram, o agrimensor insiste, ensaia alguns passos, assobia, quer forçar os musicos a tocar~~em~~.

— E afinal? perguntou Maria.

— Afinal parece que Felicissimo vencerá, e veremos alguma dança da terra.

De facto, ~~o agrimensor~~ ~~perguntou~~ ~~três~~ ~~seus~~ ~~desejos~~, ~~e~~ ~~acertara~~ ~~que~~ ~~os~~ ~~trabalhos~~ ~~de~~ ~~expe-~~  
~~riencia~~ ~~em~~ ~~experiencia~~ ~~lhe~~ ~~deveria~~ ~~ser~~ ~~uma~~ ~~peça~~, ~~cujos~~  
~~compassos~~ ~~seriam~~ ~~mais~~ ~~ou~~ ~~menos~~ ~~os~~ ~~da~~ ~~dansa~~ ~~que~~  
~~premeditara~~. Depois d'este accordo, os musicos vieram para os seus logares, e a gente anciosa correu para a sala, n'um borborinho de risadas, para conseguir um bom lugar. ~~Depois~~ ~~sucedeu~~ ~~um~~ ~~silencio~~ ~~de~~ ~~espera~~, ~~ninguem~~ ~~se~~ ~~movia~~ ~~mais~~ ~~na~~ ~~sala~~, ~~livre~~ ~~para~~ ~~a~~ ~~dansa~~; ~~quasi~~ ~~todos~~ ~~estavam~~ ~~sentados~~, ~~e~~ ~~muitos~~ ~~amontoados~~ ~~ás~~ ~~portas~~ ~~e~~ ~~janellas~~. Junto aos musicos, Felicissimo cantarolava o andâmento. Não tardou, porém, a orchestra, agora afinada, começasse a tocar uma peça arrastada e voluptuosa. Alguem perguntou ao agrimensor o que ia elle dansar. Felicissimo, cambaleando, com os olhos tortos e compridos, sahio para o meio da sala, gritando com voz difficil :

— É o chorado, meu povo!

E, erguendo e abaixando os braços, ensaiava estalar os dedos como castanholas. Mas nenhum som produziam as suas mãos dormentes. A musica suspirava gemidos languidos, e o dansarino só, no meio da casa, fazia tregeitos desconexos, desengraçados, medonhos. Rodava sobre si mesmo, acocorava-se, arrastava a perna, e jamais um gesto se casava com o compasso da musica. Riam em torno, achando aquillo estupidó e gro-

/// os de  
 jos do  
 agrimen-  
 sor co-  
 rram-se  
 da ex-  
 pro pria-  
 de espe-  
 riencia  
 em espe-  
 riencia  
 logou  
 os musi-  
 cos um  
 peça de  
 compassos  
 mais ou  
 menos  
 equiva-  
 lente ao  
 da dança  
 pedibecta.

///

///

tesco. A embriaguez do agrimensor era completa, e o inutilisava inteiramente. Felicissimo deu mais algumas voltas, e afinal, como n'uma guinada de navio, o seu corpo se arrojou rapido, violento contra a parede. Foi uma barafunda; todos gritavam de susto, uns fugiam abandonando os logares, outros riam do espectaculo. O agrimensor apoiou-se com a mão á parede, livrando a cabeça, e cahiu brusco e pesado n'uma cadeira vazia. Por enthusiasmo, por prazer, a musica continuava. Felicissimo ainda tentou erguer-se, mas os vizinhos o sustiveram na cadeira, com medo de alguma quédia desastrada. Elle deixou-se prender, agradecendo-lhes com o enternecido/olhar de bebado manso.

Durante algum tempo ninguem se moveu e a musica prosseguia solitaria nos seus largos e chorros compassos. Mas, de repente, como um fauno antigo, Joca pulou na sala e principiou a dansar. A sua alma nativa esquecia por um momento essa dolorosa expatriação na propria terra, entre gente de outros mundos. Arrebatado pela musica que lhe falava ás mais remotas e immorredouras essencias da vida, o mulato se transportava para longe de si mesmo e se transfigurava n'uma activa e extraordinaria alegria. Todo o seu corpo se agitava n'um só rythmo; a cabeça erguida tomava uma expressão de prazer illimitado, a bocca entreaberta, com os dentes em serra, sorria; os cabellos se agitavam livremente; ou

*inquietos moviam-se em desordem,*

*/// subito*

*/// A*

*se pen-  
dura-  
do  
/// resobava*

*a- /*

*H*







olhos ardentes o céu, apontou a lua, dizendo com uma voz sumida e tremula :

— Que tristeza, lá !

O pensamento de Milkau, como obedecendo a um chamado estranho, subiu ao astro morto. ~~Elle~~ Imaginou a solidão de um mundo sem vida, essa terra deserta, marchando como um cadaver phantastico na estrada do infinito... ~~Elle~~ <sup>|| Cani-  
dor</sup> pensou que algum dia tambem, aqui nesta Terra radiante, viçosa e feliz, toda a vida se acabaria, e uma immensa tristeza, um grande silencio reinaria nestes mesmos cantos cheios de movimento e de alegria. E para quantos não começára o isolamento, principio da morte... Pensou na sua propria vida, no seu destino, n'êsta solidão em que ia passando á existencia, envolto como n'um véo intangivel que o não deixava sahir para o mundo nem permittia que o mundo viesse a elle. Sua vida triste, sem uma companheira, sua vida casta e mystica, peor que o eterno frio...

Acabára a dança e era a hora da separação. Um velho, ~~chegou~~ á janella onde estava Maria, chamou-a. A moça despediu-se de Milkau, como de um antigo conhecido, que no dia seguinte se tornaria a vêr. Por sua vez, Milkau, já recomposto d'aquelle instantaneo desfallecimento, foi procurar Lentz, encontrando-o, entre varios colonos, no terreiro, ao ar livre.

— Oh ! pensei que fosses o ultimo a deixar esta casa, gritou Lentz, recebendo jovial o com-

panheiro. Não sabia que eras tão grande apaixonado de festas.

— <sup>a</sup>Distrahi-me, vendo os outros alegres e ~~te~~ quiz dar a liberdade de tambem te divertires ao teu modo.

— Aqui estive a conversar sobre a Allemanha com estes amigos. E falámos tambem de outra Allemanha que ha de vir, no futuro... Não é verdade, camaradas?

~~Os amigos~~ Applaudiram a prophecia. */// ca X estor*

— Bem, disse Milkau, mas agora cuidemos de ir para casa.

— A caminho! Adeus, amigos. Até um dia!

Bateram durante horas e horas a mesma estrada de manhã percorrida. ~~Um momento depois~~ */// quasi*  
~~passaram~~ por um grande cafetal bello em sua */// P*  
viçosa negrura, na encosta de uma montanha magestosa, começaram a ver cruces pretas e pedras brancas por entre os pés de café. */// Das sande*

— Que é isto? perguntou Lentz.

— Um cemiterio! respondeu Milkau.

E accrescentou :

— Vê tu. Não ha em Chanaan logar para a morte. A terra dá o menos possivel aos tumulos; elles, escassos e raros na fralda da montanha, não apagam nem dão sombra sobre a Vida, que os enlaça e domina na força do seu triumpho.



ciam como irmãos, e o velho Augusto, tendo quasi chegado ao extremo da curva desse circulo em que as edades se tocam, ~~se~~ entretinha<sup>se</sup> em encher as almas dos meninos de recordações da sua vida, de coisas longinquas da patria germanica. Esquecêra Maria a morte da mãe; o facto devia ter acontecido na sua remota infancia, não lhe deixando traço na memoria. A sua familia, o seu lar era aquelle em que fôra recolhida. Ignorando a propria historia, por muitos annos viveu como inconsciente, passando a existencia sem perceber o mundo, de que se não distinguia, e com o qual mesmo se confundia n'uma grande innocencia. Viver puramente, viver por viver, na completa felicidade é adaptar-se definitivamente ao Universo, como vive a arvore. Sentir a vida é soffrer; a consciencia só é despertada pela Dôr.

O grande amigo de Maria era o velho, de quem ella, crescida, e já moça, cuidava como de uma creança. Com elle conversava longo tempo, para elle cantava coisas cujo sentido não entendia bem, amores fabulosos, lendarios, paizagens extranhas, mas que falavam, como o sol, á alma cançada e saudosa do colono. ~~Quando~~ se separavam á noite, depois da ceia, quando o ancião vinha para o meio do terreiro ~~sentado~~ sentado n'um tronco secco de arvore, se punha a fumar, scismando. O sonho era sempre o mesmo, um aneio de tornar á sua terra, de revêr essas montanhas da Silesia, onde dormira quando pequeno, vigiando o gado. Nesse

S  
onde

tempo conhecia pelos nomes as solitárias estrelas. Elle as viu sempre ~~em sua~~ marcha de forçados no campo azul, até que na epocha da sua migração, ao balanço do mar, desceram do céu, baixaram ás aguas para desaparecerem uma noite e serem trocadas por outras... Mas ainda, de vez em quando, n'este outro mundo, lá vinham algumas das antigas conhecidas, como perdidas das companheiras, e elle as saudava pelos nomes, n'um rejuvenescimento infantil. E assim, para vêr as velhas estrellas, Augusto Kraus ~~se~~ sentava ao ar livre, até que adormecia tranquillo como um passaro. As mulheres, Emma, que assim se chamava a nora, e Maria ~~se~~ occupavam <sup>em</sup> em arranjar os leitos; ~~e~~ quando a tarefa se concluia e as duas voltavam ao silencio, Maria sahia a buscar o velho, despertando-o de mansinho / Enfiava-lhe o braço, arrastava-o brandamente até ao quarto e o deitava na cama fôfa, farta como um paiol de algodão. Uma noite, e foi a ultima, a rapariga achou-o derrubado, de bruços no chão e gelado.

Depois da morte do velho a situação de Maria na familia foi se modificando. Já a tristeza entrando no seu espirito lhe revelava o desencanto da existencia; já a ambição dos colonos, donos da casa, temerosos que da convivencia do filho ~~do~~ rapariga resultasse alguma ligação de amor, lhe traçava a separação entre ~~elles~~. Mas, apesar de todas as preocupações tomadas, Maria foi amante do joven Moritz Kraus. Estes amores eram, como

4/13/83

- re-  
mocar  
)

1/8

1/1e

De da

1/1ambros

1/12/22

em geral, os amores da colonia e deviam acabar por um casamento. Assim esperava Maria. Mas a cupida ambição dos já então velhos Kraus não permitia que as coisas seguissem o curso habitual. Queriam que o filho se casasse com Emilia Schenker, uma das mais ricas moças do logar. Não era a distincção de classes, que não existe entre os colonos, quasi todos da mesma origem, que os levava a afastar Maria, de Moritz; era apenas o interesse, a avidez de incorporar o filho á familia Schenker. Assim, os paes, sem suspeitarem do ponto a que tinham chegado as relações entre Moritz e a creada, e no ~~desejo~~ de cortar uma simples inclinação, que a convivencia tornára inevitavel e levára ao maior compromisso, deliberaram mandar o filho para outra colonia, longe do Jequitibá, onde o alugaram como trabalhador, esperando esquecesse o amor ~~///~~ e o espirito dos Schenker para annuir ao desejado casamento.

Maria viu com grande pasmo a docilidade do amante, que lhe parecia entrar gostoso nos planos dos paes. O seu abandono foi completo; não teve meio de communicar com Moritz nem animo de exigir o casamento. Que era ella sinão uma miseravel, uma pobre creada, que poderia ser lançada de um momento para outro na estrada? Como poderia embaraçar com a sua pessoa, com os seus desejos e ambições, os planos da familia? Para o rapaz aquella ligação fôra uma simples conse-

11 /

/// contrato

/// em seguida possaram em obra appa- relhos

quencia da vida em companhia de uma rapariga ;  
fôra apenas uma conclusão animal, e desde que  
lhe acenavam com outra mulher rica, elle se pres-  
tava ~~mas~~ e satisfeito a esposal-a. //

Pouco a pouco, Maria já não era a mesma  
galharda e resistente serva. Um grande desanimo a  
tomava, e de vez em quando, — fraqueza ~~de~~  
só do desalento moral mas também da  
mysteriosa perturbação do organismo, — tinha ton-  
teiras e tudo se lhe turvava nos olhos, um grande  
suor ~~frio~~ inundava-lhe a fronte e á garganta  
lhe subiam náuseas. Quando no cafésal lhe vi-  
nham subitamente esses momentos de canção,  
esquecia-se da tarefa, deitava-se ao sol n'um  
completo abandono, os cabellos amarellos se  
misturavam ~~a~~ <sup>3</sup>velva verde, os seios arfavam in-  
tufnescidos, e ella ~~os~~ <sup>desapertava</sup> n'um gesto de  
desafogo; a bocca se humedecia, os olhos semicer-  
rados se perdiam no azul do infinito e tudo,  
céos, terra, parecia balouçar como em alto mar...  
Indo ás festas da colonia, alvoroçou-se, pen-  
sando encontrar-se com Moritz. Este, porém,  
não foi á capella nem ao baile de Jacob Müller, e  
Maria, cada hora mais abandonada, mais inquieta  
com a fatalidade da sua sorte, teve a dolorosa pro-  
vação de se confundir ~~a~~ alegria dos outros, e,  
reprimindo os sobresaltos, retendo uma immensa  
vontade de chorar, ouvia phrases e juramentos  
de amores alheios, que lhe enchiam os ouvidos,  
~~de~~ a agonia. E por isso não esque-

61-22 /  
docil /

oriundo  
não

im- /

/ com a  
a- /

/ na

multiplicando



cia a sua conversa com Milkau. As palavras d'elle, sem significação, sem alcance, vazias mesmo, eram ainda assim, repassadas de uma infinita brandura, que cahia sobre ella como um refrigerio para sua ancia.,. E no ~~seu~~ desespero, no ~~seu~~ abatimento, vivendo em si mesma como hypnotisada, em funda agonia, ella se apegava a essa lembrança como a um trecho de verdura no deserto immenso, desolador, que era a sua nova existencia. Quem era elle? Quando o veria mais?... E sabia que tudo tinha passado como o rasto do passaro no ar; mas teimava em reproduzir de memoria aquelles momentos, a que pouco a pouco a turvada imaginação e a fragil lembrança, tudo pervertendo, n'uma doce conspiração, iam dando outro relevo, outra sensação, mais forte, mais expressiva.

Uma manhã, o dono da casa ia partir para o cafetal proximo da habitação, quando um mulato, montado n'uma besta, se approximou d'elle vagarosamente, *o, de cima da montaria desdobrando um*

— Você se chama Franz Kraus? *perguntou* o ~~mulato de cima da montaria, desdobrando uma~~ *folha de papel, e me tirou um* ~~folha de papel, que tirára do bolso.~~ *do bolso program. t. 22 =*

O colono disse que sim.

— Pois, então, tome conhecimento d'isto. E *eu* desdenhoso entregou o papel ~~ao outro.~~

Kraus olhou o escripto, e como, apesar de estar no Brasil havia trinta annos, não sabia ler o portuguez, ficou embaraçado.

— Não posso ler... Que é?

— Também vocês vivem aqui na terra a vida inteira e estão sempre na mesma, ~~disse~~ o mulato. Venho por aqui furando este mundo, e de casa em casa sempre a mesma coisa : ninguém sabe a nossa lingua... Que raça !

O colono ficou aturdido com aquelle tom insolente. Ia replicar meio encolerizado, quando o mulato continuou :

— Pois fique sabendo que isto é um mandado da justiça. É um mandado do senhor juiz municipal para que vosmecê dê a inventario os bens de seu pae, Augusto Kraus. Não era assim o nome d'elle? A audiencia é amanhã, aqui, ao meio-dia... A Justiça pernoita em sua casa. Prepare do que comer... e do melhor. E os quartos... São tres juizes, o escrivão e eu, que sou o official do juizo, que tambem se conta.

O colono, ouvindo falar em Justiça, tirou o chapéu submisso, e ficou como fulminado.

— Ah ! Prepare tudo para se arrolar. Não esconda nada, sinão cadeia. Ouviu ? Bom, adeus ; não tenho mais conversa. Não lhe deixo contra-fé, porque de nada lhe serve... Era só o que faltava... mais essa massada.

Picou o burro, e solemne lá se foi n'um chouto pelo caminho. Antes de passar a cancella, voltou-se para a casa. Kraus estava pregado no mesmo lugar, com o chapéu a rolar nas duas mãos. O meirinho gritou :

a - te  
Docil

Hor  
nã

om - /

/ cor  
a

///

— Comida e dormida para cinco. Veja lá!

Desappareceu; e o colono ficou por algum tempo na mesma postura. ~~O~~ nome magico da Justiça ~~o aterrava~~. Na colonia, quando se falava em tribunaes e processos, todos se confrangiam. A lei e o direito tinham alli um prestigio inquietador.

*Atterma  
wa-o u*

Franz Kraus não teve mais animo de ir para o trabalho. Entrou em casa. A mulher, que o viu em tão extranho abatimento, arrancou-lhe palavra por palavra a narrativa da intimação. Depois, ambos ficaram mudos o dia inteiro. Maria tentou confortal-os, mas o terror dos outros, um terror como si tivesse havido alli uma visita da morte, fazia ainda augmentar a propria tristeza d'ella, tirando-lhe as energias para distrahir os patrões. Apenas, quando foi a tarde, Maria lembrou os hospedes do dia seguinte e o interesse que ~~deviam~~ <sup>deviam</sup> empregar para recebê-los do melhor modo. Comprehendendo isso, Franz animou-se, e auxiliado por Emma e a creada começou a arranjar a hospedagem. ~~As mulheres~~ <sup>Ma</sup> ~~matavam~~ <sup>matavam</sup> gallinhas, preparavam o pão negro dos colonos, arrumavam a casa, remexendo velhos bahús esquecidos nos quartos. Tudo se fazia debaixo de conselho, cada qual, como succede nos dias de desgraça, querendo apoiar-se no outro, todos conchegando-se n'uma desfallecida cobardia.

*1/8 X2*

*1/pela*

*1/cam-se*

Na manhã seguinte, a « colonia » estava ordenada. Kraus, vestido como nos domingos, poz-se inquieto a andar no terreiro, espreitando a chegada dos magistrados. As mulheres, tambem vestidas

com os seus melhores fatos, não se arredavam do trabalho na cozinha.

Era mais de meio-dia quando a Justiça entrou senhorilmente na colonia. Os magistrados montavam excellentes bestas que, segundo o costume, eram emprestadas pelos negociantes ricos do Cachoeiro. O colono correu a recebê-los, de chapéo na mão, solícito em ajudal-os a apeara~~se~~ ~~dos~~ <sup>a/</sup> ~~animaes~~. Um dos juizes largou-lhe o animal; os outros da comitiva amarraram os seus nas arvores e todos espararam com o chicote a poeira das botas, batendo no chão ruidosamente com os pés.

— Estou morto! disse o juiz municipal, espreguiçando-se.

— Uma estafa! Quatro horas de viagem... Ainda o sr. veio por obrigação, mas nós dois, eu e o collega, que nada temos com isto, e só pelo passeio! Emfim, sempre a gente se diverte... disse o juiz de direito, procurando fitar com o monoculo o promotor.

— Perdão, então não terei occasião de funcio-  
nar? perguntou vivamente o promotor, adaptando a luneta azul aos olhos.

— Ah! é verdade, sr. curador de orphãos...

— Mas aqui não ha disto... Todos, meu doutor, são maiores, atalhou com um riso de escarneo um mulato velho, côr de azeitona, recordando nas linhas e na expressão inquieta, a cara de gato

maracajá, como era a sua alcunha. Era o escrivão.

— Mas, senhores, entremos... A casa é nossa em nome da lei, disse o juiz de direito, encaminhando-se para dentro.

— Mas onde está esse inventariante imbecil? perguntou com arrogancia o promotor.

— O sandeu fica todo este tempo a arranjar os animaes e nos deixa aqui ao Deus dará, explicou o escrivão.

E todos passeiavam pela sala com estrepito, batendo com o chicote nos moveis, ou praguejando, ou rindo das pobres estampas nas paredes, ou farejando para dentro, de onde vinha um capitoso cheiro de comida.

— Delicioso esse tempero! Promette! exclamou o juiz de direito.

— Moça bonita que saia! gritou rindo o promotor.

— Não haverá alguma por ahi?

Ouvindo tanto rumor, Kraus correu á sala atarantado, como si já tivesse commettido o primeiro delicto, e poz-se como um creado á espera das ordens.

— Traga paraty! ordenou o escrivão. Mas que seja do bom.

O colono sumiu-se, para logo voltar com uma garrafa e um calice.

— Não ha mais copos n'esta casa? perguntou com desprezo o escrivão.

O colono tornou ao interior e depois reapareceu, balbuciando desculpas, e poz em cima da mesa quatro copos.

— Vamos a isto, meus senhores ! propoz o promotor.

Segurou a garrafa, serviu no calice ao juiz de direito.

— Dr. Itapecurú, como mais graduado...

E foi distribuindo a cachaça nos copos.

— Você quer ?

— Muito pouco, um nada.

— Tome lá, seu fracalhão.

— Sr. escrivão, continuou o promotor na distribuição.

— Mas, dr. Brederodes, o sr. me affronta com esse copo quasi cheio.

Rindo, contente, o « maracajá » começou a beber, estalando os beiços :

— É bom... Esses diabos de colonos a primeira coisa que aprendem aqui na terra é a conhecer paraty.

— Meus senhores, uma consulta, disse Brederodes, uma consulta de direito. O official de justiça póde beber antes da audiencia ?

Na porta, em pé, o meirinho esperava a sua vez. Os outros riram sem responder á pergunta.

— Sr. doutor, para clarear as idéas... E, meio desconfiado, o mulato chegou-se á mesa com o braço estendido.

— Vá lá! depois ~~se~~ esqueça de tocar a campai-  
nha, e temos processo nullo. /7

— Não ha risco!

De um trago engoliu a aguardente, com medo que esta lhe escapasse. Uma onda de sangue lhe ennegreceu o rosto, os olhos cheios d'agua tingiram-se-lhe de vermelho. *ef/ u- the/*

— Este sujeito não nos dá almoço? Olhe que já é tarde... Faça favor de vêr isto, sr. escrivão. O sr. é o nosso mordomo, disse o dr. Itapecurú, olhando pelo monoculo ~~o~~ subalterno. /ao

O escrivão entrou pela habitação a dentro, procurando o colono. Quando voltou, disse:

— Vamos almoçar, o homem tinha tudo preparado. O melhor é deixarmos essas nossas cerimonias, tomarmos conta da casa, porque si fôrmos esperar que esta gente se mova, estamos convidados. Não sahiremos d'aquí. Olhem, si querem lavar as mãos, o quarto é este.

Indicou os aposentos; todos o seguiram e ~~se~~ viram ~~em~~ um quarto com duas camas altas, de grandes colchões de palha farfalhantes e comodos.

O juiz municipal apalpou ~~com volupta~~ um dos leitos: *Polem todamen te*

— Ah! que somno divino aqui!

— Mas, como é isto? Só duas camas e somos quatro! observou inquieto o promotor.

— Aqui ao lado ha outro quarto. E empur-





monoculo na mão ficou atrapalhado, com um sorriso parvo enchendo-lhe a cara.

— Oh! é só para vêr...

E a pobre moça, finda a tarefa, desapareceu n'um andar incerto e balanceado. E, enquanto os outros commentavam, divertindo-se com a scena, Brederodes ficou pensativo. Nos seus olhos turvos passavam miragens de ~~delusão~~, e elle sentiu impetos de se apossar da mulher.

*sentado  
de*

Depois do almoço, puzeram-se a fumar descansados; e quando um grande torpor ia dominando a companhia, entendeu o escrivão espertal-a, dizendo ao juiz municipal :

— Sr. dr., V. S. não manda abrir a audien-  
cia?

O dr. Paulo Maciel espreguiçou-se bocejando, como si o convidassem á mais enfadonha das tarefas.

— Pois sim. Vamos lá, seu Pantoja.

O « maracajá » poz os oculos e armou-os na testa, enquanto arranjava a mesa para o serviço. O official de justiça apresentou-lhe um bahúsinho, de onde elle tirou utensilios para escrever e um formulario, que abriu em pagina marcada. Procurou a melhor luz, sentou-se e principiou, debruçado sobre o papel de margem dobrada, a lançar os termos do processo. Paulo Maciel tomou um logar á cabeceira da mesa, e com ar fatigado e distante começou á acompanhar o serviço do escrivão.

— Bem; está prompto o termo...

— Sim senhor, então abra a audiência, ordenou o juiz municipal ao meirinho.

Este, de campainha em punho, foi até á porta e começou a badalar, passeiando na frente da casa, clamando com voz fanhosa : — Audiencia do sr. dr. juiz municipal... Audiencia do sr. dr. juiz municipal...

Sob a força do sol ardente, na grande calma<sup>ria</sup> do mundo, esses gritos estridentes, avolumando-se no silencio total, aterravam os moradores da « colonia. »

Depois foi apregoado o dono da casa, que entrou na sala, confuso e medroso. O seu olhar não retinha da scena sinão uma vaga impressão; começára por desconhecer sua propria casa transformada em tribunal, governada por aquelles homens que se tinham apoderado d'ella, e onde elle parecia extranho e prisioneiro. Ordenaram que se approximassem, e fizeram-lhe perguntas a que ~~elle~~ respondia com voz apagada e tremula. Quando declarou que o pae era morto havia quatro annos, o escrivão resmungou :

— Vejam só... Este heróe aqui na posse dos bens, desfructando-os como si já fossem d'elle... sem dar contas á justiça, nem á fazenda nacional.

Paulo Maciel, desinteressado, levantou-se e disse ao escrivão :

— Seu Pantoja, vá tomando as declarações.

E passou para o quarto, onde os collegas fuma-

vam tranquillos e preguiçosos, estirados na cama. Tirou o paletot e deitou-se como elles.

Na sala, Pantoja atormentava o colono com perguntas e de vez em quando ~~se~~ interrompia <sup>se</sup> para ameaçal-o :

— Se você me occultar qualquer coisa aqui da casa ou das terras, ou do cafetal, ~~em~~ de se haver <sup>te/</sup> com a justiça... Vocês são finos, mas eu sou macaco velho... São as penas da sonegação... Penas terríveis!

Assim envolvia as suas ameaças nas dobras de termos technicos, com que ainda mais amedrontava o allemão. O processo foi-se fazendo com estes dois unicos personagens ; sentado n'uma cadeira, junto á janella, cochilava o meirinho, abrindo de tempos a tempos os olhos ~~abertos~~ de <sup>// ver-  
melhos</sup> somno, que se fechavam logo ; do quarto não vinha mais o som da conversa : apenas um roncar monotonico e regular de alguém a dormir enchia a casa, onde tudo ~~se entorpecera~~ <sup>// comore-  
cera</sup> n'um grande socego.

Duas horas levou o escrivão a trabalhar no inventario, proseguindo á sua discreção, deixando apenas em claro as assignaturas do juiz e dos avaliadores que elle dava como presentes, e que eram seus homens de palha, n'uma costumada fraude que lhe rendia mais custas.

Acabado o serviço, ~~despediu~~ <sup>// e</sup> o dono da casa, que <sup>Todo</sup> assignou tudo quanto elle mandou., sem receber a menor explicação. <sup>//</sup> Depois Pantoja tirou os oculos,

e manso, sorrateiro, veiu ao quarto em que estava o juiz municipal.

— Prompto, sr. doutor! *e presença*

Maciel ~~se~~ <sup>se</sup> espantou com a voz do subalerno, ~~de~~ ~~dirrado~~ ~~sobre~~ ~~elle~~ ~~sobre~~ ~~estando~~ ~~com~~ ~~os~~ ~~olhos~~ ~~endiabrados~~ e ~~sinistros~~.

— Ah! o sr.? Já acabou?

— Tudo. Havendo milho, meu doutor, vae depressa que é um gosto. E aqui ha bastante... Tenho promptos alguns mandados para intimar uns colonos d'esta vizinhança, que não fazem inventario ha muito tempo, comendo os espolios á tripa forra, sem nos dar satisfacção. Venha v. s. assignar os mandados para se fazerem amanhã esses inventarios aqui mesmo. É cousa pouca, mas...

— Ora, seu Pantoja, é melhor deixar essa pobre gente em paz. Não sendo coisa grande, não nos adeanta.

— Não, meu doutor, tudo o que cáe na rêde é peixe, e quando se sabe expremper a mandioca, pôde-se vêr o que rende no fim da festa.

— Seu Pantoja, seu Pantoja... disse o juiz municipal, como si quizesse suster aquelles appetites do escrivão. Afinal, condescendente e resignado, levantou-se, e em mangas de camisa e chinellos veiu á mesa da audiencia assignar os mandados.

— Neves, ponha-se em campo, ordenou o escrivão ao official. E lendo os papeis, repetia alto os nomes das pessoas a intimar : — Viuva Schultz...

*Inclin  
a sorrir e fi-  
ta-lo*

*/rem*

Viuva Koelner... Otto Bergweg... tudo é perto. Para amanhã às nove horas, aqui.

— Às ordens, seu capitão. Com poucas estou de volta. . .

O meirinho metteu os mandados no bolso e foi sellar o burro.

— ~~Mas~~ que malandrice! disse o juiz municipal, voltando ao quarto onde descansavam os collegas. Com este bello dia, deitados! Ora, meus senhores, vamos passeiar!

E abrindo as janellas; ~~deixou que entrasse no~~ aposento uma luz branda, amortecida no verde da folhagem das arvores que envolviam a casa.

Os dois outros abriram os olhos.

— Que boa somneca, doutor! disse Maciel ao juiz de direito. E voltando-se para o promotor: — Você tem-se fartado de dormir!

— Para que serve o colono sinão para isso? Para sustentar e regalar a Justiça. Olhe, Maciel, no seu caso, si fosse eu o juiz dos inventarios, não sahiria das « colonias. »

— Muito bem, dr. Brederodes, devemos sempre fazer as nossas desobrigas, como os vigarios. Esta é a nossa religião... Mas não é com o dr. Maciel que se consegue isto. O sr. bem sabe o trabalho que tivemos para arranjar esta pequena excursão.

— Tenho pena... ia dizendo o juiz municipal.

— De que, sr. doutor? interrogou vivamente o escrivão.

— D'esta pobre gente, d'estes miseraveis.

Oh!

Seu  
Promotor

— Na miseria anda a Justiça. O sr. deve ter pena é de si, da sua familia e dos seus patricios. Não é, sr. dr. juiz de direito?

Itapecurú, que de pé se penteava, dividindo o cabello ralo, voltou-se gravemente, acudindo á interpegação e, assestando o monoculo, metteu-se entre os discutidores.

— A quem pergunta! Fui juiz municipal doze annos na Bahia. Vão lá saber a minha fama. Fui o terror dos inventarios. Não deixei um só por fazer, ia de porta em porta em nome da lei; quando me constava que havia um fallecimento, tomava nota, e trinta dias depois o mandado fazia mexer os recalitrantes. Ah! todos prosperámos no fóro... eu movia a machina. Estes moços de hoje se dão outros ares... Capitão Pantoja, é por essa falta de espirito pratico que o paiz vae mal. Nós somos de outra escola, nós, os velhos.

Havia n'essas palavras um prazer refinado de ~~se~~ ~~misturar~~ ~~n'uma~~ camaradagem com o subalterno, que era o chefe politico do logar.

— Perdão, dr. Itapecurú, não me envolva na classe dos romanticos, protestou Brederodes com interesse. Commigo, aqui o capitão sabe, colono anda fino.

Paulo Maciel ~~se~~ viu <sup>se</sup> assim excluido d'aquella communhão e ficou meio desdenhoso, mirando os collegas dominados pelo olhar felino do escrivão. Todos triumphantes escarneciam do juiz municipal, e nos seus risos entravam suas almas, com-

ay  
 Maciel  
 Brederodes  
 ao  
 H/

pondo um conjuncto extravagante; um era o riso tumultuoso, alvar, de Itapecurú, outro era o riso canino, rapido, cortante de Brederodes, o do ~~outro~~ era o riso silencioso, sem energia para o ruido, perdendo a força em se estampar demorado na physionomia.

*U-2  
outro e  
este e  
tao forte  
do outro  
da linha  
anterior  
Conceto  
nto res a  
linha*

Vieram todos para o terreiro, e ~~se~~ puzeram a passeiar vagarosos. O sol já ia fraco, e a tarde era amena. Os colonos, encurralados na cozinha, não appareciam. A Justiça reinava livremente na casa e no pomar. De chinellos, e em mangas de camisa os jovens magistrados fartavam-se do bello ar da tarde, o juiz de direito que não os acompanhava em tamanho desalinho, ia com um paletot de palha de seda, muito penteado, engravatado, com um gorro de velludo na cabeça. O escrivão conservava a sobrecasaca de alpaca preta, já muito russa. ~~Co-~~ bria a cabeça com uma especie de solidéo de lã, que lhe tapava a calva.

*U e c*

Deram algumas voltas, examinando ~~o sitio~~ do sitio; e quando estavam debaixo do laranjal carregado de fructos, amarellos e vermelhos, fructos novos ou sazoados, notou Paulo Maciel :

*U todas  
as minas  
dencios*

— É admiravel a ordem e o asseio desta colonia. Nada falta aqui, tudo prospera, tudo nos encanta... Que differença ~~em~~ ~~nas~~ terras cultivadas por brasileiros... só desleixo, abandono, e com a relaxação a tristeza e a miseria. E ainda se fala contra a immigração !

*U  
de  
com*

— Então, pela sua theoria, interrompeu o pro-

motor, devemos entregar tudo aos allemães ?

— Apoiado... commentou o escrivão. E' a consequencia do que diz o dr. Maciel.

— Sim, confirmou este, para mim era indifferente que o paiz fosse entregue aos estrangeiros que soubessem apreciar-o mais do que nós. Não pensa assim, dr. Itapecurú?

O juiz de direito tomou um ar solemne :

— Sim e não, como se diz na velha escolastica. Não ha duvida que falta ao brasileiro o espirito de analyse. E quando digo brasileiro, refiro-me a todos nós. E que se póde fazer sem analyse? É o destino da Hespanha : cahiu em nome da philosophia. Não podia entrar em concurrencia com um povo analytical...

— Como, doutor ? gritou o juiz municipal. Então os Estados-Unidos...

— Terra de analyse, meu amigo. Terra invencivel. Olhe, eu sou um fanatico da analyse. Quando vejo um individuo, estudo-lhe todos os habitos, não preciso saber das suas idéas, basta um ~~detalhe~~ *la* por exemplo, o que esse homem come, e eu concludo sem medo de çrrar quaes os sentimentos psychologicos do meu examinado. Ah! Porque uma vez apanhado, classifico-o. E' meu.

— O doutor é terrivel, disse Maciel trocando um olhar com o promotor.

— Ah! Tenho confiança nos novos povos formados n'esta escola. Quando estive em França, não

*la*  
*circum-*  
*tancia;*



deixei de ir ao parlamento e admirei os jovens espiritos, que alli estão dissecando o orçamento, analysando os impostos... Fala-se em Lamartine... Um sujeito, e até patricio nosso, me disse uma vez em Pariz : veja os seus oradores de hoje... Anões! Lembre-se de Berryer, de Lamartine. Quando falavam aqui dentro (estavamos no Palais Bourbon) a voz d'elles era ouvida no mundo inteiro... E a d'estes de agora nem na praça da Concordia.

— E que respondeu?

— Pensa que embatuei? disse com o seu riso volumoso o magistrado. Vae vêr. Não, respondi eu, não ha inferioridade; antigamente esses homens falavam por falar. Só rhetorica, nada de serio. E a sua loucura era tão grande que pagavam pela lingua... Idiotas! Veja hoje essa gente nova, rapazes quasi imberbes, educados na sciencia positiva, cheios do espirito de analyse. Não reparemos na fórma, olhemos o ~~fundo~~. Ahi é que está tudo. Não olhe você como elles dizem, mas sim o que elles dizem.

— E depois?

— Matei-o, como vê. O Brasil, (voltando á nossa questão), morre por esse mesmo espirito de rhetorica. É uma fatalidade. Até certo ponto convenho, com o sr. dr. Maciel, que devemos ceder o passo ao mais forte. Ao mais ditoso cedo o ingresso, como diz o poeta.

E Itapecurú arrependeu-se profundamente de ter dito isto, porque leu nos olhos de Pantoja a sua

*Ma es-  
senia.*

*causa*

*17*

*O poeta disse:  
"ao mais querido  
Cedo o ingresso, ao mais ditoso o passo."  
O'bono concórdia*

condemnação. Teve um frio de medo e quiz, gaguejando, remendar o pensamento. Mas o escrivão não lhe deu lugar e acudiu rancoroso :

— Admira-me ouvir de dois magistrados uma tal linguagem. Não ha mais patriotismo, não ha mais nada. Os senhores podem querer entregar a patria ao estrangeiro, podem vendel-a, mas enquanto houver um mulato que ame este Brasil, que é seu, as coisas não vão tão simples, meus doutores.

E o pardo cerrou os punhos, rangeu os dentes, estampando-se-lhe na cara um sorriso tenebroso.

— Mas/ capitão, escute, obtemperou o juiz de direito com uma voz de melliflua cobardia; não duvide dos meus sentimentos patrioticos. Quem applaudiu mais do que eu a resposta do Marechal? A bala, sim, meu capitão, á bala quando elles vierem.

— E não ha de tardar muito o momento, disse o promotor. Patriotismo vae-se vêr em breve.

— Sim, é preciso desmascarar os patriotas de barriga, disse, soturno, Pantoja.

— E quando é esse famoso momento? perguntou calmo e desdenhoso Maciel.

— Quando esse imperador da Allemanha que você admira tanto, replicou Brederodes, mandar a sua esquadra bloquear os nossos portos.

— E que fazem vocês para se oppôrem? Pensa você, Brederodes, que com o nosso exercito diminuto, com a nossa marinha insignificante, podemos

~~fazet~~ a ~~alguem~~?  
 // *corrostar*

Brederodés deu uma gargalhada e disse victorioso :

— E os Estados-Unidos, meu caro ?

— E' verdade, ajuntou tambem, rindo, Itapecurú. E a grande America cruzaria os braços ?

— Não sei até que ponto se metteriam n'isto os Estados-Unidos... Depois, que lucro teriamos n'essa intervenção ? Passariamos de um senhor para outro. Nada mais.

— É a doutrina de Monroe ? A America para os americanos...

— ... do Norte. Como elles mesmos dizem, concluiu gracejando Maciel.

— De toda a parte. O nosso combate será com os europeus.

— Ninguém pôde domnar um paiz quando o povo não quer... interveiu o escrivão. Meu doutor, com uma caixa de phosphoros se liquida um exercito e toda essa canalha européa.

— Como, capitão, perguntou, cortez e lisonjeiro, o juiz de direito, esperando com ar admirativo a resposta.

— Como ? respondeu o escrivão com uma satisfação sinistra. Tocando fogo nas casas, no matto, nas cidades. Um grande incendio que ha de espantar o mundo !

— Sei d'isto. A Polonia e o Transvaal tambem promettiam tanto... observou ironico o juiz municipal.

— Os Polacos eram aristocratas e por isso indignos; os Boers são uns miseráveis que têm o que perder, disse fóra de si Brederodes. Alli ha mais amor ao dinheiro, ás minas, do que á honra. Os brasileiros, não. Não temos nada a perder, felizmente, e isto decide o povo.

— Bravo, doutor. O senhor é dos nossos.

— Capitão, não duvide dos meus sentimentos, disse interessado o juiz de direito.

O escrivão encolheu os hombros com desprezo.

— Os senhores falam em independencia, observou, então, caustico, o juiz municipal; mas eu não a vejo. O Brasil é e tem sido sempre colonia. O nosso regimem não é livre : somos um povo protegido.

— Por quem? interrompeu Brederodes, gesticulando com a luneta.

— Espere, homem. Ouça. Diga-me você : onde está a nossa independencia financeira? Qual é a verdadeira moeda que nos domina? Onde o nosso ouro? Para que serve o nosso miseravel papel sinão para comprar a libra' ingleza? Onde está a nossa fortuna publica? O pouco que temos, hypothecado. As rendas das alfandegas nas mãos dos inglezes ; vapores não temos, estradas de ferro tambem não, tudo do estrangeiro. É ou não o regimen colonial com o nome disfarçado de nação livre?... Escute. Você não me acredita ; eu desejaria poder salvar o nosso patrimonio moral, intellectual, a nossa lingua enfim, mas a continuar esta

miseria, está torpeza a que chegámos, é melhor que viesse de uma vez para cá um caixeiro de Rothschild para governar as fortunas, e um coronel allemão para endireitar isto.

— Você é um cynico... insultou-o Brederodes, pallido, com os lábios a tremer.

Houve um pequeno silencio. O escrivão saboreou a disputa, Itapecurú temeu um conflicto, mas Paulo Maciel sorriu logo com superioridade :

— Descomponha-me como quizer; o que você não pôde negar é a evidencia dos factos. Colonia somos nós e seremos... repetiu frio e insistente.

O outro enrubesceu, e obedecendo a uma excitação súbita, proseguiu atrevido :

— Colonia, enquanto houver miseraveis como você.

— Menino, menino, deixe de ser malcreado, disse seccamente Maciel. E, retomando o seu geito, continuou :

— Si na verdade não entrámos ainda na orbita de um grande povo, é porque aproveitamos da disputa entre as nações fortes. Temos sobre o continente projectada a sombra dos Estados Unidos. Isto reconheço; mas um dia, fatigados de impedir que outros se apossessem de nós, elles nos comerão, como fizeram a Cuba.

— Dizem que a Allemanha tem planos. Dizem... O collega sabe que em questões d'esta ordem não convem falar sem toda a segurança, commentou profundamente o dr. Itapecurú. E a sua cobardia

solemne punha uma certa brandura na discussão.

— Póde affirmar sem medo, disse o escrivão, que estamos sendo cercados pela cobiça dos Allemães. O proprio Imperador paga do seu bolsinho missionarios e professores no Rio Grande e em Santa Catharina.

— E o governo, que faz a tudo isto? perguntou Brederodes. E elle mesmo respondeu: — Cruza os braços, cuida de eleições, de politicagem. Nós precisamos, capitão, varrer esta corja que se apossa do poder para ~~se~~ enriquecer, esquecendo-se de que o povo soffre e o estrangeiro só tem a ganhar com a nossa miseria.

— As eleições vêm ahi... Porque não fazem os senhores um manifesto? propoz o juiz municipal.

— O negocio não é para manifesto, nem para eleições. Isto é coisa á parte, coisa do interesse dos partidos, dos amigos, respondeu o escrivão, tomando a serio o que dizia Maciel.

— Eis o que nos prejudica, replicou Brederodes; é essa mania eleitoral: por causa de partidos deixa-se naufragar o paiz.

— E até se aproveitam dos votos do estrangeiro, accrescentou Paulo Maciel. Porque esses allemães não serão nunca brasileiros, e são os melhores eleitores aqui do capitão Pantoja.

O escrivão ficou embaraçado no seu duplo sentimento de chefe de partido na localidade e de nativista.

— Mas esses allemães não fazem nada. São

muito respeitadores e mansos... Um rebanho de carneiros... por esses respondo eu.

Brederodes deu uma risada, escarnecendo :

— Está ahí o perigo. Os Allemães são uns velhacos, mettem-se em nossa casa muito quietinhos, obedientes, nós nos aproveitamos d'elles, do seu numero, do seu dinheiro, e elles vão na sombra engrossando, até um dia se despejarem sobre nós e avassallarem o paiz. Capitão, de e de conversa, fogo no estrangeiro, nativista sempre. Á bala!

Paulo Maciel parecia desinteressar-se da discussão e, descuidado, foi-se afastando na direcção da casa, tirando de passagem folhas das laranjeiras que ia aspirando, nervoso. Os companheiros o seguiam, empenhadôs no assumpto. Maciel pensava :

— É o debate diario da vida brasileira... Ser ou não ser uma nação... Momento doloroso em que se joga o destino de um povo... Ai dos fracos!... Que podemos fazer para resistir aos lobos? Com a bondade ingênita da raça, a nativa fraqueza, a descuidada inercia, como nos opporemos a que elles venham?... Tudo va e se transformar. Pobre Brasil!... Foi uma tentativa falha de nacionalidade. Paciência... E que nos adeantam os Estados-Unidos? Será sempre um senhor. Todo este continente está destinado ao pasto das feras... Sul America... Ridiculo... Mas não haverá uma salvação, não haverá um deus ou uma força que

paralyse o raio armado contra nós?... Emfim, vá lá... Mea culpa; e está acabado... Temos o que merecemos... D'ahi, póde ser que seja melhor... A Terra prosperará... Melhor administração... mais policia... e é só... Vale a pena? E o mundo é só isso? Vale a pena viver para ter mais policia? E a lingua? a raça... esta associação... degradada si quizerem... mesquinha... sim, fraca, quasi a esphacelar-se... mas amavel, boa, e amada, apesar de tudo, porque é nossa, nossa... Oh! muito nossa...

Caminhando, assim chegaram á casa, onde eram esperados para jantar. Puzeram-se á mesa, e o meirinho, já de volta das intimações, ajudava o serviço. Sahindo do seu esconderijo, Maria rodava pela sala, sempre perseguida pelos homens. A pobre, porém, parecia fria e indifferente ás phrases atrevidas, immoraes, com que a cobriam os sujeitos da Justiça. Acabado o jantar, ~~estes~~ puzeram <sup>as</sup> cadeiras do lado de fóra da casa e ~~se~~ entretiveram <sup>elles</sup> a conversar pela noite a dentro, emquanto as estrellas vinham se abrindo numerosas e infinitas.

O juiz de direito não desanimava em desmanchar qualquer impressão sobre a sua falta de patriotismo que porventura ficasse no espirito de Pantoja, temido pela sua influencia politica, e voltava ao assumpto.

— O meu nacionalismo, capitão, é antigo. Desde a Academia fui um exaltado em questões de patriotismo. Ah! nunca transigi.



— Mas isso foi n'outro tempo, creio que hoje... ia interrompendo Maciel por brincadeira.

— Hoje, com a idade, respondeu empenhado Itapecurú pondo o monoculo, redobrou o meu nativismo. Não dou treguas ao estrangeiro. Aqui para nós, sou até jacobino.

— Mas divertiu-se bem na Europa, e com certeza, si pudesse, não sahiria de lá, objectou Maciel.

— Nunca abandonaria minha patria. Não nego que a Europa tenha alguma coisa de bom. Aquelles que, como o sr., sentem desgosto de ser brasileiros, devem dar uma vista d'olhos ao velho mundo. É salutar, creia. Os meus sentimentos nacionaes, confesso, estavam enfraquecendo, mas, vendo a decadencia da Europa, tive orgulho d'este Brasil e voltei ao meu furor. Não é de balde que me chamo Itapecurú. E a marca nativista que trago da Academia...

— Como assim? inquiriu Brederodes.

— Quando Gonçalves Dias e Alencar deram o grito de alarma pelo Brasil, pelo caboclo, nós, estudantes, respondemos ao nosso modo... Eu me chamava Manoel Antonio de Souza. E só. Souza cheirava a galego. Accrescentei Itapecurú. Manoel Antonio de Souza Itapecurú... Foi um movimento geral. Cada um tomou um nome indigena, e d'ahi os Tupinambás, os Itabaianas, os Gurupis.

~~Quando~~ mais tarde a palestra esmoreceu, o juiz de direito disse aos companheiros :

— Meus senhores, que propõem para matar o

2'

Ab III

tempo? Vamos a uma partida de manilha?

Paulo Maciel não temia o tempo e, ao contrario dos companheiros, era mais feliz quando o deixavam só com os seus pensamentos.

— Não conte commigo, doutor. Estou cansado e vou deitar-me. Boa noite ; eu os espero no quarto.

Os outros, logo que Maciel partiu, entraram a detrahir-o.

— É uma pena, disse Itapecurú, não dá para nada.

— Também pouco se perde, accrescentou Brederodes. Presumpção não lhe falta, mas, no fim de ~~doz~~ tudo, que tem feito?

— Sim, desembuche para vermos o que tem tão escondido, escarneceu o escrivão. Uma coisa affirmo : nada sabe do officio. Eu podia contar impagaveis... Si um dia escrever para a Capital, para os jornaes, havemos de rir muito. Será bonito e asseiado.

— O que elle sabe é descompôr o Brasil, mal-dizer de tudo o que é nosso, disse o dr. Itapecurú, accentuando a phrase com vistas ao escrivão Pantoja, que ajuntou por sua vez :

— Mas o dinheirinho no fim do mez não se engeita, esse, nem por ser brasileiro, fede.

— Póde ser que quando isto fôr da Allemanha, receba o dobro dos seus patrões, disse o promotor.

— E' verdade, insinuou Itapecurú, que não larga a grammatica allemã?

— Sim, está se preparando para nos governar, respondeu Brederodes.

Riram e ergueram-se para jogar. O juiz de direito trazia sempre um baralho de cartas na mala para essas excursões judiciais em que nada tinha a fazer, e que acompanhava por divertimento.

Os tres jogaram algum tempo, até que o promotor, pretextando canção, abandonou o seu lugar.

— N'este caso, capitão, desafio-o para uma bisca, disse pressuroso o juiz de direito, não querendo desistir de jogar, com aquelle vago receio do tédio, que tanto o perseguia.

— Pois sim, doutor, aguento-se para uma sova, acquiesceu Pantoja por entre baforadas da fumaça de cigarro.

Brederodes no terreiro chamava em voz baixa o meirinho :

— Neves, Neves!

— Prompto, seu doutor.

O official de justiça estava a cochilar, deitado na relva, e ergueu-se meio atordado. O promotor deu-lhe uma ordem que elle partiu a cumprir. Brederodes, ficando só, passeiava nervoso, agitado de desejos lubricos. Não tardou o ~~official de justiça~~ *emissario*.

— Então ? perguntou o promotor, quando o viu ainda de longe.

— Qual! seu doutor. Não vejo geito.

— Como assim ?

— A bicha é arisca como quê. Só si V S. visse

o nojo com que me olhou... Nem me respondeu, como si ainda tivesse o que perder... V. S. não reparou como já vae bem adeantada ?

Brederodes ficou colerico. Uma fluxão de sangue subiu-lhe á cabeça, rangeu os dentes, e os olhos na noite escura brilharam felinos e máos.

— Ella me paga. Deixe estar. Ainda que tudo isto aqui arrebente... Corja de allemães !

— V. S. não se zangue... Vou vêr si ainda dou uma volta no caso. E desapareceu na direcção da casa, fugindo ao desabafo do promotor.

Este ficou só, n'uma meia allucinação, ruminando vinganças. Na casa tudo se aquietára. Os dois parceiros, mortos de somno, tinham-se resignado a deixar o baralho e estavam deitados nos quartos; os colonos não davam signal de vida; o meirinho não voltára. ~~Farto~~ de esperar, e um pouco acalmado no seu furor, Brederodes resolveu vir para o quarto. Ahi o seu companheiro, que era o escrivão, resonava. Elle deitou-se de manso e poz-se á espera de que a noite avançasse. ~~O seu sangue voltava aos impetus do desejo,~~ e na mente nevrotica passavam perturbadoras miragens sensuaes. Levantou-se sorrateiro e, apenas alumiado pela frouxa luz de um candieiro de azeite que estava na sala, seguiu pela casa a dentro; e quando na volta do corredor o clarão se acabou, ás apalpadellas foi tacteando as paredes. Ao dar com alguma porta, punha-se á escuta, para vêr si, por um movimento, um signal qualquer, reconhecia

*Tomara-se-lhe o sangue H*

*L uoso*

*acreditouff*

*(-o/* o quarto de Maria *que um momento pensou* descobri... Tentou abrir a porta. Mas esta estava fechada á chave. « Miseravel » pensou, com raiva o promotor. Um impulso de arrombar a porta tomou-o, mas um vago vislumbre da consciencia da sua falsa posição tolheu-lhe o movimento. *- / 8 /*

— Póde ser que não seja aqui... Isto naturalmente é o quarto dos velhos.

E com esta esperança passou adeante nas trevas. Outra porta estava em frente. Escutou ; nada... Poz a mão no trinco, a tramela levantou-se e com a pressão a porta abriu-se, rangendo. Brederodes palpitou alvoroçado. De dentro ouviu um rumor de alguém que acordára, e uma voz assustada de velha perguntar :

— Quem é ? És tu, Maria?

Brederodes recuou para o corredor e deixando a porta aberta deslisou nas pontas dos pés, n'um instincto salvador que lhe fazia adivinhar no escuro o caminho do quarto.

No dia seguinte, ás nove da manhã, o meirinho annunciava ao toque de campainha a audiencia dos inventarios dos vizinhos de Kraus.

Na sala o juiz municipale e o escrivão estavam no seu posto, á mesa ; o promotor e o juiz de direito á janella conversavam, voltados para dentro ; em pé, encostados á parede, duas mulheres e um homem, rodeiados de creanças, seguiam atemorizados a scena, esperando ser chamados.

— Sr. dr. Brederodes, V. S. tem de funciona

como curador de orphãos nos tres inventarios. Ha uns desvalidos que precisam da protecção legal de V. S., disse o escrivão, motejando.

O promotor teve um risosinho de satisfacção e veiu sentar-se á mesa.

— Não é possivel arranjar alguma fatia para mim n'esta festa? perguntou 'o dr. Itapecurú, n'um sorriso idiota.

— V. S. sabe que é depois, no fim do negocio, que se precisa da sua benção. Todos comerão do bolo...

— Bem, n'este caso, como nada tenho a fazer, emquanto os senhores preparam o prato, vou dar um giro ahi fóra.

Pondo o chapéo, assestou o monoculo nos intimados e sahiu magestoso, seguido pelo fiso zombador dos que ficavam.

— Viuva Schültz! chamou Pantoja.

Depois de alguma hesitação, uma camponeza alta, ainda moça, se approximou.

— Ha quanto tempo seu marido é morto? perguntou o escrivão, iniciando o interrogatorio deante da apathia do juiz municipal.

— Ha dois annos.

— Sempre o mesmo... Ninguem cumpre a lei; aqui todos herdam sem a menor cerimonia... Isto vae acabar. Juro.

Em seguida, passou a tomar as primeiras declarações da viuva, que triste e subjugada por aquelle apparatus judicial, ia respondendo docilmente a

tudo. O juiz municipal e o promotor, despreocupados da audiência, levantaram-se e foram entretidos para a janella. A mulher a cada passo soffria descomposturas insolentes de Pantoja, e um immenso pejo a assaltava.

— Quantos pés de café tem a sua colonia ?

— Quinhentos...

— Só? Não minta... sinão temos conversa no Cachoeiro.

— Mas, senhor, póde ser que tenha mais ou menos, não contei um por um, meu defunto marido avaliava em quatrocentos... eu plantei uns cem n'estes dois annos.

— Bem, eu arredondo a cifra.

E calado, sem nada dizer á interessada, que, além de tudo, não sabia ler o portuguez, escreveu :

— Mil e quinhentos pés de café.

Continuava Pantoja a lançar os termos do inventario, segundo o seu velho processo de tudo fazer elle mesmo e ~~augmentando~~ descaradamente o valor dos bens para accrescer os seus lucros. Depois de algum tempo, disse á colona :

— Agora póde ir. D'aqui a duas semanas appareça no Cachoeiro, no meu cartorio, para receber os seus papeis.

A mulher ia se retirando, radiante de allivio.

— Espere lá!... Que desembaraço! Ainda não lhe disse o principal, observou com accento escar-ninho o « maracajá ».

N'um papel escreveu varias parcellas, sommou-

*1 de  
/// r*

as resmungando e disse comsigo afinal :— Cento e oitenta mil reis.

— Está direito; olhe leve comsigo o dinheiro das custas. Trezentos mil reis. Ouviu?

— Trezentos mil reis!... Trezentos mil reis!... Meu senhor!

— Não tem meu senhor nem nada; aqui não se faz esmola... e dê-se por muito feliz, porque não houve demanda. Si tivesse de metter um advogado, é que havia de ser bonito... Trezentos mil reis. Nada de conversa e bico calado. Si eu souber que vösmecê andou batendo a bocca pelo mundo, tem de se haver commigo.

A colona lançou olhos de supplica para os dois magistrados, que continuavam indifferentes a sua palestra. Sem um apoio, esmagada, sahiu cabisbaixa da sala da audiencia. Pantoja chamou o colono, que esperava a sua vez de ser apregoado. E depois de repetir com elle a mesma cousa, passou a se occupar da ultima intimada.

A mulher, vestida de luto, muito baixa e ainda joven, com um ar apatejado e longinquo, o ar da miseria, se ~~se~~ <sup>le</sup> aproximou. Uma filha de cinco annos lhe segurava o vestido e ella carregava ao collo outra, cuja cabeça dourada se realçava radiante por entre a pretidão das roupas da mãe.

Paulo Maciel, cançado de estar em pé, veio sentar-se no seu lugar e se interessou um pouco por esse grupo.

— É viuva ha pouco tempo? perguntou elle.

a-1



— Dois mezes..., respondeu a moça.

— E desde quando está no Brasil?

— Ha um anno apenas... Meu marido, que já vinha doente do peito, não durou muito...

— Estavam principiando a vida... Não é verdade?

— Apenas houve tempo de levantar a casa, fazer o roçado para a plantação... Não se plantou nada.

— É triste! E como vive você? inquiriu compassivo.

A mulher ficou pensativa sem responder.

— Naturalmente tem algum amigo que substitue o defunto, disse Pantoja, para se vingar do interesse do juiz, o que elle, habituado a fazer tudo, considerava como uma invasão dos seus privilegios.

Paulo Maciel, para evitar uma discussão com o subalterno, no fundo de todos elles temido, fingiu não ouvir.

A colona, afinal, disse :

— Estou em trato para vender a minha casa e vou me empregar como creada em outra colonia.

— No fim de contas, seu Pantoja, opinou Maciel, não ha inventario a fazer. É melhor mandal-a embora.

— Como é isto? disse tremulo o escrivão. V S. tem competencia para dispensar na lei? Ora, esta é muito boa... Que diz a isto, dr. Brederodês

V. S. é o principal interessado... Trata-se de orphãos.

— Não concordo na dispensa do inventario, acudiu vivamente o promotor... E si o senhor não quer fazer ex-officio, dr. Juiz municipal, eu requeiro.

Paulo Maciel ficou sem saber o que dizer deante de taes attitudes. O seu sentimento era suspender, prender este escrivão insolente, seu subordinado legal; era dispensar o inventario; era ainda por cima dar dinheiro do seu bolso á desgraçada e mandal-a embora, envolvendo-a n'um clarão de bondade. Mas para isso, que somma de energia, de fluido nervoso, não precisava de consumir!... Valeria a pena? As suas poucas forças o trahiram, e a intelligencia fina, distincta descortinou-lhe, perfida, o desenrolar de uma lucta com os seus collegas, com esse escrivão chefe politico, mandão da localidade, lucta ingloria em que elle não se queria estragar... Os juizes passam e os escrivães ficam.

— Está bom, cheguemos a um accordo. Faça-se apenas um arrolamento summario dos bens, em vez de um inventario formal, propoz com uma voz fatigada. Pantoja mediu-o triumphante.

— Isto é uma novidade para illudir a lei... aqui está o formulario official e ~~f. s.~~ não me mostra esses arrolamentos. Inventario é inventario, sr. dr., respondeu o escrivão, apossando-se da situação que o superior lhe abandonava.

v. s. |

— Homem, deixe de luxos, seu Maciel, disse o promotor. Que mal ha em fazer-se o inventario?

— Que mal?... obrigar esta pobre mulher a pagar mais custas... É pouco?

— As custas são o azeite da machina do fôro... objectou alegremente Pantoja.

E o inventario foi feito como os outros, com as mesmas éxtorsões e violencias. No fim, quando o escrivão intimou a colona a que lhe dêsse duzentos mil reis, esta começou a chorar.

— Deixemos de scenas... Querem obrigar a Justiça a trabalhar de graça... Era só o que faltava.

— Mas não posso arranjar tanto dinheiro.

— Venda a casa.

— Sim, meu senhor, vou vender o que tenho para pagar as dividas de meu marido, diyidas da molestia e depois trabalhar para outras novas.

— Primeiro a Justiça... Si não quizer nos pagar, não venderá a casa nem o roçado; eu prendo os papeis, e agora vamos vêr.

— Capitão Pantoja... ia dizendo o juiz municipal.

— Deixe o caso commigo, atalhou o escrivão, colerico e intratavel. V S. é rapaz, não entende d'isto, veiu hontem ao mundo, mas a mim ninguem me embaça... Lagrimas!... Todas ellas choram.

E voltando-se para a colona :

— Vá, á mulher moça não falta dinheiro...

Deu uma risada secca. Atordoadada como uma

somnambula, a colona sahiu, arrastando os filhos.

Depois do almoço, os animaes estavam sellados para a partida. O dia era abafadiço e dominado pelo sol, que mantinha sempre com a luz poderosa um grande silencio. Os juizes vieram para montar, ajudados pelo meirinho e pelo dono da casa. Pantoja chegou-se ao grupo e disse ao promotor, apontando o colono :

— Ainda não tive a minha conversa aqui com o amigo.

E batendo no hombro de Franz Kraus, que o fitou espantado da intimidade, accrescentou n'um gesto de ironica cortezia :

— Muito obrigado pela hospedagem, camarada... mas ainda falta alguma coisa.

— Que é ? interrogou inquieto o colono.

— As nossas custas, meu amigo. Você póde... E por isso dê-nos logo. Está me cheirando mal o fiado... vá buscar... Quatrocentos mil réis.

O homem vacillou, como para cahir. Uma vertigem o ia tomando; na garganta a voz morreu-lhe n'um espasmo. O escrivão empurrou-o de manso, dizendo-lhe zombeteiro :

— Vá, amigo, não se espante. Olhe que o negocio podia ser peor... Advogados, demandas, penhoras...

Sob aquella pressão, o colono foi caminhando automaticamente para a casa.

— Bravo, capitão, o senhor é de força, observou lisonjeiro o juiz de direito.

— Ainda não viram nada, respondeu o escrivão, estimulado.

Depois de alguma demora, que os ia impacientando, appareceu o velho Kraus. Tinha os olhos vermelhos, as faces inchadas e rubras. Chorára.

Pantoja recebeu o dinheiro e contou. O colono olhava-o, mudo e abatido.

— Muito bem. Agora tudo está em ordem. Fiquemos bons amigos. Procure os papeis no cartorio, no fim do mez.

E montou. A cavalgada partiu.

— Parabens, disse Itapecurú a Paulo Maciel; está chovendo na sua roça.

O juiz municipal, sem dar-lhe resposta, olhou-o com um grande nojo.

Em pé, no meio do terreiro, de chapéo na mão, a cabeça ao sol, o colono via com os olhos desvaiados a Justiça sumir-se na estrada... E quando Ella desapareceu e tudo voltou ao socego profundo, ficou elle longo tempo com a vista ~~fixa~~ ~~fixa~~ na mesma direcção... Subitamente, n'uma raiva immensa e cobarde, murmurou olhando medroso para os lados :

— Ladrões!

*// cravada*

*V Conto medroso. Depois de pto em  
" n'uma raiva immensa e cobarde"  
mas h' parecer o caso? E; momentaneamente  
como disse o colono quando pto a "Ladrões" Tem-se  
para fallar e que disse toda a impiedade de infantes  
e arrolhados e espumou a veia para a parte  
propria; to a impiedade de infantes  
que se fallar; e mais impiedade de infantes  
a maior impiedade de infantes  
de; e mais impiedade de infantes  
a maior impiedade de infantes*

## VII

Continuava Maria na colonia de Franz Kraus no seu mesquinho penar. Desesperada da volta de Moritz, vigiada pelos olhos cúpidos e inquisidores dos velhos, vivia como uma louca, volteando apate-tada pela casa, nos serviços domesticos, e sem poder dormir noites e noites na afflictiva ancia de querer salvar-se da deshonra, que o tempo indifferente e implacavel trazia cada vez mais á flôr. Assaltava a muitas vezes um desespero de fugir, de ir para longe, desconhecida e forte, sem preoccupações alheias, esperar que das proprias entranhas lhe viesse a salvação e o consolo do futuro... Outras vezes, definhava languidamente, preza de um grande temor, de uma immensa e mofina vergonha, e queria morrer. Mas, fraca, cobarde, as forças não lhe acudiam para qualquer resolução, e ella se deixava ficar na colonia e na vida, no mesmo ruminar de desespero e de agonia...

21  
a-22

Os velhos não tinham mais illusão sobre o estado da rapariga, e vendo-a mover-se pela casa, n'um passo tropego, com o ar transfigurado que lhe punha a amargurada maternidade, sentiam um odio surdo contra ella, erguida alli como um estorvo ao desafogo da ambição d'elles. Viam desfeito o casamento do filho com a herdeira dos Schenker; tudo fôra tarde; diziam inconsolaveis. E agora passavam os dias muito unidos, em cochichos de vingança ou em planos para se vêrem livres de Maria. Mas as suas cabeças não eram inventivas, nem mesmo para a maldade; ficavam irresolutos, com medo de processos, subjugados pelo ~~terror~~ e crescente terror que lhes deixára a visita da Justiça. E d'este modo, a vida n'aquella colonia era uma tortura para todos. Não se conversava mais, não havia mais o esquecimento do tempo, mais a indiferença pela existencia, que é o unico encanto d'esta. A todo o momento eram ralhos e insultos, eram exigencias de serviço á pobre rapariga, na doentia obsessão de vê-la ~~escaçar~~ da casa. Já lhe não davam quasi comida, dobravam-lhe os trabalhos, e ~~ela~~ com desespero nevrotico ~~que~~ viam a misera inabalavel, sem um movimento de revolta, n'um constante gesto de somnambula.

Assim viveram algum tempo esses desgraçados. E, como uma manhã, Maria, já fatigada de trabalhar, com as mãos tremulas, tomada de um suor frio, deixasse cahir um prato, que se quebrou, a velha Emma enfureceu-se e começou a insultal-a

/// conti-  
nuo

/// aban-  
donar  
// 9  
// 7

n um berreiro. Franz correu á cozinha, e transbordando-se-lhe o odio, avançou colerico para Maria que, intimidada, ia recuando, fugindo atordoada do alarido. E foi então que Emma gritou :

— Miseravel... Vae-te embora... Sáe... Sáe...

O marido, communicado do mesmo furor, agarrou uma acha de lenha e brandiu-a, n'uma ameaça de morte :

— Fóra, canalha... Fóra, ordinaria.

Maria correu ao quarto, querendo ~~se~~ refugiar; o velho alcançou-a e com violento empurrão impediu-a de fechar a porta; a rapariga, livida, offegante, collou-se á parede, protegendo o ventre com as mãos. Franz estacou ~~deante d'ella~~, rangendo os dentes, uma baba viscosa a escorrer-lhe da bocca contorcida. Emma segurou a moça pelo braço, que apertou com violencia, e ordenou-lhe :

— Parte, peste... Carrega teus trapos, suja... Vae-te d'aqui...

A rapariga obedeceu automaticamente. A excitação dos velhos, de subita que fôra, não deixava de prolongar-se, e foi debaixo de maldições, de pragas rancorosas, que a misera entrouxou algumas roupas.

— Fóra e já... berrava Emma, possessa.

Maria sahiu para o terreiro e, levada pelo impulso das ordens violentas, caminhava firme, sem hesitação, para o desconhecido. Por entre a folhagem verde, os ~~seus~~ cabellos descobertos iam espa-



lhando o fogo do sol... Não dizia ~~uma~~ palavra, não mumurava uma queixa. // 8

Era uma estatua marchando, e os olhos grandes e limpos tinham o lustre crystallino e secco dos frios espelhos...

Atraz, seguia-lhe no encaço, como um latido de cão, a voz de Emma :

— Vae, miseravel... Vae, perdição de minha casa... Maldita!

Maria andou algum tempo, inconsciente e desvairada. Sob a grande e funda emoção as idéas tinham-se congelado, ~~emquanto~~ a sua visão dilatada ia notando e retendo os pequenos incidentes da paizagem. Uma arvore cortada, um cafesal verde, um fio d'agua, um reflexo-de sol, um animal que se movia no fundo negro da matta, tudo era apanhado pela sua aguçada retina. E foi caminhando, sem dar fé da sua direcção, até que lhe chegou a fadiga da energia em que se mantinham os nervos, trazendo-lhe uma sensação de desanimo, que lhe entorpecia os passos e ~~lhe~~ despertava a consciencia... Via-se expulsa da velha casa que lhe fôra o lar, o jardim, o mundo !... E na memoria os quadros da sua vida desde a infancia... Tudo cortado... Tudo acabado, sem explicação, n'um impeto de colera, cuja razão não percebia bem... Quiz tornar á casa, entrar sem rancor, desmanchar com o sorriso o pesadelo monstruoso... Sim, voltar, voltar! Mas, quando se dispunha a retroceder, reconheceu, n'uma insondavel ~~desolação~~, que des-

// apenas

// 2

// morte  
fic

vairava, imaginando poder tão simplesmente restabelecer o que estava extinto. Parada, com a cabeça pendida sobre o seio, os olhos embebidos no proprio corpo, chorava.

Uma vaga inquietação de não encontrar um pouso, um abrigo n'aquelle deserto, começou a agital-a, dando-lhe animo para proseguir no silencio da estrada. Encaminhou-se para os logares mais invios, pois um grande pejo a afastava das casas conhecidas.

III *Sobrevia-lhe ao espirito como* Não tardou ~~que~~ ~~o~~ ~~seu~~ appello de salvação ~~fosse~~ ~~o~~ pastor de Jequitibá. Desde aquella manhã da missa, não o tornára a vêr; mas da sua timida e doce figura de camponio lhe ficára uma agradável impressão. Na pequena alma de mulher rustica e simples de Maria, houve um rebate de esperança, que ella seguiu confiadamente.

IIII *D* ~~Quando~~ depois de duas horas de marcha, a rapariga avistou a igreja e a morada do pastor; um sobresalto de terror ~~lhe~~ ~~sacudiu~~ o corpo. Mas foi instantanea a hesitação, porque a falta absoluta de outro apoio no mundo lhe ~~imprimia~~ ~~uma~~ extranha intrepidez.

IIII *Determinava* Começou a subir. A paizagem era limpa, e os dois pequenos edificios de atalaia davam maior tristeza á solidão. Lembravam habitações humanas perdidas no deserto, lembravam o isolamento, o sacrificio, o abandono... E á proporção que Maria subia, recordava-se da ultima festa da colonia, e com a saudade ia enchendo, povoando de gente,



pelo barulho, com uma expressão de espanto que ainda mais atemorizou Maria. Afinal, depois de confusas explicações, entrou esta para falar ao pastor, que veio logo á sala, onde a rapariga o esperava.

*/// Govel-o, Quidido* Maria ficou petrificada. O homem, erecto como um soldado e vestido como um jardineiro, tinha uma voz de uma doçura inesperada e que se não casava com o seu porte rustico.

— Que deseja, minha filha?

Maria não respondeu. Poz os olhos no chão, muito vermelha e tremula. Depois, grandes lagrimas rolaram-lhe pelas faces.

— Vamos, que lhe aconteceu?... interveiu com meiguice Frau Pastor.

— Eu... eu... queria... um agasalho, respondeu soluçando a miseravel.

*/// mostram-se* O pastor ficou confuso, achando estranho o pedido.

— Você não tem uma casa, uma colonia...? Nós não precisamos de mais creadas... */// de* elle, sempre com a sua voz macia, que lhe sahia do peito de touro como um balido de ovelha. */// ca. com con. tan*

*/// não* Maria ~~respondeu-lhe~~ Frau Pastor se aproximou e bateu-lhe no hombro :

*/// que* Que lhe aconteceu? Perdeu seu emprego? Agora, a este mofino contacto de piedade, Maria chorava sem pejo, abundantemente. As pessoas da casa, ~~de~~ *///* de arrancar-lhe alguma coisa sobre a sua situação e ~~de~~ *///* de lhe dar mais confiança, *///*

~~fam a lhe propôr varias questões~~ Pouco a pouco ella se foi acalmando, e pelo instincto da obediencia respondia, por entre lagrimas. Fôra, uma grande algazarra ~~de gritos~~ e gritos festivos de creanças soltas se foram perdendo pela encosta da montanha-abaixo. Era o alegre rumor da liberdade...

// sou

A irmã do pastor, rustica e marcial como elle, entrou na sala. O irmão explicou-lhe o assumpto, e essa mulher, severa e silenciosa, fiel aos seus habitos de nunca perguntar, esperou que tudo se explicasse. O pastor a temia, e ella o tinha submisso, amedrontando-o com as regras religiosas. Na casa, onde Frau Pastor era uma sombra do marido, a auctoridade da cunhada era decisiva.

— Vamos, dizia o sacerdote com o geito astuto do camponio, trocando um olhar com a irmã. — Vamos; ainda não me disse porque deixou a casa de Kraus... Como posso tomal-a sem saber de tudo?

— Não me quizeram mais... fui expulsa.

— Oh! Oh! Então o negocio é grave! Que falta commetteu você, filha, para tamanha punição?

A professora, que mirava com olhos devassadores a rapariga, interrompeu o inquerito com uma risada secca. Frau Pastor, temendo a explosão da cunhada, ergueu-se por instincto, para deixar a sala. Mas a curiosidade reteve a sua alma de creança.

— Ora, deixemos de comedia, clamou zombeteira a professora. Eu sei bem porque os seus

patrões, que devem ser gente honrada, a puzeram na estrada... Divertiu-se? Porque chora? Temos nós culpa dos seus prazeres? Olhe, mulher, já que entrou n esse caminho, não era para aqui que se devia dirigir. Esta é uma casa de respeito, a morada de Deus. Vá para a sua vida... Vá... Fóra...

Era o grande odio, o maior de todos, o que vem do sentimento sexual, a incendiar a irmã do pastor. Não era ella a mulher incompleta, a inabalada, a torre fechada, enquanto a outra, a mesquinha Maria, era a perturbadora, a consoladora, a amiga do homem?

— Oh! minha senhora, que mal lhe fiz?...

Ergueu-se da cadeira o pastor e muito solemne, com aquella maldita e doce voz, disse :

*// mora* — Em nossa casa não ~~se encontra~~ o prazer; aqui é o logar do amor de Deus. Vá, regenere-se. Lembre-se de que todo o peccado tem uma punição. O seu é horrivel. Desencadeiou-se a ira do Senhor...

*// supoz* Maria cessou de chorar e ~~percebeu~~ espantada que alli tambem todos estivessem loucos. Um olhar de piedade infantil escapava de Frau Pastor. Mas era uma compaixão sem agasalho, inane, medrosa. Maria lh'o retribuiu, e talvez o coração, que tudo faz comprehender, lhe inspirasse maior piedade por aquella esvaída sombra de gente. O pastor empurrou-a de leve para a porta, acariciando-a paternalmente.

E ao passo que a rapariga ia deixando a casa, a

voz do padre se revestia de um accento cada vez mais delicioso de ternura :

— Vá, filha, minha... pobre filha, que pena! Como soffro de não poder guardal-a em minha casa... Si este logar não fosse sagrado... Si não fosse terrivel a morada de Deus! Vá, filha, vá!

E quando Maria se viu no alto da montanha e olhou deslumbrada, allucinada, a voz do pastor ainda lhe cantava ao ouvido :

— Vá, filha, cuidado na descida, cuidado com os caminhos... Isto aqui é muito solitario.

Depois, a porta se fechou, e tudo o que era humano alli desapareceu n'um immenso silencio. Ficando só, Maria, arrastada pelo medo e por um assomo de vergonha, começou a descer, correndo, a montanha, e na sua febre sentia-se como que apertada, suffocada pelos morros e enterrando-se n'elles. Ao chegar abaixo, á cruz das estradas, poz-se a caminhar pela que levava a Santa Thereza. No seu coração innocente, na sua intelligencia confusa, todas as scenas violentas d'esse dia se misturavam extranhas como n'um pesadelo. Era o soffrimento animal n'uma alma rudimentar; e o que a impellia para a frente era um vago terror da noite, o desespero do desamparo na matta. Transmontava o sol, e as encostas dos morros, os valles apaziguados e, emfim, livres do grande incendio do dia, ~~embebi~~ am-se da luz serena da tarde. Transformava-se a expressão das cousas; as primeiras sombras, deitando-se longas, preguiçosas,

como tomadas de somno sobre a relva avelludada e voluptuosamente verde: os pequenos ventos acalmando a febre da terra inflammada; a viagem dos passaros na limpidez do' céo, dilatados pela claridade crystallina do ar...

No fundo do valle Maria viu um nucleo de colonias engastadas na vegetação. Das chaminés sahia fumaça, e áquella hora, em cada uma das casinhas da matta brasileira, as familias dos emigrados se reuniam n'um olvido feliz, e em torno da mesa esperavam a ceia... A miseravel sentou-se desalentada sobre a borda do morro com a vista perdida nas habitações. Aos seus ouvidos subiam vozes humanas, que ella escutava, como uma musica sussurrante, deliciosa... Outra fraqueza a pungia, que não era só o canção da corrida, a fadiga physiologica da maternidade, mas o vacuo da fome, alli, na opulenta terra de Chanaan... Maria teve o impeto de ~~se~~ precipitar do alto sobre as casas que estavam a seus pés, sentindo-se attrahida pelo feixe de forças humanas, reunidas n'aquellas vivendas. E, então, impellida pelo imperioso desejo de ~~partir~~ o conchego, o calor, a sympathia dos semelhantes, Maria, esquecida da sua triste situação, sem o menor pejo, arrebatada pela fome, ergueu-se e desceu rapida para o grupo de casas.

Quando ~~ahi chegou~~, não havia ninguem fóra. Os cães ~~Receberam~~ n'um atroador alarido, mas ella proseguiu pelo terreiro a dentro, tornando, com sua calma de louca, inoffensivos os animaes. Da

com  
partir

Quando chegou  
ahi?



primeira morada sahiram para vêr a razão do alarma. Homens e mulheres chegaram á porta, ainda mastigando e aborrecidos de ser interrompidos. Ao entrar a gente, a fugitiva como que despertou e ficou intimidada, sem saber o que dizer. Assaltaram-na de perguntas. E como no seu enleio a miseravel respondesse por disparates, alguém disse :

— É com certeza uma maluca,

Foi um panico, que se communicou ~~rapidamente~~, e todos se julgaram em presença de alguma perigosa doida vagabunda. Correram as mulheres para o interior, ~~os~~ os homens pegaram em páos e avançaram ~~para ella~~, amedrontando-a.

— Fôra, maluca, fôra.

Maria recuou ~~escurraçada~~, sem perceber bem o que se passava. Os cães excitados ladravam furiosamente, e das outras casas a gente sahia para o pateo, fazendo côro com os vizinhos, n'um grande berreiro.

— Fôra, maluca! maluca!

A moça fugiu n'uma desabalada corrida. Homens e cães ~~a~~ perseguiram <sup>na</sup> ~~alguns momentos~~, rai-vosos e ululantes :

— Maluca, maluca...

Já Maria voltára á estrada, e ainda continuava mesmo offegante a correr, fugindo espavorida para longe d'aquelle ponto. Na sua carreira chegou até uma pequena matta que o caminho cortava. A claridade da tarde ahi dentro esmo-

em sua  
refeição.  
/// cat

/// instaurar  
tane

/// 2  
/// 17

/// aco-  
vada,

recia ainda mais. Maria parou, com medo de penetrar na sombra, e, postada na abertura da floresta, tomada de um calafrio, espiou para dentro, até perder os olhos na outra longinqua porta de luz. Pela estrada interior iam e vinham borboletas enormes, azues e pardas, n'um vôo captivo e arquejante... Maria ficou pregada á beira da floresta, sem animo para entrar, sem animo para fugir, e uma inexplicavel e funda attracção por aquelle sombrio e tenebroso mundo a retinha extatica... Das mãos tremulas e despercebidas cahiu-lhe a trouxa de roupa. Exgotada de forças, aterrada, vendo-se colhida em pleno deserto pela noite, desamparada, batida, a mesquinha derreou-se aos pés seculares de uma arvore, e de olhos dilatados, ouvidos apurados, ~~ella~~ espreitava o rumor e o curso das coisas... E o poder de visão redobrava á medida que a sombra surgia mysteriosa nos meandros do bosque, como o bafo vaporoso, impalpavel da Terra... Na sua imaginação perturbada sentia a natureza toda agitando-se para suffocal-a. Augmentavam as sombras. No céo, nuvens colossaes e tumidas rolavam para o abysmo do horizonte... Na varzea, ao clarão indeciso do crepusculo, os seres tomavam ares de monstros... As montanhas, subindo ameaçadoras da terra, perfilavam-se tenebrosas... Os caminhos, espreguiçando-se sobre os campos, se animavam quaes serpentes infinitas. (.) As arvores soltas choravam ao vento, como carpi-deiras phantasticas da natureza morta... Os pri-

*matta,*

*T 10*

*floresta  
H*

*a)*

*(*

*... in —————*  
*publica v. de pg. 107.*  
*Animavam-se*  
*indefinidamente*  
*Atadas ou repetidas a*  
*comparaçao, si não h' a cadencia*  
*original*

*A affliction*

meiros passaros nocturnos gemiam agouros com pios funebres. Maria quiz fugir, mas os membros cançados não ~~ac~~cediam aos impetos do medo e deixavam-na prostrada em uma angustia desesperada.

*u/*

Os primeiros vagalumes começavam no bojo da matta a correr as suas lampadas divinas... No alto, as estrellas miudas e successivas principiavam também a illuminar... Os pyrilampos iam-se multiplicando dentro da floresta, e insensivelmente brotavam silenciosos e innumeraveis nos troncos das arvores, como si as raizes se abrissem em pontos luminosos... A desgraçada, abatida por um grande torpor, pouco a pouco foi vencida pelo somno; e deitada ás plantas da arvore, começou a dormir.. Serenavam aquellas primeiras ancias da Natureza, ao penetrar no mysterio da noite. O que havia de vago, de indistincto, no desenho das coisas ~~se~~ transformava <sup>se</sup> em limpida nitidez. As montanhas ~~se~~ acalmavam <sup>se</sup> na immobilidade perpetua; as arvores esparsas na varzea perdiam o aspecto de phantasmas desvairados... No ar luminoso tudo retomava a physionomia impassivel. Os pyrilampos já não voavam, e myriades e myriades d'elles cobriam os troncos das arvores, que faisca-  
vam cravados de diamantes e topazios. Era uma  
illuminação deslumbrante e ~~gloriosa~~ <sup>magnificante</sup> dentro da  
inatta tropical, e os fogos ~~das~~ <sup>dos</sup> ~~pyrilampos~~ <sup>pyrilampos</sup> espa-  
lhavam ahi uma claridade verde, sobre a qual  
passavam camadas de ondas amarellas, alaran-

*V. Jares*  
*fare não*  
*cartar a*  
*prescripção*  
*invertebrados*  
*nações. isto*  
*sobto as estrelas*  
*los miudas*  
*e successivas*  
*principiavam*  
*a illuminar*  
*o ceo... Os*  
*pyrilampos*  
*de lampas que*  
*pareciam no*  
*bojo - matto*  
*o cor*  
*rar*  
*das*  
*lumpas*  
*das di-*  
*vidas...*  
*Sam-se*  
*multipli-*  
*ca do, i*

*// seu*  
*[scribble]*

*14.*  
*V. Jares em todo este quadro em jogo de*  
*vagalumes e pyrilampos como se fossem insectos*  
*benevolos: é um antipico a natureza e põe enfus o leitor,*  
*independente da natureza quise. Os pyrilampos em vagalume. sothe. D'outro*  
*parte, insectos em tourellogos*

jadas e brandamente azues. As figuras das arvores ~~se~~ desenhavam envoltas n'uma phosphorescencia zodiacal. E os pyrilampos ~~se~~ incrustavam nas folhas e aqui, alli e além, mesclados com os pontos escuros, ~~frang~~ esmeraldas, saphiras, ~~pop~~ ~~ti~~ rubins, amethystas e as mais pedras ~~que~~ guardam parcelas das côres divinas e eternas. Ao poder d'essa luz o mundo ~~era~~ de um silencio religioso, não se ouvia mais o agouro dos passaros da morte; <sup>calava-se</sup> o vento que agita e perturba, ~~se ca~~ ~~tira~~... Por toda a parte a bemfazeja tranquillidade da luz... Maria foi cercada pelos pyrilampos que vinham cobrir o pé da arvore em que adormecêra. A sua immobilidade era absoluta, e assim ella recebeu n'um halo dourado a cercadura triumphal; e interrompendo a combinação luminosa da matta, a carne da mulher desmaiada, transparente, era como uma opala encravada no seio verde de uma esmeralda. Depois os ~~yaga~~ ~~lumes~~ incontaveis cobriram-na, os andrajos desappareceram n'uma profusão infinita de pedrarias, e a desgraçada, vestida de ~~yaga~~ ~~lumes~~, dormindo imperturbavel, como tocada de uma morte divina, parecia partir para uma festa phantastica no céu, para um noivado com Deus... E os pyrilampos desciam em maior quantidade sobre ella, como lagrimas das estrellas. Sobre a cabeça dourada brilhavam reflexos azulados, violaceos e d'ahi a pouco braços, mãos, collo, cabellos se sumiam no montão de fogo innocente. E ~~yaga~~ ~~lumes~~ vinham mais e mais, como si a flo-

01  
R2  
portad...  
pas

pyrilampo  
luzes

pyrilampo

Incontaveis. É um neologismo. Lançamos a d'os  
 Casimiro - Bernar... *Elle (1888) fins do homem, p. 196*  
 e vivis, hom. abot, t. 3 p. 74 e t. 2 p. 30. *Discurso: em*  
 numero innumeravel. Porque... substituiu o seu...  
 innumeravel (que se presta a equivo...)  
 de... e...

resta se desmanchasse toda n'uma pulverisação de luz, cahindo sobre o corpo de Maria até o sepultarem n'uma tumba magica. Um momento, a rapariga inquieta ergueu docemente a cabeça, abriu os olhos, que se deslumbraram. Pyrilampos espantados faiscavam relampagos de côres... Maria pensou que o sonho a levára ao abysmo dourado de um ~~estrela~~ e recahiu adormecida na face illuminada da Terra... *astro*

O silencio da noite foi perturbado pelas primeiras brisas, mensageiras da madrugada. As estrelas abandonam o céu, os ~~vagalumes~~ vão se apagando medrosos e ~~(se) occultando~~ no segredo das selvas, enquanto os seus derradeiros lampejos na matta ~~se misturam~~ ao clarão do dia nascente, formando uma luz turva, indecisa, incolor. Na arvore que agasalha Maria, começa o canto dos passaros, e, sem tardar, de todos os galhos da floresta sáe uma nota musical, que enche os ouvidos da mulher com o accento de uma felicidade inextinguivel. E aves surgiam, e tudo se esclarecia de outra luz, e o ruido começava, e um perfume concentrado durante a noite se ~~esparava~~, capitoso, pelo mundo despertado. Abandonada pelos pyrilampos, despida das joias mysteriosas, Maria foi emergindo do sonho, e a sua innocencia de todo o peccado ~~perfeita~~ perfeita confusão com o Universo acabou ao rebate violento da consciencia ~~na~~ a infatigavel memoria lembrou-lhe a agonia. Maria conheceu-se a si mesma. Arrancada pelo pavor *pyrilamp*  
*o-1*  
*a ma*  
*clar*  
*com o*  
*des-*  
*partia*  
*1004*  
*ava*  
*ff;*

*v* E a sua innocencia de todo o peccado. isto  
*faça aqui o que for. isto se percebe claro -*  
*mente o que queres dizer. Reflecte e emenda.*

dos perigos porventura passados n'aquelle deserto, ergueu-se de um salto e partiu correndo. E enquanto atravessava a matta, apesar do medo que a tomára, na sua lembrança persistia um clarão, que lhe descia d'essa miragem entrevista no espectáculo da noite maravilhosa. E quando chegou aos caminhos descobertos, já encontrou o sol, a cuja temível potencia morreu toda a illusão do sonho.

*/// afflic*  
 A miseravel marchou seguidamente duas horas, passando já por desertos, que lhe engrandeciam a ~~depressão~~ *depressão*, já por valles repletos de colonias, que lhe recordavam a sua vida de hontem. Em todas as casas começava com o dia o trabalho; vultos de mulheres ~~se~~ *se* moviam em roda das vaccas, na densa evaporação dos curraes; homens rachavam tóros de lenha; creanças corriam nos terreiros limpos, e de todas as chaminés aquelle suave e ineffavel fumo da manhã, que annuncia, sem pejo da fome alheia, a fartura do homem. Maria continuou a subir as montanhas até ao alto de Santa Thereza. Quando ~~ahi~~ *ahi* attingiu, ficou mais timida, receiosa de perturbar com o seu ar de vagabunda a serenidade da população activa e silenciosa do logarejo. E foi n'um grande rubor, gerado da acabrunhadora humilhação, que se dirigiu, vacillando, para a estalagem.

*/// 0*  
 Na taberna que era o unico pouso d'aquellas alturas, viajantes tomavam a primeira refeição da manhã. Maria ficou parada á porta, n'uma postura

de mendiga. A dona da casa, occupada em servir, não reparou n'ella, mas a filha, menos atarefada, vendo-a, veio á porta inquirir de que necessitava. Com a voz sumida, Maria disse que tinha fome. A joven a convidou a entrar, mas depois, como que arrependida, deixou-a ~~bruscamente~~ e foi falar á mãe. A estalajadeira veio examinar a foragida, e quando esta lhe ~~explicou~~ que buscava abrigo e trabalho, a velha perguntou :

— E que dinheiro traz você?

Maria, que não tinha pensado n'isso, ficou embaraçada em responder. A outra insistiu. Afinal, a rapariga confessou que nada trazia.

— E então como quer você que lhe dê de comer?

Maria fitou-a aterrada, com os olhos seccos e vidrados. A estalajadeira tornou :

— Mas que traz você ahí n'esse embrulho?

A mendiga ~~ia~~ ~~abrir~~ para lhe mostrar as roupas, quando de dentro os passageiros gritaram pela dona da casa, insultando-a. A velha virou como um corropio, dizendo :

— Bem, entre para a cozinha, que já ~~lhe~~ attendo.

A moça atravessou o corredor sem olhar para o refeitório. Na cozinha onde entrou, uma massa repulsiva se movia como uma lesma, ao lado do grosseiro fogão de barro. Era a creada do albergue. E Maria teve um confrangido asco, não ousando sentar-se, esperando de pé, n'um embrutecimento de faminta, a comida que lhe iam dar.

// a subit.  
tab.

Declar

// Ex l.

// a

N<sup>o</sup> // A subit. - Monte de Castelloe Co -  
21. 11. 1880, 1. 1. 1880

Os viajantes partiram, e a estalajadeira foi á cozinha. Depois de examinar o que Maria trazia, ~~de-~~

~~disse:~~

— Por esta roupa, dou-lhe comida e dormida dois dias.

E foi se apoderando da trouxa, deante da complacente apathia da rapariga, a quem deu um pedaço de pão e um tigelá de café. A desgraçada, cheia de fome, comeu n'uma ~~veloz~~ desprezível ~~maneira~~.

Maria passou o dia inteiro a vagar pela povoação, e por toda a parte aonde chegava, ia despertando a curiosidade e dando a impressão de tristeza que apavorava a descuidada gente do lugar. Ninguém lhe falava; e ella, absorta, alheia, rolava vagarosa, arrastando-se como um animal empestado.

Mergulhada na desgraça, Maria pouco a pouco sendo governada por uma velha alma mais rudimentar, mais primitiva, que recalrava todos os ligeiros vislumbres de uma sensibilidade menos grosseira. E para o meio-dia, era quasi sem pudor que pedia trabalho de casa em casa. Ninguém a queria; repelliam-na, escorraçavam-na, n'um instincto de apertada defesa. Não era ella alli na tranquillidade do povoado, na conchegada e bonançosa vida aldeã, o extranho phantasma da miseria?

À tarde, depois do jantar, quando o sol baixava, a população se apresentava á porta das casas, repousada e esquecida. No meio da felicidade dos outros, sentiu Maria crescer a sua solidão. Per-

offerec  
ma  
votou  
dade

6/11  
A rapariga  
H

le



correu a estrada que corta Santa Thereza e foi até ao fim, onde acabava a povoação; quiz ir além, pela matta a dentro, mas não teve animo de se afastar d'aquella atmospheria de desespero, de se evadir do raio do calor humano. Voltou.

Naquella primeira noite, quando foi a hora de se recolher ao albergue, a dona d'este mostrou-lhe um colchão estendido n'um quarto infecto.

— Está ahi a sua cama.

Alumiada por uma candeia de luz morticia, a infeliz ficou um instante só. O bafio do quarto tonteou-a, e n'uma vertigem ella cahiu, desalentada sobre o colchão de palha podre. Não tardou *Logo* que um vulto entrou no quarto e ~~sentou-se~~ *sentou-se* n'outro monturo de palhas, que ficava em frente áquelle em que se achava Maria. Era a velha creada. Tirou o casaco e ficou em camisa e saia, mostrando uma magreza de bruxa. Os cabellos despenteados cahiam-lhe sobre o pescoço; á luz turva os olhos brilhavam n'um fulgor de loucura. Sobresaltada deante da megera, a moça permaneceu petrificada, na mesma postura, e foi com um revoltado nojo que viu na tibia claridade a sua companheira metter a mão esqueletica na palha nauseabunda e retirar d'alli um pedaço de carne, que começou a devorar.

As duas miseraveis não se falaram. Mas os olhos da megera se ~~animavam~~ *animavam* de odio contra a rapariga, que lhe apparecia como uma inimiga, a invasora do seu circulo de independencia n'aquelle immun-

*incruz  
dia*

do aposento, que ainda assim era o refugio da inclinavel liberdade. Vencida pela prostração, não tardou muito a tombar dormindo sobre a palha. Maria acompanhava o arfar d'aquelle corcovado corpo e o latejar das grossas arterias, e não podia dormir com inquieto receio. Tudo a prendia á vigilia, o medonho quarto, o máo cheiro e o terror da bruxa. E quando ia cabeceando, derrubada por alguma rajada de somno, via n'um instantaneo pesadelo a velha erguer-se, livida, satanica, alongando as mãos de esqueleto, para a estrangular. Despertava convulsa e, gelada, espichava a cabeça até junto da outra, que continuava a dormir.

Pela noite a dentro, no maior silencio da casa, ratos começaram a surgir no quarto. Guinchando, farejando, corriam doidamente; passeiavam pelo corpo da velha como sobre um cadaver, e no seu colchão comeram os restos de carne que ella deixára. Maria sentiu-se endoidecer de pavor. Os ratos largaram a comida e continuaram a sua infatigavel investigação no aposente, indo e vindo a todos os cantos, incessantes, irrequietos. A lamparina principiou a ~~se~~ extinguir, <sup>se</sup> crepitando, e o quarto, ora se escurecia, ora se illuminava em successivos relampagos, até cahir tudo n'uma profunda escuridão... Maria, sempre alerta, acompanhava o ruído aterrador dos ratos, e semi-morta sentiu passar sobre a cabeça o vão tenebroso de um morcego...

Correram os dois dias marcados pela estalajadeira, sem que Maria pudesse encontrar trabalho

suas implorações e suas supplicas eram desdenhadas, e n'um instante a sua miseria tornou-se o ludibrio da gente amparada e farta d'aquelle retiro do mundo. A dona do albergue intimou-a a deixar a casa, e Maria teve um panico terrivel em se vêr de novo obrigada a bater as estradas, sem pão e sem guarida. Desatou a chorar, atirando-se aos pés da velha para que a deixasse permanecer alli até encontrar um emprego. A filha, ~~apallada~~ ~~por~~ tanta miseria, teve animo para intervir e Maria ficou na hospedaria como creada, em companhia da outra. E assim viveu alguns dias, apathica, esmagada, mas n'esse maldito apego á vida, que é o alimento da desgraça.

Uma manhã, Milkau em viagem para o Porto do Cachoeiro, onde ia comprar mantimentos, almoçava socegradamente no albergue de Santa Thereza, quando viu Maria passar no corredor, entrando da rua. Apesar da miseravel situação em que ella estava, Milkau reconheceu a sua joven companheira do baile de Jacob Müller, e que entrévira primeiro na capella de Jequitibá, n'um delicioso momento. Ficou um instante pensativo, procurando explicar por vãs conjecturas o ~~seu~~ encontro. Depois de alguma hesitação, chamou a dona da casa e perguntou ~~quem era a mulher, que elle acabava de vêr.~~ *aquella*

— Ah! ~~disse elle,~~ é uma vagabunda que recolhi. Não sei d'onde veiu; appareceu aqui sem um vintem e tanto chorou que a fui deixando ficar...

— É sua creada hoje?

— Qual! Um trambolho... O que ella me faz não é nada em relação ao que eu lhe faço. C melhor é que se vá para outras bandas; aqui ninguém a quer. Tambem era só o que faltava! Aquillo no estado em que está, sem eira nem beira, desmoralisa uma casa... E então breve, que tem de ir para a cama...

Essa linguagem atordoou o espirito de Milkau. Promptamente pediu que chamasse a rapariga, o que logo a velha fez. Milkau n'uma grande afflicção interrompeu o almoço. Alguns momentos depois, a estalajadeira entrava empurrando Maria, que, tendo por sua vez reconhecido Milkau, vinha arrastada, com immensa vergonha. Vendo-o agora, poz-se ella a chorar. Milkau levantou-se commovido e procurou acalmal-a. A dona do albergue, espantada da scena, motejava :

— Olhem, vejam só, coitadinha... Está-se a se lhe arranjar emprego e ainda fica amuada. Esta não quer me largar a sopa!...

Não continuou, porque da cozinha a chamaram, e ella acudiu, ~~para lá~~, deixando Milkau e Maria a sós. A confiante meiguice das palavras de Milkau ~~a~~ <sup>de Maria</sup> decidiu-a ~~a~~ contar-lhe a sua desgraça. Por vezes, embaraçava-se vergonhosa, e delicadamente Milkau a desviava dos pontos intimos e mais dolorosos. Maria, porém, retornada de um inesperado ardor, abria-lhe todos os cantos da sua humilde existencia. E quando n aquella sala da hospedaria

Milkau acabou de ouvir a narrativa, poz-se a scismar. Era a primeira vez em que na sua vida nova se esbarrava com a Desgraça... E n'um instante esse encontro lhe ~~apareceu~~ todos os longos mezes de felicidade, de resurreição. A dôr ~~sempunha~~ com a sua força solemne, devastadora, e os sentimentos de Milkau galopavam para o passado, mergulhando-se outra vez nos cyclos sombrios do soffrimento, d'onde pensára ter-se ~~escapado~~ para sempre... Si elle não dêsse ouvidos, si passasse adeante, deixasse no caminho a miseria alheia e continuasse no seu embevecimento de felicidade?... Não tinha elle fugido á maldade humana, abandonado a velha sociedade odiosa e recommçado a existencia na virgindade de um mundo immaculado, onde a paz devia ser inalteravel? Porque então o espectro do soffrimento o perseguia ainda alli?

Milkau divagava n'um fundo desespero. Maria fitava serena, esperando que elle falasse. Passou-se longo tempo n'esse silencio triste.

— Bem, disse afinal Milkau, com o semblante illuminado; tenho uma colônia onde posso empregal-a. É uma casa de conhecidos meus no Rio Doce... ~~Tenho medo~~, porém, de que não aguente a viagem. É longe, e está tão abatida...

Era a salvação. Maria sorriu encantada.

— Abatida? Oh! não... Estou prompta para caminhar. Vae vêr como não me canço.

Depois, reflectindo :

— Mas o senhor não ia para o Cachoeiro? Por-

*W. Delia*  
*imped*  
*rada*

*W. Libert*

*W. Arre-*  
*clio-me*



optar entre os vestidos e o dinheiro; e a velha, assim compellida, preferiu ficar com a quantia e restituir os objectos, de que não necessitava, e foi buscal-os, resmungando, malcreada. Maria seguiu-a. E quando voltou á sala, vinha de roupa mudada, com uma fita azul no cabello, faceira, risonha. Milkau festejou n'um sorriso o despertar da mulher.

Partiram. A estalajadeira, fincada na porta, emquanto elles atravessavam o povoado, clamava aos vizinhos :

— Vejam só. Não é que a desavergonhada teve sorte... E aquelle sujeito com uma cara de santo! Pouca vergonha...

Quando deixaram Santa Thereza e tomaram o caminho do Timbuhy, Milkau recordou-se da sua primeira viagem com Lentz, atravessando n'um extase a pomposa região, para se libertar do Mal... A ~~sua~~ viagem de hoje era ainda um combate contra o soffrimento, contra o odio entre os homens... Mas, afastando as apprehensões de uma irremediavel desillusão, o seu espirito tomava outro caminho e confiava que aquelle doloroso incidente, interrompendo a descuidada bemaventurança, passaria rapido, e tudo voltaria á doce calma. Amanhã, pensava elle, Maria tornará a ser feliz, o ~~sua~~ amante arrependido virá buscal-a, e todas as ligeiras feridas da dôr serão curadas por um sopro de bondade... Isto ~~(deu-lhe)~~ novas forças e, esquecendo a tristeza, a miseria da sorte da companheira, foi alegre conversando com ella.

Pedra

Debaixo do sol ardente desciam e subiam morros, e durante as primeiras horas Maria marchava lepida, apesar de tudo. Mais tarde começou a fraquear e era com difficuldade que ~~proseguiu~~. Sentaram-se ás sombras das arvores, á beira dos caminhos. Descendo das regiões ferteis, passavam tropas de burros carregados para o Porto do Cachoeiro, passavam viajantes montados, escoteiros, passava gente a pé, e só elles, descuidados, se deixavam ficar alli. Com o avançar da tarde, Milkau ficou inquieto, percebendo que lhes era impossivel alcançar o Rio Doce n'aquelle dia. ~~Propoz~~ a Maria continuassem a caminhar até descobrirem uma colonia onde ~~passassem a noite~~. Andaram mais um pouco, e uma colonia se lhes deparou no alto da montanha. Milkau propoz subirem pela vereda que levava até lá, onde talvez conseguissem agasalho. Maria fez um esforço e foi subindo vagarosamente.

A colonia para onde se dirigiam, era um pequeno jardim europeu, que ~~destruyra~~ a uniformidade das habitações dos immigrants. À medida que se approximavam, ~~em sendo maravilhosos~~. Em baixo extendia-se uma série de valles recortados em mil aspectos diversos; ora, montanhas baixas formando massas enormes, seccas, aridas; ora mattas folhudas, negras; ora, despenhadeiros, planicies, riachos, plantações, casas; tudo n'uma abundancia de criação, n'um capricho de linhas, de desenho, como n'uma paizagem extravagante. Os viajantes foram-se deliciando com o scenario, e, perfumando

/// de  
maria

8/1  
m-se/

na montanha

/// inter.  
rompia

/// re-  
veresca-lhes  
o arrou-  
bamento



com os aromas que ~~yinham~~ do jardim, até que, chegando á cancella, Milkau bateu palmas. Os cães ladraram atirando-se sobre a cerca, e logo um velho acudiu, socegando-os com alegre auctoridade :

— Olá, patifes ! assim é que se recebem visitas ?

Os cães ~~se~~ afastaram <sup>de</sup> rosnando; e o velho, alisar <sup>m-1</sup> do a longa barba branca, falou aos viajantes, mostrando no riso uma fila de dentes sãos. Milkau explicou-lhe o que os levára ahí. E o velho, radiante, escancarou a porta, n'um gesto de agasalho facil e espontaneo. Penetraram no jardim, que estava em triumphal floração. Os olhos não se podiam fixar em nenhum pormenor. A impressão que tiveram, foi de um só conjuncto de côres desdobradas ao infinito. A vista se lhes extendia farta e satisfeita sobre uma tela magica, uma zona cambiante, uma irradiação espectral, divina e rara.

Levou-os o velho para dentro da casa e offereceu-lhes jantar, servindo-os á mesa e obsequiando-os como podia. Entretanto, ia-lhes contando que era viuvo, morava alli só, havia muitos annos, as filhas eram casadas e os filhos viviam na vizinhança; o que o entretinha era cultivar flôres; o cafestal tambem o distrahia, e da janella apontou as plantações no morro proximo, tratadas com o carinho de uma horta. Findo o jantar, vieram os tres para o jardim. O homem da colonia deixou os hospedes e foi regar as plantas. Milkau ficou um momento admirando os movimentos expertos e juvenis do ancião, e depois, seguido de Maria, começou a pas-

eschaha  
nam  
dob.

seiar pelo jardim. Ella parecia nunca ter soffrido  
 uma resignação de nomada apagára rapidamente  
 os vestigios da miseria. E um instantaneo olvido  
 encerrou a sua agonia. Agora, toda era encanto por  
 Milkau, e com os olhos postos n'elle ficava embe-  
 bida n'um humilde enlevo. Encerrado alli, Milkau  
 julgava-se fóra da natureza tropical, via interrom-  
 pida a eterna verdura, susbtituída a tragedia da na-  
 tureza brasileira pela doçura européa trazida nas  
 flôres que peregrinaram até ahi. E o jardim lem-  
 brou a Milkau a terra que abandonára, e elle se  
 transportou ~~para~~ <sup>para</sup> da saudade para a velha  
 Germania. Naquella mesma hora era alli a hora da  
 primavera... Tudo resuscitava, sahindo da morte  
 gelada. Recordou-se dos bosques, dos jardins, das  
 casas, da gente n'um regosijo de novidade ao  
 calor bemfazejo do sol. E no animo de Milkau  
 amollentado pelo violento encontro da dôr, en-  
 tristecido, abatido apontou no momento do cre-  
 pusculo uma ligeira sombra de nostalgia... Maria  
 estava meio fatigada e inconscientemente apoiou a  
 mão no hombro de Milkau. Este sentiu <sup>a</sup> ~~uma~~ <sup>caroço</sup> ~~uma~~  
<sup>como</sup> ~~caroço~~ <sup>que o fulminasse,</sup> ~~caroço~~ <sup>animante</sup> ~~caroço~~, e o calor emanado das entranhas  
 geradoras da mulher infiltrou-se <sup>na</sup> ~~nos~~ <sup>nos</sup> ~~seus~~ <sup>seus</sup> nervos, en-  
 torpecendo-os ~~bruscamente~~. E foram caminhando  
 como espectros: olhos perdidos no vago, mudos e  
 sonhadores. Com a quêda do dia, as plantas chei-  
 ravam ainda mais. Quando elles passavam esque-  
 cidos, absortos, borboletas voavam sahindo das  
 plantas, como flôres aladas... Andaram até onde

N.  
 a  
 a  
 E o  
 que  
 que  
 mais  
 Deber?  
 E  
 não  
 Bida  
 te, por  
 te, por  
 fado  
 monte  
 à Currua,  
 L

rapido.

no H  
 uo H

a

o jardim ia acabar n'um logar secco, descampado, onde, como uma mulher bella e daminha, uma palmeira se alteava, esterilizando a terra... Sentaram-se em uma pedra. Os olhos, depois de mergulharem no tremedal que ficava em baixo, no despenhadeiro da montanha, ~~se~~ ergueram <sup>se</sup> para o céo, e acompanharam a morte do sol. Era uma representação phantastica. Sem raios, sem reverberação, o immenso globo ostentava uma successiva gradação de côres, como si dentro d'elle um magico se divertisse em illuminal-o. O mundo inteiro tinha parado para assistir ao spectaculo... O grande actor foi descendo no espaço sem nuvens, sobre a sua superficie as côres ainda continuavam n'uma infinita mutação, até que afinal ~~elle~~ mergulhou no horizonte e a terra tingiu-se de sangue e em seus mil nervos agitou-se toda... Era noite. O colono acabára o serviço e veio ter com os hospedes, convidando-os a ~~se~~ recolherem. Dentro, á mesa, os tres conversaram sem interesse, até que o dono da casa, cahindo de somno, propoz irem dormir. Mostrou a Milkau dois quartos contiguos, onde lhes tinha preparado as camas.

12

118 112

E já a casa estava em socego e Milkau, no seu leito, sem poder dormir, acompanhava o somno de Maria. O resonar leve e regular da mulher lhe vinha aos ouvidos, como uma musica extranha, que se lhe infiltrava, aquecendo-o...

Seguia deliciosamente todo aquelle brando respirar, e pouco a pouco uma ~~funda~~ perturbação lhe

119

Consciecia: duas intelligencias lucidas e penetrantes, cada uma de orgão  
 distincto: a do coração e a do espirito. A do coração é a do sentimento; a do espirito  
 é a do pensamento. A do coração é a do amor; a do espirito é a do conhecimento.  
 A do coração é a do sentimento; a do espirito é a do conhecimento.  
 A do coração é a do amor; a do espirito é a do conhecimento.  
 A do coração é a do sentimento; a do espirito é a do conhecimento.  
 A do coração é a do amor; a do espirito é a do conhecimento.

262

CHANAAN

Capitulo de... - Canção de...

alvoroçava o sangue. Mulher!... pensava elle. E esta palavra evocadora lhe dilatava os horizontes da restringida e quasi apagada sensualidade. Mulher! E lá vinham do esquecimento, onde jaziam sepultadas, as visões lubricas e lascivas... Mulher!... E um torpor, um espreguiçamento dos musculos o desequilibrou de uma vez e o atirou a uma vertigem de voluptade... Milkau levantou-se tremulo, o coração galopando, a garganta estrangulada, a bocca secca. Chegou-se á porta entreaberta do quarto de Maria. Cresceu-lhe o tremor e uma languida molleza o deteve, dando-lhe um instante de consciencia e um profundo vexame... O homem forte ficou envergonhado d'esse momento de loucura, e, abrindo a janella, poz-se a scismar debruçado sobre a Noite divina... Amaldiçoou-se e teve nojo de si; viu-se o ludibrio do desejo e descreu da redempção...

Stasi-  
Dada

Maria continuava a dormir tranquillamente; o seu respirar chegava sempre aos ouvidos de Milkau, enchendo-os de um goso ~~triste~~... Não era um resonar de adormecida, era um suspiro de amante, debaixo de cujas camadas sonoras se sente o mysterio do instrumento, que vos canta... O cheiro do jardim transtornava as coisas... Milkau estremeceu outra vez, sacudido pela voluptade... Era noite, e todos se amavam... Aquella hora lhe chegava do universo inteiro o echo do Amor... Só elle era mudo... E o seu olhar prescrutava as sombras da immensidade... Tudo se illuminava ao poder for-

Supremo

a-1

V Est. transformando as  
 coisas, e propagando de im-  
 ma e maliciosa; mas deve  
 ser substituido: o cheiro do jardim  
 era estorvante.

midavel da sua allucinação. E tudo era uma visão de amor : as boccas se beijavam com febre, os braços se apertavam enlaçados, os corpos, misturados, gemiam n'um frenesi de doidos... O solitario tambem amou... O sangue dentro d'elle, o joven sangue parado pela illusão, se degelou n'um momento e, quente e sofrego, clamou o corpo da mulher... Milkau deixou a noite tentadora e entrou no quarto de Maria. Os cabellos d'ella estavam soltos e cahiam sobre o collo nú... Milkau recolheu a quentura do corpo feminino, que amornava o aposento, e nos cabellos de Maria, como em frocos macios e louros, mergulhou a mão até ao fundo... E ficou tremulo, n'um fremito convulso, mudo e refreiado. Deslumbrado pela vertigem, via-lhe os cabellos descer pelo corpo abaixo, correntios, luminosos como um rio de ouro... Ficou assim seculos pregado áquelle corpo, sem poder ir além, n'uma arquejante respiração, que accordou a rapariga. Ella, com os olhos meio cerrados, perguntou :

— Já são horas de partir?

A voz innocente cahiu sobre Milkau como uma rajada de frio. Retirou a mão e, voltando rapidamente a si, fugiu, murmurando :

— Não, não... Dorme... Socega. Não é nada...

Voltou á janella. E para elle, que não era mais o mesmo, a Noite era outra ; não tinha mais aquelles accentos de volupia, aquelles transportes de luxuria. Era serena e bemfazeja como a face de uma

irmã. Ficou longo tempo alli, humilhado, confusó, arrependido, e com a brisa misturou os queixumes da sua agonia sexual, e com o orvalho, que a madrugada para o sarar lhe derramou sobre a cabeça, confundiu as suas lagrimas de solitario.

De manhã, ao deixarem a casa, o velho os acompanhou até á porta do jardim encantado, sorrindo-lhes com carinhosa malicia, como se costuma sorrir aos noivos. Maria retribuiu a saudação sem ~~saber~~ o que esta dizia. Milkau sentiu uma pungente tortura com aquelle sorriso; mas logo, erguendo a cabeça, partiu altivo, como o vencedor de si mesmo.

/// Compre-  
hender

## VIII

A passagem da miseria na nova vida de Milkau deixára o seu vestígio perturbador. No espirito d'elle uma melancolia teimosa se espalhava infinita, vaga, entorpecedora, e agora o pensamento rolava vertiginoso para o desanimo... Não podia esquecer a desgraça de Maria. Não ha sofferimento, scismava elle, tão insignificante que não clame aos que passam, piedade e reparação com o alarido de cem mil boccas. Não ha desgraça pequena. Toda a dôr é immensa.

*Existencia*

E para afugentar a persistente Tristeza, que o cercava e lhe extendia os braços amorosos, Milkau se consagrava ainda mais ao trabalho. Já por esses tempos a colonia tinha um bello e florescente aspecto. Todo o «prazo» estava cultivado, e os pés de café, que brotavam n'um indomavel viço, cobriam como um manto a antiga hediondez do roçado. Desapparecêra a coivara, o terreno

*a-*

semelhava um verdejante parque cercado das arvores immensas da floresta, apenas interrompida, e a humilde casinha dos dois emigrados estava coberta de trepadeiras, que se abriam em flôres, dando áquelle jardim alli nos tropicos um perpetuo ar festivo á vivenda.

Milkau era agricultor por instincto, e todas as suas faculdades de attenção, de imaginação, as empregava com desvelo e ardor no trabalho com as proprias mãos, que ennobrecia o seu destino humano. Lentz era o caçador. Restringido a um circulo de limitada actividade, o seu espirito, sempre retrogrado, buscava expandir-se n'essa fórma inicial e selvagem da civilisação. Caçava, luctava com os animaes, devastava as mattas, e, alliado a outros colonos de egual inclinação, em poucos mezes para elle já não havia segredos na floresta brasileira. No mesmo tecto esses dois homens exprimiam duas culturas differentes. Um offerencia ao mundo façanhas, matanças, sacrificios de sangue, e o outro, simples lavrador, fructos da terra, flôres do seu jardim... Mas, longe do odio, da lucta fratricida, entre esses dois interpretes successivos da vida, formára-se uma attracção, uma solda inquebrantavel e que ainda significava a imagem d'essa impulsiva liga entre todos no mundo, que cada dia será crescente, até se tornar universal e indestructivel.

Milkau trabalhava sempre. E quando, curvado sobre a enxada, a fronte suada, os nervos cança-



dos, um repouso suave, um esquecimento devia adormecer-lhe os pensamentos, lá vinha ainda nesses instantes o tormento da piedade, o continuo testemunhar da desgraça alheia, como uma mancha na sua visão radiante.

« Não é no trabalho que está a salvação da miseria nem o estímulo para o desalento. Que importa que nos fiquemos, que ensopemos a terra com o nosso suor, que cubramos o mundo de flôres saídas das nossas mãos infatigáveis, si alli adiante, ao nosso lado, vive a Dôr; si todo esse sangue, essas flôres, esses fructos não são balsamos para aquella ferida extranha!... Que bem fariam a côr, o perfume e o sabor das coisas ao padecer de Maria? Como remediar, sarar a morte do sonho, a decepção, emfim? Tambem ella não mourejava dia e noite no trabalho, como um forçado? E á consolação lhe vinha? Oh! não, é preciso haver outra coisa no mundo. *Outra coisa* mais santa, mais poderosa, mais doce, mais ~~divina~~, mais subtil, mais bemfazeja, mais vasta e mais mysteriosa... O Amor!... » Assim pensava Milkau, enquanto a enxada, manejada pelos braços inconscientes, cavava a terra.

~~Varias vezes fôra~~ « colonia », onde Maria se empregára, para levar-lhe algum conforto. Ella se retrahia cada dia mais e nem mesmo a elle confiava os passos do seu martyrio. Milkau respeitava esse pejo, e sem insistir em desnudar-lhe o coração, recommendava á gente da casa a maior caridade para a desgraçada, pedindo que

*Sublime*

*Hai varias  
outras  
versões*

Mate  
/a  
 velassem por ella e a não desamparassem na proxima crise. Os colonos promettiam-lhe tudo, mas na verdade o sentimento d'elles era outro: tratavam a miseravel com desdem, ~~mesmo~~ com rancor, como uma intrusa que lhes ia roubar a tranquillidade, dar-lhes trabalho e augmentar-lhes o custeio da casa. Maria não se queixava. Aos antigos tormentos juntava!o desprezo e o odio ~~dos~~ dos novos patrões. E ainda assim se agarrava a essas raras migalhas de uma desdenhosa condescendencia humana, atormentada pelo medo do doloroso momento, que se approximava.

E  
Rescripto  
/o  
 Por ~~aquelle tempo~~ a vida de Milkau continuava a ser minada pela tristeza. E tambem para o companheiro, ~~fora~~ fora a caça, nada havia na colonia capaz de encher-lhe a imaginação. Durante o dia trabalhavam, mudos e abysmados nas suas scismas, e era com um passo moroso e incerto que vagavam ás tardes pelas habitações vizinhas. N'um d'esses passeios foram até uma colonia, que ainda não tinham visto. ~~a~~ <sup>2</sup> porta <sup>3</sup> Estava um ancião, que os convidou a repousar um pouco; e, enquanto a familia se entretinha nos arranjos domesticos e no trato dos animaes, os dois amigos ficaram a conversar com o velho. Falaram da Allemanha; o ancião narrou-lhes sem demora traços da sua vida. Era um veterano do exercito prussiano cuja memoria estava cheia de lembranças da ultima grande guerra. Lentz ~~se~~ interessava pelos pormenores d'essas historias, e o velho falava satisfeito

e vaidoso de entreter os jovens. Na sua narrativa imaginosa passavam cidades estranhas, desfilavam exercitos, estrondeava o tumulto das batalhas, desabavam cargas de cavallaria, a chuva oblíqua da metralha mudava em lama sanguinolenta a miseravel e inquieta poeira humana, varrida em turbilhões heroicos pelo tufão da Conquista. O velho soldado terminou ~~lêdo~~ ~~contar~~ que uma vez, n'um reconhecimento, cahira do cavallo e por cima do peito lhe passara n'um galope o animal de um camarada, e como, abandonado, a vomitar sangue, fôra por um acaso colhido na estrada. Desde então déra baixa e emigrára para o Brazil, onde o clima quente lhe mantinha a vida... A essas ~~lembranças~~ misturava outros episodios da invasão, quadros da cultura estrangeira apenas entrevista e que recolhêra á retina com essa sensação de deslumbramento maravilhoso, como a que ficava do minuto de um Barbaro no seio da civilização... Ainda o apavorava o terror da disciplina. Escapára de ser fuzilado, porque uma noite de dezembro, em França, fazendo parte de uma guarnição, exigira uns cobertores dos moradores da casa onde se acampára. E essa extorsão, além do que era permitido reclamar, elle ia pagando com a vida. Lentz applaudiu então a Força immortal, que commandava e era temida... E sorria como havia muito tempo não lhe era dado. Enthusiasmado, o veterano ergueu-se e, caminhando tropego, levou os vizinhos para dentro da casa mostrar-lhes ve-

refe-  
rindo

es re-  
cordos

no livro de  
Lentz e menciona  
o nome de  
Castelha  
1992  
Comissão  
de História  
de São Paulo



inimigos do genero humano, são os pregadores da desordem, os prophetas do tedio e da morte.

— Tu sabes bem, interrompeu Lentz, não é tudo do passado que eu amo, mas regosijo-me quando testemunho ~~vejo~~ a ostentação das fortes qualidades humanas da nossa Patria.

Milka

— E que beneficio resulta d'essa força, d'essa grandeza da Patria?

— Oh! Exactamente o que n'ella venero é a tendencia imperial, a fibra bellicosa, a expansão universal, a tenacidade, o genio militar, a disciplina...

— Mas que é a Patria?

— A Patria... ora, Milkau, tu não sabes? E a raça, uma civilisação particular que nos fala no sangue, o nosso eu, a nossa propria projecção no mundo, a somma de nós mesmos multiplicados ao infinito. Não ha ninguem que fuja da sua atmospher... Immortal!

8/

— Não, meu querido Lentz, a Patria é uma abstracção transitoria e que vaemorrer... Sobre ella nada se fundou. Nem arte, nem religião, nem sciencia. Nada, absolutamente, nada tem uma fórma elevada, sendo patriotico. O genio humano é universal... A Patria é o aspecto secundario das coisas, uma expressão da politica, a desordem, a guerra. A Patria é pequenina, mesquinha, uma limitação para o amor dos homens, uma restricção que é preciso quebrar.

Entraram em casà e durante a noite largo tempo

debateram essas idéas. No dia seguinte, quando Milkau trabalhava solitario, ~~colava-lhe~~ na cabeça a discussão da vespera; e sentia um mal estar lembrando-se da viva contrariedade que oppuzera aos sentimentos do amigo.

— Não ha duvida, pensava elle, penitenciando-se, é assim por natureza. Quando dois homens se collocam frente a frente, uma instinctiva animalidade surge ~~entre~~ perturbando a sympathia. É o querer innato de subjugar, ou pela força, ou pela superioridade da intelligencia, ou pela consciencia da propria perfeição. Assim tambem sou eu; procuro reduzir Lentz a mim, dominal-o até ao fundo das suas idéas, do seu proprio ser. Oh! orgulho dam-ninho! Quando a propria humildade deixará de ter no seu mais intimo recesso a desfiguração, o amargor da vaidade, da soberba, do dominio?

Milkau reconheceu-se inferior ás suas idéas, humilhado por uma força inconsciente. Depois tornava aos mesmos pensamentos. Comprehendia que no seu companheiro essa exaggeração do amor da patria era talvez um symptoma de nostalgia, uma ancia pela terra das origens. E não é isto uma consequencia doentia da educação patriotica? Mas, n'aquelle instante de angustia, quando por sua vez se examinava mais de perto, ~~se~~ revelava a si mesmo... Fitou o céu immenso, desvelado, de uma serenidade, de um brilho e de uma firmeza de crystal, e sentiu-se extranho a elle... Admirou ao longe o córte das montanhas, a negrura da matta, ~~afronde~~

das arvores... Debaixo dos seus pés a terra vermelha, como embebida de sangue, e das plantas tenebrosas o cheiro que tonteia e excita... O morno socego do universo... E tudo lhe era estranho. Elle è o Mundo, elle e tudo mais, a dualidade, a distincção irremediavel. « Eu não estou em ti, tu não estás em mim... Ainda assim eu te amo, mas tu não és eu.»

N'uma dôr ~~de~~ Milkau, devorado de magua, combalido, sentiu-se tambem expatriado... Não havia entre elle e todas as coisas em volta de si a subtil intimidade que nos prende eternamente a ellas, o imperceptivel e mysterioso fluido de communição que faz de tudo o mesmo ser... E percebia, n'um grande desalento, que o conjuncto tropical do paiz do sol o deixava extatico, errante e incomprehensivel, e que ~~a~~ sua alma emigrava d'alli, incapaz de uma communhão perfeita, de uma infiltração definitiva com a terra...

— Que sou eu então? Que verme, que atomo miseravel, que se não governa, que não póde amar o que quer, que se não póde identificar com todas as moleculas do mundo? Que sou eu, onde leis imperiosas, perversas, me dominam, me vencem o novo sangue?

Outros vizinhos vieram algum tempo depois ~~se~~ estabelecer<sup>o</sup> no Rio Doce, na campina que sahindo da matta morre sobre as aguas. Era uma pequena familia magyar, composta do pae viuvo, duas

*Alí intensa,*

*12*

filhas e um filho, a que se juntaram outro rapaz da mesma raça, que era noivo de uma das raparigas, e um cigano. Viviam unidos em uma só communhão de desanimo e de espanto, na casinha feita de madeira tosca, com tecto de telhas de páo, incendiada pelo sol nos dias quentes, varada pelo vento, invadida pela chuva nos dias de tormenta. Ahi cumpriam o ritual dos costumes patrios. Sob a pressão cobarde do isolamento, apegavam-se, como a um refugio, ás intactas tradições, transportadas de sangue a sangue e mantidas pelo temor religioso desde os antepassados. O cigano partira tambem, arrastado pelo instincto vagabundo. Na longa travessia, o eterno caminhante da planicie imaginava-se prisioneiro no vapor, que lhe parecia uma jaula movediça e endemoninhada. O oceano contemplado da terra attrahia-o pela irresistivel seducção da immensidade. Sobre o mar elle não sentia mais liberdade moral. O infinito é uma miragem atormentadora, em que se perde a essencia humana... No meio das aguas illimitadas, sitiado pelo perigo, assaltado pelo terror, o espirito, dissolvendo as suas forças vitales n'uma desaggregação continua, transforma aquella attracção impulsiva e illusoria em uma persistente impressão de assombro e de terror, e a orla de terra que se lhe escapou ao longe, e para onde se volta incessante, recebe os queixumes da saudade. O homem só é senhor da sua individualidade na porção de espaço cujo horizonte póde medir com

V Esta acino: absal  
tudo pelo terror. ou  
era " e de terror " ou  
substitua " e de  
horas " por " e  
e " por "



os olhos, naquillo que é finito e limitado...

Passaram ~~então precipitadamente~~ os primeiros tempos, esmagados pela perspectiva do desconhecido, com a alma em suspensão. Até então não se trabalhára; os homens corriam as vizinhanças, caçavam, vagavam pelos montes e iam aos povoados; as mulheres viviam no lar. Quando cahia a sombra, o cigano ~~se~~ deitava<sup>se</sup> sobre a relva, á beira do rio, e pregava os olhos preguiçosos no poente, vendo morrer o sol. Aos domingos, a família ~~se~~ reunia<sup>va</sup> na varanda; o velho a um canto, bonné enterrado até os olhos, cachimbo na bocca, quilotava repousadamente as longas barbas amarellas e as rugas da cara; as raparigas e os dois rapazes, como legitimos magyares, ornavam-se com as bellas roupas do seu paiz e vinham faustosos e garridos entregar-se ao grande prazer da sua raça, á dansa.

As vezes, Milkau e Lentz nos seus passeios pela margem do rio ficavam-se debaixo de alguma arvore, assistindo áquellas festas no silencio da grande solidão. O musico era o cigano com o inseparavel violino, sentado ao lado do velho. Dado o signal, os pares punham-se em ordem, e iniciavam as marchas polacas. A musica tangia á festa.

Os seus compassos a principio langorosos iam ganhando movimento e a largos impulsos do som arrastavam os figurantes. Faziam rapidas voltas, meias luas harmonicas, enroscavam os braços uns nos outros e balouçavam-se cadenciados,

*libia  
mente*

*U  
Zaitar  
o camm-  
bo: tendo  
Ollido;  
mas que  
lotar ver-  
bor e  
rey as  
de ca-  
ra; may  
nem eu  
o que e.  
Lorrio  
que não  
perde-  
rás  
Dando  
a' phora  
cunha  
porta  
que.*

como suspensos sobre as notas, formando em sua graça artistica grupos de estatuaria classica. Ao findar a contradansa, respiravam satisfação, espalhando-se-lhes no semblante o orgulho da sua mestria. Mas o cigano os não deixava socegar, vibrava o violino, e logo todos sentiam o despertar nervoso da paixão.

*o instrum* Com a ~~raibeca~~ *raibeca* preso sob o queixo <sup>espontaneamente</sup> e empunhada *meio* por uma mão ~~convulsa~~, enquanto a outra manejava o arco. ~~o musico arrastava de instrumento~~ *os fongos e cantantes grupos*. Os homens, trazendo chapéo de feltro com lindas plumas, paletot e calça de velludo e á cinta uma larga faixa de seda carmesim, enlaçavam as raparigas, cujo corpinho meio aberto ao collo vestia o busto esbelto, e cujas saias ornadas de velludo e seda lhes envolviam as fórmas poderosas. Naquelle espaço estreito, na varanda quasi debruçada sobre o grande rio selvagem, e extranho áquellas melodias, reuniam-se, na fraternidade do destino e da arte, as duas raças, a que tem o sentimento innato da musica, e a que tem a espontaneidade da dança. *Prosegua* a valsa. Os artistas da dança acompanhavam a loucura da rabeça n'um vôo quasi imperceptivel e para deante, para deante, por sua vez no sublime surto dos sentidos, improvisavam novas figuras. Quando estavam no auge do prazer, a mais moça das raparigas, amparada nos braços do irmão, deslisava alegre, feliz, com o rosto illuminado, embevecida, a fitar o musico amado, com avel-



*// march*  
*// as aves*  
 A grande ave solitaria descia vagarosa, boiando negligente n'um vasto circulo do espaço, como um barco de velas negras... Logo depois outra subia no horizonte e não tardou muito que outras mais viessem ~~subir~~ a limpidez do azul. E d'ahi a pouco se ia baixando e restringindo a um ponto da matta o vôo dos ~~passaros~~ infectos, que os trabalhadores acompanhavam curiosos e divertidos em suas almas infantis.

— Mas... alli, n'aquelle ponto, é a casa do « bruxo », observou um dos homens, designando assim a morada do intratavel e velho caçador que habitava aquellas margens do rio.

— Vae vêr que é algum dos cachorros que morreu... Tambem, que o diabo os leve a todos... praguejou o mulato.

— Que a peste os acabe... Malvados !.. ajuntou outro.

— E mais o dono.,.

— Qual, para mim não morreu bicho nenhum. Si fosse, o velho o teria enterrado, como a um filho, concluiu Felicissimo.

— Sim... e não haveria carniça.

— Quem sabe si não é o velho que está morto ? conjecturou um trabalhador.

— Homem, é verdade... acudiu um camarada. Ha dias que o não vejo...

*// repeti*  
 — Quem sabe! tambem eu... ~~depararam~~ outros do grupo.

— Vamos vêr, seu cadete? propoz Joca ao agrimensor.

E todos se levantaram e seguiram na direcção da morada do caçador. Ao approximar-se, ouviram latidos e uivos de cães. Mais pertó, quando descortinaram a casa, viram os cães ladrando, correndo como demonios doidos para os urubús que teimavam em baixar á terra. As aves negras ras-teavam quasi o chão, e quando os cães se arremes-savam sobre ellas, erguiam o vô e iam pousar logo adiante.

— Vocês não vêm?.. A carniça é o velho... gritou n'uma gargalhada alvar um dos homens.

— Que fedor!... Este diabo está podre ha muitos dias, berrou outro.

Instinctivamente, ~~todos~~ pararam, como n'um conselho.

— Então, seu cadete, que se faz? perguntou Joca ao agrimensor.

— Ora!.. vamos a enterrar o velho... Deus lhe perdôe a alma... Nós lhe cuidaremos do corpo, disse decisivo o cearense.

Os homens não hesitaram mais, agora inspira-dos pelo impulso de piedade de Felicissimo, e to-dos caminharam para dentro do cercado. Vendo os approximar-se a matilha de cães abandonou os ~~urubús~~ e avançou como uma só massa, atreadora, furibunda, terrivel, contra os homens. Aprovei-tando a diversão, os ~~urubús~~ caminhavam no ter-reiro, e n'uma dansa macabra iam invadindo a ca-

*12*

*urubús*

*W. estado de*  
*taurubús*  
*sem equívocos*

sa, n'um riso infernal, espichando voluptuosos as cabeças petulantes de harpias descabelladas.

Deante do arranco dos cães, os homens fugiram, e na porteira da cêrca os defensores da casa pararam arreganhando os dentes, uivando, ladrando, as sanguineas boccas escancaradas.

— Como podemos afrontar essa canalha?.. perguntou um dos trabalhadores, quando já estavam fóra do perigo.

— Joca, vá com outros buscar os ferros para darmos uma licção áquella cachorrada... ordenou Felicissimo, saboreando uma vingança.

— Vamos d'ahi, disse Joca, e partiu acompanhado de mais dois.

Os outros ficaram atirando pedras aos cães, que, estacados na cancella, não se arredavam, furiosos e tremendos. Os urubús, descendo <sup>em arreb</sup> em maior numero, ~~de arreb~~, continuavam em cortejo a penetrar na casa. Um horrivel e crescente fetido mesmo á distancia tonteava os homens, dando-lhes ancias de vomitar.

— Oh! que demora, resmungava impaciente Felicissimo, esperando na estrada a volta de Joca. E ia gritando aos ~~homens~~:

— Pedra, rapaziada! mão certa!

Os cães latiam, mostrando os dentes brancos e afiados... E os urubús continuavam a baixar do céu... Afinal, pela estrada vieram correndo esbaforidos Joca e os companheiros, carregados de

*que ficaram*

enxadas, foices e páos. Cada um se armou, e Felicissimo ordenou com enthusiasmo:

— Agora, avança, meu povo!

Os homens resolutos e raivosos precipitaram-se sobre a cancella, que ao choque dos seus corpos unidos <sup>de</sup> espatifou ~~se~~, dando-lhes passagem; os cães não retrocederam e ~~se~~ lançaram <sup>se</sup> sobre elles, mordendo-os desesperadamente. Os invasores berravam na dôr:

— Mata! mata!

E a páo e foice arremetteram ~~se~~ contra os animaes. N'um momento estavam os ~~homens~~ todos rotos, e o sangue lhes corria das feridas. E da peleja, umas vezes sahia um cão gritando, ganindo, quando uma paulada certa e furibunda lhe quebrava as pernas, outras eram homens que, debandados, isolados, fugiam pelo terreiro, perseguidos... Estes trataram logo de ~~se~~ unir <sup>se</sup>, traçando com os instrumentos um circulo de defesa:

— Não afrouxem! ordenava Felicissimo.

— Avança! avança!

— Para dentro!... para dentro!...

Recuaram os cães ante a energia do ataque; e, correndo sumiram-se como por encanto. Os homens, indo-lhes no encalço, penetraram na casa, brandindo as armas... Mas, entontecidos pelo cheiro suffocante, estacaram indecisos e apavorados deante de um quadro medonho. Dentro, os urubús comiam um cadaver humano que jazia por terra, o corpo do solitario e abandonado immigrante. Os olhos ti-

/// &  
aggravar  
H

gente!

nam sido devorados e as cavidades immensas e rubras escancaravam-lhe a testa. Allucinados em seu goso satânico, os ~~corvos~~, sem dar fé dos ~~homens~~, continuavam a picar, a comer, avidamente, embebidos. Os cães, esquecidos d'elles, faziam frente aos invasores.

— Chô! Chô, canalha, atrôou um grito de Joca, desesperado de nojo.

E n'um impeto de compaixão avançou para o cadaver para livral-o dos urubús. Agarrando-o pelas canellas e pelas roupas, os cães o detiveram... Os camaradas acudiram promptos em sua defesa. Deante do alarido da lucta, os urubús esbordoados largaram a preza e, abrindo as azas, espalhando com o vôo ainda mais o fedor, incapazes de se afastarem d'aquella nauseabunda atmospherá, pousaram morosos, pesados, nas traves da casa, e ~~chique~~ postas ~~funebres~~ funebres, medonhos, como testemunhas do combate dos homens e dos cães... Quando Joca conseguiu tocar o cadaver, recrudescceu o furor das féras. Não temiam mais os ferros e os cacetes e atacavam os inimigos, que se apossavam do amo... Foi um desvario: homens e animaes ~~se~~ batiam ~~corpo~~ corpo a corpo, se feriam, ~~se~~ despedaçavam, ~~se~~ como n'um combate de doidos... Os homens estavam estraçalhados e sobre as pernas núas e brancas de muitos d'elles corria um sangue ~~quente~~ quente... Guinchando, os cães morriam, estorcendo-se como possessos e atirando-se sobre o cadaver do velho. Depois de muito tempo



de lucta, alguns ~~homens~~ puderam apossar-se do corpo e o foram carregando para fóra, enquanto os companheiros os defendiam n'um esforçado arrojo. O resto dos cães ainda arremettiam contra elles, mas eram logo mortos... Os que ainda restavam, não esmoreceram ~~mas~~ mais allucinados investiam. Um d'elles cravou as prezas na coxa de um homem com tal furia que este, picando-o com o ferro e tentando arrancal-o com as mãos, não conseguiu. O cão cada vez mais se enterrava pelas suas carnes a dentro... Correu outro homem em seu soccorro e com um certo e violento golpe de foice cortou o pescoço do animal; a cabeça ficou segura na carne da victima e das arterias rotas jorrava o sangue///

*/i do revers,*

*lo*

*// a fluc...*

*// ou*

Não havia mais cães a matar. O terreiro ficou alastrado de corpos decepados, mutilados, de membros esparsos. Os homens maltratados, doloridos, deitaram no chão o velho. Em revoada, os urubús ~~foram~~ assanhados para o terreiro, avançando impavidos ~~para~~ o cadaver, que os trabalhadores extenuados já lhes queriam abandonar.

*/desc  
// sobre*

— Não! gritou zangado Felicissimo. Não! Havemos de enterrar o pobre velho... Era só o que faltava, seus miseraveis!... Pega enxada!

E o cearense agarrou ~~tambem~~ n'uma d'ellas e começou a cavar a cova ~~depois~~ murmurando, obedeceram. ~~As aves~~ foram enxotando as aves.

— Mais funda! ordenou ainda o agrimensor.

*[Large scribble]*  
*mas  
todas,  
bem que*

*/// Outros, porém*

Assim, os urubús o desenterrariam... Faz dó vêr uma pobre creatura de Deus desamparada, sem ninguem n'este mundo, comido por estes sujos...

Em breve a cova ficou prompta e ~~em~~ enter-  
raram o immigrante caçador. Felicissimo ajoel-  
lhou-se e rezou:— Padre nosso, que estaes no Céu...  
Dominados por uma compaixão subita e extranha  
os homens rudes ajoelha<sup>1</sup>m-se e de chapéo na  
mão, tristes, acabrunhados em face da morte, que  
só agora selhes revelava, rezaram. Depois, mudos,  
encheram a cova de terra. A' medida que o cadaver  
ia sendo coberto, remontavam os ~~corpos~~ um a um  
às alturas secretas...

N'aquella noite, quando os trabalhadores da  
turma de Felicissimo se reuniram á porta do barra-  
cão, ouviram na matta um clamor, uma roncaria  
aterradora, quebrando o silencio bemfazejo. Era  
uma vara de queixadas que passava. E Joca ex-  
plicou:

— Lá vão as almas dos cachorros, feitas catitús  
para desenterrar e resuscitar o velho demonio...

Formava-se assim um novo mytho no Rio  
Doce. Nas noites de tempestade ainda hoje, quando  
o catitú matraca no matto, todos se recolhem me-  
drosos, melancolicos, pensando nos cães encanta-  
dos...

Ao amanhecer de um dia de nevoeiro, a paizagem  
perdêra o seu contorno exacto e regular. As linhas  
definitivas dos objectos se confundiam, as monta-

nhas enterravam as cabeças nas nuvens, a cabelleira das arvores fumegava, o rio sem horizonte, sem limite, como uma grande pasta cinzenta, <sup>se</sup> ligava ao céu baixo e denso. O <sup>desenho</sup> ~~se~~ <sup>de</sup> pagára, a bruma mascarava os perfis das coisas e o colorido surgia com a sombra n'uma sublime desforra. Por toda a parte manchas esplendidas se ostentavam. E sobre a campina esverdeada, vaporosa, uma d'essas manchas, ligeiramente azulada, movia-se, arqueava-se, abaixava-se, erguia-se e ~~se~~ <sup>se</sup> lentamente <sup>dissipando</sup> O sol não tardou a vir, e a natureza se sacudiu a nevoa fugiu, o céu se expandiu e se dilatou em maravilhosa limpidez. A mancha movel sobre a planicie <sup>se</sup> definiu no perfil de um pobre cavallo que passeiava na verdura os seus olhos de velhice e fadiga, tristes e longos. De passada, com os tumidos e negros beijos, affagava a herva, triturando-a com fastio e desanimo, ~~aff~~ quanto a sua atenção de cavallo experimentado ~~estava~~ <sup>estava</sup> para a cabana, a cuja porta os seus donos, os novos colonos magyares, o miravam com interesse. A neblina leve, veloz, vinha distrahil-o d'aquella postura de curiosidade humilde, e acariciava n'um frio electrico o ~~se~~ pello ralo e falhado. Estremecia n'um goso manso, e extendendo o focinho, arregaçando os beijos, sensual e grato, beijava o ar. Não mais encontrava a nevoa, que fugira para os montes, levada pela brisa, como si fosse o imperceptivel véo que envolvesse alguma deusa errante e retardada. Um raio

- 10

/// 2  
/ se //ava.

u - / u - /  
@ - 2

/// e ao  
mesmo  
tempo  
/// voltava - 2

/// 2

de sol, porém, descêra a brincar-lhe nos olhos e incendiava-lhe a pupilla. Meiguices da natureza.

Um dos jovens magyares, levando uma corda, caminhou para o cavallo. O animal entregou-lhe a cabeça n'uma mistura de abandono e tedio. O rapaz passou-lhe o cabresto e ~~e~~ levou<sup>o</sup> ao poste fronteiro á casa, onde o amarrou. Os colonos tinham resolvido principiar n'aquelle dia a plantação do ~~seu~~ prazo, e o velho deu ordem de partir para a queimada. Os ~~filhos~~ armaram-se das ferramentas de lavoura; <sup>acompanhar os</sup> o cigano, sahindo de sua modorra e apenas armado de um chicote; ~~acompanhou~~ <sup>acompanhou</sup> os outros, ~~que~~ <sup>em</sup> desamarrando o cavallo, seguiram com este para o roçado. As raparigas, ~~em~~ <sup>em</sup> casa cheias de instinctivo pavor, ~~viam~~ <sup>viam</sup> o grupo afastar-se vagarosamente.

84  
 ///, reticidas  
 //attenta-  
 ram  
 /// ;  
 Chegaram ao aceiro ~~aberto~~ aberto como uma larga ferida sobre o dorso da terra, era um sulco de alguns metros de largura, circumdando a queimada. Da matta carbonisada ainda resistiam de pé alguns troncos despojados, ennegrecidos. Milkau e Lentz, passeiando áquella hora, ~~perto~~ <sup>perto</sup> do roçado ~~viram~~ viram chegar ~~o~~ o grupo dos vizinhos.

— Ainda bem, disse Milkau, elles vão trabalhar; fazia-me dó vêr esta gente apathica, irresoluta, ~~na~~ <sup>na</sup> preguiça.

— Mas para que trazem elles quasi arrastado aquelle cavallo? perguntou Lentz.

E os dois ~~se~~ <sup>se</sup> afastaram um pouco e ficaram a

///estag-  
nada

distancia, acompanhando os movimentos do grupo.

O velho colono segurou o animal pelo cabresto e collocou-no meio da valla. Os filhos puzeram-se de lado, n'um recolhimento religioso. O pae puxou o cavallo para a frente. De chicote em punho, o cigano seguia atraz, e a primeira vergastada, cortando o ar n'um sibillo, cahiu em cheio sobre o animal. Este, como arrancando-se de si mesmo, pinoteou assustado. Novas lambadas ~~arrastadas~~ // 2 arremessadas por mão vigorosa. Estirou o cavallo o pescoço para a frente, abaixou-se, alongou-se, encostando quasi o ventre á terra, como para se libertar do flagello que lhe vinha do alto. Os ~~seus~~ — 4 membros se / extorciam, confrangidos sob a dór / l'he immensa. E desapiedadamente, puxavam-no para deante, levando-o ao furor do açoite. N'aquelle sacrificio cumpria-se uma missão sagrada: ligava-se á nova terra o nervo da tradição da terra antiga. Quando os antepassados tartaros desceram do planalto asiatico, e no solo europeu renunciaram á vida errante dos pastores, para lavrar o campo e buscar na cultura a satisfação da vida, sacrificaram aos deuses o velho companheiro de peregrinação nos brancos steppes. E, assim, a immolação ficou sempre no espirito dos descendentes como um dever, cujas raizes se ~~estendem~~ / 8 até ao fundo da alma das raças.

Continuava o grupo a caminhar. O velho, como um sacerdote, conduzia a victima, seguida do cigano, em cujo rosto se recompunha a antiga expres-

são infernal e terrível dos antepassados, n'um retrocesso harmonico e rapido, produzido pelo singular effeito da paixão sanguinaria. Os outros assistiam mudos á cerimonia. O chicote vibrava incessante; as suas pontas de ferro cortavam o lombo do animal. O ar leve e frio, penetrando nos fios de carne viva, causava uma dôr fina, aguda, acerba, e a vista e o cheiro do sangue excitavam ainda mais a energia do flagellador. Veiu-lhe uma hysterica insensibilidade, uma rudimentar anesthe-  
 sia, uma assassina obsessão. Estonteou-o uma vertigem, mas o açoite não parou. Os sulcos na carne se abriam mais fundos; o sangue escorria frouxo. Mofo de dôr, o cavallo proseguia arrastado, regando a terra. Gostas vermelhas respingavam sobre a descoberta cabeça do velho magyar, de uma brancura de açucena. As suas narinas se dilatavam em languido goso. Cavos gemidos resoavam no peito da besta. E no seu olhar ~~de~~ de moribundo se traduziam os humildes protestos e os tímidos appellos de misericordia.

E o relho soava, enquanto o martyr ia lento, de pescoço estirado, pernas tropegas, esvaindo-se pelas veias abertas, como torneiras de sangue. O cigano mais terrível, mais feroz, transfigurava-se, e da sua garganta afinada irrompeu ~~um~~ um sonoro, o canto de guerra dos velhos tartaros. O chicote cruel e rapido marcava o compasso d'esse rythmo extranho. O contagio do furor se apoderou dos outros, que, immobilisados, assistiam ao sacrificio.

the arrebatado e

E embriagados pouco a pouco pelas phrases da musica, pela suggestão do rito, pelo odor de carne sangrenta, acompanhavam o canto, n'um côro infernal. O animal, exausto, cahira de lado, como um peso inerte. O açoite inexoravel ainda o levantou uma vez, e no solo, como n'uma veronica, ficou estampada a imagem do seu corpo, impressa em sangue. Proseguia sem interrupção, fofoso, lugubre, o canto que feria asperamente o ar, e era o echo da melodia satanica da morte. O cavallo deu mais alguns passos, cambaleando como um allucinado, e afinal se prostro<sup>u</sup> sobre a terra. Arquejante, resfolegando n'um espaçado estertor, morria vagarosamente. Nas suas pupillas de moribundo ~~se~~ photographaram<sup>se</sup> n'um derradeiro clarão as physionomias dos algozes. E esta imagem medonha, que se lhe guardára no interior dos olhos, era a infinita tortura que o acompanharia além da propria morte, presidindo á dolorosa decomposição da sua carne de martyr.

Cessaram as vozes. Os homens se agruparam em torno do cadaver, rezando como phantasmás loucos. Poças e fios vermelhos manchavam o sulco. A camada de argilla, lisa, escorregadia como uma couraça, tornava o seio da terra impenetravel ao sangue, que sorvido pelo sol se evaporava e dissolvia no ar. Era a rejeição do sacrificio, o repudio da immolação, rompendo a cruenta tradição do passado. A nova Terra juntava a sua contribuição aos limpidos ideaes dos novos homens...

— E para que? dizia Milkau commovido até ás lagrimas, e para que a tortura, a fecundação pelo sangue, si Ella, risonha e alegre, como uma rapariga bella e fresca, lhes daria os seus fructos, cedendo tão sómente ás brandas violencias do amor?..



## IX

E o que tinha de acontecer, acontecia... No meio do cafetal que estava a limpar, Maria, que já desde a vespera vinha soffrendo, sentiu repentinamente uma dôr aguda nas entranhas, como de uma violenta punhalada. Caiu pesada no chão, o corpo se lhe retorceu todo e o rosto desmaiado se desfigurou n'uma contorsão medonha. A dôr fôra viva e passageira; e logo que a rapariga voltou a si, assaltada por um grande terror, o seu primeiro movimento foi de (se recolher) á casa e ahi, no abrigo domestico, esperar o desenlace da crise. Teve, porém, medo de affrontar a ira dos patrões, que dia e noite ameaçavam despedil-a, para se furtarem ao incommodo do tratamento. Resistiu e continuou a labutar debaixo dos pés de café, sósinha, no silencio do dia. O trabalho não ~~proseguia~~ ~~percia~~ das mãos entorpecidas deixava cahir frôuxa a enxada, e as pernas trope-

u-

H<sup>o</sup>medra  
va  
p

gas, volumosas, não se sustinham firmes. De espaço a espaço a mesma dôr voltava, como si lhe dilacerasse o ventre. Maria ~~se~~ amparava-se <sup>for</sup> apertando-se com as mãos para suffocar o soffrimento extranho e vergonhoso que sentia. Nos intervallos erguia-se, esforçando-se <sup>for</sup> por trabalhar, desbastando o matto tecido ao cafesal, mas logo era derrubada exausta, alagada em suor frio. As vezes, tinha impetos de gritar, e contra toda a vontade gemia alto, clamando soccorro. Quando serenava, espantava-se dos seus inconscientes desabafos e tremia de pavor, pensando que a viriam acudir. Sabia bem que qualquer auxilio dos amos importaria em um augmento de tortura, de aviltamento e seguramente em uma expulsão immediata d'aquelle lar desagasalhado, mas ainda assim um lar. As dôres inexoraveis proseguiram amiudadas, e a desgraçada, sem mais esperança, viu chegada a hora da maternidade.

Tomada de medo, abandonou o serviço e, afastando-se o mais possivel da casa, deixou o cafesal e ~~se~~ aventurou <sup>for</sup> para o lado do rio, onde era mais deserto. Ahi, no terreno inculto e bravio, as unicas arvores que havia eram esparsos cajueiros muito derreitados, esgalhando-se pelo chão. Maria sentou-se debaixo d'uma d'essas arvores que n'aquella epocha estavam em flôr. O aroma forte invadiu-lhe a cabeça. E ella combalida deixou-se pender sobre a terra. No vão das dôres, os olhos indifferentes se ~~est~~ extendiam sobre o campo e recolhiam a pom-

posa phosphorescencia do rio faiscante... Nada se movia alli na solidão, a não ser uma manada de porcos, que vinha ao longe focinhando e escavando a terra... Maria gemia livremente, extorcendo-se na agonia. Os seus gritos eram finos e estridentes e ás vezes ~~se~~ ressoavam asperamente, como estrangulada gargalhada hysterica. Rasgavam-se-lhe as entranhas, dilatando-se á força... Depois, a dôr ~~se~~ interrompeu de novo e o suor frio banhou-lhe o corpo, que jazia desfallecido e inerte, até que arrancos lancinantes o agitaram outra vez. Os porcos pouco a pouco se iam approximando, e a miseravel, alheia a si mesma, ~~se~~ entretinha em acompanhar-lhes a morosa viagem...

Sempre as mesmas dôres, agora mais miudas, mais cortantes, acabando n'um grito soluçante, que se perdia n'um longo espasmo. Sofria muito, o corpo lhê tremia convulso, os dentes batiam de frio nervoso, as mãos roseas cerravam-se como molas de ferro. Tudo n'ella era desordem; os cabellos, desprendendo-se, cahiam ennovellados sobre o rosto, as faces tumidas estalavam de sangue, o vestido arrebrandando deixava vêr o colo nú e arquejante. E de repente sentiu-se mais desfallecida, parecendo que se ia desmanchando n'uma humidade viscosa, repugnante...

A morte devia ser assim. Oh! peor que a morte... <sup>2</sup>Novas <sup>3</sup>dôres <sup>1</sup>Vieram, abafadas, quasi surdas, sacudindo-a violentamente, dando-lhe ancias de apertar alguma coisa contra si. Maria

abraçou-se ao tronco deitado do cajueiro. ~~Os seus~~ olhos desvairados não viam mais nada. Nos ouvidos entrava-lhe o resfolegar roufenho dos porcos, que a cercavam, attrahidos pelo cheiro que d'ahi se exhalava... E ella (se agarrava) á arvore, estreitando-a com os niveos braços nus e mordia o tronco, cravando-lhe os dentes desesperadamente ~~convulsivamente~~ e convulsivamente... Em torno fungavam os porcos, remexendo as folhas seccas do cajueiro, chegando mesmo alguns mais atrevidos, mais vorazes, a lamber afoitamente o chão... Maria, horrorisada, queria afugental-os, mas as dôres a retomavam, imperiosas; nem mesmo tinha forças para um grito agudo, e só podia gemer estrebuchando n'uma mistura de soffrimento e de fôgo, que a estimulava extranhamente... E os porcos persistiam sinistros, ameaçadores... Subitamente, ella cahiu extenuada, largando a arvore... Um vagido de creança ~~de misturas dos~~ rancos dos animaes... A mulher fez um cançado gesto para apanhar o filho, mas, exangue, debil, o braço morreu-lhe sobre o corpo. Uma vertigem turbou-lhe a visão, enfraqueceu-lhe os ouvidos, e n'uma ~~força~~ de bem estar parecia deliciosamente suspensa nos ares, longe da Terra, longe do soffrimento, ouvindo no arfar dos porcos o resfolegar longinquo e adormecedor do mar... E os animaes sedentos se enchafurdavam, guinchando, atropelando-se no sangue que corria. Um novo gemido sahiu do peito de Maria, despertando-a em sobresalto. Os porcos (se afastaram) espantados,

Os

a- ~~se exhalava~~  
sa/

e

atro  
T tenue

Conso-  
nou com  
os

ventura

m-

1/a  
u-1

e ella, meio consciente, se contorceu, mirou attonita a creança, que vagia estrangulada. Depois, quando um grande vacuo se lhe fez de todo nas entranhas, a dôr cessou, e Maria mergulhou afundada em outra vertigem. Os porcos, sentindo-a socegada, se precipitaram sobre os residuos sangrentos, espalhados no chão. Devoravam tudo, sofregos, tremendos; sorveram o sangue e na excitação da voracidade arremessaram-se á creança, que ás primeiras dentadas soltou um grito forte, despertando a mãe... Quando esta abriu os olhos, deu um salto e pondo-se de pé, livida, hirta, allucinada, viu o filho aos trambolhões, matado pelos porcos, que fugiam pelo campo afóra...

/// violenta  
/// dispa...

A filha dos patrões, em busca de Maria, chegava nesse instante, e vendo a espantosa scena, sem nada indagar retrocedeu á casa, gritando n'uma espontanea e communicativa maldade que a creada tinha matado o filho...

/// presença  
Te  
/// mais  
///

Dois dias depois, Maria estava na cadeia do Cachoieiro.

A população germanica ~~teve~~ com a noticia do crime, e os sustentaculos da colonia, os ricos negociantes, os pastores, os proprietarios unidos ~~se~~ agitaram para a vingança e o exemplo. Uma manhã, antes da audiencia, do dr. Itapecurú ~~despachava~~ autos com o escrivão Pantoja; o dr. Brederodes percorria uns jornaes politicos da capital, quando Roberto

/// to-  
mou-se  
de horror  
///  
///  
10 Aff-  
Tem  
casa  
vario

1/e

Schultz, vestido como nos domingos, entrou solemne.

— Seja bemvindo a esta casa... saudou-o com servilismo o juiz de direito.

O allemão cumprimentou a todos com uma palavra amavel para cada um, } muito macio e delicado. Entretiveram-se algum tempo sem pretexto, n'uma conversa, que proseguia-~~as~~ ~~as~~ francos. Itapecurú presentia que Roberto tinha o que lhe comunicar em reserva. Que será? pensava o juiz de direito. Algum despacho, que vem pedir, como de costume? Ou, quem sabe, vem exigir o pagamento da minha conta? — Aqui, Itapecurú, longe do assumpto, ficou nervoso, sorrindo estúpido e sem proposito aos outros. Não se atrevia a chamar o allemão em particular e demorava com geito o escrivão, que tambem, cheio de curiosidade, se não apressava. — Não, não é para uma questão de autos, pensava o juiz, sinão não estaria tão grave... Com esse ar de importancia... Ha de ser a conta. E o magistrado ficou abatido, aniquilado.

— Senhor doutor, disse por fim Roberto já maçado, o que me traz aqui...

Itapecurú respirou. Não, não era cobrança. Assim, deante de gente... Não, não era a conta.

— Oh! meu bom amigo, o senhor manda, não pede. Aqui estamos todos para servil-o. Não é, doutor Brederodes?

O promotor resmungou, sacudindo os hombros.

— Depende... Si fôr de direito...

le  
t  
v. 24  
come' como  
de da; e'  
de da  
com da  
da de da  
randa, 12  
p. 285

8'  
1:1

— Como, senhor doutor? Julga V. S. que eu seria capaz de fallar á Justiça sinão de coisas sérias? perguntou o allemão, sorrindo, acariciando o hombro do promotor, que enrubesceu com a impertinente familiaridade. /

— Está claro, acudiu Pantoja. Nós somos amigos velhos e nunca o senhor me pediu nada desarrazoado.

— Nem a mim, capitão, accrescentou Itapecurú, espriando as bochechas n'um riso grotesco, que o desarmou do monoculo.

— Mas de que se trata?.. interrogou abelhudo o « maracajá ».

— Meus senhores, eu venho aqui, em nome da colonia, pedir a punição d'essa miseravel que matou o filho. O crime é horrivel, e a dignidade dos allemães exige uma licção severa...

— A colonia sabe, disse gravemente Itapecurú, que aqui não falta Justiça. Havemos de examinar tudo com o cuidado que sempre empregamos em nossa missão.

— O que nós receiamos é que algum dos senhores ~~tenha~~ uma fraqueza de coração pela sorte da ré, e... /dint

— Oh! impossivel. A Justiça tem os olhos vendados, considerou o Juiz de direito, fitando o escrivão. E em que termos está o processo, capitão?

— O dr. Brederodes deu hontem a denuncia... Já expedi os mandados para a formação da culpa.

— Ah! Então, doutor e caro collega, não ha du/ -/

u /  
 vida sobre a criminalidade da accusada? pergun-  
 ton' Itapecurú ao promotor... O senhor, que viu  
 os autos?

Brederodes não respondeu e continuou de lado  
 a folhear os jornaes.

— Não póde haver duvida... observou Roberto.  
 Ha testemunhas de vista, que affirmam ter ella  
 lançado a creança aos porcos... E, depois, os pre-  
 cedentes...

— Ah!

— Sim... Uma perdida... O filho lhe seria um  
 trambolho. V. S. comprehende... Mas não ha de  
 ser aqui que pegarão esses máos exemplos. Ima-  
 gine V. S. si ficasse impune o delicto, si nós passas-  
 semos a mão por cima, que seria da moralidade  
 das familias dos colonos para o futuro?...

— Mas como podiam os senhores abafar o  
 crime? perguntou Brederodes seccamente...

— Não denunciando, não prendendo, empe-  
 nhando-nos para não haver andamento no processo,  
 arriscou o allemão.

— E' muita petulancia... Eu não digo, capitão,  
 que o senhor Roberto e os seus patricios nos têm  
 aqui como seus creados? E Brederodes deu um  
 violento murro na mesa.

— Doutor Brederodes...

— Senhor doutor...

Os outros queriam evitar o desabafo do joven  
 promotor. Este continuava a vociferar, quasi esbor-





levar esse processo até ao fim, desmascarar toda esta corja d'aqui. Este facto não é o unico. Para mim todas estas allemãs matam os filhos, quando... Havemos de vêr. Não sou o promotor? Exigencias commigo? Não, isso não.

*emfart*  
*c/* Não poudes mais vociferar, ~~embatido~~ pela colera. Pegou no chapéo e, mal apertando a mão de Itapecurú, que ainda o quiz demorar, sahio olhando com raiva a figura ~~de~~ e desmoralizada de Roberto.

*x/* — Tem graça! disse Pantoja, quando ficaram sós, querendo illudir a impressão deixada pelos desmandos da ira do promotor.

— É verdade. Nós gostamos muito de bolir com elle para vê-lo ~~se~~ queimar, <sup>so</sup> ajuntou por disfarce Itapecurú.

— Lá se vae batendo com as mãos, falando sósinho. Que damnado!... rapaziadas..., commentava o escrivão, que ia acompanhando da janella a marcha de Brederodes na rua.

O allemão não dizia nada. Não era alli que havia de confessar os seus rancores.

*proa-* — O defeito principal dos moços de hoje, ~~perder~~derou o dr. Itapecurú, balançando o monoculo, é a falta de attenção com os elementos conservadores do paiz. São simples revolucionarios. Pensam que o progresso é a revolução. Eu tambem admiro os direitos do homem, sou liberal, mas como magistrado sei dar a cada um o que é seu. *Suum cuique tribuere.*

*U. Substitui embasado por ca-  
fartado, que é muito mais adequado e expressivo e eis já de novo agora com este - for-  
to - que faz (para a mente e personagem) por out-  
- Volume - ?*

— E' o habito da justiça, cortou o escrivão, já principiando a enfadar-se.

— Sim, a justiça para todos, velhos e jovens. Que póde fazer uma sociedade sem ordem? É a base. E' preciso termos sempre em vista o elemento conservador do paiz. Por exemplo, aqui na colonia, onde ~~se encontra~~ este salutar elemento? *// de esteim*

Ninguem respondeu. Itapecurú sorriu da incapacidade do mudo auditorio e continuou :

— Onde está o elemento? Nos senhores negociantes, nos proprietarios, nos colonos estabelecidos, emfim, nas classes respeitaveis, que têm o que perder... E não é maltratando-as, que se ~~tem~~ */obt* uma perfeita organização social. Os senhores jacobinos não comprehendem este principio admiravel. Para elles a politica é só destruir e botar abaixo. Pois é pena...

Roberto, impaciente, levantou-se. O juiz de direito suspendeu o discurso.

— Bem, seu doutor. Posso responder á colonia que não ha meio da criminosa escapar?

— A colonia sabe que pelas minhas theorias... ia dizendo Itapecurú.

Mas Roberto não esperou o resto, fez-lhe uma grande cortezia e foi sahindo. Pantoja acompanhou-o com passo sorrateiro.

— Oh! seu escrivão! E os nossos autos? interrogou afflicto o juiz de direito, ainda mais que tudo aborrecido por ficar só, sem ouvinte.

— Espere um pouco, já venho, retrucou o escri-

vão sem se voltar. E ~~se~~ foi esgueirando ao lado do allemão.

— E que tal o promotorzinho! disse na rua Roberto ao «maracajá».

— Maluco...

— Maluco? Canalha! vou já escrever para o Cachoeiro armando-lhe a cama.

— É... É... gaguejou o escrivão, embaraçado. O diabo é que esses jacobinos são muito fortes... Todos se protegem... Uma irmandade... E não vá o governador não attender...

— Donnerwetter! praguejou o allemão.

E logo proseguiu na lingua do paiz :

— É boa! Os senhores querem o nosso auxilio nas eleições, quinhentos votos só aqui nesta colonia, e quando se trata de castigar um insolente, que vive a ~~nos~~ insultar, fogem com o corpo!..

— Tem razão, tem razão. Olhe, eu mesmo vou escrever ao governador, em segredo, pedindo, pelo menos, a remoção do Brederodes... Basta a remoção... Não é?

— Que vá para o inferno!

— Sim... para o inferno, repetiu o outro machinal e pensativo.

— Então escreva... Posso contar?

— Oh! commigo o senhor sempre conta. Que não faço pelo partido? Mas, segredo... Muito entre nós. Porque... sabe... os jacobinos...

— E o tal processo? interrompeu Roberto, mudando de assumpto. Veja... ha muito pedido do

centro. Realmente, é um caso monstruoso. A colônia não pôde abafar. Que se diria? Que as alle-mãs do Cachoeiro são umas perdidas e atiram os filhos aos porcos...

— É muito sério; comprehendo...

— Os jacobinos de quem o senhor fala tanto...

— Ah! a politica!

— ... gritarão, como fez o sr. Brederodes. Além d'isso, nas outras colonias, em Itapemirim, Benevides, por toda a parte, os nossos patricios haviam de ~~nos~~ desmoralisar. Nada; é preciso um exemplo, para que se calem

— Pôde ficar tranquillo, que respondo pelo resultado d'esse negocio.

— E o promotor?

— Não viu? Com a idéa de se vingar dos colonos, e mesmo por tolices pessoaes, perseguirá a tal sujeita até ás ultimas. E' cabeçudo... O juiz de direito, esse, coitado! já se sabe, é nosso...

— Sim. E' meu, posso dizer, proclamou o negociante, batendo com alarde no bolso da calça.

Pantoja sorriu, acompanhando o gesto.

— Quanto ao juiz municipal... continuou o escrivão.

— E' verdade, é um senhor cheio de massadas, esse doutor Maciel.

— Não faça caso... Um imbecil. Dá-se um berro com elle, e tudo vae direito. E depois, temos o Itapecurú e as testemunhas... E eu, esse seu

E'

E //

creado, que móe a mandioca, concluiu com jactancia o cabra.

— Sim, perfeito, ninguem discrepa. Bom, adeus, não esqueça a carta...

Pantoja e o allemão se separaram, seguindo direcções diversas. Mas logo o « maracajá » voltou sobre os passos e gritou para o outro :

— Ia-me passando...

Depois, approximando-se, baixou a voz :

— Tenho precisão urgente, hoje, de cem mil reis...

— Apareça.

— Muito obrigado. Não é para mim, ajuntou pressuroso. E' para a caixa do partido...

A cadeia do Porto do Cachoeiro, resto do antigo povoado, já existente antes da colonisação, era talvez a mais velha e a peor habitação da cidade. As paredes eram negras e as grades enferrujadas da janella quasi soltas dentro dos buracos da cravação. Um corredor dividia a casa ao meio : de um lado ~~era~~ a prisão e do outro o alojamento dos dois ~~unicos~~ soldados, que eram ~~de~~ guardas effectivos dos detidos. O carcereiro ahi raramente apparecia; tinham-lhe dado, como é o habito no paiz, o emprego para remunerar serviços eleitoraes, em que ~~era~~ ~~excellentissimo~~. Entre presos e soldados havia a mais relaxada camaradagem. Os accusados passavam n'essa casa apenas como por uma estação durante o processo; depois de condem-

47  
f. 102

47  
serviam f.  
a/

/// sobre-  
excedia-

de H



dade. Tudo o que julgára como o doce convívio da bondade, do esquecimento e da paz não era sinão o baixo connubio de todas as vilezas sociaes...

Na tarde desse mesmo dia, Milkau disse a Lentz:

— Vou ao Cachoeiro por algum tempo.

— E que te leva lá? perguntou o amigo.

— A sympathia pelo destino d'essa infeliz rapariga...

— E por isso me deixas?... Abandonas os nossos interesses... a nossa colonia?

— É meu dever, como é o teu, esse soccorro.

— Não comprehendo... replicou seccamente Lentz, esperando uma resposta.

— Não comprehendes? respondeu Milkau com calma. Então não vês que essa desgraçada é uma victima? E desde que eu a tenho por tal, devo correr para o seu lado.

— Quem sabe da verdade?

— E quando não fosse innocente, o seu crime não seria antes a culpa dos que a repelliram e a levaram ao desespero?

— Mas tu não estás em causa... parece-me..., escarneceu Lentz.

— Todo o homem está em causa, quando ha um soffrimento no Universo.

E partiu ~~se~~. No dia seguinte, chegando ao Cachoeiro, a cidadezinha não tinha mais para elle o encanto d'aquella primeira manhã, em que a saudára como filha do sol e das águas. A tristeza que





sioneira. O homem, sem mesmo ~~se~~ levantar da soleira da porta, mostrou-lhe d'alli, com a mão preguiçosa, o corredor da casa e apontou-lhe o quarto onde ella estava. Milkau entrou, apprehensivo.

As grades não deixavam ~~penetrar~~ no aposento toda a luz do dia; e na minguada claridade viu a Maria sentada sobre o estrado que lhe servia de cama; Ella, muito assustada com a apparição, tremia; e nenhum dos dois por algum tempo disse uma palavra. ~~Entre elles se erguera o pavor.~~

Ella curvava humilhada a cabeça, sem olhar o homem; depois, muito branca, ~~o~~ fitou implorando misericordia. A compaixão foi crescendo em Milkau ao aspecto miseravel da mulher. O que fôra n'esta de gracioso, de seductor, de docemente feminino, tinha-se apagado, e só restava uma triste carcassa, uma face livida, d'onde espiavam scintillantes olhos em que dansava a loucura.

Soffres tanto... não é? disse Milkau, taceando-lhe levemente a cabeça.

Maria recebeu d'aquellas mãos e d'aquella voz um fluido de ternura extranha e de bondade nunca sentida. Foi um goso subtil, que ella, curvada como para lhe recolher toda a caricia, que ~~estende~~ prolonga ~~do~~ indefinidamente. E nos labios da desgraçada chegou a abotoar um sorriso, sorriso infantil e humilde.

Milkau não esperava que ella falasse. Ia por

V. ~~Entre elles se erguera o pavor. (1.)~~  
Para estas palavras que são uma expressão  
cia do quadro Deixa ao leitor sentir  
por si mesmo a emoção do libâneo, enfra-  
tando-lhe outras coisas, tendo p. truster ad  
pudores fêllos deus. Agradar

insinu

11-1

monito...

hex-  
peri-  
mex-  
cada

se  
Milham  
a dicio de m...  
agor a dicio de m...  
Tua sem ar...  
que



perdida, não quizeste (desgraçada que foste!) vêr o teu filho soffrer, como tu...

0-/  
A miseravel ergueu a cabeça e ~~o~~ olhando firme, aterrada, recuou para o fundo do estrado.

— Não... não.... murmurou arquejante.

— Eu me compadeço de ti... Não tenhas medo... disse Milkau, querendo attrahil-a.

— Não... vae... vae. E com o gesto incerto o expellia da sua vista.

— Desgraçada! Que te resta, si me repelles...

— Vae... vae... Meu Deus! E as mãos, ora crispadas se torciam juntas n'um aperto, ora, pesadas, comprimiam como tenazes a cabeça.

— Não... Eu fico para ~~te~~ salvar, <sup>te</sup> afirmou Milkau obstinado. Elles não te perdôam... Elles te pedirão conta de teu proprio filho.

— Meu filho... sim... meu filho...

— Que tu mataste.

— Eu?

— Tu.

N'um impulso frenetico de arrancar a confissão de tudo saber, Milkau ~~arrancando~~ se perdia desvairadamente.

— Sim... tu... Aássassina...

— Não... Meu filho... Não... Não me lembro bem. Arrancaram-no de mim para o devorar... Oh! meu Deus, é horrivel!

E os seus olhos pungentes e frios atravessavam os de Milkau, que, 'espantado, confuso, emmudecê... Agora era ella que falava.

// como  
que

// eu.

— Assassina ! Meu filho ! Oh ! Porque me vem perseguir na minha miseria ? Oh ! Deixe-me... deixe-me...

A colera de Milkau abrandára em presença d'esse desespero, e humilhado ~~o~~ arrependia<sup>se</sup> do seu transporte inconsciente.

— Maria, recomeçou elle com uma voz ~~lutta~~ ~~lutta~~ ~~lutta~~ / *sumida*, eu te peço por tudo que amas : dize-me que estavas louca, que não eras tu quando mataste teu filho. Dize-me.

— Deixe-me... Deixe-me, murmurava suffocada a pobre.

— Não... Fico... Devo ficar. É para o teu bem. Has de me dizer tudo.

Maria ficou acobardada, sentindo a energi~~as~~ ~~as~~ ~~as~~ *||| a* *da de* cisão com que foram ditas essas palavras. O seu espirito frágil debateu-se ainda para lutar, mas apenas pairou um momento livre e logo cahiu vencido, aniquilado, aos pés do dominador.

— Quero saber... quero... insistia Milkau.

A rapariga esperava submissa.

— Porque não me chamaste em teu soccorro, quando te viste desamparada, perseguida ? Porque ? Não confiavas em mim ?

— Tinha medo... Vergonha... disse com uma voz imperceptivel.

— Vergonha ! E por isso...

Calou-se pensativo, tomado de uma tristeza infinita.

— Natureza humana ! Vergonha... disseste... E

por isso mataste teu filhinho, miseravel... teu filhinho?...

— Mas, eu não matei ninguém, gritou n'um estorço a infeliz.

— Não negues... Elles te accusam...

— Elles são mãos...

— E quem matou?... Anda... responde... supplicou angustiado Milkau.

Ella obedeceu.

— Quando foi... Pensei estar tão longe... Pensei estar morrendo...

— E depois?

— Ouvi ao meu lado a vozinha d'elle... Chorava! Meu Deus! Depois, um roncar de porcos em roda de nós... Depois, elles o carregaram... e foram... comendo... comendo...

Estes fragmentos de phrases eram bastante para aclarar o espirito de Milkau, e a espantosa scena se lhe representou exacta na imaginação aguçada pela sympathia. E então, illuminado de *todo,* chamou-a a si, carinhoso e terno.

— Vem! Escuta!

A essa voz, cheia de meiguice, ella se approxiou, docil e abandonada, curvou-se outra vez sobre os joelhos d'elle, e na infecta e tenebrosa prisão, os dois desgraçados foram recompondo tudo lugubrememente:

— Tu te sentiste desfallecer... Uma vertigem te derrubou...

— E os porcos...



conversas, narrava-lhe sempre as suas viagens, e a sua vida de peregrino no mundo. Tudo ella ouvia com sofreguidão, acompanhando fielmente os casos por elle praticados ou conhecidos. Ora, erravam nas pequenas cidades do Rheno e resuscitavam lendas... Ora, subiam aos Alpes gelados e guardavam nas pupillas as côres maravilhosas do sol a morrer... Ora, nas grandes cidades tumultuosas sem piedade, onde ha fome... Ora, no mar, balançados pelos ventos, arrastados pelas tempestades... E ainda no mar glacial, esclarecido vagamente pela lua, e brancos navios avolumados na phosphorescencia da noite; a passarem sinistros para se mergulhar, sumir, engulidos pela treva insondavel... E ella, como sombra, sempre o seguindo, sempre atraz... Outras vezes, não contava; lia-lhe poemas, de que ella não percebia bem o sentido, mas a cuja mysteriosa musica ~~YB/YB/YB~~, chorando perdidamente, sem saber porque...

Na cidade, Milkau começou a ser notado; a principio com curiosidade, depois com rancor, acompanhavam a ~~seu~~ estranha conducta. Formaram-se alli, como se formariam em qualquer parte do mundo; as mais indignas conjecturas. Acreditou-se que era elle o amante de Maria, e um odio collectivo não poupava o homem, que se ~~havia~~ ~~havia~~ ainda, talvez como cumplice, á mulher que lhe matára o filho. Todos o evitavam; em casa de Roberto Schultz, seu correspondente para os fornecimentos da colonia, era tratado com desdem;

V.  
Estu in brar, este no -  
brar e aqui procedido  
a um co...

Distribuição e aqui o outro cubo de a parte

// se em-  
termeira

00

// - lbe a

/ao  
//alli



indifferente H

~~Milkau~~, na sua força, na sua superioridade amorosa, ~~se~~ resignou-<sup>se</sup> a ser o inimigo commum. E assim, repellido pelos ~~outros~~ quando não ia á cadeia, passeiava solitario pelos arredores do povoado. *mas*  
*horrendo*

Dias depois Felicissimo chegou ao Cachoeiro e alojou no mesmo hotel em que ~~estava~~ Milkau. *o chitão*  
O cearense, com a sua indole franca e bondosa, não participava do preconceito da cidade, e, ~~superior~~ a isso, era o companheiro de Milkau nos passeios e com inquietação amiga observava-lhe os silencios profundos.

De volta de uma d'essas caladas excursões, entraram uma manhã na cidade e viram um movimento desacostumado na rua principal. As portas das lojas e nas calçadas a gente do logar e os tropeiros e colonos do centro seguiam pasmados um grupo, que passava. Era Maria, ladeada dos dois soldados, que ia responder ao processo. ~~Y~~ *o bitoral*  
transfigurada, e á claridade do dia a sua lividez era cadaverica; os olhos postos no chão tinham grinaldas roxas, e na bocca ~~lhe~~ morria um nenuphar branco, humido, gelado... *a-*

Milkau commovido, mudo, deixou passar aquella visão que lhe parecia o phantasma da Innocencia levada para o martyrio... Ao longe ella se foi perdendo, apagando-se... Milkau abandonou Felicissimo e ~~se~~ precipitou no encalço, para o Juizo. O agrimensor, compadecido, não procurou detel-o.

Depois da primeira audiencia seguiram-se outras,

a que Milkau não faltava. As testemunhas depunham contestes contra Maria. A trama estava bem tecida e fatalmente a accusada não poderia rompela. Pedro Maciel era o juiz da instrucção, dirigindo desprevenido e intelligente o processo, com uma inútil cordura. A persistencia de Milkau tornava-o um familiar das audiencias e, muitas vezes, depois de acabado o trabalho, Maciel ~~se~~ entretinha muito á vontade com elle. Por seu lado, Milkau achava o juiz municipal uma esplendida natureza e o ia estimando. Não era seguramente a posição do magistrado que o attrahia. Quando estava deante de outro homem, Milkau ~~se~~ imaginava <sup>se</sup> no deserto; o seu espirito eliminava todas as separações que vêm da sociedade e instinctivamente não conhecia as vãs distincções de posição, de fortuna, de familia, de raça. Apenas via um ser igual, que tratava sempre com sympathia e ás vezes com respeito, quando, pela sadia intelligencia, pelo soffrimento augusto, pela superioridade moral, esse homem lhe inspirava tal sentimento.

*// parece -  
Siam -  
// até que* Os dias d'essa acabrunhadora vida no Porto do Cachoeiro ~~// até succedendo~~ sem alteração para Milkau, ~~// até~~ voltando da cadeia, uma tarde, encontrou Felicissimo muito sobresaltado.

— Que desgraça! que desgraça! foi lhe dizendo abrupto o cearense.

— Que foi? perguntou Milkau interessado.

— Uma desgraça... O pequenino Fritz, o filhi-

nho de Otto Bauer acaba de ser esmagado por um barril de vinho no armazem do pae...

— Que horror! Pobresinho! E onde está?

— Alli, mais abaixo, apontou Felicissimo. Em casa d'elles. Fui chamar o medico, e volto para lá.

— Vamos.

Quando chegaram, a casa estava em alvoroço. A noticia se tinha espalhado e muita gente apiedada viera agglomerar-se ahi, invadindo com a familiaridade da compaixão o aposento onde, deitada em uma mesa, a creança morria. A mãe ainda joven debruçava-se sobre ella, devorando-a com os olhos, n'uma dôr sombria, confusa, de animal. O pae vagava a tremer pela sala, atordoado com o desastre. Ouviam-se lamentos e chôros em roda. O pequeno Fritz agitava de vez em quando os bracinhos, estrebuxando. Pelos cantos da boquinha escarlata sahiam espumas de sangue. Os olhos azues ~~se~~ arregalavam desmedidos e as pupillas immensas, de tão dilatadas, parecia não lhes caberem mais. A cabeça estava intacta; o esmagamento tinha sido no thorax.

— Pobre creança! gemeu Milkau, não duvidando da morte. E atraz d'elle uma voz lhe pediu:

— Veja se dá um remedio para a salvação.

Milkau voltou-se e fitou Joca. Este tinha o ar tragico de um satyro em dôr. A creança era o carinho do tropeiro quando ~~ella~~ vinha á cidade. Os paes lh'a confiavam a passeio, entregavam-na aos seus desvelos quasi maternas, e o cabra sentia-se



e negra, com um perfil delicado e fino. Tudo n'ella exprimia saude e força, e a dôr ~~lha~~ ~~lha~~ ~~lha~~ como uma hospeda extranha e importuna. Os que ainda alerta a contemplavam, ~~lha~~ ~~lha~~ ~~lha~~ uma pungente tortura vendo essa mãe bonita e moça dormindo a sorrir, voltada para o filho morto... No canto da sala uma imagem de Nossa Senhora, illuminada por uma lampada, presidia a morte.

/// visita -  
na - a  
/ Ho  
/// saltou

~~Revelava-se a~~ familia catholica ~~se revelava~~. E Milkau reflectia deante do admiravel symbolo; tinha'a impressão de que todo o culto se ia restringindo em torno da Virgem Maria; Lembrava-se das cathedraes, dos templos onde passára e onde sempre os altares d'Elle attrahiam mais os corações das gentes, ~~lha~~ ~~lha~~ ~~lha~~ os outros, mesmo os do Christo, ficavam quasi desertos. E porque? Talvez pela maior conformidade entre o genero humano e a mulher. E essa tendencia universal para divinisar, exaltar as deusas, as santas, não vinha acaso de longe, de muito longe, não estava agora em plena culminancia no culto de Maria, que ia insensivelmente ~~lha~~ ~~lha~~ ~~lha~~ absorvendo todos os outros?..

/// no  
mesma  
hômto  
que

Toda a noite passou Milkau a confortar a familia. Elle estava tambem esmagado e abatido. E, quando olhava o mortosinho, scismava :

— E' dolorosa ainda mais do que as outras a morte de uma creança. E' a dôr deante do inacabado, do apenas ensaiado... do que nos ia completar... Não viver... E os que morrem sem ter vivido, os que foram apenas esboços da existencia,

/// obite,  
ran-  
do,

v - vivra - Lucian

deixam-nos uma piedade torturante. Quando morre uma creança, nós também morremos um pouco n'ella, porque ahi morre uma illusão nossa.

No outro dia foi o enterro. Toda a gente da cidade, n'uma espontanea unidade de sentimentos, participava de um mesmo pezar, tornando a tristeza collectiva.

A manhã era limpida, lavada e azul. Uma banda de musica alegre, ruidosa, como nos enterros de anjos, puxava o prestito, em que o povo vinha sorumbatico e lugubre. Foi um luto geral na povoação espantada com a catastrophe: as escolas se fecharam, e grupos de meninos vestidos de branco se enfileiraram, alongando o cortejo; os armazens também cessaram o trabalho e de todas as casas e lojas vinha gente encorporar-se ao enterro, mesmo os inimigos e competidores do pae de Fritz, que traziam flôres, ~~suspensas~~ <sup>suspensas</sup> con-frangidos e aterrados os seus odios.

As auctoridades brasileiras, ~~não~~, excepto Bre-derodes, que não perdoava ao estrangeiro nem mesmo na desgraça, E a marcha ia n'essa mistura de amargura, ruído e musica alegre, desenrolando-se pela rua principal do povoado. Entre os que carregavam o esquife, estava Joca, a mirar ~~o~~ <sup>o</sup> ~~seu~~ <sup>o</sup> ~~amado~~ <sup>o</sup> menino vestido de mari-nheiro e embarcado como n'um brinco infantil n'aquella gondolasinha dourada e vermelha, em viagem para o céu...

Quando deixou a rua á margem do rio, o enterro

Winter-  
matando

Compõe-se  
com até

1-  
-1

Wen-  
Cavado

tomou a direcção da cadeia, què ficava perto do cemiterio. Lá, á prisão chegou primeiro matinal e alviçareira a musica, e Maria, que tudo ignorava, sentiu uma ~~tristeza~~ claridade n'alma com aquellas caricias do som immortal. E despercebida, attrahida ~~por ella~~, veio á grade e ~~se~~ poz<sup>se</sup> á mirar... O enterro ~~vinha vindo~~ marcial e solemne... Maria espreitava; o seu olhar de allucinada sahia violento pelas grades da prisão e repousava ardente no morto... Ainda alli na morte passava o triumpho, a victoria da força e da felicidade... Ella ouvia agora, confundidas na harmonia dos sons, outras vozes abafadas, cavernosas... Vinham de longe, do desconhecido, mas tão persistentes, tão terriveis que dominavam os cantos dos instrumentos... E Maria, na sua sensibilidade desvairada, ia ouvindo, ia vendo o enterro do proprio filho, levado pela musica macabra do resfolegar dos porcos... Com o rosto descomposto, os cabellos pendentes, a bocca cerrada, n'uma contorsão, ficára hirta, agarrada ás grades... Da multidão, só Milkau olhava para ella, tomado de uma compaixão infinita. Os mais, apavorados e rancorosos, desviavam-se da figura infernal da desgraçada... A colonia passava, unida na piedáde como no odio.

/// doce  
 /// pela hoz  
 moment  
 /// desen-  
 rotava-2

igual

Paulo Maciel, agora, depois das audiencias do processo, arrastava Milkau diariamente á sua casa e em longas e nobres palestras, dignas de homens, a amizade se ia formando entre elles.

*Momentu,* Para Maciel, ~~separado~~, que se sentia separado de todos d'aquella terra, esses momentos eram sagrados, tinham o perfume da liberdade, e jamais, depois que o doce veneno da duvida lhe corrompêra a alma, fôra elle tão feliz e fecundo.

— Não vejo meio de evitar um máo desenlace ao processo, disse o magistrado, logo que se encerraram no escriptorio, respondendo a uma pergunta de Milkau.

— Como? Está convencido da culpa de Maria Perutz? perguntou Milkau inquieto.

o- / — Meu amigo, não estou convencido de coisa alguma. Apenas lhe explico que, pelos depoi-



mentos, pela prova dada, a pronúncia é fatal, é a condemnação...

— Mas as testemunhas, cortou Milkau, vêm insinuadas, foram industriadas para essa desgraçada conclusão.

— A quem o diz? E' sempre assim entre nós: não ha um processo em que se possa fazer justiça. Digo-lhe isto eu, que sou juiz. Que exprimem as minhas sentenças sobre a verdade dos factos? Nada... Não pense que não desejaria reagir. Mas é inutil; quando recebo uns autos, ha n'elles tal tecido de mentiras que tenho de capitular. E' de desesperar, não é?

— E' horrivel!...

— Um paiz sem justiça não é um paiz habitavel, é uma agglomeração de barbaros... affirmou Máciel no seu pendor para generalisar.

— No Brasil não ha lei, e ninguém está garantido, continuava. O processo é feito de tal maneira que tudo vae em perigo. Olhe, si aqui um homem entender ~~o~~ <sup>seu</sup> apossar da propriedade de outro, encontra no nosso systema de justiça, no modo por que se faz o processo, apoio para a sua intenção. E si esse homem é um potentado, ninguém o póde embaraçar. Nem eu mesmo... concluiu.

— No mundo inteiro a justiça é uma illusão, interrompeu Milkau.

— Mas no Brasil a situação é ainda peor, porque não se trata de raros eclipses de justiça.

Milkau, sem dizer nada, ficou pensativo, ouvindo o joven magistrado que proseguia n'um impulso de confissão, de desabafo.

— Isso, que chamamos nação, não é nada, repito; aqui já houve talvez uma apparencia de liberdade e de justiça, mas hoje está tudo acabado. E' um cadaver que se decompõe este pobre Brasil... Os urubús ahí vêm...

— De onde?

— De toda a parte, da Europa, dos Estados Unidos... E' a conquista.

— Não creio, assegurou Milkau.

— Virão. Como poderemos nós subsistir desta fôrma em que vamos? Onde a base moral para mantermos a nossa independencia no exterior, si aqui dentro estamos na desordem e no desespero? O que se dá no paiz é uma verdadeira crise do character. Não ha uma virtude fundamental...

— Um character de raça, explicou Milkau.

— Sim, meu amigo. Aqui, a raça não se distingue pela persistencia de uma virtude conservadora; não ha um fundo moral commum. Posso accrescentar mesmo : não ha dois brasileiros eguaes; sobre cada um de nós seria futil erguer o quadro de virtudes e defeitos da communhão. Onde está, mudando de ponto de vista, a nossa virtude social? Nem mesmo a bravura, que é a mais rudimentar e instinctiva, nós a temos com equilibrio e constancia, e de um modo superior. A valentia aqui é um

nes pulso nervoso. Veja as nossas guerras, de  
quanta cobardia nos enchem a lembrança!...  
Houve tempo em que se proclamava a nossa  
seidade, a nossa bondade. Collectivamente, como  
familia, somos tão máos, tão hystericamente, inutil-  
dos, e máos!...

Calou-se, como levado a tristes recordações.  
Milkau, compadecido das torturas d'aquella alma  
de brasileiro, fitava-o com immensa sympathia.

— Repare o que se passa com o patriotismo,  
proseguiu depois Maciel. No Brasil a grande  
massa da população não tem esse sentimento; aqui,  
há um cosmopolismo dissolvente, não que seja a  
expressão d'uma larga e generosa philosophia,  
mas simples symptoma de inercia moral, indício  
da perda precoce de um sentimento que se devia  
casar com o estado atrazado de nossa cultura.  
Note que os poucos patriotas que temos, são ainda  
homens de odios, de sangue, emfim logicamente  
selvagens.

— Não ha duvida, ponderou Milkau, interessado  
n'esta analyse franca de Maciel, que ha profunda  
disparidade entre as varias camadas da população.  
E a falta de homogeneidade será talvez a maior  
causa deste desequilibrio, desta instabilidade...

O juiz reflectiu e, desbruçando-se um pouco  
sobre a mesa, voltado para Milkau, replicou a este  
n'um tom mais decisivo e vibrante :

— Tem razão. O aspecto da sociedade  
brasileira é uma singular physionomia de

decrepitude e de infantilidade. A decadencia a  
 é um mixto doloroso de selvageria dos povos que  
 despontam para o mundo, e do esgotamento e  
 raças acabadas. Ha uma confusão geral. A  
 correntes da immoralidade vagueam sob a  
 sociedade e não encontram resistencia de  
 nenhuma instituição. Uma tal nação está prepa-  
 rada para receber o peor dos males que pôde  
 cahir sobre o mundo: a geração dos governos  
 arbitrarios e despoticos. Si a sociedade é uma  
 obra de suggestão, que se pôde esperar dos  
 sentimentos, da idealisação das massas incultas,  
 quando a imaginação d'ellas é deslumbrada pelo  
 espectáculo da mais desbragada perversão dos  
 governantes? Que reacções sobre cerebros obscuros  
 não provocará o desamor d'esses conductores das  
 gentes, ao ideal, ás coisas superiores, e seu apego  
 ás posições e ao ganho? E não é só o governo.  
 E'a magistratura subserviente e aparelhada para  
 explorar os restos da fortuna privada, são os  
 funcionarios, os militares, o clero, tudo n'um  
 declive em que se vão resvalando, horriavelmente  
 deformados...

Levantou-se muito nervoso, abriu a janella que  
 dava para o rio, e poz-se a mirar absorto e vago  
 a cachoeira, emquanto a claridade da tarde, mansa  
 e suave, invadia o aposento. Milkau, sem se mover  
 do seu logar, encheu-lhe os ouvidos de louvores  
 á natureza.

E Maciel voltou-se :

— Ainda é uma vantagem viver-se na roça nesta hora tenebrosa. Ao menos, temos a benignidade da calma e a tranquillidade da familia. E por quanto tempo, não sei... O clima... A peste se apodera do corpo miseravel da nação... A familia vae sendo demolida pela força imperiosa dos vícios.

Parou, e como resumindo todas as suas decepções e anhelos, murmurou n'um desalento :

— O meu desejo é largar tudo isto, expatriar-me, abandonar o paiz, e com os meus ir viver tranquillo n'um canto da Europa... A Europa... A Europa! Sim, ao menos até passar a crise...

E quando ia sendo arrebatado pela expansão dos seus mais intimos anccios, Maciel se conteve com esforço, ficou repentinamente mudo, fitando com os olhos vermelhos e humidos o estrangeiro. Milkau falou-lhe com brandura; e as palavras cahiam frescas e consoladoras sobre os campos desertos d'aquelle coração.

— Não quero diminuir, disse elle, a exactidão dos seus conceitos. Mas lembre-se de que não ha sociedade sem abalos. Ou melhor, que não ha nada fixo e eterno : tudo vae de passagem, tudo está sempre em crise, procurando perpetuas e incessantes combinações de ser. Por outro lado, esse terror que nos vem dos acontecimentos presentes, é tambem um pouco uma questão de perspectiva. Quando estamos dentro d'elles, tudo se mostra grandioso ou ridiculo, terrivel e formidavel, tudo

parece ir acabarn'uma desagregação irremediavel; mas no futuro elles mingua a força de distancia, parecem normaes e suaves, e nós começamos a louval-os, como uma engenhosa e admiravel expressão dos melhores tempos, que são sempre os passados. Deixa que lhe ~~faça~~ <sup>repita</sup> uma imagem? E' assim como si estivessemos no mar, no meio das ondas e dos ventos : o espectáculo do oceano enche-nos a alma de terror, porém depois que o atravessamos e o olhamos de longe, as ondulações das vagas são como um leve sorriso...

E Maciel tambem sorriu, festejando a metaphora.

— Muito bem, replicou, tornando-se subitamente jovial; mas aqui se passa uma verdadeira tormenta...

— E' natural, e não podia ser de outro modo. Do que tenho observado e adivinhado um pouco, é ella consequencia da primitiva formação do paiz. Desde o principio houve vencedores e vencidos, sob a fórmula de senhores e escravos; desde dois seculos estes luctavam por vencer aquelles. Todas as revoluções da historia brasileira têm a significação de uma lucta de classe, de dominados contra dominadores. O povo brasileiro foi por longos annos apenas uma expressão nominal de um conjuncto de raças e castas separadas. E isso se manteria assim por muitos seculos, si a forte e imperiosa sensualidade dos conquistadores não se encarregasse de demolir os muros da separação, e não formasse essa raça intermediaria de mes-

tiços e mulatos, que é o laço, a liga nacional, e que, aumentando cada dia, foi ganhando os pontos de defesa dos seus oppressores... E quando o exercito deixou de ser uma casta de brancos e passou a ser dominado pelos mestiços, a revolta não foi mais do que a desforra dos opprimidos, que fundaram desde logo instituições destinadas a permanecer algum tempo, pela sua propria força de gravidade, n'uma harmonia momentanea com os instinctos psychologicos que as crearam... Era preciso esse choque do inconsciente para se fazer o que se buscava desde seculos por outros meios: a nacionalidade...

— Bravo! applaudiu Maciel. Está ahi a explicação do triumpho e do prestigio do nosso “ Maracajá ”

— É o representativo, affirmou Milkau, tambem gracejando.

— Vejo bem que é isso mesmo, commentou o juiz. Era preciso formar-se do conflicto de nossas especies humanas um typo de mestiço, que se conformando melhor com a natureza, com o ambiente physico, e sendo a expressão das qualidades médias de todos, fosse o vencedor e eliminasse os extremos geradores. Perfeito... Reparemos que Pantoja não é um caso isolado. Os que tendem a nos governar, e que nos governam com melhor acceitação e exito, são desse mesmo typo de mulatos. O Brasil é, emfim, d'elles...

Paulo Maciel ~~se~~ <sup>se</sup> deteve um momento, e depois,

emquanto olhava para as mãos brancas e longas, continuou com um sorriso ironico :

— Não ha duvida... Si eu tivesse algumas gottas de sangue africano, com certeza não estaria aqui a ~~me~~ lamentar... O equilibrio com o paiz seria então definitivo... Pantoja, Brederodes... estes não marcham firmes e seguros?... Não são os donos da terra?... Porque não nasci mulato?...

O pequeno mundo da colonia, tangido pelo escrivão, representou-se no espirito de Milkau como um resumo bem claro de todo o paiz. Todos os nacionaes que alli dominavam, sahiam fatalmente do nucleo da fusão das raças, emquanto aquelle joven de uma intelligencia mais fina, de uma sensibilidade maior e mais distincta, era aniquilado, vencido pelos outros. Tinha razão? Falta-lhe a gotta de sangue negro para que tudo n'elle se equilibrasse?

— Vê, meu amigo. E' fatal, disse Maciel negligentemente; não ha salvação possivel para o nosso caso, é uma incapacidade de raça para a civilização...

— Oh! não. Isto não se póde concluir dos meus pensamentos. A crise da cultura aqui é motivada pela divergencia dos estados de civilização das varias classes do povo. É preciso um pouco mais de identificação, como dolorosamente já se está fazendo. Não ha raças capazes ou incapazes de civilização, toda a trama da historia é um processo de fusão : só as raças estacionadas, isto



é, as que se não fundem com outras, sejam brancas ou negras, se mantem no estado selvagem. Si não tivesse havido a fatal mistura de povos mais adiantados com populações atrasadas, a civilização não teria caminhado no mundo. E no Brasil, fique certo, a cultura se fará regularmente sobre esse mesmo fundo de população mestiça, porque já houve o toque divino da fusão creadora. Nada mais póde embaraçar o seu vôo, nem a côr da pelle, nem a aspereza dos cabellos. E no futuro remoto, a epocha dos mulatos passará, para voltar a idade dos novos brancos vindos da recente invasão, acceitando com reconhecimento o patrimonio dos seus predecessores mestiços, que terão edificado alguma coisa, porque nada passa inutilmente na terra...

— O paiz será branco em breve, suspirou Maciel, quando fôr conquistado pelas armas da Europa.

E Milkau disse ao brasileiro :

— Essa Europa, para onde d'aqui se voltam os vossos longos olhos de sonhadores e moribundos, as vossas cançadas almas, cobiçosas de felicidade, de cultura, de arte, de vida, essa Europa tambem soffre do mal que desaggrega e mata. Não vos deixeis deslumbrar pela exhausta pompa da sua civilização, pela força inutil dos seus exercitos, pelo lustre perigoso do seu genio. Não a temaes nem a invejeis. Como vós, ella está no

*N. O que  
you queres dizer  
Pompa exhausta e' pro-  
prio esgotada. São claro o teu pensa-  
mento*

desespero, consumida de odio, devorada de separações. Ainda alli se combate a velha e tremenda batalha entre senhores e escravos... Não ha calma para a consciencia, não ha tranquillidade no goso, quando ao vosso lado sempre alguem morre de fome... E' uma sociedade que acaba; não é o sonhado mundo que se renova todos os dias, sempre joven, sempre bello. E ainda para manter taes ruinas, os governantes armam homens contra homens e entretêm-lhes os ancestraes appetites de lobos com a pilhagem de outras nações. Tudo/que se apresenta á flor da vida não corresponde mais aos fundamentos da Vida... As leis, nascidas de fontes impuras para matar a liberdade fecunda, não exprimem o novo direito; são o escudo perturbador do governo e da riqueza, e quem diz auctoridade diz posse, diz servidão e destruição. Por ~~taes~~ leis os povos chegaram a esse excesso de grandeza que é o primeiro toque da decadencia. Por ellas tudo se baralha, toda a humanidade parece sem raizes na terra, passando, como si estivesse para morrer, sem cuidar dos que vêm surgindo após. Está vacillante, inquieta, n'esse momento indeciso em que não teme mais a justiça vingadora e posthuma, que amedrontava no passado os espiritos, e nem pratica a maravilhosa justiça que vae chegar amanhã para dar a todos o que é de todos.

« Nada corresponde ao Tempo. O espirito que morreu, ainda anima debilmente o mundo... As

/o

///deme-  
Chante

raças deixaram de ser guerreiras e ainda se armam... Os povos abandonaram a religião e conservam os templos e o sacerdocio... A arte não exprime a vida, nem a alma do momento; a poesia volta-se para o passado e a sua lingua subtil, fina e mesquinha, sem seiva nem vigor, não é a lamina poderosa e refulgente onde se reflecte a imagem dos novos homens. E por tudo isto que enlanguesce e definha, passa o veneno sensual, morbido e perfido, tirando a força ao homem e a bondade ao leite da mulher... Não a temaes, que vos não pôde escravisar; antes que se erga contra vós, ella se despedaçará. Não longe, os seus exercitos não se poderão mover, pois como a essas figuras carbonisadas desentranhadas da terra do passado, um sopro de vento os reduzirá a pó, o sopro bemfazejo que tudo invade, tudo vence, como o bafo sagrado das divindades do futuro, e que são as forças redemptoras da sciencia, da industria, da arte, da intelligencia, do odio e do amor e de mil outras potencias ainda incognitas, mysteriosas e santas... E já as posições vão sendo tomadas insensivelmente pelos que as desprezam.

— E' um grande mal, disse involuntariamente Maciel, n'uma voz imperceptivel.

— É o primeiro passo e um grande bem. Que o exercito, a magistratura, o governo, o parlamento, a diplomacia, a universidade e tudo mais que deva finir, caia nas mãos dos que julgam taes instituições como instrumentos do mal, crea-

ções grosseiras ou ridiculas. Então os exercitos não marcharão...

— Não será a conquista fatal do paiz, onde isto primeiro se dér? arriscou o joven brasileiro,

— Si taes consequencias resultarem, serão tão fugazes e passageiras que não devemos d'ellas cogitar. O dominio do vencedor d'essas luctas inferiores será instantaneo, porque aquellas forças da resurreição se communicam invisiveis entre os homens do nosso grupo de cultura, e conduzem ao meòmo resultado n'este systema planetario, onde, destacando-se da nebulosa inicial, entrou o Brasil para soffrer comnosco os mesmos sacrificios, as mesmas transformações e, n'uma semelhança de destino, mais funda que apparente, sonhar os mesmos sonhos...

Quando Milkau partiu, o juiz, ficando só, scismava em tudo o que acabava de entrevêr deliciosamente, n'esse mundo a transfigurar-se, n'essas ancias para novas e mais bellas expressões da vida, n'essa esperança luminosa e feiticeira... E, apesar do deslumbramento da visão, as atribulações do momento venciam-no

— Tudo desmorona em torno de mim. Já ninguém aqui se entende, e não tarda que eu mesmo seja extranho a tudo e nada mais sinta de commum com aquelles que são os homens de minha terra... O que me resta é ainda este socego da familia, este amor de mulher que me conforta, e esta

creança que nos rejuvenesce, emquanto lá fóra tudo vae desabando.

Não ouvindo mais rumor de conversa no escriptorio do marido, a mulher de Paulo Maciel entrou ahi discretamente, como tinha por habito todos os dias antes do jantar. Era esbelta, magra e ainda muito joven. A pallidez brasileira, doentia e diaphana, dilatava-lhe os olhos negros e faiscentes. Sentou-se no seu logar de retiro e d'ahi, arrancando o marido das scismas em que estava, foi-se reclinando suavemente para elle. Maciel, eternamente fascinado por ella, acalmou-se, e sem demora esquecido de suas devastadoras angustias e debeis revoltas, foi em sussurro entretecendo com a companheira, como em fios de brando e macio cabello de mulher, uma doce e infinda conversação. A noite vinha vindo, avançando e estendendo-lhes em silencio os braços cheios de ternura mysteriosa. E tudo foi uma voluptuosa casta e subtil.

~~Esta, não sei qual dos passos miudos e velozes os sacudissem d'esse vaporoso adormecimento, e logo invadisse o aposento a figura em desordem de uma creança. Trazia as faces vivas e acceças, tremia-lhe o narizinho; os cabellos vinham debandados, e pela testa corria um suor gelado. Cahiu nos braços da senhora, víbrando, abafada :~~

— Mamãe!

Esta, afflicta e estupefacta, olhando-a sem vêr, recolheu-lhe anciosa o corpinho.

— Gloria! Gloria! murmurou.

/// doce  
(murmurando)

/// doce  
sensa  
cão,  
///  
afect.,  
Deseja  
poroso a  
por melle-  
mante  
os des-  
partem  
a appor  
accionam  
uma passio  
de melle e oc.  
loux e a entremet  
apparição de um - crea  
co em hndam; torario ella

O marido achegou-se a ella, e tomando-lhe umas das mãos, beijou a creança.

— Soceguem.

Esta palavra foi dita varonilmente e trouxe lagrimas á mulher, como uma reacção de alento, e Gloria, a creança, enterrou mais a cabeça no collo onde se agasalhára. N'este momento entrou no aposento a criada, ~~que~~ ~~aguardava~~ ~~começou~~ a explicar a angustia da menina, reconstituindo com largos gestos e grandes vozes, quasi n'uma algazarra, um episodio da rua. Passeavam ambas, quando uns immigrants mendigos ~~se~~ acercaram ~~delas~~, pedindo esmola. Algumas mulheres do bando ~~desd~~javam com mãos descarnadas apossar-se das joias da menina, e uma mais ousada beijou-lhe o rosto e emquanto forçava por tirar-lhe a pulseira, o filho arrancou-lhe o laço de fita, correndo n'uma gargalhada de triumpho. A criada defendera Gloria, repellindo o grupo com o chapéo de sol, mas á sua energia tonta correspondera uma vozeria desbragada. Si não fosse a intervenção de dois homens que passavam, a lucta não se terminaria logo. Mal puderam escapar, partiram desvairadas para a casa, no meio de imprecações de furia.

Durante a narração, a moça segurava a menina pela cabeça, beijando-lhe frequentemente os amoretcidos olhos de somnambula. Paulo Maciel, para diminuir nesta o natural e invencivel horror aos pobres, tentou disfarçar o acontecimento, sorrindo d'aquelles sustos. A creança encarou-o indecisa.

*V. Ha aqui certa obscuridade: refere-se a  
mesma mulher q. beijou ao rosto da cria-  
ca; foi elle q. ~~ella~~ ~~desforçava~~ ~~por tirar~~  
a pulseira? ~~4~~ ~~o~~ ~~filho~~ ~~avocou~~ ~~o~~ ~~lucro~~  
de ~~esta~~? — Tem ~~tudo~~ ~~isto~~ ~~mais~~  
~~claro~~ e ~~degitado~~*

O medo lhe dava <sup>a</sup> o justo sentimento do real, e tornava vãs as palavras.

~~Procurava~~ distrahil-a e desviar para coisas alegres e diversas a sua atenção, pois já aos cinco annos uma precoce e morbida phantasia era-lhe doença d'alma. A invenção ~~dos grandes~~ não foi feliz e fertil naquelle momento; as idéas lhes fugiam; elles paravam, scismavam, e apenas como recurso lançavam-se ao argumento que nunca tráe, beijos, que foram então arquejantes...

A grande calma do crepusculo aquietava-lhes, como num remanso, as perturbações, e só a menina de vez em quando tremia, segurando-se á senhora, a quem não sobrava regaço para occultal-a, e abrigal-a mais e envolvel-a com os braços, perdidamente, maternalmente.

— Tenho medo, mamãe!

Depois, um soluço hysterico, outro, mais outro, succedendo uma modorra interrompida de instante e instante pelo crispar de suas garrasinhas aferradas aos pulsos da senhora, que tentava inutilmente adormecel-a. Os ~~seus~~ sentidos sahiam do pesadelo n'uma dolorida expressão de susto e de fadiga. Levantou a cabeça, fitou os outros com um sorriso leve, melancolico, que traduzia uma mansa agonia, rudimentar, inconsciente, a indizível tristeza das almas rudes, primitivas ou infantis. Moveu os labios como quem ia falar, e os dois esperaram, em subita transformação de allivio, a sua voz.

— Ah! nós também fomos como elles, hein, mamãe! murmurou Gloria, brandamente.

A mulher de Maciel a principio não percebeu toda a extensão d'aquelle pensamento, mas do pouco que comprehendeu, ficou aterrada. Maciel que estava a ler, deixou cahir o livro, e enfiou olhos agudos na menina.

— Sim, mamãe, ha muito tempo, longe, n'outra terra. Nós andavamos na rua toda a hora, dormiamos na rua, você me carregava, quando eu não podia mais; papae me dava tanto...

A sua physionomia transfigurava-se com essa recordação, e, em extase, voltada para a janella, parecia buscar ~~os~~ dias passados. Os ~~olhos~~ scismavam.

*/// raver*  
*/// prae* — Você se lembra quando a gente não tinha que comer e ia pedindo dinheiro? Você me beliscava para eu chorar e me empurrava dentro das lojas para pedir comida...

— Gloria, disse Maciel, que tolices são essas? Não fales n'isso...

A menina moveu para elle o rosto. Quedou-se um momento calada, obedecendo á intimação. Ouviu-se um grande suspiro. Mas, d'ahi a pouco, como que irresistivelmente :

— Ah! que frio fazia lá. Aqui não se treme, não cáe neve. Porque, mamãe?... Você se lembra d'aquelle chapéo que você tirou do menino na rua e me deu? Ih! correram atraz de nós, não foi, mamãe? Mas nós nos escondemos n'aquella casa



escura, e eu fiquei com o chapéo bonito...

— Gloria, Gloria! teve a moça forças de exclaimar.

Paulo Maciel levantou-se convulso, tomou <sup>menena</sup> a ~~sa~~ collo e mostrou-lhe uma estampa, que tirou precipitadamente do armario.

— Que bonito! Não se conteve a creança. Me dá, papae?

— Dou, si não disseses mais tolices.

Ella pagou-lhe com um beijo. Voltaria á realidade o seu espirito desannuviado das nevoas que o en ~~nyoyam~~ am? pensou Maciel. E posou Gloria no chão com a gravura. A creança, porém, pouco se demorou em admirar-a; voltou á senhora que estava a chorar:

— Mamãe, não chore. Você tem tanto dinheiro... Você não apanha... Não é, papae?

Fazia-se escuro. A criada tardava em trazer a lampada. No completo repouso da casa, á sombra que abafava os ultimos clarões da luz, a figura e as palavras de Gloria, como a imagem e a voz de um passado horrivel, que resurgia em meio da felicidade, tinham ares de monstros. E ainda assim, Maciel gosava um absurdo e requintado prazer intellectual n'aquellas tenebrosas visões da creança...

— Você não era assim, mamãe, como agora, boa para mim. Eu não tinha boneca, não tinha criada; nem cama! Andava suja. Não era? Você não tinha vestido bonito, não tinha dinheiro, não tinha anel!... Tinha uma pulseira que aquelle moço lhe

*Empa, não*  
*Gloria está posou on*  
*destituihu porll prondor n'q m i*  
*o verbaeiros.*

deu... Papae ficou zangado, você apanhou muito, hein mamãe!...

A pobre moça desalentada parecia vêr lagrimas no rosto do marido.

— O moço dormiu lá, quando papae foi preso pelos soldados. Me dava dinheiro, dizia que eu era filha d'elle, mas eu queria era meu papae... Papae voltou... você disse que elle era tonto... aquella mulher contou tudo...

u / u /  
Levantando os braços n'um immenso esforço de quem suspende algemas, Paulo avançou esboçando no espaço gestos inuteis para tapar aquella bocca maldita e innocente.

— Mamãe tambem mordeu na rua a mão da menina para tirar o anel. Eu vi. Pensa que eu não vi? Agora a gente não tira mais de ninguem. Papae, cadê o homem que você quiz matar com aquella faca?...

De repente, voltou-se para a senhora :

— Amanhã vou passear com o vestido côr de rosa? Levo a boneca maior, a Dulce, sim?

Murmurando umas desculpas, a criada penetrou no gabinete trazendo um candieiro acceso.

— Emilia, Emilia, amanhã. gritou Gloria, partindo no seu encalço.

A mulher de Paulo Maciel abraçou-se ~~a~~ elle como a um rochedo. Agarrados um <sup>3</sup> ao outro <sup>2</sup>, fulminados pela sensação, olhavam correr a <sup>1</sup>creança. A sua caridade amorosa colhia os fructos amargos de Chanaan. Havia dois annos, n'um grande

desespero de infecundidade, tinham aberto o coração áquella filha de uns immigrants hespanhóes. E, agora, das cellulas obscuras e implacaveis d'ella, surgia-lhes, como um castigo, uma existencia de outros, um passado alheio...

## XI

12/1  
2/1  
Lentz vagava nas desertas margens do Rio Doce; seu espirito, atormentado pela solidão, retrahia-se comprimido deante da serenidade desesperadora da terra. Sobre elle o céu cavado e longinquo desdobrava-se sereno e luminoso, o sol abrasava um mundo parado e morto. Ia errante e perdido, embebidos os olhos no que alli era a unica vida, nas aguas vagarosas, deslizando como alma expirante. A implacavel belleza do silencio o exaltava, e elle passava amaldiçoando a impassibilidade do universo, que não estremecia nem se agitava fecundo aos seus pés sobrehumanos. Na conspiração da calma, da solidão, da luz, do esplendor, do infinito, o espirito do homem delirava. E nesse delirio a memoria apagava-lhe as origens da existencia, o passado não tinha sido; e tudo, fórmias deliciosas das coisas, agua, que ainda se movia, arvores silentes e concentradas, céos, sol, montes, nuvens,



que não fossem divinos, que gemessem, que morressem e fossem humanos. O creador luctou com o seu espirito e o espirito, como uma força diabolica, indestructivel, venceu-o, creando sempre a mesma expressão, sempre elle só. Elle... E as fórmãs que sahiam da força solitaria e desdenhosa, acompanhavam-no eternas e fataes. Lentz horrorisava-se de se vêr a si mesmo, n'uma multiplicação infernal. Do alto da montanha, aonde chegára, precipitou-se, fugindo da multidão de phantasmas que o perseguiram amorosos e escravos e que eram elle, sempre elle... Approximou-se do rio, vôou sobre este n'um impulso de salvação, n'um desejo extranho de anniquilamento, de allivio... e parou. Sobre o crystal das aguas a sua imagem o espreitava para seguir ainda na morte.

E o delirio se repetia sob mil terriveis combinações, nos dias serenos que abrasavam a alma fragil e desvairada do solitario. E quando, nas noites socegadas, os tormentos da nova vida sobrehumana não o mortificavam, elle penetrava na solidão infecunda do espirito e errava pelo deserto ululando, amesquinhado e cobarde. Implorava a companhia tenebrosa do vento, e o vento se calava áquella invocação satanica; com os olhos ardentes e devoradores, buscava, em vão, reanimar as coisas que adormeciam. A lua voltava para elle a sua lívida face de cadaver

Um movimento de piedade trouxe Milkau á

*aprovado  
tando  
formar*

colonia. Durante todo aquelle tempo, não esquecêra o seu companheiro de destino. E, ~~de repente~~ ~~hoje~~ uma parada no processo, ~~foi~~ ao Rio Doce. Era ainda madrugada quando entrou no prazo, e logo no jardim abandonado, invadido pelo matto, que não perdôa e está sempre attento ao descuido do homem, Milkau adivinhou tudo. A casa estava aberta, e derrubado no chão adormecia pesado o corpo de Lentz.

Permaneceram juntos na colonia até o dia seguinte. O contacto de Milkau alevantava e restabelecia o espirito do infeliz. E agora, n'um incommensuravel pavor da solidão, este se ia deixando governar pelo instincto da ligação universal, e prendia-se n'uma affeição entranhada e decidida a Milkau, que o chamava ao Cachoëiro, á defesa e ao consolo do soffrimento. Um raio da luz que irrompia do martyrio de Maria, chegou a Lentz que, obdecedendo ao poder do inconsciente, contra que tanto luctára, curvou a cabeça e seguiu o amigo.

Na estrada, quando tudo se animava á passagem d'elles, e ventos, e passaros, e arvores cantavam em volta, Lentz, recapitulando a curta historia da sua desillusão, dizia comsigo :

— Ah! como tenho saudades dos meus sonhos de audacia, dos meus desejos e ambições... E tudo isto que eu e elle ambicionavamos fazer, é nada. Encontrámos no nosso caminho a Dôr mesquinha e poderosa, e ella nos guia e nos transforma...

— Toda a maldade n'elle era obra da imagina-

*u/*

ção, reflectia Milkau, acompanhando-o com o carinho dos olhos. Mas não é a idéa que governa o homem, é o sentimento. A nossa força individual não é nada em comparação á força accumulada na vida. Que póde um só contra a corrente imperiosa e dominadora, formada pelas primeiras lagrimas, descendo das origens do mundo, avolumando-se, tudo arrastando, tudo vencendo, até que um dia seja um perenne preamar de bondade e de doçura? Que póde o homem, insignificante e inutil, erguer para desviar o curso, o impeto da piedade e da sympathia?

Chegando ao Cachoeiro, foram logo á cadeia. Durante a ausencia de Milkau, tinha conhecido Maria uma nóva tortura, a que sáe das perseguições da sensualidade. Com a sua brancura, com a estranheza da sua raça, ella ympe de algum tempo ~~as~~ os soldados negros. A principio, o aspecto severo da desgraça os afastára, ~~afastando-a~~ ~~afastando-a~~ yndendo-a n'um circulo de respeito e de protecção; imperceptivelmente, porém, a convivencia e a familiaridade foram permittindo que n'elles se erguesse o desenfreiado desejo. Procuraram seduzil-a, communicando-lhe por instincto a lubricidade; mas quando a viram insensivel e obstinada nas suas recusas, fugindo ao velho costume da prisão, onde as mulheres encarceradas eram amantes dos guardas, se enfureceram e empregaram para vencela o medo, a força e a crueldade. ~~As~~ suas noites eram agitadas, escapando ella sempre de ser violada

Wimper-  
sante alvo-  
rosava

Winclui

m-  
W/S



pelos soldados assanhados e bebados. Debatia-se nas mãos d'elles, e salvava-se, ou pela disputa sensual da posse, que entre os dois pretos se formava, ou pelo alarido levantado, deante do qual se recolhiam cobardes e espavoridos. E os dias, que lhe concediam, eram para vingar as luctas da noite, obrigando-a a trabalhar para elles como uma escrava, dando-lhe pancadas, negando-lhe alimento. E Milkau, agora, na frouxa luz da prisão, notava, surprehendido, quão terrivel fôra a devastação da miseria no corpo da rapariga. Não se enganava elle sobre a exacta situação da pobre victima, por mais que esta lhe sorrisse, mostrando-lhe vislumbres de esperança e traços de resignação, querendo com esforço ~~apresentar~~ a historia do seu martyrio escripta indelevelmente nos olhos famintos, no rosto murcho, nas mãos de esqueleto e no peito mirrado. Milkau teve a impetuosa ancia de arrebatá-la d'alli e carregá-la afoitamente para longe, muito longe, e pôl-a onde as fêras não fossem homens...

/// descrip-  
gior

Durante o tempo que ahi passaram, Lentz ficou silencioso. Pela primeira vez se via n'um carcere, misturando-se com criminosos e reprobos. A sua velha alma aristocratica estremecia de repugnancia, e o espirito de sonhador soberano e forte, que não se lhe tinha extinguido de vez, extranhava o contacto da miseria, revoltava-se por se ~~ver~~ da molleza, da piedade, ardendo em remontar ás alturas do silencio e do imperio. Mas era tarde : a

/// descriptio

garra da compaixão o prendia ao mundo, que elle tambem assim fecundava com o seu quinhão de soffrimento.

Na rua, quando sahiram da cadeia, Milkau ouviu, como um echo do seu proprio coração, estes murmurios :

— Pobre mulher! Como é triste a vida!

Era o novo Lentz que falava.

Commovidos e angustiados, os dois amigos separaram-se. Enquanto o outro voltava a se recolher ao repugnante albergue do Cachoeiro, Milkau seguia sem proposito, vagando, para as bandas do Queimado, a região abandonada onde fôra a antiga cultura do lugar, e que atravessára no dia de esperança em que chegou á colonia.

Entrou na velha terra exhausta e morta. Ainda no chão, que pisava, estavam os marcos deixados pela geração extincta e vencida... Um dia, tudo o que fôra vida já por alli transitára... E agora, restos disformes de habitações humanas ~~se~~ sustinham-se petrificados, dolorosos e nús, e trepadeiras mesquinhas e bravas ~~se~~ esforçavam por cobrir-lhes o pejo de ruínas mutiladas. Nas collinas baixas e humildes da redondeza, destroços de pedras miravam com suas caladas mascaras de monstros a grande Terra em frente, as altas e viçosas montanhas, onde se fartava a força dos invasores... Perdido no largo e desdobrado espaço, o Santa Maria, desembaraçado das pedras que antes o faziam vibrar alegre e vivaz, passava vagando mofino e



u- /  
homens, para quem a eterna alegria é morte... Mas tu, Tristeza, não estavas longe. Tu te sentaste á minha porta, n'uma postura de resignação e silencio. E como esperaste! Um dia a alegria, de cançada, se extinguiu, e então sòou para mim a a hora da paz e da calma. Entraste. E como desde logo amei a nobreza do teu gesto! Oh! Melancolia! minha alma é a morada tranquilla onde reinas docemente.

/ a  
Milkau caminhou ainda illuminado pelos ultimos clarões da luz. No céo não passavam mais os bandos das aves. O sol resvalára de todo ~~no~~ fundo do horizonte. A aragem ~~se~~ calára. O debil vagido da cachoeira ia-se perdendo para sempre. E Milkau scismava :

« A dôr é boa, porque faz despertar em nós uma consciencia perdida; a dôr é bella, porque une os homens. E' a liga intensa da solidariedade universal. A dôr é fecunda, porque é a fonte do nosso desenvolvimento, a perenne creadora da poesia, a força da arte. A dôr é religiosa, porque nos aperfeiçoa, e nos explica a nossa fraqueza nativa.

« Tristeza! tu me fazes ir até ao fundo das remotas raizes do meu espirito. Por ti compreendendo a agonia da vida; por ti, que és o guia do soffrimento humano, por ti, faço da dôr universal

a minha propria dôr... Que o meu rosto não mais se desfigure pelas visagens do riso cansado e matador; dá-me a tua serenidade, a tua séria e nobre figura... Tristeza, não me desampares... Não deixes que o meu espirito seja a preza da vã alegria... Curva-te sobre mim; envolve-me com o teu véo protector... Conduze-me, oh! bemfazeja! aos outros homens... Tristeza salutar! Melancolia...

## XII

— Maria!

A desgraçada estremeceu; e com as mãos hirtas, estiradas, afastou de si o rosto que se inclinára sobre ella. Nas torturas do pesadelo, parecia-lhe que beijos rôxos, sedentos e viscosos lhe buscavam os lábios...

— Maria, sou eu... repetiu Milkau.

Ella abriu os olhos e ficou deslumbrada. A sua mão agora branda e languida tacteava incerta para se certificar da subita e extranha apparição do amigo. E gestos infantis e leves roçavam pela barba de Milkau n'uma inconsciente carícia...

— Vamos! Levanta-te... disse-lhe elle, baixo e com firmeza, sacudindo o morno carinho, recolhendo e enfeixando com energia as suas forças mais intensas.

Obedecendo, Maria ergueu-se; e pela mão de Milkau foi seguindo pela casa meio escura. No corredor, a claridade da noite, que entrava pela porta da rua, aberta como de costume, deixava vêr o corpo de um ~~dos~~ soldados negros dormindo n'uma postura pesada e bruta, como uma figura tosca e archaica. A prisioneira ~~deitada~~ quiz recuar; Milkau tomou-lhe as mãos com imperio e passou com ella sereno e forte ao lado da sentinella, conduzindo-a para a noite e para a liberdade:

Vassust

2/3/

H

o

107 1/2 H

Fóra, o ar subtil e frio que lhe penetrava nas carnes somnolentas e tepidas, o céu crystallino, a scintillação das estrellas, a largueza, a immensidade do espaço davam á fugitiva uma deliciosa vertigem, e, n'um desfallecido collapso, ella vacillou e veiu ~~se~~ apoiar<sup>se</sup> nos braços de Milkau, que a foi arrastando vagarosamente.

Enlaçados, caminhavam pela cidade calada e adormecida. Iam morosos; os passos d'ella eram vacillantes, e os pés, por tanto tempo ~~enroscados~~<sup>travados</sup>, tropeçavam nas pedras soltas da rua. O silencio inquietador enchia-lhe o espirito do antigo pavor que se não extingue nunca. Uma ou outra vez, cães somnolentos despertavam com o passar dos vultos, e ladrando ~~se~~ arremessavam<sup>se</sup> em vão contra elles. E depois tudo voltava ao socego ameaçador, que parecia ser a cada instante ~~bruscamente~~<sup>bruscamente</sup> interrompido pelas vozes da perseguição surgindo das casas accordadas... Mas só lhes chegava o chiar monotono e eterno da cachoeira. Dobraram de cautela, espiando com os olhos immensos e dilatados pela treva, as fórmas ~~apagadas~~<sup>apagadas</sup> e sinistras do mundo. Era no ouvido d'ella, assustadiça e ~~medrosa~~<sup>medrosa</sup>, que Milkau ia fallando:

— Fugamos para sempre de tudo o que te persegue; vamos além, aos outros homens, em outra parte, onde a bondade corra espontanea e abundante, como a agua sobre a terra. Vem... Subamos aquellas montanhas de esperança. Repousemos depois na perpetua alegria... Vamos... corre...

m/ Deixaram a cidade, e agora se receio de despertá-la, galgavam a montanha, lepidos e radiantes. A rigidez fria, criada pelo terror, se fôra-<sup>do</sup> dos braços de Maria, que agora se prendiam aos de Milkau, tepidos e brandos.

Subindo, perdiam elles de instante a instante a vista do Cachoeiro, em baixo aos seus pés, coberto pelo manto cinzento e vaporoso da bruma, sobre que passava a luz exausta da noite humida, levantando alli uma phosphorescencia vaga de nebulosa... E debaixo d'esse manto se desenhavam seres phantasticos, colossaes, gigantescos, sem fórma ainda imaginada... Um trecho do Santa Maria, parado e morto, cortava, como um gladio fumegante, a varzea do Queimado, onde as collinas baixas semelhavam corpos deitados de heróes antigos e mutilados, corcundas e aleijões... Depois, nada mais viram; subiram ainda e entraram no bojo da matta. Os braços de Maria se retesaram de novo e apertaram os de Milkau. Havia um rumor continuo e afflictivo de vento máo nas folhas da grande massa.

vel' iam inquietos, afundando os olhos na infundida negrura, d'onde vinha o clamor do mysterio e do soffrimento das arvores castigadas. E o vento implacavel ia passando, fazendo-as gemer rumbrosamente... Novão das trevas, de espaço a espaço, <sup>as</sup> ~~uma~~ fresta ~~de~~ claridade ~~déscia~~, e do jorro de luz <sup>aff</sup> se formava dentro da floresta uma columna levantada do chão para o céo, atravessando o tecto ondeante, e docemente illuminada pelos reflexos



das arvores espectraes... Estreitados um ao outro, aspirando o aroma capitoso e perturbador que se desprendia das flôres nocturnas, caminhavam velozes. Milkau repetia no ouvido da companheira o seu appello de seducção.

— E' a felicidade que te prometto. Ella é da Terra, e havemos de achal-a... Quando vier a luz, encontraremos outros homens, outro mundo, e ahi... E' a felicidade... Vem, vem...

Assim espantava o terror, e Maria já se animava, recolhendo nessa voz acariciadora o canto magico dos seus esponsaes com a ventura. Subiram, voando, voando...

O caminho deixou a matta sombria e sahiu pelas alturas descobertas. Era pedregoso, escasso, margeando o despenhadeiro. O passo da fuga moderou. Cautelosos e arquejantes, escalavam a subida. Milkau não mais falava, e ~~os~~ seus olhos mergulhavam no abysmo e ~~se~~ perdiam <sup>se</sup> fascinados na toalha branca e espumosa do rio... Maria quasi não carninhava, fatigada e de pés maltratados, puxava com esforço o braço de Milkau, mais inclinada sobre elle, aquecendo-lhe o rosto com o seu halito offegante. Subiam lentos, arrastando-se unidos. A estrada tomava sempre pela beira de precipicios cada vez mais difficeis de vencer, e aos fugitivos, como uma zoadá infernal, vinham os urros do Santa Maria, acorrentado no fundo do cavado e fragoso valle. E este se ia estreitando, e as ribas mais angustas pareciam ~~se~~ <sup>se</sup> terminar, confundidas

no horizonte, sobre rochedos escarpados e negros. Milkau desanimou, vendo-se perdido n'aquelle reconcavo tenebroso, n'aquella solidão de pedra. Percorria-lhe os membros um suor gelado, e o corpo frio, alquebrado, ~~se abatia~~ ~~se escapava~~, ~~de~~ ~~desesperança~~ para o abysmo, para a morte... Maria, n'um assommo de pavor, recobrou uma extranha energia e tentou retel-o, arrastando-o para a encosta da montanha. Elle olhou-a com os olhos desvai-rados, agarrou-a pela cintura, e com um sorriso diabolico, feroz e resolutu, gaguejou estrangulado:

— Não ha mais nada... mais nada... Só, só... a morte...

Maria resistia com furia, debatendo-se nas mãos fortes do homem; rolaram por terra confundi-dos, batendo-se, luctando, allucinados, doidos... O calor da mulher, já quasi olvidado por seus nervos, incendiava-o; e no combate elle a estreitava com vehemencia, com ardor, beijando-a febrilmente e ferozmente. Tambem ella ~~se~~ apertava com furia ~~em~~ n'um accordar violento das suas entranhas... A tentação satanica da morte era mais poderosa... O Santa Maria urrava soturno e medonho... De um salto, Milkau ergúeu-se, e arrebatando a mulher do chão, avançou alegre e infernal para o abysmo... e logo estacou. Os braços d'ella, enla-çando-se como correntes a uma arvore, o retinham. Pregados assim n'essa postura, os dois desgraçados luctaram longamente, mas a força d'elle que a queria levar para a morte, teve de ceder á d'ella,

f. agora unplaceável

OH

7

que os prendia á vida... E Milkau fraqueou por fim, cahiu n'um rapido marasmo, anniquilado, confuso, e dos seus braços esvaidos ~~de~~ Maria. ~~Elle~~ ~~divida~~, espavorida, sentindo-se em liberdade, deitou-se a correr veloz pela vereda de pedra, que aos seus pés medrosos e vivos se tornava macia e segura. Milkau, reanimando-se, seguiu-a. E as duas sombras, enormes, na obscuridade da treva, iam desfilando sinistras e rapidas pela aresta da barranca... N'um momento, galgaram o alto da montanha, e pasmaram a vista nos livres descampados por onde descia a estrada. A agonia de Milkau ~~se desmanchava~~ á vista da planicie dilatada e bemfazeja, os ruidos desesperados e attrahentes do rio morriam atraz, o abysmo negro e assombroso passava como o tormento de uma vertigem; e agora elles se precipitavam n'uma campina suavemente esclarecida pela noite maravilhosa e limpida. Corriam, corriam... Atraz de si, ouvia ~~ella~~ a voz de Milkau, vibrando como a modulação de um hymno...

— Adeante... Adeante... Não pares... Eu vejo. Chanaan! Chanaan!

Mas o horizonte na planice ~~se~~ estendia <sup>se</sup> pelo seio da noite e ~~se~~ confundia <sup>de</sup> com os céos. Milkau não sabia para onde o impulso os levava : era o desconhecido que os attrahia com a poderosa e magnetica força da Illusão. Começava a sentir a angustiada sensação de uma corrida no Infinito...

— Chanaan! Chanaan!... supplicava elle em

*N* estas frases attingir proque empregar aqui este verbo manchar — de a entender não deve, substitua por retorri ou, não se deixam este lance e vulgarisimo do manchar

*// voltou-se  
// L  
X de ella*

*// desorde  
narrativa*

*// Maria*

pensamento, pedindo á noite que lhe revelasse a estrada da Promissão.

E tudo era silencio, e mysterio., Corriam... corriam. E o mundo parecia sem fim, e a terra do Amor mergulhada, sumida na nevoa incommensuravel... E Milkau, n'um soffrimento devorador, ia vendo que tudo era o mesmo; horas e horas, fatigados de vôar, e nada variava, e nada lhe apparecia... Corriam... corriam...

Apenas na sua frente uma visão deliciosa: era a transfiguração de Maria. Animada, transmudada pelo mysterioso poder do Sonho, a Mulher enchia de novas carnes o seu esqueleto de prisioneira e martyr; novo sangue batia-lhe victorioso nas arterias, inflammando-as; os cabellos cresciam-lhe milagrosos como florestas douradas deitando ramagens, que cobriam e beneficiavam o mundo. os olhos iam illuminando o caminho, e Milkau en~~via~~ no fóco d'essa gloriosa luz, acompanhava em amargurado extase a sombra que o arrebatava... Corriam... corriam... E tudo era immutavel na noite. A figura phantastica sempre, adeante, veloz e intangivel; elle atraz ancedo, n'aquella busca vã e fatigante, sem ~~lhe~~ poder alcançat, e temendo dissolver com a sua voz mortal a dourada fórmula da Illusão, que seguia amando. Chanaan! Chanaan! pedia elle no coração, para fim do seu martyrio... E nunca, jamais lhe apparecia a terra desejada... Nunca ~~ia~~ mais... Corriam... corriam...

*cermad*

*16-a*

*16*  
*Buscarã - Fira o vô. Também*  
*busca frustanea não são memial.*  
*ment - 41 parolê que achu...*  
*"d'ourella vô e fatigosa pesquisa,*

A noite enganadora recolhia-se, o mundo cançava de ser igual; Milkau festejou n'um fremito de esperança a deliciosa transição... Enfim, Chanaan ia revelar-se!... A nova luz sem mysterio chegou, e esclareceu a varzea. Milkau viu que tudo era vazio, que tudo era deserto, que os novos homens ainda alli não tinham surgido. Com as suas mãos desesperanças, tocou a Visão que o arrastára. Ao contacto humano ella parou, e Maria voltou outra vez para Milkau a primitiva face moribunda, os mesmos olhos pisados, a mesma bocca murcha, a mesma figura de martyr.

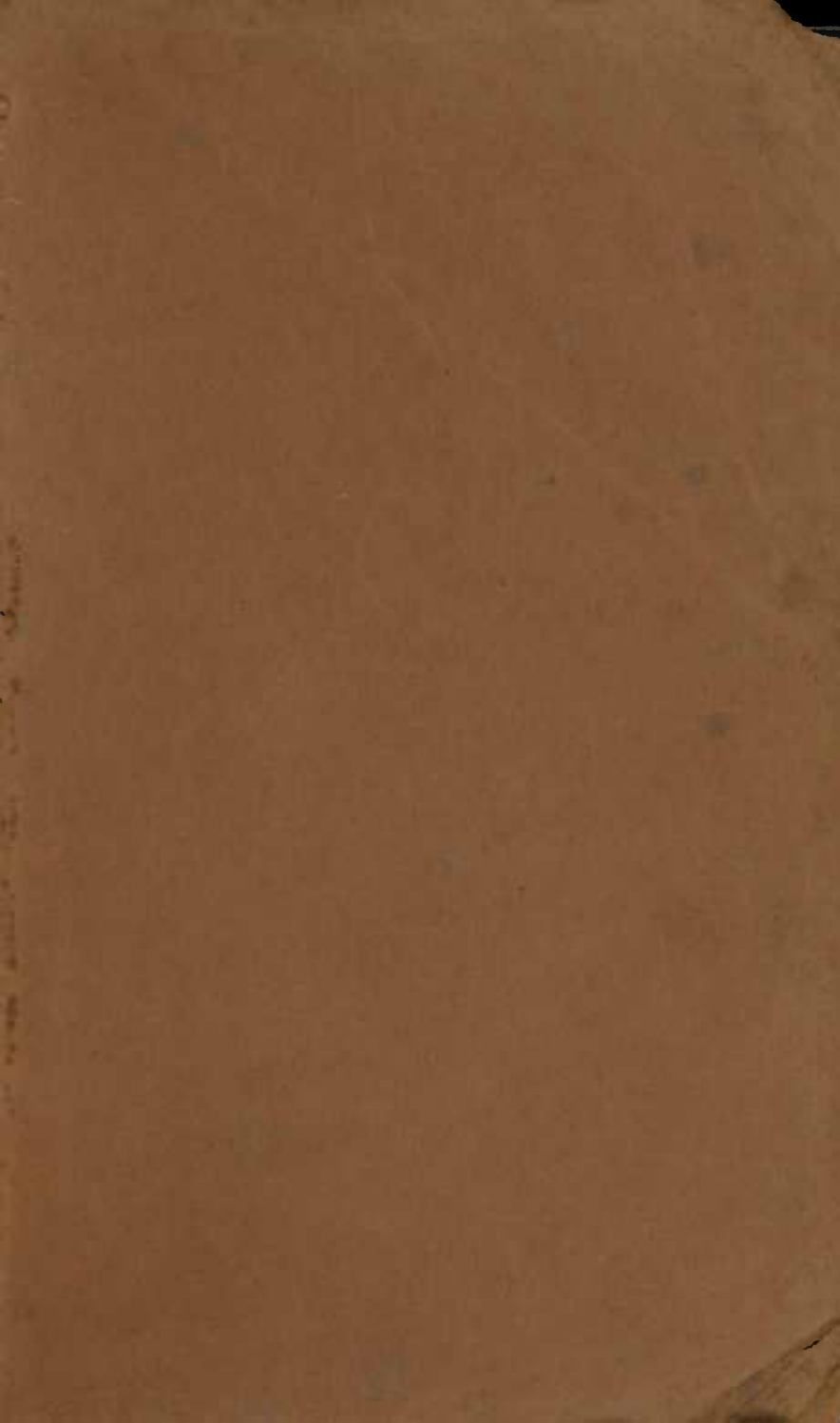
Vendo-a assim, na miseranda realidade, Elle disse :

— Não te cances em vão... Não corras... É inutil... A terra da Promissão, que eu te ia mostrar e que tambem aneoso buscava, não a vejo mais... Ainda não despontou á Vida. Paremos aqui e esperemos que ella venha vindo no sangue das gerações redimidas. Não desesperes. Sejamos fieis á doce illusão da Miragem. Aquelle que vive o Ideal contráe um emprestimo com a Eternidade... Cada um de nós, a somma de todos nós, é que somos a força creadora da utopia; em nós mesmos, como n'um. indefinido ponto de transição, que se fará a passagem dolorosa do soffrimento. Purifiquemos os nossos corpos, nós que viemos do mal originario, que é a Violencia... O que seduz na vida, é o sentimento da perpetuidade. Nós nos prolongaremos, desdobraremos infinitamente a

— exprime H

nossa personalidade, iremos viver longe, muito longe, na alma dos descendentes... Façamos d'ella o vaso sagrado da nossa ternura, onde depositaremos tudo o que é puro, e santo, e divino. Aproximemo-nos uns dos outros, suavemente. Todo o mal está na Força e só o Amor pôde conduzir os homens...

« Tudo o que vêes, todos os sacrificios, todas as agonias, todas as revoltas, todos os martyrios são fórmulas errantes da Liberdade. E essas expressões desesperadas, angustiosas, passam no curso dos tempos, morrem passageiramente, esperando a hora da resurreição... Eu não sei si tudo o que é vida tem um rythmo eterno, indestructivel, ou si é informe e transitorio... Os meus olhos não attingem os limites inabordaveis do Infinito, a minha visão se confina em volta de ti... Mas, eu te digo, si isto tem de acabar para se repetir em outra parte o cyclo da existencia, ou si um dia nos extinguirmos com a ultima onda de calor, que venha do seio maternal da Terra; ou si tivermos de nos despedar com ella no Universo, desagregar-nos, dissolver-nos na estrada dos céos, não nos separemos para sempre um do outro nesta attitude de rancor... Eu te supplico, a ti e á tua ainda innumeravel geração, abandonemos os nossos odios destruidores, reconciliemo-nos antes de chegar ao instante da Morte.



131  
132  
133  
134  
135  
136  
137  
138  
139





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).